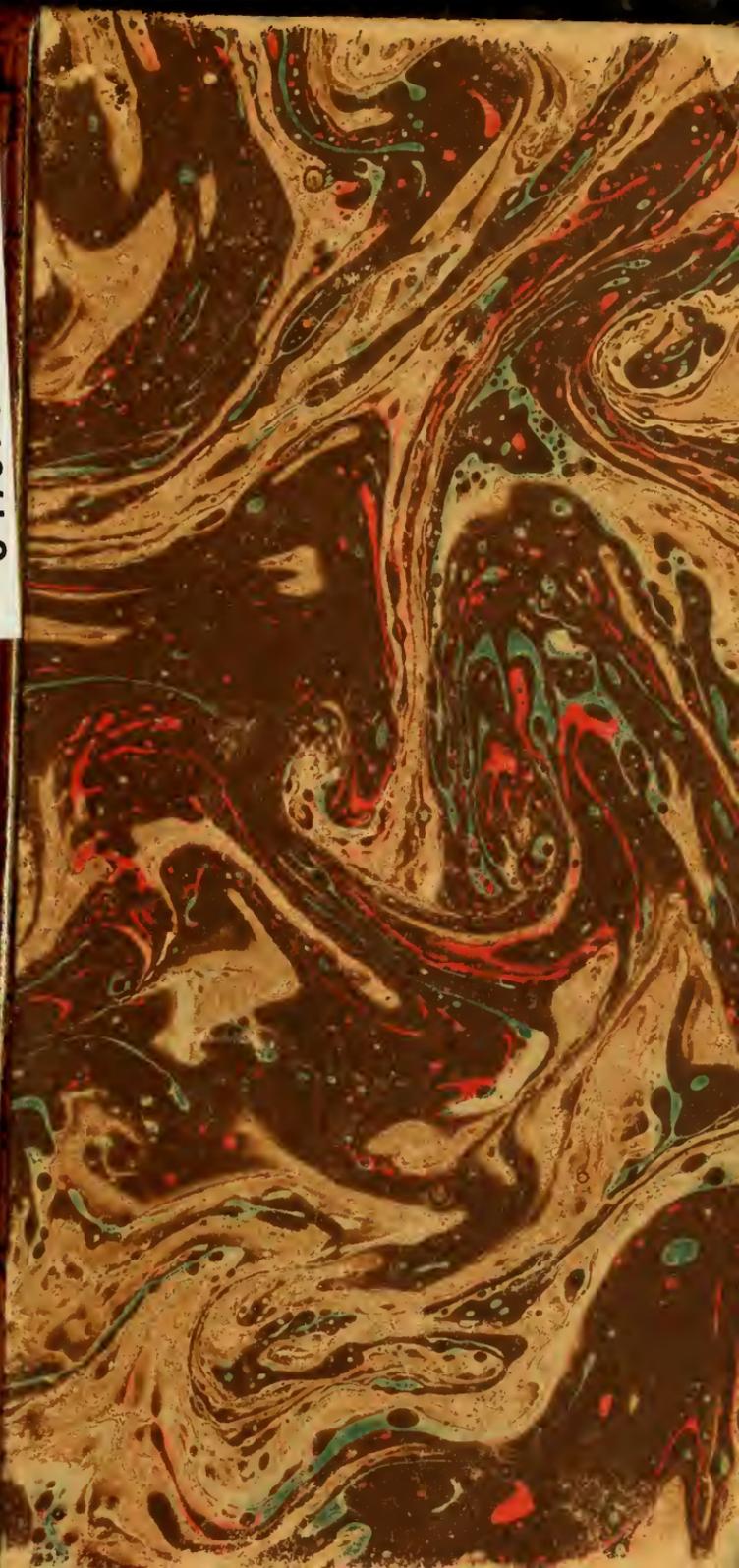




3 1761 07136128 1





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

12⁰⁰
2-8-66

ULYSSÉA,
OU
LISBOA EDIFICADA.
POEMA HEROICO
DE
GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

QUARTA EDIÇÃO,

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
1826.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço

ULYSSEÁ,
O U
LISBOA EDIFICADA.

THE

LIBRARY

U L Y S S É A ,

O U

LISBOA EDIFICADA.

POEMA HEROICO

D E

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

QUARTA EDIÇÃO.



L I S B O A ,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1 8 2 6 .

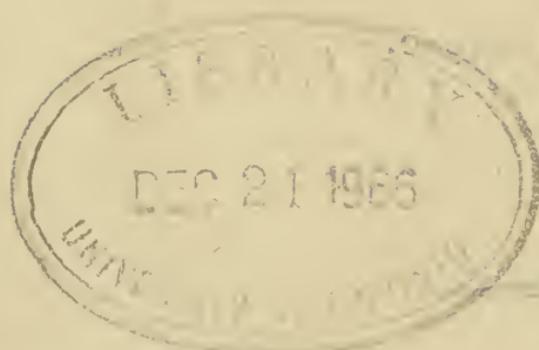
~~~~~  
*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

1965

UNIVERSITY OF TORONTO



PQ  
9231  
P4545  
1826

1154885

UNIVERSITY OF TORONTO  
LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO



# DISCURSO

## POETICO

DE

MANOEL DE GALHEGOS.



Faço este juizo não só porque obedeco a quem me manda, mas porque me acredito mostrando, que sei conhecer as excellencias, e prerogativas deste insigne Poema; e porque sirvo aos curiosos fazendo-lhes hum compendio das finezas, e primores da arte, que nelle observaré quem o ler com a applicação, que pede a altiveza, e soberania de seu estilo.

O Poema heroico he huma poesia levantada, que tem por fim celebrar das accões do heroe valeroso, a que foi mais digna de memoria. He taõ difficil este modo de poetar, que de infinitos Poemas, que se haõ escrito no mundo, ha muito poucos, que mereçaõ o nome de perfectos. Como difficil, como grande, e como obra, que redundá em louvor da patria, elegeo esta acção o Doutor Gabriel Pereira de Castro: procurou nella chegar á maior perfeição; e como Deos o dotou de hum engenho unico para todas as faculdades, alcan-

çou o primeiro lugar entre os heroicos, e collocou este soberano Poema diante de todos os que celebra a antiguidade. Em prova do qual digo, que na fabula concorrem todas as propriedades, que dispõem as regras, porque a fundação de Lisboa he huma só acção, he de hum só heroe, he maravilhosa, he verosimil, he de huma Cidade célebre no mundo, he em honra da patria, he em gloria dos Monarcas, Principes, e Senhores de Portugal, e o heroe he vencedor, e o mais celebrado entre os Capitães valerosos, que em Grecia florecêraõ.

Na proposta se ajusta felizmente com o que manda a arte, dando: *Non lucem ex fumo, sed fumum ex luce*, diz Varraõ; porque he solemne entre os heroicos não nomearem no proemio o heroe por seu nome, e não fartarem ao Leitor de noticias. O epitheto: *Mal seguros*, tem muito enfase, que não só determina em geral os perigos, que no mar ha para todos, mas em particular os que Neptuno fez passar a Ulysses em vingança de Polifemo. Por este mesmo estilo insinua Virgilio o pezar, que teve Juno de Páris não dar a sentença em seu favor: *Sævæ memorem, &c.* Des- te modo dá a entender Lucano, que Cesar, e Pompeo tomáraõ as armas, hum com pretexto de defender o direito do Senado, outro dos Tribunos, sendo o animo fazerem-se Imperadores: *Jusque datum, &c.* Assim toc- tambe Estacio varias circunstancias da ma- teria: *Alternaque regna, &c.* Dá muita gra- ça a este exordio o acabar o primeiro vers- com huma total dependencia do segundo; ga

Hardia, ou figura, a que os Rhetoricos chamaõ Aporia, *id est* dependurado. Usaraõ della alguns Poetas insignes. Estacio: *Formidatamque Tonantis Progeniem*. Ovidio: *In nova fert animus mutatas dicere formas Corpora*. Claudiano: *Affiatamque curru Sidera*. Silio: *In Cælo se gloria tollit Aeneiadum*. Nomea-se a terra por seu nome proprio a fim de variar a oraçaõ, que havendo-se declarado o heroe por perifrased, era conveniente, que a terra se expressasse pelo nome genuino, e dominante. Virgilio: *Atque altæ mœnia Romæ*. Silio: *Genotria jura Carthago*. Estacio: *Sontesque evolvere Thebas*. Tem mais a excellencia de propôr em huma só oitava, incluindo nella as circunstancias todas, que devia observar na sua açãõ. A harmonia, e a elegancia dos versos he igual ao hiperbole da clausula ultima, e acaba felizmente com a Assyndethon, de que usa tirando as conjunções a este verso: *A' patria, ao mundo, á eternidade canto*. Na invocaçãõ se ajusta com Virgilio, e na Dedicatoria mostrou boa eleiçãõ; pois sendo o Poema em gloria da maior Cidade, que incluye o Imperio del-Rey de Hespanha, era justo, que elle fosse o Protector, e quando naõ houvera nesta obra outro verso mais que este: *De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas*, bastava para que alcançasse no mundo eterna fama. A melhor Dedicatoria, que se lê nos escritos dos Poemas Latinos, he a de Lucano a Nero, e depois desta a de Estacio a Domiciano. Parece-me, que he taõ manifesta a vantagem, que leva a nossa a am-

bas, que querer prova-la com razões seria da lugar a que se duvidasse.

Em nenhuma cousa mostrou mais o nosso Poeta seu talento, que no exordio da narração; pois começa do principio da fabula, que he o ponto, donde deve começar o Poema heroico, e não no meio, como fez Camões, vendo que Virgilio dá principio ao seu Poema com Eneas á vista de Carthago, e que logo conta a guerra de Troya, e tudo o mais, que passára no caminho; o que seria truncar a acção, e começar no meio della, se o intento fôra cantar do incendio Troyano, da fugida de Eneas, e da guerra de Italia; porém não podia ser, porque se o Poeta da pequena Iliada errou, (como quer Aristoteles) porque cantou de toda a guerra de Troya; e se Homero elegeo sómente huma parte della, por não incluir muitas acções, absurdo inexcusavel seria o de Virgilio, se cantasse da destruição dos Troyanos, da peregrinação de Eneas, e da conquista de Italia; porque neste progresso ha materia para tantos Poemas, que só no que pertence a Troya conta Aristoteles nove acções, a saber: *Philoctetes, Neoptolemus, Eurypilus, Emendicatio, Lacæna, Ili excidium, Reditus, Synon, e Troiades*. Além de que a proposta da Eneida está dizendo claramente, que a acção he só a guerra de Italia; e se no primeiro verso se fala em Troya, he *appositivè* para formar a perifrasedo heroe. que se em lugar de *Virum, qui primus ab oris Troiæ, &c.* dissera: *Ancam, qui fato profugus venit ad Italiam,* era o mesmo quoad

*significatum*, e escusava-se o falar em Troya; e não obsta, que a destruição de Priamo, e os trabalhos todos, que passou Eneas antes de chegar a Carthago, se refiraõ no Poema, porque tambem na Odisséa de Homero se conta a guerra de Troya, e tudo o que o heroe passou até chegar á Ilha de Calypso, e mais a acção he sómente a vingança de Ulysses, como diz Aristoteles: *Inimicos autem perdidit; hoc itaque proprium ejus poematis est; nam cætera ad episodica pertinent.* Assim tambem na Eneiada tudo o que ha entre desembarcar; e sahir de Carthago, he accessorio no Poema. Bem o mostra aquelle verso: *Hinc me digressum vestris Deus appulit oris*, donde Escaligero diz: *Quare summus Poeta ad eum modum digressit ut Æneæ enarrationis finis fuerit operis initium.* Imitou o nosso Poeta na textura deste Poema a da Eneiada, ensinando-nos a entender o que muitos modernos não alcançaraõ. Desembarca Ulysses, admitte-o Cyrce, dá-lhe hum esplendido convite, pergunta-lhe pela guerra de Troya, conta-lha elle por extenso; e da mesma maneira, que em Carthago deliberou Eneas sujeitar a Italia, assim tambem Ulysses nas terras de Cyrce se dispõz a vir á Lusitania, e não sómente achou favor, e poder, mas galhardos; e maravilhosos motivos, que foraõ o primeiro mobil da fundação da Cidade de Lisboa. No principio da acção começaõ todos os Poemas, que celebraõ Grecia, e Roma. Homero, porque na Odisséa tomou por sujeito a entrada de Ulysses em Ithaca, começou em Ogigia, que foi

onde os Deoses compadecidos dos trabalhos de Ulysses ordenáraõ restitui-lo a sua esposa. E ainda que vejamos começar a *Ilhada* com os Gregos já cercando a *Troya* de muitos annos, nem por isso se ha de presumir, que se truncou a acçaõ do Poema, porque Homero elego sómente a ultima parte da guerra: *Nunc vero* (diz Aristoteles) *ejus recte una dumtaxat parte suscepta pluribus in ea episodiis usus est.* E se o seu intento fõra incluir tudo o que Achilles obrou em favor de Meneláo, houvera de começar na primeira causa, que foi o roubo de Helena. Assim o fez Estacio, que porque determinou celebrar as acções todas deste heroe, (*nos ire per omnem heroa, &c.*) começou quando Páris sahio de Ebalia com Helena. Valerio Flacco no seu Poema dos Argonautas (que he quasi a mesma acçaõ, que a de Luiz de Camões) não começou com Jasaõ perto de Colcos, mas imitando a Apollonio dá principio á narraçaõ no odio de Pelias, que foi a causa da jornada. Este mesmo estilo segue Lucano, pois declara primeiro que tudo, quaes foraõ as causas da guerra civil, logo começa com Cesar á vista do rio Rubicon. Sillio Italico sendo o sujeito do seu Poema a victoria, que Scipiaõ Africano alcançou de Annibal, entra declarando a origem, e fundação da Cidade de Carthago. O principio da Proserpina he a queixa, que teve Plutaõ de os Deoses lhe não darem esposa. E o da Metamorfose he o Cháos, que os Filosofos antigos imagináraõ antes da creação do mundo. E finalmente parece isto taõ posto em razãõ, e he este

verdade tão manifesta, e tão seguida de todos os bons engenhos, que no exordio da Thebaïda olhou o Poeta para a fabula, e querendo que tivesse principio no primeiro motivo da guerra, perguntou á Musa se começaria na origem da Cidade de Thebas: e a razão disto foi, porque entendo, que devia começar não só no principio da contenda de Etheocles, e Polynices, mas na causa, ou na razão natural, que entre elles houve para o grande odio, que se tiverão, suppondo que eraõ tão tyrannos, tão impios, e tão malevolos, porque descendiaõ (segundo a fabulosa fundação de Thebas) da serpente de Cadmo. E começa a narração com Edipo cégo, e com o concerto que fizeraõ os dous irmãos de que ambos governariaõ cada hum seu anno, que foi o principio, e a causa da guerra. Sobre tudo a maior razão, que ha, para que o Poema comece a narrar no principio da acção, he considerar, que a arte (como diz Quintiliano) deve imitar a natureza, e sendo isto assim, o modo natural de contar as cousas pede, que primeiro se digaõ as que preferem, e logo as que se seguem: *Initio secundum naturam sumpto primum à primis*, (diz Aristoteles no cap. 1. da Poetica) de modo que as partes do que se conta haõ de observar na relação a mesma ordem, que ellas guardaõ entre si. Seja pois principio do Poema o que o he da fabula; que de outra sorte será perverter a ordem, a qual importa muito para a apprehensão da memoria, como diz S. Clemente no 1. livro do seu reconhecimento: *Multum namque ad recordandum pro-*

*dest ordo dictorum.* E nenhuma arte ama tanto a ordem, como a Poesia, porque o verso não he outra cousa mais que huma boa ordem de vozes; e por isso os Gregos lhe chamárao Estichis, que quer dizer boa disposiçaõ, ou boa ordem; donde veio Xenofonte a dizer, falando do campo, que humas arvores estavao dispostas em 15 estichidos, que quer dizer em 15 versos, e alguns querem tambem que o mesmo fizesse Virgilio naquelles dous lugares: *In versum distulit ulmos: Triplici pubes, quam Dardana versu. Imitetur igitur* (como diz Cicero ad Heren.) *ars naturam, & quod ea desiderat, inveniatur, quod ostendit, sequatur.* Não haja obra, cujo meio seja principio, e cujos effeitos sejao primeiro que as causas, que será monstro, e cousa alheia do natural, porque segundo a ordem das cousas creadas todo o principio he primeiro que o meio: *Et à causis progredimur ad effectus.* Veja-se o livro 2. de *Oratore*, onde falando Cicero da narraçaõ, diz, que será: *Perspicua, si ordine temporum conservato narratur.* Alarguei-me neste ponto mais do que permite a brevidade, que procuro, porque como o nosso Poema nesta circumstancia se apartou do commum dos modernos, era necessario dar parte das muitas razões, em que o Poeta se fundou. E não se entenda, que o meu animo he reprovar a Luiz de Camões; que isto, em que elle se não ajustou com a arte, he cousa, em que muitos se enganárao, e não lhe tira a authoridade; que tem tanta, que não será reprehendidõ quem o seguir, porque a *Lusiada* me-

rece, que a tenhamos por texto, e eu reconheço nella toda a grandeza, e excellencia, que com tanta erudição observa em seus Discursos Politicos o Doutor Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora.

Amplifica-se a acção com maravilhosos episodios, e com peregrinas digressões, tudo de cousas pertencentes ao sujeito, e ao intento do Poeta. O primeiro episodio (que he o de Cyrce) iguala ao de Dido, e a primeira digressão (que he a jornada) fez-se por competir a Virgilio, e porque dêsse conta Ulysses de tudo o que passou antes de chegar a este porto, e tivesse mais lugar de pedir a Cyrce, que em paga do que referira, lhe vaticinasse o que havia de succeder-lhe, com o que acudio o Poeta a huma figura, cujo nome he Peripecia, que quer dizer mudança das cousas em contrario, e em diverso, ou acontecimento maravilhoso: propriedade tão natural nos Poemas heroicos, que Estrabo chamou á Iliada *Alithis Peripetias*, que he o mesmo que verdades, ou relações, em que concorrem as circumstancias, que acima dissemos. Ha nesta digressão muito de maravilhoso em quanto Ulysses refere todos os trabalhos, que passou; e ha tambem huma agradavel mudança das cousas em diverso, e em contrario; pois sendo que Ulysses esperava de Cyrce puramente hospicio, e favor, com que pudesse seguir sua derrota, aconteceo, que não só ella se lhe affeigoou, (o que foi diverso) mas lhe fez a saber, que os Deoses o guardavaõ para fundador de huma das grandes Cidades do mundo,

e ultimamente fez que elle viesse á Lusitania com animo de conquistar o melhor de seu sitio, e dar principio ao Reyno de Portugal; o que foi contrario ao intento com que entrou neste porto, que era de reformar a sua armada, e ir-se para a sua terra. Começa a contar a jornada desde a sahida de Troya para metter no meio do caminho o vaticinio de Proteo, imitado galhardamente de quando lá na quarta rapsodia da Odisséa de Homero conta Meneláo a Telemaco o que em Egypto lhe acontecêra. Na descida de Ulysses ao inferno não segue a Homero, e foi acerto, porque supposto que era bem que o fim desta ficção fosse para saber Ulysses, não dos Capitães Gregos, mas dos Monarcas, e heroes valerosos, que haviaõ de florecer na Cidade, que queria edificar, sendo força variar no fim, não sómente lhe era licito variar nas circumstancias, mas convinha, que Ulysses entrasse no inferno acompanhado de Cyrce; porque se ella era taõ grande magica, e estava namorada de Ulysses, parecia acção natural, e forçosa acompanhá-lo até o pôr em seguro, e não deixa-lo ir só, como nas Ilhas Cimmerias; e sobre tudo he costume entre os Poetas quando usaõ da figura, a que as artescha maõ *Magthacnia*, (que quer dizer Poesia magica) vale-rem-se, ou de huma Sibilla, como fez Virgilio, ou de huma feiticeira, como Lucano, ou de hum Mago, como Torcato. E isto para acudir ao verosimil, porque não he proprio do heroe fazer conjuros, rhombos, circulos, caracteres, e as demais ceremonias diabolicas, de

que usa a Magica. Ariosto porque vio que depois de pintar hum cavalleiro armado voando pelos ares, convinha accrescentar, que era feiticeiro, diz: *Quel era un Nigromante, &c.* e se os Poetas buscáraõ de fóra da fabula pessoas, a que attribuir esta acção, descuido seria muito grande, havendo neste Poema a Cyrce, deixar de a fazer authora de tudo o que pertencia a esta arte, pois fôï por ella taõ célebre no mundo, que de Cyrceo (que he o mesmo que escrever caracteres magicos) lhe chamáraõ Cyrce; e tudo o que se conta de magos, e feiticeiras se attribue a ella. Tanto que Rafael Volaterrano, traduzindo a Odiséa, quando Minerva diz a Jupiter, que havia muitos annos que Calypso tinha a Ulysses em sua terra, onde o texto Grego diz: *Atlantos tigatir oloophronos*, (que quer dizer a Magica filha de Atlante) traduzio: *Quam filia divi Atlantis Circe retinet*. Sendo que o Poeta fala aqui de Calypso, e he notorio nas fabulas ser esta a filha de Atlante; porém como falando-se de feitigarias se entende Cyrce, enganou-se na versaõ do lugar parecendo-lhe, que só a ella convinha *directè* o epitheto Oloophronos, que aqui por Hypallage convém a Calypso, e he o mesmo que *Venefica sciens*. Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio dêsse a Ulysses em lugar da raiz do Molio hum annel, porque para o effeito o mesmo he huma cousa, que outra: além disto da parte do heroe naõ he taõ authorisado trazer por defensivo huma herva, como hum annel, e da parte de Mercurio parece remedio

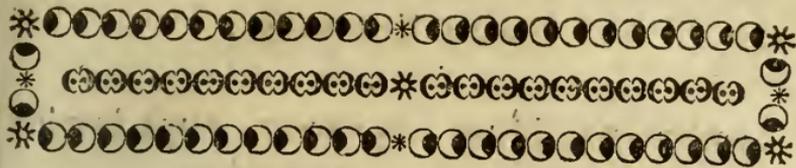
de cigana. Em hum anel trazia Annibal o ve-  
vêno, com que se matou; donde Ariosto te-  
ve motivo para a ficção do anel de Brada-  
mante. Vai-se divertindo felizmente a conclu-  
são do Poema com agradaveis figuras, e va-  
rias fantasias poeticas. Não he mais vistoso,  
nem mais necessario na Farsalia o sonho de  
Pompeo, quando lhe apparece a alma de Ju-  
lia, que o de Ulysses quando vê a Idotea, e  
nos campos do Tejo a Ninfa Legea. Que a-  
gradavel he a resenha, que faz do exercito no  
livro oitavo! Não pinta nenhum Capitaõ, em  
que não observe circumstancias differentes, e  
dignas de admiração. Os vaticinios redundão  
em número, e em bondade, e com serem  
muitos estão enxeridos com tal artificio na fa-  
bula, que todos são necessarios. As figuras al-  
legoricas, Lanoso, Valinferno, Bolaõ, e ou-  
tras, que deixo por não cansar, dão notavel  
graça ao Poema, assim pela discrição das pes-  
soas, como pelo que obraõ. No discurso da  
guerra, que de ruinas ha taõ espantosas, e  
taõ varias! Nos acontecimentos parece que es-  
gotou toda a variedade, todo o artificio, to-  
da a prudencia, e toda a novidade. Que pe-  
regrino, que suave, que brando, que elegan-  
te, que cortez, e que affectuoso he nos amo-  
res! Tomara que a esfera deste discurso não  
fôra taõ breve, para mostrar aos curiosos o  
quanto nesta parte vantagemja este Poema aos  
Gregos, Latinos, e modernos. A primeira  
idéa amorosa, que achou engenho humano,  
he tudo o que os ventos dizem quando as  
Ninfas lhes rogaõ, que não alterem os mares.

A Periferia (que he a peregrinaçãõ dos heroes) está neste Poema em sua perfeiçãõ, e assim tambem a Epignoscis, a que Aristoteles chama *Agnitio*. Veja-se o 4. livro quando Ulysses reconhece o que Proteo lhe vaticinou. He admiravel no scientifico: he prudente na bracologia, e na ecthania, *id est*, no abbreviar a fabula, e no estende-la a seu tempo. E he grandemente proporcionado na figura Dianomi, que ensina a repartir bem as partes do Poema; o que importa muito, porque fazer sobre a fabula de Adonis cinco mil oitavas he *induere culicem Herculea veste*, e fazer hum canto de duzentas oitavas, e outro de quinhentas he ser *sui inops*. Usa felizmente das tres figuras, de que mais necessita a textura, que saõ: *Parasceve*, *Analogia*, *Teliotis*, *id est*, preparatorio, proporçãõ, perfeiçãõ. Observem isto com cuidado os Criticos, acharãõ, que naõ ha mudança de materia sem que prepare, e sem que esta preparaçãõ seja adequada á cousa, para que prepara; e naõ acaba sem clausula final: quero dizer, sem concluir com tanta graça, que antes de acabar faz appetecer o entendimento objecto novo. He summamente profundo, e summamente claro no tocar as fabulas. A melhor frase, e o mais sublime estilo, com que se póde encarecer a excellencia da peroraçãõ do Poema, será dizendo, que he igual á Dedicatoria; e advirta-se, que ainda que Torcato, e outros modernos deixáraõ de perorar, he obrigaçãõ do Poeta quando acaba despedir-se do Leitor, ou do Mecenas com algumas galanta-

rias, que sirvaõ de remate a toda a obra. Assim o fizeraõ todos os Latinos, excepto Virgilio, e Lucano, que naõ acabáraõ os seus Poemas. E enganaõ-se os que imaginaõ, que faltou nesta parte Silio Italico; porque serve de peroraçaõ a apostrofe, que no cabo faz á memoria de Scipiaõ Africano, que supposto que os mais costumaõ falar com o Leitor, ou com o Mecenas, tambem pódem falar com algum heroe dos que celebraõ, ou com a Musa, como faz o Licenciado Francisco Lopes de Zarate no seu Poema da Invençaõ da Cruz: *Musa, pues diste fin, cellen tus labios Con la veneracion, que a la Cruz debes, &c.* Sobre todas as excellencias a de maior assombro, e que mais reputaçãõ adquirirá a esta peregrina obra, he o poetico resplendor, que nos versos reverbera. A claridade, ou a energia (que he a evidencia no dizer) observa tudo quanto Herinogenes admoesta na palavra Safinia. A grandezza do estilo (a que Quintiliano chama *Adron*) está aqui tanto *in suo esse*, que naõ póde haver no falar humano locuçãõ mais sublime. A formosura, ou a galhardia das vozes em qual dos escritos, que a fabula solemnisa, se achará com tanta superioridade? A bella Aurora, Que quando ri nos Ceos, nos campos chora. Versos foraõ estes, de que Fr. Lope Felix de Vega Carpio se pagou tanto, que todas as vezes que na Corte nos viamos, os repetia, recreando-se na graça, e artificio delles. A brevidade no explicar a sentença he soberana: tarda muito pouco em dar fórma ao conceito, que he o que encommenda Hermo-

genes na palavra *Gorgotis*, que val o mesmo que pressa. As mãos fêndidas acha a testa armada. O que este verso insinua, não se podia dizer com menor ambito. Na imitação dos costumes ha maravilhoso character. No sentencioso tem huma verdade contínua, fundada não sómente sobre a razaõ, mas sobre tudo o que disseraõ os doutos do mundo. No grave, no triste, no alegre, no feroz, no severo, no florido, e em todas as mais fórmas de oração mostrou grande fineza; e grande juizo em escolher o tempo, e o lugar. Nas metáforas tem moderação, e propriedade, porque são poucas, usadas em seu lugar, e todas fundadas na circumstancia mais vista, e mais notoria dos sujeitos; o que he taõ difficuloso, que observando Aristoteles o inaccessible da Poesia, diz, que sómente os homens de engenho preclaro sabem usar da metáfora com perfeição: *Solos eufenis, qui præclari sunt ingenii, posse eumetapherin*. Veja-se o Perieureseon de Hermodogenes. A energia he toda taõ clara, taõ fina, e taõ efficaz como a deste verso: Satyros de metal de crespá fronte. A tudo isto iguala a copia *verb. e rer.* que he taõ fertil, que a não esgota a semelhança dos sujeitos. Na Onomatopeya he taõ modesto, que nenhuma palavra usa estranha, que a não peça, ou o adorno, ou a falta da lingua. He tal a harmonia do verso, o espirito, o artificio poetico, a differença dos consoantes, a suavidade das clausulas, a brandura, e moderação, com que usadas Synalefas, das Syneresis, das Dieresis, das Hipalages, e de tudo o que mais pertence a

Eufonia, que não acha o ouvido cousa que o não recree. Mas será necessario outro Poema para dizer o menos do que neste admira o entendimento. Attribuirão os Poetas muitos olhos, e muitas linguas á Fama, porque entendêraõ, que as obras grandes não podia hum só intuito examina-las, nem huma só lingua encarece-las. Acabe pois a Fama este meu discurso, penetre os reconditos, que eu não alcancei, e diga tudo o que ha de maravilhoso nestes versos, ainda que sómente quem os soube fazer, os saberia solemnisar.



# U L Y S S É A.

## CANTO PRIMEIRO.



### A R G U M E N T O.

*O Mar Jonio Ulysses dividia,  
 E rendido ao furor do bravo vento,  
 Amparo, e porto a Jupiter pedia,  
 Que os Deoses convocou do ethereo assento:  
 De Atlante o neto as náos ao porto guia,  
 Onde achando suave acolhimento,  
 Cyrce; de ver Ulysses obrigada,  
 Porto, e descanso dava á Grega armada.*

I.

**A**s armas, e o Varaõ, que os mal seguros  
 Campos cortou do Egeo, e do Oceano,  
 Que por perigos, e trabalhos duros  
 Internizou seu nome soberano:  
 Lisboa, e seus primeiros muros,  
 De Europa, e largo Imperio Lusitano  
 (Ita cabeça) se eu pudésse tanto,  
 Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.

A

## II.

Lembra-me, Musa, as causas, e me inspira  
 Como por tantos mares o prudente  
 Grego, vencendo de Neptuno a ira,  
 Chegou do Téjo á tumida corrente:  
 Ouvirá o som da Lusitana lira  
 O negro Occaso, e lúcido Oriente,  
 Se tu dás ser a meu sujeito falto,  
 Para que caiba em mim furor taõ alto.

## III.

Vós, graõ Senhor, com quem o Ceo reparte  
 Dons, que o poder excèdem da ventura,  
 Que, armado, filho pareceis de Marte,  
 E Adonis, desarmado, em formosura,  
 Em quem se unio por natureza, e arte  
 Co'a mór severidade a mór brandura,  
 Que em vossa altiva frente o pezo grave  
 Amor excita com temor suave:

## IV.

Vós, que nos tenros annos hum gigante  
 Representais, e como forte Godo  
 Novas esferas, que naõ soube Atlante,  
 Sustentais por mais alto, e raro modo:  
 Que com hombros armados de diamante,  
 Sem c'o pezo inclinar do Mundo todo,  
 Dais santas leys ás terras mais estranhas  
 De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas.

## V.

Vós, Alcides Hesperio, a quem não cansa  
 Vencer monstros do Polo congelado,  
 Qu'inda de sangue seu por vossa lança  
 Seu plaustro as Ursas haõ de ver banhado:  
 Por vós, que encheis de medo, e de esperança  
 O Mundo, quando entraes no campo armado,  
 De que o grito immortal da fama corre,  
 D'onde o Sol nasce, ás ondas, onde morre:

## VI.

Vós, Aguia imperial, a que o Ottomano  
 Falcaõ temendo as livres azas cerra,  
 A quem não haõ de ser pelo Oceano  
 As Orcades, ou Thule ultima terra:  
 Vós, açoute do torpe Lutherano,  
 Que buscando alta fama em dura guerra,  
 Penetrareis as grandes serras, onde  
 A famosa cabeça o Nilo esconde:

## VII.

Vós, que humildes fareis os empolados  
 Mares, não sendo navegados dantes,  
 E os campos de Ampelusa subjugados  
 Tereis, pizando as Luas arrogantes:  
 E a vossos pés rendidos, e prostrados,  
 O Dragaõ frio, os Persicos turbantes,  
 Tudo o que ha do Antartico a Calisto,  
 É o graõ Sepulcro libetar de Christo:

## VIII.

Suspendei por hum pouco do aureo Sceptro  
 A regia Magestade soberana,  
 Ouví cantar ao som do Grego plectro,  
 Com grave accento a Musa Lusitana:  
 E em quanto dais a' mais sonoro metro  
 Obras dignas de gloria mais que humana,  
 Dai-me vosso favor, que nelle espero  
 Cantar de Ulysses, imitando a Homero:

## IX.

Cortando o golfo Jonio proseguia  
 Seu curso a Grega armada, quando irado  
 Boreas as negras azas sacudia,  
 Sobre o mar todo em serras levantado:  
 Euro bramindo o centro revolvia,  
 Via-se o ar de nuvens coroadado,  
 E o fogo, e confusaõ, que o Inferno imita:  
 Mostra que o Ceo no mar se precipita.

## X.

Ao longe o mar bramia horrendamente  
 Quebrando as ondas, que c'o vento crescem  
 Vaõ-se os ares cerrando, em continente  
 Da vista o mar, e o Ceo desapparecem:  
 Encanece Neptuno; que o valente  
 Austro as ondas levanta, e quando decem  
 Deixaõ-se ver as grutas, e as montanhas,  
 Que esconde o mar nas humidas entranhas

## XI.

Em braços da tormenta embravecida,  
Que ás náos ultimo estrago ameaçava,  
Corria a armada Grega dividida,  
Que já apenas as ondas contrastava:  
Vendo-a o Dulichio quasi submergida,  
Porque do porto o vento a desviava,  
Co'a confusão do esp'rito aos Ceos erguia  
A lagrimosa voz, e assim dizia:

## XII.

O' grande Ammon, que a terra rodeaste  
Dessas figuras bellas, e prestantes,  
E esta lustrosa machina abraçaste  
Co'as luzes das esferas rutilantes:  
Que o destino das cousas, que creaste,  
Escreves nesses lucidos diamantes,  
Sendo divinas letras as estrellas,  
Porque teu graõ poder leamos nellas:

## XIII.

As furias doma de Neptuno irado,  
Aplaca as iras do soberbo vento,  
Eis das estrellas, e do mar inchado  
Ó pódés alterar o movimento:  
Tu, que ordenas repouso ao Sol dourado  
No grande leito do humido elemento,  
Fazendo com justissima balança  
Dirigir á tempestade a mór bonança:

## XIV.

Naõ permittas , Senhor , que este desterro ,  
 Que ha tantos annos temo , ha tantos sigo ,  
 Dilatando-se vá de erro em erro ,  
 Que menos temo a morte , que o perigo :  
 Permite-me lançar seguro ferro  
 Naquelle doce praya , e porto amigo ,  
 E que possa gozar alegre porto ,  
 Quando naõ seja vivo , ao menos morto.

## XV.

Ouvio o graõ Tonante o affligido  
 Coraçãõ , com que Ulysses se queixava ,  
 E nas entranhas paternaes movido ,  
 Dar-lhe porto , e descanso desejava :  
 E para ser de todos entendido  
 O que do forte Ulysses se ordenava ,  
 Conselho quer fazer no Ceo superno ,  
 Onde declare este decreto eterno.

## XVI.

Ao grande Olympo tinha convocado  
 Dos Deoses a divina companhia ,  
 Os que na Zona ardente , e congelado  
 Polo gozaõ do largo , e breve dia :  
 Já para a hora , e tempo limitado  
 Chamados de Cyllenio a lactea via  
 Pisando vem , e as Deosas da prestante  
 Filha da bella Electra , e de Thaumante.

## XVII.

Nos quicios d'ouro solido, e seguro  
 Geme a porta do Olympo omnipatente,  
 Treme dos claros Ceos o cristal puro  
 Ao aceno de Jupiter potente:  
 De Balais, e Çafira o solio duro  
 Formava hum jaspeado transparente,  
 E Jupiter, envolto em claridade,  
 Tinha ante o rosto hum véo de magestade.

## XVIII.

Nova luz de seu rosto recebendo  
 Com Jupiter assiste a cara esposa,  
 Elle os raios depõe, de quem tremendo  
 Está do Mundo a machina lustrosa:  
 O aligero Cyllenio recolhendo  
 Os Deoses na alta sala, e luminosa,  
 Nella lugar lhes dava, qual convinha,  
 Seguindo a ordem, que de Jove tinha.

## XIX.

Ê-se o intonso Apollo, e junto delle  
 Lavorte altivo armado de diamante,  
 Abrindo os membros nús d'uma aurea pelle  
 Vulcano, Deos do fogo rutilante:  
 Rubicundo filho de Semele,  
 O da formosa Acesta, a quem diante,  
 Ando co'as azas brandos movimentos,  
 Não como pagens os menores ventos.

## XX.

Pallas armada valerosa entrava,  
 E logo a bella Deosa, que em Cythera,  
 Paphos, e Gnido reina, e se mostrava  
 Bellona no semblante irada, e fera:  
 Nenhum dos altos Deoses se assentava,  
 Que sinal da tranquilla maõ se espera  
 De Jupiter, que inclina a luz serena,  
 E que se assentem gravemente acena.

## XXI.

Resplandecia Jove no alto assento,  
 A que suavemente se subia  
 Por degrãos de cristal, cujo ornamento  
 De prata, e d'ouro o resplandor vencia:  
 E no docel, que iguala o firmamento,  
 Brilhava a radiante pedraria,  
 Que a clara luz do Sol, e sua belleza  
 Vence na graça, excede na pureza.

## XXII.

O estrado de materia era mais fina,  
 Que a massa das purissimas estrellas;  
 Hum arco vario fórma Iris divina  
 D'outras cores mais finas, e mais bellas:  
 O tempo, fim das cousas, se reclina  
 A seus pés, como autor de todas ellas,  
 E os esp'ritos, que em roda lhe assistiaõ,  
 Como atomos da luz, voando ardiaõ.

## XXIII.

Abaixo os Semideoses preeminente  
Assento tinhaõ de cristal lavrado,  
E o rio de mór fama, e mór corrente  
Está sobre urnas de ouro reclinado:  
Treme a parte do Ceo mais eminente,  
Hum lume arcano as portas tem guardado:  
Silencio dá com tom de voz suave,  
E das palavras segue o pezo grave.

## XXIV.

Vistes como de Troya debellada  
Sahio Ulysses? Como o mar undoso  
Do Hellesponto passou, e da encurvada  
Cyconia costa o porto perigoso?  
As tormentosas Syrtes, e a abrazada  
Praya Africana? Como ao temeroso  
Cyclope a luz da carregada fronte  
Nas entranhas rompeo de hum grave monte?

## XXV.

Pois agora obediente ás leys dos fados,  
A Lusitana costa vai buscando,  
Por força, e arte mares empolados,  
Duros ventos vencendo, e contrastando:  
Por mitigar trabalhos taõ pezados,  
Quero que Cyrce com repouso brando,  
A pezar de Neptuno, e bravo vento,  
Dê á cansada armada acolhimento.

## XXVI.

Por este Capitaõ, por esta gente  
 A eterna ley do immobil Fado ordena  
 Se funde huma Cidade, onde a corrente  
 Do Téjo se dilata mais amena :  
 A quem o Gange, e o Indo do Oriente  
 As leys viraõ pedir, e paz serena,  
 Fazendo obedecer-se a graõ Lisboa  
 Do tardio Boote á tocha Eoa.

## XXVII.

E pois o fado assim o determina,  
 Quero, sagrados Deoses, que o facundo  
 Ulysses veja as partes, donde inclina  
 Seu aureo coche o Sol ao mar profundo :  
 Levante huma Cidade peregrina,  
 Cabeça alta do mundo, hum breve mundo,  
 Que occupe com eterna monarchia  
 Té os horizontes ultimos do dia.

## XXVIII.

Disse : e qual nos primeiros resplandores  
 As abelhas sollicitas, levando  
 O rocio subtil das puras flores,  
 Na conhecida casa vaõ entrando :  
 Adonde os suavissimos licores  
 Com estranho artificio dilatando,  
 Se ouve hum leve susurro : assim soava  
 O rumor, que entre os Deoses se formava.

## XXIX.

Já cessára de todo o rumor leve,  
 Porém Marte, que o caso mal soffria,  
 Mil pensamentos neste espaço breve  
 Na soberana mente revolvia:  
 Até que c'o respeito, que se deve,  
 Do lugar, que occupava, em pé se erguia,  
 Dando dous passos pela regia sala,  
 E desta sorte airoso a Jove fala:

## XXX.

Jupiter poderoso, e sempiterno,  
 A quem só foy o Olympo em sorte dado,  
 Que deste alcaçar o caminho eterno  
 Tens de estrellas luzentes adornado:  
 Que os diafanos Ceos, e escuro Inferno,  
 Vês a teu graõ poder ajoelhado,  
 E os montes, que co'as nuvens se terminaõ,  
 A teu nome a cerviz tremendo inclinaõ:

## XXXI.

Tu, que ao celeste globo, a esta dourada  
 Machina déste luz, déste belleza,  
 E na terra dos homens habitada  
 Dás vida, e leys á mesma natureza:  
 Que o Sol pizas, e a Lua prateada,  
 E os elementos desta redondeza  
 Concertas, dando aos peixes as suaves  
 Ondas, ao monte as feras, ao ar as aves:

## XXXII.

Cousa parece, graõ Senhor, estranha,  
 Que venha a occupar o solio Hesperio  
 Hum enganoso Grego, que por manha  
 Trocou de Troya em cinza o antigo Imperio:  
 A fama, que hoje a Alcides rende Hespanha,  
 E ao padre Baccho o Indico hemispherio,  
 Em grande opprobrio seu por esta via  
 Na memoria dos homens ficaria.

## XXXIII.

Havendo mais, que os Gregos offendido  
 Tem aos Deoses do Olympo iniquamente;  
 Que eu entre as armas Gregas fui ferido:  
 A quem taõ grande mal naõ foi presente?  
 Pois como a hum fraudulento, a hum atrevido  
 Queres dar nome, e fama preeminente,  
 Para que esqueça em sua nova gloria  
 Das immortaes deidades a memoria?

## XXXIV.

Aqui cessou Mavorte, e da viseira  
 O fumo da corage ardendo exhala,  
 Quando deixando Pallas a cadeira,  
 O meyo occupa da divina sala:  
 Botando o escudo atraz, forte, e guerreira,  
 Marte (dizia) se arrojado fala,  
 Occasiões dará, donde se veja,  
 Que naõ he zelo o seu, mas pura inveja.

## XXXV.

Se aqui fora lugar, força bastante  
Tenho, e valor, diz Pallas enojada,  
Indo embragando o escudo rutilante  
Com vista hum pouco aceza, e côr mudada:  
Na divina cadeira o graõ Tonante  
Bateo, dizendo: Basta, e da pancada  
Tremeo o Ceo, e os orbes estrellados  
Nos mesmos eixos, onde estaõ cravados.

## XXXVI.

Assim c'õ immobil Fado o determino,  
Diz Jupiter com voz grave, e severa:  
Em pé junto do assento cristallino  
Cada hum sinal para partir-se espera:  
Ajoelhando a Jupiter divino  
Todos se tornaõ á sua propria esfera,  
E Jove neste tempo do alto via  
A armada, que entre as ondas perecia.

## XXXVII.

Manda Mercurio logo; elle os talaes  
Divinos, e galero alado toma,  
Qual leve seta vem partindo os ares,  
E de Eolo, e Neptuno as forças doma:  
Compõe do undoso pégo os grossos mares,  
E quando no horizonte o Sol assoma,  
Ao porto a armada chega, aonde aferra  
A tenaz unha a desejada terra.

## XXXVIII.

Carrega os hombros d'um gracioso outeiro,  
 De bosques povoado, em largo assento  
 Hum soberbo castello, alto, e guerreiro,  
 Que da formosa Cyrce era aposento:  
 Onde com sua luz fere primeiro  
 Phebo em seu abrazado nascimento,  
 Que sobre as densas nuvens eminente  
 As chuvas, e os trovões abaixo sente.

## XXXIX.

No largo porto entrado a armada tinha,  
 Onde Ulysses ordena, que Créonte  
 Os trabalhos, e affrontas, com que vinha  
 Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:  
 Acompanhado sobe qual convinha,  
 E o alto piza do soberbo monte,  
 Dos paços admirava a architectura,  
 E mais de Cyrce a rara formosura.

## LX.

Ella depois de o ouvir, e ter presente  
 Os successos de Ulysses destroçado,  
 Seus caracteres faz, com que se sente  
 C'os seus Creonte n'outro ser mudado:  
 Qual de usso a pelle immunda, ou de serpente,  
 Qual brancas pennas veste, e o ar delgado  
 Vay abrindo, e suspenso o pezo teve  
 Sobre as azas iguaes do corpo leve.

## XLI.

Qual, vendo ao companheiro ir-se mudando,  
Quer soccorre-lo, e leva meia espada,  
E ao infelice Actéon imitando,  
As mãos fendidas acha, a testa armada:  
Qual, Libico leão representando,  
Ruge em lugar de voz articulada,  
Qual como touro pelos montes brama,  
Qual na agua veste prateada escama.

## XLII.

De seus versos a força poderosa  
A fórma humana troca em planta, ou fera,  
Em peixe, ou ave, ou serpe venenosa,  
Que o ser da humana natureza altera:  
Qualquer nota das suas portentosa  
Parar do Ceo faria a mór esfera,  
Decer do alto ao centro o fogo leve,  
Subir do centro o grave, arder a nêve.

## XLIII.

Quantas vezes os circulos dourados  
Desse Ceo transparente, e cristallino  
Vio no meio do curso estar parados  
Jove inclinando o rosto peregrino:  
Quantas a seu pezar vio eclipsados  
A bella Cynthia, e claro Libistino,  
Negros chuveiros assombrar os ares,  
Bramar trovões, erguer-se aos Ceos os mares.

## XLIV.

Aos seus estava Ulysses esperando ,  
 Quando já de Latona o filho ardente ,  
 Pelos balcões da Aurora p̄asseando ,  
 Mostrava a clara luz á cega gente :  
 Hiaõ-se já de perolas toucando  
 Os campos , porque as portas do Oriente ,  
 Chorando aljofar , abre a bella Aurora ,  
 Que quando ri nos Ceos , nos campos chora.

## XLV.

Triste , e affligido está no pensamento ,  
 Porque Creonte a vinda dilatava ,  
 Teme de Cyrce o falso acolhimento ,  
 Com que os sentidos , e animos ligava :  
 Quando o filho de Maya abrindo o vento  
 C'o caduceo , que as almas revocava ,  
 E outras decer ao Tartaro fazia ,  
 Pezando-se nas azas , lhe dizia :

## XLVI.

Que esperas , Laerciade animoso ?  
 Sabe , que Cyrce tem aos teus soldados  
 Co'a graõ força do encanto poderoso  
 Em brutos animaes já transformados :  
 Naõ fies de seu trato mentiroso ,  
 Doces palavras , brandos gazalhados ,  
 Porque outra cousa tem no pensamento ,  
 Que até nas obras se acha fingimento.

## XLVII.

Leva este anel, que vence a força dura  
Do poderoso encanto, e a Cyrce obriga  
Que te prometta pela Estige escura  
Restituir aos teus a fôrma antiga:  
Que mudando os rigores em brandura,  
Procurará agradar-te, como amiga,  
Que ás vezes póde mais, que a força grave,  
Hum pedir brando, e hum rogar suave.

## XLVIII.

Disse, e na nuvem com veloz subida  
Nos ares se escondia, e da divina  
Luz das talaes azas offendida  
A vista, o que mais vê não determina:  
Confuso o Capitaõ olha, e duvida,  
Os olhos ergue, o joelho inclina  
Beijando a terra, e vay subindo ao monte,  
Onde a irmã morava de Phaetonte.

## XLIX.

Sobe, e taõ concertados passos dava,  
Que cousa humana Ulysses não parece,  
Da forte companhia, que o cercava,  
Co'a cabeça por cima resplandece:  
De escamas de ouro o manto recamava,  
Que do hombro a beijar a terra dece;  
Opprimindo o cabello, e testa altiva  
Dos cabellos de Daphne fugitiva.

## L.

Sobre o punho da espada refulgente  
 Descansa a mão esquerda, que levanta  
 Do manto hum pouco a fralda, e em continente  
 Airoso dos que o seguem se ádianta:  
 Com aspeito Real, e preeminente,  
 Que dignamente louva quem se espanta,  
 Vão com elle Alcion, Clario, e Filemo,  
 Androgeo, Leostenes, e Palemo.

## LI.

Dos paços sahio Cyrce acompanhada  
 Das que ella não deixava ser taõ bellas,  
 Qual Diana, na noite socegada,  
 Rodeada passeia o Ceo de estrellas:  
 A mão a Ulysses dava, que abrazada  
 A alma em gloria vê, e as suas donzellas  
 As daõ aos Capitães que alli se acháraõ,  
 E todos para os paços caminháraõ.

## LII.

Abre-se a grande porta, onde assistiaõ  
 Quatro leões, que prezos a guardavaõ,  
 Que a Cyrce por senhora conheciaõ,  
 E passando, por terra se prostravaõ:  
 Outros guardados nas prizões rugiaõ,  
 E nas grades os dentes amolavaõ  
 Os feros javalis aferrolhados,  
 Por encanto de Cyrce transformados.

## LIII.

Em quanto a larga escada vaõ subindo,  
Os instrumentos musicos soando  
Os levantados tectos vaõ ferindo,  
De vozes varias huma voz formando:  
Ulysses no suave gesto lindo  
De Cyrce a alma, e olhos occupando,  
Lhe parece que he rara maravilha,  
Mais formosa que o Sol, de que era filha.

## LIV.

Huma cota leonada traz vestida,  
De borboletas d'ouro semeada,  
E de serpes de aljofar guarneçada,  
Nos golpes com diamantes apertada:  
Solta pelas espaldas a comprida  
Madeixa do cabello, taõ dourada,  
Que do Sol parecia hum novo ensayo,  
O rosto hum Sol, cada cabello hum rayo.

## LV.

Em seu divino rosto a mesma idea  
Da belleza igualada se mostrava,  
E na luz que voando amor rodea  
Contente, e lisonjeiro se abrazava:  
Se a maõ, que faz a neve escura, e fea,  
Por compor o cabello levantava,  
Alli se vem arder em fogo leve  
As desiguaes pyramides de neve.

## LVI.

Na soberana fronte altiva, e branda  
 Amor tem seu poder abreviado,  
 Alli temido, e adorado anda  
 Como n'um campo de belleza armado:  
 Esta esfera mayor as outras manda  
 C'um movimento grave, e repousado,  
 E abaixo deste Ceo, e esta grandeza  
 He ar tudo o que esconde a natureza.

## LVII.

Eraõ os olhos verdes, e senhores  
 De quanto vêm com branda tyrannia,  
 Em seus rayos, e puros resplandores  
 Aprendeo a ser bello o bello dia:  
 Se co'a formosa Deosa dos amores  
 Se achara em Ida, quando competia  
 Com ella Juno, e Pallas, vencedora  
 Só fora Cyrce entãõ, só Deosa fora.

## LVIII.

Nestas fontes de luzes soberanas,  
 Que saõ de amor aljavas amorosas,  
 Fez elle agudos dardos das pestanas,  
 Armas sempre mortaes, sempre formosas:  
 Mil Cupidos com settas inhumanas  
 Saem destas luzes puras, e ditosas;  
 Que por naõ lhe escapar nada na terra,  
 Primeiro mataõ que publiquem guerra.

## LIX.

Desce partindo o campo a bem tirada  
Meta de tanta graça, e gentilezá,  
Ficando a cada parte a desfolhada  
Rosa, em seu puro resplendor aceza:  
Logo huma porta com rubins cerrada,  
Donde abre, e fecha, com mayor belleza,  
Em perlas vivas, e em palavras d'ouro  
De graças immortaes vivo thesouro.

## LX.

Destes Ceos o que acima se imagina,  
São crespos fios d'ouro, que deitados  
A descuido da maõ pura, e divina,  
Fazem 'spaços de amor imaginados:  
Que em confusa belleza, e peregrina  
Envoltos, e nos hombros espalhados  
Ondas levantaõ, dando ás liberdades  
Nas soltas ondas soltas tempestades.

## LXI.

Vê-se no rosto, e peito cristallino  
Secreta formosura, que escondida  
Dava por arte ao corpo peregrino  
Outra graça mayor naõ aprendida:  
Em seus membros o espirito divino  
Com alma viva em cada parte unida  
Resplandece, e na fala graciosa  
Mostra, que era por graça mais formosa.

## LXII.

Ambos entrando vão nas regias cazas  
 Ornadas de ouro, e sedas mais custosas,  
 Onde Cupidos com lascivas azas  
 Não tem voando as settas ociosas:  
 Queimaõ nõ mais secreto ardentés brazas  
 Aromaticas massas, e cheirosas,  
 E hum dos Cupidos, que nesta obra entende,  
 As azas bate, com que o fogo acende.

## LXIII.

Detinha Cyrce os olhos na brandura  
 Do Grego capitaõ, e assim notava  
 O eloquente falar, e a compostura,  
 Que de Hybla os docés favos igualava:  
 O encanto acha sem força, e mal segura  
 A magica sciencia, de que usava;  
 Que a todos os que traz na companhia  
 Do anel a grande força defendia.

## LXIV.

Tudo Ulysses consigo considera,  
 E co'a vista a Creonte anda buscando,  
 Dissimula o que sente, hum pouco espera,  
 Por elle aõs que o cercavaõ perguntando:  
 E porque a causa disto vê qual era,  
 Na bella Cyrce a vista socegando,  
 Mudada hum pouco a côr, pezado, e grave  
 Lhe fala com affeito, e voz suave.

## LXV.

Quando , formosa Cyrce , destroçado  
Tómo este porto , que hé por vós famoso ,  
Naõ he razaõ que o brando gazalhado  
Se troque em fingimento cauteloso :  
As mostrás desse rosto delicado  
Mayor encanto saõ , e mais forçoso ,  
Que obriga a amar-vos pelo ver taõ bello ,  
E sempre pádecer , e sempre vello.

## LXVI.

Destã doce , e amorosa tyrannia  
Já obrigado , e preso me confesso ,  
Liberdade a prisaõ propria seria ,  
Quando a causa do mal tem tanto preço :  
Obrigado de amor , e cortezia ,  
Que em vosso real animo conheço ,  
Folgara , bella Cyrce , naõ houvesse  
Cousa , que esta alegria escurecesse.

## LXVII.

E para que socegue o pensamento  
Da gente , que me segue mal segura ,  
Que teme este favor , e acolhimento ,  
Como se fora guerra aspera , e dura ,  
Nos promettei com grave juramento ,  
Formosa Cyrce , pela Estige escura ,  
De naõ usar de força , ou caracterès ,  
Em que trasluzã mágicos poderes.

## LXVIII.

Naõ vio o verde prado assi abrazada  
 A papoula gentil, e vergonhosa,  
 Nem de seu verde carcere afrontada  
 Sahir fugindo a pudibunda rosa,  
 Quando a manhã serena, e destoucada  
 Entre a capa das nuvens mais formosa  
 Passa embuçada, que fugir deseja,  
 Antes que núa seu amante a veja;

## LXIX.

Como Cyrce escreveo no bello gesto  
 Com roxas letras o que n'alma havia,  
 Vendo-se o claro engano manifesto,  
 Que em suas faces bello se fazia:  
 Assim com puro affecto, e modo honesto,  
 Porque dar gosto a Ulysses pertendia,  
 Em tudo o que lhe pede o segurava,  
 E pelo Lago Estigio lho jurava.

## LXX.

Para hum jardim entravaõ passeando,  
 Onde das varias flores a pintura,  
 No ar suaves cheiros exhalando,  
 Agradece de Cyrce a formosura:  
 Aos Capitães da maõ hiaõ tomando  
 As damas com effeitos de brandura,  
 Egiale, Ercia, Milia, Alphca,  
 Dimantes, Aglonice, e Panopea.

## LXXI.

Estavaõ nas paredes engastadas  
Estatuas excellentes, de grandeza  
Excessiva, em extremo bem lavradas,  
Que o natural excedem na viveza:  
De altos varões, que foraõ nas passadas  
Idades, e a presente estima, e preza,  
Que de exquisitos marmores de Paro  
Brias lavrou, e Calicrates raro.

## LXXII.

Os vazios espaços occupavaõ  
Os citreos troncos, verdes, e pregados,  
Que gratos á cultura se mostravaõ,  
De seus dourados pomos carregados:  
As ruas de colunas se adornavaõ,  
A que os fructos cobriaõ pendurados  
De Thianeu, alegres, e suaves,  
Regalo eterno das lascivas aves.

## LXXIII.

N'outra parte o jardim se vê partido,  
Que huma fina alcatifa representa,  
De que a formosa Chloris, e o marido  
De ser seu jardineiro se contenta:  
De perpetuo veraõ favorecido  
Novo Hymeto, que quando o Sol aqueça  
O Caõ celeste, e fere o agudo Inverno,  
Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

## LXXIV.

Zefiro alegre, e brando com lascivas  
 Pennas menea as flores, que bolindô  
 Ambar exhalaõ, serpes fugitivas  
 De cristal, entre as hervas vaõ fugindo:  
 Das vivas pedras saltaõ gotas vivas,  
 De rocio suavissimo cobrindo  
 O prado, Ambrosia o verde bosque espira,  
 Retrato na liquida çafira.

## LXXV.

Aqui a sabia, e mestra Natureza  
 Por huma ley igual, por certo fio  
 Naõ muda o verde rosto, e a belleza  
 No Inverno, Primavera, Outono, Estio:  
 Tempera o frio, a calma mais aceza,  
 Ella abranda o rigor do Inverno frio,  
 Que se abraçaõ com laço sempiterno  
 Estio, Outono, Primavera, Inverno.

## LXXVI.

Com verdes pavelhões antros suaves  
 Vestem frescas estancias, onde ao vento  
 Espalhaõ queixas namoradas aves,  
 Enchendo o ar de seu canoro alento:  
 Grutas muscosas, onde as horas graves  
 Do sol regala hum brando movimento,  
 Ruas de verdes mirtos enredados,  
 Para estorvar o sol, das mãos tomados.

## LXXVII.

Por entre elles estatuas cristallinas  
 Se mostraõ com decoro , e com grandeza ,  
 Penhas onde se vêm neves alpinas ,  
 Que desmentem as leys da Natureza :  
 De plantas verdes , e de cores finas  
 Bellos theatros tem a vista preza ,  
 Onde o nectar da Aurora vaõ libando  
 Solicitas abelhas susurrando.

## LXXVIII.

Alli Clicie formosa , e o jacinto  
 Se vê , que com fragranciã o ar inflama ,  
 O achanto , e amárecho , que extinto  
 De seus aromas o vapor derrama :  
 E o filho de Cinarã em sangue tinto ,  
 Que a formosa Acidalia adora , e ama ,  
 E o puro carmezim da rosa fina ,  
 Emprestado das plantas de Erycinã.

## LXXIX.

No meyo do jardim de Apollo estava  
 Huma estatua de porfido luzente ,  
 Que as de Sostrato , e Scopas affrontava ,  
 Sobre Oecton , que respira fogo ardente :  
 Com rayos de cristal puro imitava  
 Os do Sol mais formoso , e refulgente ,  
 Que alli naõ tinha occaso , e parecia  
 Querer fazer eterno o mortal diã.

## LXXX.

Alli por urnas de cristal brotando ,  
 Os tanques enche a cristallina fonte ,  
 Que estaõ nos fortes braços sustentando  
 Satyros de metal de crespas fronte :  
 Este pequeno mar andaõ cortando  
 Os que a morte choráraõ de Phaetonte ,  
 A quem do Sol , que na agua reverbera ,  
 Guardaõ co'a sombra as filhas de Neera.

## LXXXI.

Este quadro formoso assi adornado  
 Em mil fórmãs de fontes se partia ,  
 Donde o cristal cahindo destilado  
 Por ricas serpes de metal corria :  
 De conchas exquisitas variado ,  
 Que o Sol nos mares Indianos cria ,  
 Vencendo a limpidissima Pirene ,  
 A famosa Libetro , e Hypocrene.

## LXXXII.

Entre os bosques se via a filha cara  
 De Peneo , dando ao mesmo Sol ardores ,  
 E o moço Phrygio , que a Cibele amara ,  
 Quando o primeiro amor troca em furores :  
 De Tisbe a planta , que já a côr mudara ,  
 Que sempre he triste o fructo dos amores ,  
 Lotis mudado em tronco o corpo bello ,  
 E em verdes folhas o ouro do cabello.

## LXXXIII.

O roble mais antigo, do ar tocadas  
As folhas verdes, como linguas move,  
Que a Alcides deo coroas celebradas,  
E a testa ornou do soberano Jove:  
Que os estios venceo, e as indomadas  
Iras do Inverno, quando toa, e chove,  
Com fructo, cuja rustica aspereza  
Dos primeiros heroes honrou a meza.

## LXXXIV.

A fruta já caduca, a verde, e a dura  
No proprio, e adoptivo ramo crece,  
Que sem necessidade da cultura  
A planta fructo, e flores offerece:  
Na idade verde do anno, e na madura  
Tudo igual fructifica, igual florece,  
Vides opprimẽ' os olmos abraçadas,  
Verdes maridos, com que estaõ casadas.

## LXXXV.

Plantas estereis pelo ar se estendem,  
Que daõ por fructo sombra ao fresco prado,  
Com que ás hervas os rayos pouco offendem,  
De que os montes enfeita o Sol dourado:  
D'outras os frutos já maduros pendem  
No ramo com seus pomos encurvado,  
Tudo offerece singular tributo,  
Prado herva, herva flores, plantas fruto.

## LXXXVI.

Alli a imperial ave dedicada  
 A Jupiter nas azas se levanta ,  
 Sem della ave menor ser infestada ,  
 Que huma segura voa , e outra canta :  
 A que no Indico Ceo mais variada  
 Na vangloria das pennas se adianta ,  
 Não perturba esta paz , que não altera  
 Mór fera , ou ave a menor ave , ou fera.

## LXXXVII.

Entre as matas rugia o valeroso  
 Leaõ , em suas garras arrogante ,  
 Mil animaes de gesto temeroso ,  
 Na pelle varios , varios no semblante :  
 Tudo o que esconde fero , e monstuoso  
 O grande Nilo , e soberbo Atlante ,  
 Aqui lugar , e assento achão suave  
 As plantas todas , toda a fera , ou ave.

## LXXXVIII.

O dia alegre em danças vaõ passando  
 Com ditos , e suavissimos amores ,  
 Aos Capitães as damas escutando  
 Encarecidas queixas , vivas dores :  
 Doces respostas recebendo , e dando ,  
 Esperando gozar noites melhores ,  
 Já se viaõ as copas levantadas ,  
 Dos Athalicos vasos carregadas.

## LXXXIX.

Grandes vasos de prata se ostentavaõ,  
Que a arte proliza debuxando esteve,  
Que nos concavos ventres se mostravaõ  
De licor cheyos espumoso, e leve:  
As hydrias de cristal se sepultavaõ  
No frio seio da gelada neve,  
E o liquido rubim, puro, encendido  
Se congela nas urnas escondido.

## XC.

Prepara-se a soberba, e regia meza,  
Onde cobrem de orvalho os brandos ares  
Fontes, que os refrescavaõ com pureza,  
Despertando o appetite dos manjares:  
Tudo quanto no mundo mais se preza,  
Que a terra propria dá, e alheyos mares,  
Alli junto se vê, donde assistiaõ  
Cem pulidos ministros que serviaõ.

## XCI.

Varias mezas os prados occupavaõ,  
Onde os Gregos mais fortes, e luzidos  
Por igual ordem todos se assentavaõ,  
Por praticos ministros conduzidos:  
Aos Capitães lugares sinalavaõ  
Em seus postos, e assentos divididos,  
E em todos igualmente he festejado  
O que na coxa foy do pay criado.

## XCII.

Soaõ os instrumentos, e as suaves  
 Frautas, que o grande Hypomacho tocava,  
 De accentos ora agudos, e ora graves  
 Concertada harmonia se formava:  
 Levaõ-lhe o alto contraponto as aves,  
 Que tudo em ser alegre conformava,  
 Tendo principio as mesas, e convite  
 Entrando o sol nos braços de Amphitrite.

## XCIII.

Dous assentos reaes tem occupados  
 A bella Cyrce, e o Capitaõ valente,  
 De ouro mais puro, e fino marchetados  
 Sobre a materia do Indiano dente:  
 Carregavaõ manjares delicados  
 A mesa, e Ulysses, que ferida sente  
 A alma, com ver a Cyrce se contenta,  
 Que amor só pelos olhos se alimenta.

## XCIV.

Cyrce a taga formosa, e coroada  
 Toma na bella mão, com que provoca  
 A Ulysses de sua boca já libada,  
 E a branca côr envergonhada troca:  
 Elle na parte donde foy tocada,  
 Adorando os vestigios de tal boca,  
 A sua applica ao vaso, e sente logo  
 De Amor, e Baccho o duplicado fogo.

## XCV.

Clinias nas mãos tomava o instrumento,  
 Canta historias de amor com voz suave,  
 Como os Deoses do ethereo firmamento  
 Sentem brando o seu jugo, duro, e grave:  
 Como he no mundo Amor quinto elemento,  
 Que tem dos gostos huma, e outra chave,  
 Que he puro effeito d'alma, que mais preza  
 Para se conservar a natureza.

## XCVI.

Canta da bella Cinthia, que ferida  
 De amor em seu suave fogo ardera,  
 Quando ao pastor de Latmo agradecida  
 Pelo gozar deixára a propria esfera:  
 De Calliopea canta, que rendida  
 De Apollo ás leys de amor obedecera;  
 Canta da filha de Inacho, que os largos  
 Campos pascera por industria de Argos.

## XCVII.

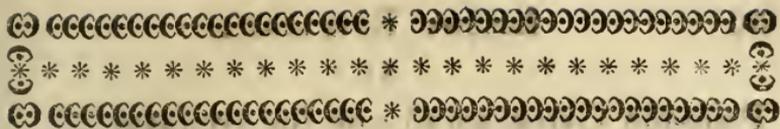
Que de Peneo a filha celebrada  
 Seguiu junto de Amphriso Apollo louro:  
 Que trocou Jove a alteza sublimada  
 Por Asterie, e Europa em aguia, e touro:  
 Que de Danae na torre mal guardada  
 Elle foy preço em brando orvalho de ouro,  
 Que de amor mitigando a grave pena  
 Rendeo em cysne a Leda, em fogo Alcmena.

## XCVIII.

Outras historias canta , e canta aquella  
Do forte Capitaõ , que do opportuno  
Cheiro da pura flor , fragrante , e bella  
Foy concebido da formosa Juno :  
Prezo com Venus , que he do mar estrella ,  
Nascida das escumas de Neptuno ,  
Quando se formou nelle o corpo bello  
Das partes , que cortou Saturno a Cello.

## XCIX.

Já os ministros tinhaõ levantado  
Da regia mesa a cobertura fina ,  
E sobre os aureos pratos destillado  
Rios de agua cheirosa , e cristallina :  
E tendo Cyrce as bellas mãos lavado ,  
Que escureciaõ toda a neve Alpina ,  
Sobre a mesa voava a olanda leve  
Para nella enxugar dedos de neve.



# U L Y S S É A.

## CANTO SEGUNDO.



### ARGUMENTO.

*A Cyrce conta Ulysses , que de Helena  
Se despedira em Tenedo , e que vira  
Dos Cycones a costa a Grega antena ,  
E dos ventos em Scyro a mayor ira :  
Como a Proteo abraçou , e a grave pena  
Dos vaticinios grandes , que lhe ouvira ;  
Como o veyo avisar que passe avante  
A soberana filha de Thaumante.*

1.

Em tanto Cynthia alegre , e luminosa  
As pontas de luz cheas ajuntava  
Na altiva testa , com que mais formosa  
O ar , a sombra , as nuvens prateava :  
Do Ceo o eterno campo vagarosa  
D'os nocturnos cavallos passeava ,  
Linhas de fogo pelo ar se viaõ  
Das lucidas estrellas , que cahiaõ.

## II.

Pede-lhe Cyrce entã que lhe contasse  
Seus trabalhos, taõ dignos de alta historia,  
E os mares, que sulcara, porque achasse  
O gosto de os passar pela memoria:  
Posto que muito Ulysses duvidasse  
Tratar de seu louvor, e propria gloria,  
A Cyrce obedeceo, e em modo grave,  
Ouvindo todos, diz com voz suave.

## III.

Arde a Neptunia Troya, já rendida  
Ao cavallo fatal, e Grega espada,  
Em cinza, em fumo, em sombra convertida,  
Que a gloria humana he fumo, he sôbra, he nada:  
Já tratavaõ os Gregos da partida,  
Carregando o despojo a grande armada:  
E entre taõ rica, e soberana preza  
Era a formosa Helena a mór riqueza.

## IV.

Já co'a causa, e desculpa do Troyano  
Excidio, que na cinza inda fumava,  
Soltando a redea ás náos, o soberano  
Agamenon as ancoras levava:  
Da negra antena despregando o pano,  
Que indo prenhe do vento, que soprava,  
O porto deixa, o alto mar cortando,  
Vaõ-se as prayas, e os montes afastando.

## V.

O destroço fatal de Troya viaõ  
 Das náos, que o Hellesponto atravessavaõ,  
 Os Gregos, quando a vista suspendiaõ  
 Nas terras, que já apenas divisavaõ:  
 Só nas partes mais altas pareciaõ  
 Huns vestigios das torres, que ficavaõ,  
 Adonde a vista o mais que determina,  
 He medir a grandeza co'a ruina.

## VI.

Anfiteatros, machinas, e muros,  
 Piramides, Colossos levantados,  
 Obeliscos, que mostraõ estar seguros  
 Contra a força dos tempos, e dos fados,  
 Fazem sem fama em cinza vil escuros,  
 Das idades por fabula prostrados;  
 Que o tempo os bronzes, e as colunas parte,  
 E os poderes da morte iguala Marte.

## VII.

De bandeiras, e flamulas ornáraõ  
 A victoriosa armada, que partia,  
 E as proas para Ténedo inclináraõ,  
 Que hum bosque sobre as ondas parecia:  
 Que alli vaõ despedir-se concertáraõ,  
 Onde a ancora pezada o sal feria;  
 Sobre ella, quando o fere, se dilata  
 O mar azul em circulos de prata.

## VIII.

Ambos de Atreu os filhos valerosos  
 ( Antes que hum vá a Esparta, outro a Missena )  
 Queriaõ despedir-se , desejosos  
 Que alli possa alegrar-se a bella Helena :  
 Com elles sahe ao campo , e os seus formosos  
 Olhos , de que reparte gloria , e pena  
 Amor , que a saltear delles aprende ,  
 Pelo florido campo , e praya estende.

## IX.

De vê-la o mesmo Ceo se namorava ;  
 E o ar no do seu rosto se acendia ,  
 O mar , quando ella as conchas lhe furtava ,  
 Parece que a beijar-lhe os pés corria :  
 Quem as divinas graças , que mostrava ,  
 Contar quizer , mais facil lhe seria  
 Contar as flores do lascivo Mayo ,  
 E do Sol os cabellos rayo a rayo.

## X.

Pela testa sem ordem desparzido  
 Solto o cabelo voa livremente ,  
 Onde sahe a queixar-se de opprimido  
 De huma cinta de pedras refulgente :  
 No hombro soa o arco do brunido  
 Marfim , no lado a aljava está pendente ;  
 Com menos graça ao bosque entrar costuma  
 A bella Deosa , que nasceo da escuma.

## XI.

De huma seda subtil, de ouro lavrada,  
Era composta a nobre vestidura,  
Que o pé descobre da aura meneada,  
Para beija-lo lizonjeira, e pura:  
No peito, collo, e face delicada  
(Que as armas saõ da propria formosura)  
Mostrá amor querer dar mortes mais cruas,  
Pois leva da belleza as armas núas.

## XII.

Das orelhas as perlas do Oriente  
Igualmente pendendo, carregavaõ  
Circulos de ouro puro, e excellente,  
Mór graça recebendo, do que davaõ:  
Da barbara cadea refulgente,  
Cahindo ao seyo, as voltas se enredavaõ;  
Bellezas estudadas com descudo,  
Da cuidadosa maõ inculdo estudo.

## XIII.

Quando no Ceo da altiva fronte abria  
Hum, e outro sol, na luz que derramava,  
O campo todo, todo o ar ardia,  
Que a tudo dava ser, tudo animava:  
A cada passo seu hum Ceo movia,  
A cada rayo seu hum sol mostrava;  
A cada olhar abria hum paraíso,  
E hum coração feria a cada riso.

## XIV.

O vento o seu cabello ondado , e louro ,  
Como ladraõ subtil , traz derramado ,  
Com quem baixo metal ficava o ouro ,  
Que parece c'o mesmo Sol dourado :  
Amor metendo a maõ neste thesouro ,  
Hum fio lhe roubou , e tem mudado  
A corda ao arco seu , e fez as pretas  
Sobrancelhas o arco , a vista setas.

## XV.

Porque o ar naõ a offenda , põe reparo  
Ao rosto c'um sendal , com que se cobre ,  
Que das glorias , que esconde pouco avaro ,  
Mais seõ faz de ver o que se encobre :  
Como o Sol d'entre nuvens menos claro ,  
Faz que a força dos rayos se lhe dobre ,  
Tal d'um sendal finissimo vestida  
Vio Cytherea o pastor Phrigio em Ida.

## XVI.

Esta era Helena , e se dizer vos posso  
De sua graõ belleza o que mais sinto ,  
Vós sois retrato seu , ou ella o vosso ,  
Que de vós tómo as cores , com que a pinto :  
No ar , na mesma graça , adonde o moço  
Cego faz intricado labyrintho ,  
Entre mil impossiveis do desejo  
Imaginando estou que em vós a vejo.

## XVII.

Alli fizemos larga despedida ,  
E as ancoras pezadas levantando  
As náos postas a ponto de partida  
Vaõ as concavas azas despregando :  
Ao vento damos esperança , e vida ,  
Com alutados remos apartando  
As ondas , dando Eolo no caminho  
Força ao cansado lenho , vida ao linho.

## XVIII.

Voaõ as leves náos , que o tormentoso  
Golfo já do Hellesponto dividiaõ ,  
Da costa de Asia abrindo o seyo undoso ,  
A prolixa viagem proseguiaõ  
Té onde Tanais dece pressuroso ,  
E nas do mar suas ondas se metiaõ ,  
Que de affrontado de huma , e outra terra  
Alli do Ponto Euxino as portas cerra.

## XIX.

Neste golfo , que honrou o atrevimento  
Do ousado Phrixo , e Helle naufragante ,  
Vencendo no carneiro o salso argento ,  
Quando á esposa fugiaõ de Atamante ,  
Dos Cycones á costa o bravo vento  
Nos arroja , que estava mui distante ,  
Que co'as armas nas mãos nos recebêraõ ,  
E as náos cansadas abraçar quizerãõ.

## XX.

Logo deixei o porto, que tomara,  
 Donde partindo, a vida ao vento entrego,  
 A' fertil Lemnos, por seu nome clara,  
 Grande officina de Vulcano chego:  
 E aos Reynos de Thoante, onde a preclara  
 Hypsipile a seu pay caduco, e cego  
 Das populares furias defendera,  
 Pagando em dar a vida, a quem lha dera.

## XXI.

Vendo a inimiga Venus das ferradas  
 Proas as crespas ondas divididas,  
 E o mar todo coberto das armadas,  
 Que levaõ os fortissimos Atridas,  
 De taõ rico despojo carregadas,  
 Dos fados, e do Ceo favorecidas,  
 Sobre a maõ poz a face, e a viva magoa  
 Lhe encheo a alma de fogo, os olhos d'agoa.

## XXII.

Muitas cousas na mente revolvía,  
 E partindo em seu carro acelerado,  
 Tomou da Ilha Eolia a incerta via,  
 Onde Hypótades tem seu gazalhado:  
 Alli a tempestade solta, e fria,  
 E o indomito vento está domado,  
 Que humilde a natural ferocidade  
 De seu Rey treme, e adora a magestade.

## XXIII.

Aqui aos ventos guarda em prizaõ dura,  
Donde sahida buscaõ com violencia,  
Provando, por sahir da cova escura,  
Das grandes forças a ultima potencia:  
Os grilhões de diamante, e a mais segura  
Cadea he fraca, e debil resistencia,  
Furias do mundo saõ, que Eolo encerra,  
Só para devastar o mar, e a terra.

## XXIV.

A Eolo, que em parte alta, e subida  
Tem com graõ magestade o claro assento,  
A bella Deosa (que no mar nascida  
Converte em fogo o humido elemento)  
Humilde fala: O' Rey, cuja temida  
Força póde enfrear o bravo vento,  
Grande senhor, cujas grandezas calo,  
Que o mar pódes turbar, e socega-lo.

## XXV.

Do mar Egeo as ondas vay cortando  
Com sua armada Ulysses cauteloso,  
Que enganosa, e fingida paz mostrando,  
De Troya o Ilyon abrazou famoso:  
Leva os vencidos Deoses, e buscando  
Ithaca, taõ soberbo, e poderoso  
Se mostra, que se algum caminho achara,  
Até o sagrado Olympto conquistara.

## XXVI.

Este inimigo meu o mar sustenta,  
E pois he justa a queixa, em que me fundo,  
Sólta, Rey poderoso, huma tormenta,  
Que a seus atomos torne o antigo mundo:  
Que a descuidada armada com violenta  
Força destroce, e meta no profundo,  
Adondê pague seu furor, e insania  
O abrazador dos muros de Dardania.

## XXVII.

Assi Ericina lagrimosa, e triste  
Ante o filho de Acesta se prostrava.  
Elle a toma nos braços, e resiste  
A cortezia, que com elle usava:  
Muito mais, que no pouco que pediste,  
Deosa excellente, (Eólo replicava)  
Te mostrarei as forças de hum desejo,  
A que me obriga o menos que em ti vejo.

## XXVIII.

A tua justa dôr, que a tudo excede,  
A que só excede a tua formosura,  
Tudo minha vontade lhe concede,  
Que acertar em teu gosto só procura:  
Nada pôde negar quem só te pede  
Que soltes desses rayos a luz pura,  
Ou os escondas, que essa claridade  
Fará mansa, e serena a tempestade.

## XXIX.

A grave porta da soberba serra  
Tremeo no duro bronze, que gemia ;  
Os ventos logo, que a caverna encerra,  
Rebentaõ da prisaõ escura, e fria :  
Juntos em esquadraõ, com dura guerra,  
Bramindo os campos cada qual varria :  
Ao mar se arrojaõ, e vê-se n'um momento  
Nas ondas o alterado movimento.

## XXX.

Do undoso leito, donde repousava  
O mar, move as areas do mais fundo,  
Que fervendo nas ondas levantava,  
As entranhas abrindo do profundo :  
Com Boreas Austro a hum tempo se encontrava,  
Como que querem destruir o mundo :  
Treme co'a força do soberbo Eolo  
O Ceo nos eixos d'um, e d'outro polo.

## XXXI.

De pezados chuveiros carregando  
As nuvens voadoras impellidas,  
A agua, como sangue, vaõ botando,  
Da larga espada de Orion feridas :  
Pelas nuvens os peixes vaõ cortando,  
Nadaõ no mar as aves atrevidas,  
Que achaõ, fugindo, nos pezados ares  
Unido o mar c'o Ceo, e o Ceo c'os mares.

## XXXII.

Sem presagios alguns acometendo ,  
 O vento o mar ergueo , onde começa  
 Huma soberba luta , parecendo  
 Que as estrellas tocamos co'a cabeça :  
 Pelo convez entrando o mar horrendo  
 Os duros marinheiros arremeça ,  
 E as arvores , e as velas com violento  
 Furor rompe bramando o negro vento.

## XXXIII.

Toando o Ceo os animos quebranta  
 O brado dos trovões , e em quanto dura  
 Na confusaõ, e horror, que o mundo espanta,  
 A fria morte a todos se afigura :  
 A nuvem carregada o mar levanta ,  
 Com que toldava o ar de sombra escura ,  
 A espaços do alto fuzilar se via  
 O fogo , que até as ondas acendia.

## XXXIV.

Já os miseros nautas opprimidos ,  
 Sem poder resistir , se lamentavaõ ;  
 Porém os gritos , vozes , e gemidos ,  
 Os ventos pelo ar despedaçaõ :  
 Huns se viaõ no centro submergidos ,  
 Onde as ondas cahindo os sepultavaõ ,  
 E outros se vem subidos ás estrellas ,  
 Presumindo co'as mãos pegar-se nellas.

## XXXV.

Co'a proa a Capitania levantada,  
Que huma torre com azas representa,  
Correndo vay, das ondas contrastada,  
E co'a grandeza faz mór a tormenta:  
N'um bordo, e n'outro inclina de affrontada,  
Naõ obedece ao leme, e mal sustenta  
Do mar o grave pezo, que batendo  
A náó por muitas partes, vay bebendo.

## XXXVI.

A arvore mayor do irado vento  
Impellida se rompe, onde cahindo  
Das ondas arrojada, com violento  
Golpe o debil costado vay ferindo:  
Toda a gente se via n'um momento  
Com varios instrumentos acodindo,  
E a confusaõ da náó, e mar mostrava,  
Que tudo a seu primeiro chaos tornava.

## XXXVII.

Logo a cansada náó vay alijando  
Co'a forga da tormenta embravecida  
As mais graves riquezas, que nadando  
A's ondas damos, porque escape a vida:  
Entre o granizo fero o Ceo toando,  
Rayos caem por carreira retorcida,  
E como que de nós o Ceo se ria,  
Todo de hum polo ao outro esclarecia.

## XXXVIII.

Sahindo o mar do natural limite  
 Tinha o Ceo por mil partes rociado,  
 E o Caõ celeste as aguas de Amphitrite  
 Tem co'a lingua ardentissima gostado:  
 A's Ursas em seu polo se permite  
 Que se possaõ lavar no mar salgado,  
 E subindo Neptuno á mór altura,  
 Ondas introduzir no Ceo procura.

## XXXIX.

Eu entaõ c'o pavor, e frio medo,  
 Que estes cansados membros congelara,  
 Dizia: quanto mais contente, e ledõ  
 Fora, se já esta vida se acabara:  
 Atalha a morte os males; se vem cedo,  
 Que neste ultimo mal todo outro pára;  
 Naõ morrera mil vezes desta sorte,  
 Tendo para huma vida huma só morte.

## XL.

Isto dizendo, Boreas arrogante  
 Lançando nuvens, fogos, e bramidos,  
 Vem empolando o mar, e traz diante  
 Montes de agua, dos sopros impellidos:  
 A esfera superior quasi nutante  
 Se admira em ver que os ventos atrevidos  
 Mostrãõ, batendo os procellosos mares,  
 Querer levar a terra pelos ares.

## XLI.

A grande náó, que Alcino governava,  
 Em Creta fabricada, não podendo  
 A's ondas resistir, com que lutava,  
 O lado abrindo, os mares vay bebendo:  
 A de Philon o centro, e Ceo tocava,  
 Que sem leme, e sem arvores correndo,  
 Cae nos braços do vento, e da tormenta  
 Nas rochas, onde em flor o mar rebenta.

## XLII.

Rotas as velas, e arvores rendidas;  
 Vendo que o mar engrossa, os ventos crescem,  
 As outras náos ás ondas atrevidas  
 C'uma pequena vela se offerecem:  
 As mais da companhia divididas  
 Raras por entre as ondas apparecem,  
 Nas mãos do vento, de Orion armado,  
 Dé horror, e negras sombras carregado.

## XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,  
 Que as náos rendidas leva, e desgarradas,  
 Os naufragios, as mortes, e a riqueza  
 De Troya entregue ás ondas empoladas,  
 Desce ao grande Neptuno com presteza,  
 Dizendo: Acode, Rey, ás mal tratadas  
 Náos, primeiro que o vento poderoso  
 Lhe dê (se não deo já) fim lastimoso.

## XLIV.

Se Ulysses , e Agamènon abrazáraõ  
 A Troya , alto decreto foy divino ,  
 Que as Gregas armas nella executáraõ ,  
 Que mal pôde estorvar-se o que he destino :  
 Com que orde' os duros ventos levantáraõ  
 Em serras todo o Reyno Neptunino ?  
 Pois por Venus sem outro fundamento  
 Solta Eolo as prizões ao bravo vento.

## XLV.

Para mim o teü rogo , o teu mandado  
 ( Neptuno lhe tornava ) he ley segura ,  
 O vento cesse , e a teus pés prostrado  
 Victoriosa lhe opprime a cerviz dura :  
 Que ainda que de Ulysses enojado ,  
 Por ti me esquece tudo , ó Deosa pura ,  
 E assaz de pouco faz quem te obedece  
 Quando te vê , se tudo o mais lhe esquece.

## XLVI.

Agora o mar se abrande : isto dizendo ,  
 Sobe no carro azul , que vaõ tirando  
 Escamosos cavallos , que vertendo  
 Hiaõ fogo da vista , o mar cortando :  
 As ondas amarissimas bebendo ,  
 Que sobre ellas em arco vaõ botando ,  
 Neptuno a nova colera os incita ,  
 Soa o agoute , e aos cavallos grita.

## XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta  
O carro, que seu pezo reconhece,  
Vibra o largo Tridente, o vento espanta,  
Quando mais indinado se embravece:  
Solta a medonha voz com furia tanta,  
Que no mais fundo Thetis estremece;  
Que o som da voz, e a força do Tridente  
Amansa o vento, e os mares juntamenté.

## XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,  
Que sobre o pardo peito descansava,  
O liquido cristal correndo em fio  
Lavando os membros nós, ao mar tornava:  
Já se humilha de medo o vento frio,  
E aos pés por lhos beijar se debruçava;  
Da crespá fronte voa em si revolto  
O molhado cabello ao vento solto.

## XLIX.

Fogem do ar as nuvens n'um momento,  
Serenó o mar se mostra, o Deós irado  
Voltando o rosto diz ao bravo vento,  
Que rendido a seus pés está prostrado:  
Onde se vio tamanho atrevimento?  
Que estou . . . Porém socegue-se o alterado  
Movimento das ondas, e prometó,  
Que eu o emende, estando o mar quieto.

## L.

Dizei ao vosso Rey, que elle dos ares  
 As furias mova, e tempestade fria,  
 Arranque os mores montes; que dos mares  
 Só eu tenho a profunda monarchia:  
 Occupe suas cavernas, e lugares,  
 Onde nunca chegou a luz do dia,  
 Lá tenha seu imperio preeminente;  
 Que o mar só reconhece o meu Tridente.

## LI.

Disse, e o carro veloz atravessava  
 Sobre o undoso campo, que cobrindo  
 De branca escuma vay, quando passava  
 A leve roda, alto caminho abrindo:  
 Já para acompanha-lo se ajuntava  
 Copia dos Deoses humidos, sahindo  
 Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,  
 Que em cavallos maritimos cortavaõ.

## LII.

Deixaõ das ondas o ceruleo claustro  
 Os Cidadãos do mar, e as excellentes  
 Ninfas sahindo no soberbo plaustro,  
 Na agua accendendo vaõ chammas ardentes:  
 Deixa seu brio, e grandes forças Austro,  
 Africo, e Noto, sendo taõ valentes,  
 Toda a ira depõem, e os negros ares  
 Apartaõ, socegando os grossos mares.

## LIII.

Qual de huma negra phoca o dorso opprime ,  
Que no liquido campo governava ;  
Qual n'um monstro disforme , alto , e sublime  
Abre o puro cristal , que se humilhava :  
Qual sobre hum lobo sahe , e a lanca esgrime  
Do coral , que com o ar se congelava ;  
Qual pelas crespas ondas , que atravessa ,  
O cavallo maritimo arremessa.

## LIV.

Vem n'um céto disforme com canino  
Aspecto o velho Glauco , e de Atamante  
Palemo filho , e da formosa Ino ,  
Nadando n'um delfim , vinha diante :  
O buzio toca retorcido , e fino  
O filho de Salacia , e a prestante  
Thetis faz sobre o mar doce choréa ,  
Com Symodoce , Spio , e Panopéa.

## LV.

Phorcis pay de Medusa tambem veo  
Com seu copioso exercito nadando :  
Fórma humana tomou o graõ Proteo ,  
E das phocas o segue o immundo bando :  
Fere a liquida prata o graõ Nereo ,  
A redea diamantina governando ,  
Com que modera a verdinegra boca  
D'uma arrogante , e prodigiosa phoca.

## LVI.

Qual valeroso Capitão, que tendo  
 Alcancada victoria gloriosa,  
 No campo fica alegre, recolhendo  
 Despojos da batalha sanguinosa;  
 E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,  
 Leva diante em pompa sumptuosa:  
 Assim dos seus Neptuno acompanhado  
 Victorioso passeia o mar salgado.

## LVII.

Como isto entendeo Phebo, com luz branda  
 O diafano ar alegre enchia:  
 Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,  
 E o Norte frio o largo Ceo varria:  
 Riaõ-se as ondas, todo o mar se abranda,  
 E em prisaõ dura logo recolhia  
 O grande Eolo os alterados ventos,  
 Concertaõ paz segura os elementos.

## LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente  
 O favoravel vento o solto pano,  
 Quando já de Climene o filho ardente  
 Morre, abrazando as aguas do Oceano:  
 A noite foge, a mal tratada gente  
 Do trabalho passado, em doce engano  
 Pelo convez o pezo suspendia  
 Do cuidado, e cansada fantasia.

## LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,  
Nas ondas lava a Aurora fugitiva,  
E a agua em puras gotas congelada  
Recebe a concha sobre o mar lasciva:  
Que dentro della em perolas formada  
São para honrar a testa mais altiva,  
Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,  
Pura neta do Sol, filha da Aurora.

## LX.

Vemos, rompendo o Sol, estar defronte  
A grande Ilha de Scyro, onde alterado  
Neptuno, os cornos da cerulea fronte  
Quebrando se retira de affrontado:  
Onde as nuvens assalta hum grande monte,  
A quem a seu pezar tinha tomado  
Thetis tamanha parte de seu centro,  
Que espalha as ondas com silencio dentro.

## LXI.

Para huma parte a levantada serra,  
Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,  
Huma alegre enseada dentro encerra,  
De assentos rodeada, em pedra viva:  
Onde huma, e outra fonte a fresca terra  
Cruza em serpes de vidro, e se deriva,  
Que offendida das pedras, que tocava,  
Com espumosas bocas murmurava.

## LXII.

Aqui das Ninfas era usado assento ,  
 Que aquelles frescos bosques habitavaõ ,  
 E alli seguras do inquieto vento  
 As náos se recolhiaõ , e ancoravaõ :  
 Sem dos mares sentir o movimento  
 Dormindo sobre as ancoras passavaõ ,  
 Aqui sóta , chegando hum , e outro pinho ,  
 Unhas de ferro , encolhe azas de linho.

## LXIII.

Sahe a gente affligida , e destrocada ,  
 Bebe das fontes a copiosa vea ,  
 A terra beija , e deita-se cansada ,  
 Por descansar na molle , e branda area :  
 Ferio Alcipo a pedra congelada ,  
 Invençaõ de Pirode , e o fogo atea ,  
 Ao lume secas folhas chega , e logo  
 No arido alimento cresce o fogo.

## LXIV.

Contentes se enxugavaõ nas amigas  
 Flammas , vencido já o mortal perigo :  
 Aprendendo das providas formigas ,  
 Tiraõ para enxugar o molle trigo :  
 Em quanto nestas asperas fadigas  
 Se occupavaõ os mais , eu só comigo ,  
 Entrando n'um profundo sentimento ,  
 Falava , e respondia ao pensamento.

## LXV.

Pelas ondas os olhos alongando,  
Nellas os companheiros mortos via,  
Que o grosso rolo da agua vem botando  
Pela deserta praya, humida, e fria:  
Ao monte alto subia, imaginando  
Que de mais longe o mar descobriria,  
E co'a alma nos olhos corro os mares,  
Sem o peso os deter de meus pezares.

## LXVI.

Crendo que as náos ao longe divizava,  
Alvorogado desço do alto monte,  
Quando já á tarde fria o Sol pintava,  
Bordando de ouro as nuvens do horizonte:  
Creonte, que eu comigo entaõ levava,  
Hum rebanho de vacas vê defronte  
Andar pascendo, e logo desviados  
Em bandos os cornigeros veados.

## LXVII.

Dauteamente se chega, o espaço mede,  
A punta as pontas do arco, e sacudindo  
A corda, sae veloz, que o vento excede,  
A mortal setta, o ar delgado abrindo:  
Chega onde a vista aponta, e mata a sede  
Do sangue de hum graõ touro, que cahindo  
Desanimado morde a terra, e sólta  
A alma robusta em negro sangue envolta.

## LXVIII.

Eu logo á praya desço, e alli chegados  
 Os navios, que aos mares escapáraõ,  
 Na terra ancoras prendem, que os soldados  
 Da proa com destreza ao mar lançáraõ :  
 Entre a furia dos ventos alterados  
 Ao longe apenas dous se divizáraõ,  
 Que, quando mais de perto os descobrimos,  
 Perecer juntos entre as ondas vimos.

## LXIX.

Os casos da fortuna mais temidos,  
 (Lhes digo) vence só quem a despreza ;  
 Que dos lugares altos, e subidos  
 Todo o caminho he cheyo de aspereza :  
 Dos trabalhos passados, e vencidos  
 Se alegra o forte, que de os ter se preza ;  
 Que o perigo mais aspero, e mais grave  
 A passada lembrança o faz suave.

## LXX.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso  
 Da futura alegria dá esperanza,  
 Passado o tempo triste, e procellosc  
 As velas enche a prospera bonança :  
 Refaçamos a armada, e com piedoso  
 Affecto aos corpos, que na praya lança  
 O mar, demos sepulcro eterno, e breve,  
 Que c'os mortos piedade usar se deve.

## LXXI.

Logo sem vida caem os levantados  
 Freixos nos altos montes, e as sagradas  
 Palmas, e os negros alamos casados  
 Co'as vides em seus troncos abraçadas:  
 E os velhos sovereiros renovados,  
 Que as duras tempestades indomadas  
 Tinhaõ vencido já, feridos tremem,  
 E com seu grave pezo os carros gemem.

## LXXII.

Todos em reparar com pressa entendem  
 Das náos bancos, e remos, e traziaõ  
 De longe o bosque, e o trabalho aprendem,  
 Que entre todos com gosto repartiaõ:  
 Antenas sobem, de que as velas pendem,  
 De enxarcia os negros pinhos se cobriaõ,  
 Outros ao pio officio se inclinavaõ,  
 E humilde sepultura aos mortos davaõ.

## LXXIII.

Inclinada de todo a luz se via  
 Do Sol sobre os dourados horizontes,  
 E a noite a duvidosa luz vencia,  
 Roubando a graça das muscosas fontes:  
 Sobre os humildes valles já cahia  
 A escura sombra dos ceruleos montes,  
 E quantos olhos o repouso cerra,  
 Tantos o Ceo abria sobre a terra.

## LXXIV.

Por descansar o espirito affligido,  
 N'uma lapa, que o mar cavando abrira,  
 Quiz repousar, mostrando-me o sentido,  
 Que o repouso de hum triste era mentira:  
 Depois de ao sono grave estar rendido,  
 Sonhando vi o que acordado vira;  
 Que o mal, que me occupava a fantasia,  
 Me representa a dôr que não dormia.

## LXXV.

Em sonhos huma Deosa me apparece,  
 E que comigo fala imaginando,  
 Vejo que seu amparo me offerece,  
 E para vê-la o rosto levantando  
 Chego, logo ajoelho, e me falece  
 O alento, e vou cahindo, e despertando,  
 Vendo a Deosa lhe digo: O' soberana  
 Divindade escondida em fórma humana:

## LXXVI.

Quem és, formosa Deosa, que comigo  
 Usas taõ desusada cortezia?  
 Já não temo do mar algum perigo,  
 Sendo tu meu amparo, e minha guia:  
 Sou Idotéa (diz) filha do antigo  
 Proteo, que no mar as phocas guia.  
 Fiquei, ouvindo, e vendo a luz sagrada,  
 Confusa a alma, a vista perturbada.

## LXXVII.

Contei-lhe quanto tempo andara errando  
Entre as ondas do mar embravecido,  
Co'a fortuna mil vezes pelejando,  
Alagado outras tantas, e perdido:  
Como vira tres vezes declinando  
Do Sol o ardente carro, ter medido  
Do Vellocoino os circulos dourados,  
Indo abraçar os peixes prateados.

## LXXVIII.

Como vira tres vezes as amigas  
Casas do Ceo formoso, e radiante,  
Para dourar as pallidas espigas,  
Passar de Daphne o desprezado amante:  
Como vira das serras mais antigas  
No cume levantado, e arrogante,  
Tres vezes as cabeças carregadas  
Das graves cans, das aguas congeladas.

## LXXIX.

Disse-lhe entao: Pois sabes o futuro  
Segredo em ouro escrito no volume,  
Que em seu archivo guarda o Fado escuro,  
E o tempo gastador jámais consume:  
Destes annaes divinos ver procuro  
Em tua boca hum rasto, hum vivo lume,  
E desta pura luz hum rayo claro  
Do que no seyo esconde o tempo avaro.

## I.XXX.

Respondeo-me : Só Proteo tem sabido  
 O que queres de mim , porque presente  
 Lhe he tudo o que ha de vir , por escondido ,  
 Por guardado que estê na etherea mente :  
 Quando o Sol ao mais alto está subido  
 Por estas grutas passa a sesta ardente ,  
 E nesta penha o seu armento enorme  
 Lhe faz guarda velando , em quanto dorme.

## LXXXI.

Vê-lo-has armado , e nesse mesmo instante  
 A fórma muda , em puro fogo ardendo ,  
 Como serpe se enrosca , ora arrogante  
 Leaõ se finge com bramido horrendo :  
 Se alli o apertas com valor constante ,  
 As entranhas dos fados revolvendo ,  
 Descobrirá os segredos , e a verdade ,  
 Que inda no seyo esconde a eternidade.

## LXXXII.

Nesta muscosa lapa , na abrasada  
 Sesta , entra Proteo quando o Sol ardia ,  
 Na mais secreta parte , e mais guardada  
 Me escondo , elle se inclina , em fim dormia :  
 Nos braços o apertei , da desusada  
 Força espantado Proteo em pé se erguia ,  
 Qual Deos faz este engano a vozes grita ,  
 E faz por se soltar força infinita.

## LXXXIII.

De hum leaõ ferocissimo tomava  
A horrenda fórma , e duros braços prova ,  
Como serpe escamosa se enroscava ,  
E em outras cem mil fórmas se renova :  
Os incendios das fauces vomitava  
Com antigo saber , e industria nova ,  
E quando lhe naõ val a força , e brio ,  
Quer escapar em fugitivo rio.

## LXXXIV.

Com mais forças nos braços o sustento ,  
Porque responda nelles apertado ,  
Quantos annos o mar , e o surdo vento  
Me negariaõ porto desejado :  
C'uma voz carregada , e com violento  
Torcer de olhos me diz : O immobil Fado ,  
Por te fazer no mundo sempiterno ,  
Te dará por trabalhos nome eterno.

## LXXXV.

Antes de ver o porto , que desejas ,  
Entre o furor dos procellosos mares  
Quer o Fado , que varios climas vejas ,  
Alheos Ceos passando , alheos ares :  
Até que vivo no sepulcro estejas  
D'um monte , e os companheiros , que lebares ,  
Verás despedaçar com graõ fereza ,  
Honrando os pratos de huma immunda meza.

## LXXXVI.

Huma garça c'uma aguia do profundo  
Sahir verás com grande agilidade  
Lá onde Phebo morre, onde outro mundo  
Espera de seu rosto claridade:  
Neste lugar o Fado mais jucundo,  
Te permite fundar huma Cidade,  
Que a todas as do mundo a palma toma,  
Perdoe a alta Carthago, a illustre Roma.

## LXXXVII.

Soltei Proteo dos braços admirado  
Do que lhe ouvira; e n'alma me entristece  
Ver a que males me reserva o Fado,  
Que a vida só em cuida-lo desfalece:  
Em tanto Proteo toma do ar delgado  
Varias fórmas, e já desaparece,  
Fico entre as pedras, do que tinha ouvido  
Estatua viva, hum Calpe com sentido.

## LXXXVIII.

Os cavallos do Sol, afugentando  
As lucidas estrellas, ño ar se viaõ,  
Que do primeiro resplandor dourando  
Os fins Eoos, com seu fogo ardiaõ:  
Settas de luz o ar atravessando  
O liquido cristal do mar feriaõ,  
Onde a luz vacillante parecia  
Sobre as tremulas ondas que tremia.

## LXXXIX.

Quando de Scyro as prayas encurvadas  
 Deixo, e cortando vou o argento undoso,  
 Da antena as velas concavas inchadas  
 Abrem no vasto mar rasto espumoso:  
 Temó inda as cousas, que já são passadas,  
 No por vir vigilante, e cuidadoso,  
 E com fingidas mostras de alegria  
 O mal, que n'alma levo, desmentia.

## XC.

Os males, que Proteo vaticinava,  
 Me espantaõ, quando a mente os considera,  
 De naõ ficar em Scyro me pezava,  
 Onde vida, e descanso ter pudéra:  
 Sem ao Fado attender, que me chamava  
 A ver os climas d'uma, e d'outra esfera,  
 Que apoz estes perigos, sem temê-los,  
 Arrastando me traz pelos cabellos.

## XCI.

Da bella Phebe o carro vagaroso  
 Pelos campos do Ceo correr se via,  
 Quando as feras do curso trabalhoso  
 Descansaõ do prolixo, e largo dia,  
 Quando Juno do Olympo luminoso  
 Iris mandava, que do Ceo descia,  
 No ar junto das náos librando esteve  
 O leve corpo sobre o vento leve.

## XCII.

Entrou donde em repouso mais suave  
 (Se he repouso o que toma hum descontente)  
 Eu refazia do trabalho grave  
 O mal, que n'alma tinha taõ presente:  
 Alli me diz: Quem ha que tanto aggrave  
 Hum coração taõ bravo, e taõ valente,  
 Cujó valor o mundo todo assombra  
 Do principio da luz té o fim da sombra?

## XCIII.

De Proteo a profecia naõ te espante,  
 Que a feya noite traz manhã serena,  
 E os mais asperos casos o Tonante  
 Muda, e dos Fados a ordem desordena:  
 Vaõ sempre os valerosos por diante,  
 Naõ se acha gloria, sem passar-se pena,  
 E os que persegue mais, e os que importuna  
 Vencem soffrendo os casos, e a fortuna.

## XCIV.

O trabalho he escada da subida,  
 O marmol mais polido, e mais lavrado  
 Por golpes do instrumento teve vida  
 Para se ver da terra levantado:  
 A pedra, que nas veyas escondida  
 A nobre chamma tem, se o temperado  
 Fuzil a fere, mostra em fogo aceza  
 A ignea, e levantada natureza.

## XCV.

Ficaõ grandes trabalhos sendo leves ,  
 Se as glorias vês , que o Ceo te representa ,  
 Quando teu nome illustre a partes leves ,  
 Que outro Ceo cobre , que outro Sol aqueita :  
 Isto Juno te diz , a quem já deves ,  
 Quanto de tuas obras se contenta ,  
 Segue o que a sorte , e Fado te offerece ,  
 Que o Ceo sempre os ousados favorece.

## XCVI.

Sabe , que quando a Armada Grega esteve  
 Quasi perdida , Venus o ordenava ,  
 Que este poder do grande Eolo teve ,  
 Que furia , e liberdade aos ventos dava :  
 Quando do Ceo com movimento leve ,  
 Juno descendo os mares aplacava ,  
 E o Rey do mundo da agua n'um momento  
 Recolheo nas prizões o solto vento.

## XCVII.

Disse , e de sua rara formosura  
 O resplendor suave , e peregrino  
 Tornando em claro dia a noite escura ,  
 Hum rasto deixa no ar puro , e divino :  
 O' mensageira , digo , da mais pura  
 Deosa , que piza o corpo cristallino ,  
 Em que a fortuna , e inveja ache inimigas  
 ( Emulas da virtude , e esforço antigas. )

Naõ póde haver, ó Deosa, quem me aparte  
De obedecer-te em tudo; armem-se os Fados,  
Arme-se a terra, desça o proprio Marte,  
Os mares se levantem conjurados:  
Na mais remota, e mais deserta parte,  
Na Zona ardente, e Polos congelados  
Vencer espero com favor de Juno  
Força dos Fados, iras de Neptuno.



# U L Y S S É A.

## CANTO TERCEIRO.



### ARGUMENTO.

*Como a ver os Lotóphagos passára ,  
Conta Ulysses , e o porto Lilibeo ,  
Como com seu rebanho alli encontrára  
A Polifemo , monstro informe , e feo ,  
A quem da vista lucida privára ;  
As velas entregando ao mar Egeo ,  
Parte-se , e Cyrce , vendo seu desejo ,  
Lhe ensina os mares , onde morre o Tejo .*

I.

Prosegue o Grego , e todos escutavaõ :  
No porto de Lotóphago famoso  
Sobre as fortes amarras descansavaõ  
As náos do curso largo , e trabalhoso :  
Onde as fontes juntando-se formavaõ  
N'um fresco valle hum rio caudaloso ,  
Cuja corrente fertil , e serena  
Faz a praya de Hyperia mais amena .

## II.

Corre por entre bosques divertido  
Com curso taõ quieto, e socegado,  
Que nas voltas se mostra arrependido  
De levar agua doce ao mar salgado:  
Deixava o arvoredado ao Ceo subido  
Dentro no espelho da agua seu traslado,  
E em suavissima sombra lhe pagava  
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.

## III.

As arvores de pomos carregadas  
Livres ao gosto, e mãos se offereciaõ,  
E os de que incautamente saõ tocadas,  
Do mal, e bem passado se esqueciaõ:  
As naturaes potencias perturbadas,  
Como estranhas correndo, nos fugiaõ,  
Era este triste, venturoso estado,  
Onde nada lembrava do passado.

## IV.

Hum velho venerando aqui encontramos  
Entre os guardados bosques, e espessura,  
A que este graõ segredo perguntamos,  
De fruta taõ sab'rosa, e mal segura:  
Elle nos conta, que nos proprios ramos,  
Aos olhos convidando a formosura,  
Aspide o pomo he do bosque ameno,  
Que esconde em sua belleza o seu veneno.

## V.

Criou-se aqui (dizia) a soberana  
Lotis, a que inclinou a natureza  
Ao suave exercicio de Diana,  
Fatigando dos montes a aspereza:  
Divindade escondida em fôrma humana,  
De sorte pobre, rica de belleza,  
Foy destes montes rara maravilha,  
Neta de Ope, e de Neptuno filha.

## VI.

Destes bosques foy Ninfa, a elles dava  
O tempo todo, quando o Lampsaceno  
Seguindo os mesmos montes, que habitava,  
Prezo se achou de seu olhar sereno:  
E para a grande pena, que passava,  
Sentindo o coração vaso pequeno,  
Nestes troncos tambem quiz que vivesse  
Seu bello nome, que co'as plantas cresce.

## VII.

Quantas vezes o orvalho fresco, e brando  
Da manhã nos cabellos lhe cahia,  
Quando as feras seguindo, e fatigando,  
Nestes montes a achava o novo dia!  
Quantas nas horas graves reclinando  
O debil corpo, em quanto o Sol ardia,  
Entre o repouso vinha a ter diante  
Este seu novo, não amado, amante!

## - VIII.

Alli nos propios cestos , que tecera ,  
 Lhe offerecia as frutas mais mimosas ,  
 Nos propios ramos a madura pera ,  
 As cerejas , e as ginjas vergonhosas :  
 As camoezas gentís da côr de cera ,  
 E no Outono o razimo das sab'rosas  
 Uvas , que com o orvalho puro , e leve  
 Póde escusar artificiosa neve.

## IX.

Hum dia lhe contou como encontrára  
 Naquelles montes huma Ninfa bella ,  
 Que nos olhos a vida lhe levára ,  
 Deixando-lhe só o gosto de perdê-la :  
 E ella com descuido perguntára ,  
 Quem era , por poder ama-la , e vê-la ;  
 Mas elle com cautela respondia ,  
 Que n'outra occasiaõ lha mostraria.

## X.

Subíraõ ambos a este monte , quando  
 Na mais fragosa parte do alto monte ,  
 N'um espelho , que fórma alegre , e brando  
 De seus cristaes huma copiosa fonte ,  
 Alli , lhe diz , que estava ; ella entra olhando,  
 Quando se vê a si mesma estar defronte ;  
 Foge , vendo que ao mal a causa dera ,  
 E inda de si fugíra se pudéra.

## XI.

Deixou-o sem resposta, e perturbado,  
Passáraõ muitos, té que veyo o dia,  
Que reclinando o corpo fatigado,  
Sobre a relva gozava a sombra fria:  
Elle que a vio, e tempo accommodado  
Para alcançar o bem, que pertendia,  
Com força fez, e solta liberdade  
As mãos executoras da vontade.

## XII.

Resistio, defendeo sua pureza  
Com força, e gritos animosamente,  
Armas, de que usa a feminil fraqueza,  
Com que das mãos lhe escapa diligente:  
Co'as delicadas plantas a aspereza  
Destes montes medio, tendo presente  
Do falso amante o enganoso enredo,  
E ao fugir lhe emprestava azas o medo.

## XIII.

Depois de largo espaço perseguida,  
Quando já a voz, e alento lhe faltava,  
(Que não correo assim cerva ferida  
Ao dictamo ligeira, que buscava)  
Os olhos levantou ao Ceo rendida,  
Quando, qual planta, a planta se pegava  
A' dura terra, que ambas penetráraõ,  
E em torcidas raizes se trocáraõ.

## XIV.

Vão raizes ao centro penetrando ,  
Tudo o que ao ar o tronco vay subindo ,  
Veste-se de corteza o peito brando ,  
E nella se escondia o gesto lindo :  
Nos pomos , que produz , e vay criando ,  
O Ceo taõ graõ veneno está influindo ,  
Que jámais permittio que alguem tocasse ,  
Que do que era passado se lembrasse .

## XV.

A tez do rosto vendo aspera , e dura ,  
E os cabellos , que ao Sol escureciaõ ,  
Em ramos já trocados , e a brandura  
Das mãos , que em verdes folhas se estendiaõ ,  
Arde o Deos de Hellesponto , que a figura  
Mudada vê , dos olhos que o feriaõ  
O tronco abraça , lagrimoso , e triste ,  
Que aos braços foge , e sem poder resiste .

## XVI.

O remedio promptissimo , que usamos ,  
He levar os enfermos quando o dia  
Lança os primeiros rayos , e os banhamos  
Nos cristaes puros de huma fonte fria :  
Quando para os banhar na agua tocamos ,  
Elles se apartaõ com mortal porfia ,  
E apagando na fonte a sede ardente ,  
Bebem na agua o remedio juntamente .

## XVII.

A todos nos admira o que lhê ouvimos,  
E para recolhermos os soldados,  
Huns corremos o bosque, outros subimos  
Os montes de arvoredos povoados:  
Como se recolhêraõ, conferimos,  
Se he melhor esquecer, ou ser lembrados,  
O estado antigo a alguns melhor parece,  
Onde o passado bem, e o mal esquece.

## XVIII.

Logo todos nas náos se repartiraõ,  
Para os mesmos lugares, que tem nellas,  
Do fundo para cima ancoras tiraõ,  
Do alto para baixo largaõ velas:  
Já os alegres ventos, que respiraõ,  
Sopraõ com mayor força por enchê-las,  
E de Neptuno as cristallinas cazas  
Atravessaõ as náos com brancas azas.

## XIX.

Se me não lembra mal, nos mezes era,  
Que o velho mundo reverdece, e nasce,  
De Colchos o animal em sua esfera  
Dourava o puro Sol com roxa face:  
Quando o touro da nova Primavera  
Em prados de çafira estrellas pasce:  
E ao prezo rio o claro Sol desata  
Dos grilhões de cristal os pés de prata.

## XX.

Já pelo mar Thirreno atravessavaõ  
 Cortando as náos a larga , incerta via ,  
 Vêm do Etna ao longe as chãmas, que ondeavaõ,  
 Com que vencendo a noite o monte ardia;  
 Nas pedras abrazadas , que voavaõ ,  
 De Vulcano a officina parecia ,  
 Onde nuvens de fogo ardendo em ira  
 Contra o graõ Jove Encélado respira.

## XXI.

Alli o fero Gigante atado , e prezo  
 Sulfureo fogo , e negro fumo exhala ,  
 Quando nos hombros muda o grave pezo ,  
 Que co'as immensas forças mal iguala :  
 Graõ terremoto excita o fogo acezo ,  
 Que as cidades maritimas abala ,  
 Movendo o grave , e inaccessivel monte ,  
 De vivo incendio nunca exhausta fonte.

## XXII.

Desafiando o alto Ceo , e estrellas ,  
 Com mil bombas de fogo levantadas ,  
 Cometas lança ao ar , vendo-se entre ellas  
 As brancas cabelleiras inflammadas :  
 Que não podendo as chammas acendellas  
 Nas altas grenhas nunca penteadas ,  
 Se vê de longe com distancia breve  
 Na boca fogo , nos cabellos neve.

## XXIII.

Aqui chegamos, quando o Sol dourado  
Para os braços de Thetis já descia,  
De Phlegon, e de Eoo arrebatado,  
Que levaõ a fenecer nelles o dia:  
O Ceo compunha Vespero inclinado,  
E as estrellas por tochas acendia,  
Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occidente  
Morre por ir nascer entre outra gente.

## XXIV.

N'um porto entrei, que em seu regaço o monte  
Lylibeo fórma, e quando se apressava  
O Sol para sahir sobre o horizonte,  
Eu do dia os crepusculos pizava:  
Subo, e hum grande rebanho vi defronte,  
Que os estendidos valles occupava,  
Cheguei, imaginando que acharia  
Favor na gente, amparo, e companhia.

## XXV.

Já sahiaõ pizando os corredores  
Do Sol as pardas nuvens, ainda escuras,  
Ferindo c'os primeiros resplandores  
Dos empinados montes as alturas:  
A Aurora já nos prados, e nas flores  
Erperdigando vay perolas puras,  
Com que taõ liberal do humor celeste  
Doura o Ceo, orna o campo, as flores veste.

## XXVI.

Quando seu manso gado apascentando,  
 Mais de perto hum pastor se me offerece,  
 Que nos robustos membros imitando  
 Hum monte, hum vivo monte me parece:  
 Hum natural cometa scintillando  
 Da levantada testa resplandece,  
 De pelles he o vestido, a que hum pezado  
 Pinho serve de arrimo, e de cajado.

## XXVII.

Nas ondas imitava o denegrado  
 Cabello as de Cocyto, que não sente  
 Cultura, antes hirsuto, e retorcido  
 Sobre os hombros lhe cáe naturalmente:  
 Do queixo prodigioso dividido  
 Em duas se despenha huma corrente  
 Da intonsa barba, que correndo immunda,  
 Prodigamente o largo peito inunda.

## XXVIII.

Sete desiguaes canas ajuntára,  
 Que como orgãos unio com molle cera,  
 Onde do ar a região mais clara  
 O duro som com grave alento altera:  
 O grande estrondo, que nos montes pára,  
 Rompe o silencio, e a resposta espera,  
 Com que Echo, que escutando está defronte,  
 Mostrava que tem alma, e voz o monte.

## XXIX.

Neste instrumento horrisono applicava  
A boca, por dar vida ao instrumento,  
Onde alternando os dedos o animava,  
Dando-lhe voz c'o som, alma c'o alento:  
Tocando as canas desiguaes soava,  
Ora em agudo, e ora em grave accento  
Por Galatéa, que nas aguas mora,  
Sem dar repouso á fistula sonora.

## XXX.

A alma ferida, e abrazada tinha  
Por Galatéa, que abrandar deseja,  
A contar-lhe sua dôr, e os males vinha,  
De que foy causa huma amorosa inveja:  
Onde Lyparis claro ao mar caminha,  
E onde espera que della ouvido seja,  
Namorado dizia: (eu entre tanto  
Me paro a ouvir o desusado canto.)

## XXXI.

Galatéa formosa, em cuja neve  
Achou principio o fogo peregrino,  
Que me soube abraçar, e a culpa teve  
Deste meu amoroso desatino:  
Se me queres matar, e a amor se deve  
Matar-me, do teu ouro crespo, e fino  
Hum laço me darás, bella homicida,  
Onde suspendas co'a esperança a vida.

## XXXII.

A ti no prado imita a pura rosa ,  
 Quando quer exceder-se na belleza ,  
 Por ti retrata , como mais formosa ,  
 As que mais bellas faz a natureza :  
 Ouve esta triste voz , que he só ditosa  
 Quando tua graça canta ; e gentileza ,  
 Que por vangloria sua amor ordena ,  
 Que teus louvores cante , e minha pena.

## XXXIII.

Esta ribeira com te ver florece ,  
 Adonde de Amaltea se derrama  
 A copia , que tua luz , quando apparece ,  
 Anima as flores , e este prado imflamma :  
 Nasce a flor , abre a rosa , a planta cresce ,  
 Só triste chora quem te busca , e ama ,  
 Perde o sentido quem te vê presente ,  
 E dás sentido a hum monte , que não sente.

## XXXIV.

Se abres os bellos olhos , n'um momento  
 O Ceo se alegra , e doura , e te namora ,  
 As pardas nuvens fogem , o bravo vento  
 Se recolhe nas grutas , onde mora :  
 Rouba o teu peregrino movimento  
 O officio , e o poder á branca Aurora  
 Flores abrindo , as conchas deste rio  
 Perolas geraõ , sem colher rocio.

## XXXV.

Vivo, imiga, de ver-te, e quando vejo  
 De teus olhos a pura claridade,  
 Não quero mais da sorte, nem desejo  
 Mór premio da perdida liberdade:  
 E Amor (pois me não mata amor sobejo)  
 Quer sem te ver matar-me de saudade,  
 Com nova tyrannia amor me trata,  
 Se me matar, sem ver a quem me mata.

## XXXVI.

Se tantos males soffro, ó Galatea,  
 Tambem me soffre que t'os cante, e conte;  
 Cansada deste rio á mansa vea,  
 Cansadas tenho as grutas deste monte:  
 Ah quem, para que a pena se lhe crea,  
 Te mostrara no espelho desta fonte  
 O ardente coração, firme, e seguro  
 Mais que os rochedos, mais que as ondas puro!

## XXXVII.

Dizei, com verdes folhas arvoredos,  
 (Que são linguas do monte) o que me ouvistes,  
 De que fiei a fé de meus segredos,  
 E a cujos troncos dei lagrimas tristes:  
 Dizei-o vós, ó concavos penedos,  
 Quantas vezes as queixas repetistes  
 De minha imiga, e o eco, que me ouvia,  
 A ultima voz = imiga = repetia.

## XXXVIII.

A neve he escura, ó Galatea formosa,  
 E sem côr o rubi mais abrazado,  
 A çafira sem luz, sem graça a rosa,  
 E o ouro a par de ti menos dourado:  
 Que em tua alvura, e boca graciosa,  
 Olhos, e face, e nesse longo ondado  
 Cabello guarda amor em môr thesouro,  
 Neve, rubi, çafira, rosa, e ouro.

## XXXIX.

Quando por cima da divina prata,  
 Galatêa, o cabello de ouro estendes,  
 N'um só fio, que o vento te desata,  
 Mil almas atas, mil vontades prendes:  
 A minha, que desprezas, como ingrata,  
 Em te amar só se vinga, e se te offendes,  
 A culpa de offender-te, e de enojar-te,  
 Paga offendendo com de novo amar-te.

## XL.

De teus raros extremos de belleza  
 Os mesmos elementos se namoraõ,  
 Perdem vendo-te os ventos a braveza,  
 Como Deosa do mar todos te adoraõ:  
 Minha constancia, e tua gentileza  
 Dous prodigios iguaes, e raros foraõ,  
 Que ambos nos fez dous monstros a ventura,  
 A mim de amor, a ti de formosura.

## XLI.

Hum dia junto ao mar te estavas vendo  
Nos cristaes da agua pura, e socegada,  
Alli amor me fazia estar temendo,  
Que ficasses de ver-te namorada:  
Mas ah Ninfa, que digo, que te offendo,  
Que não podes em flor ver-te mudada,  
Porque quando este caso te aconteça,  
Não tem o prado flor, que te mereça.

## XLII.

Gostos desacordado estou sonhando,  
Abrindo as portas d'alma a pensamentos,  
E Acis em teu regaço alegre, e brando  
A cabeça reclina, e braços lentos:  
Não he novo hum ditoso estar gozando  
Do infelice os vãos contentamentos,  
Não lhe invejo a riqueza, ou formosura,  
Só lhe invejo, se o amas, a ventura.

## XLIII.

Ha pouco que levando o manso gado  
Junto das fraldas deste fresco monte,  
Me vi de membros bem proporcionado  
No cristal puro de huma clara fonte:  
Que o grande olho do Ceo, do Sol dourado,  
Imita este, que me honra a altiva fronte,  
E toco quando subo a este rochedo  
As nuvens co'a cabeça, o Ceo c'o dedo.

## XLIV.

Que tigre, que leoa embravecida  
 Me estorvou que seus filhos lhe levasse  
 Das tetas, e apoz isso a mesma vida,  
 Se resistio, nas mãos me não deixasse?  
 E qual na velocissima corrida  
 Houve ligeiro cervo, que escapasse  
 De dar a dura testa, carregada  
 Das armas, de que foy vâmente armada?

## XLV.

De quanto o monte tem, serás senhora,  
 De quanto veste ao prado de alegria:  
 Que roxinol, que os valles, onde mora,  
 Enche de suavissima harmonia;  
 Qual rosa, que abre Abril, filha da Aurora:  
 Qual pomo, que horta mais vedada cria,  
 Não verás nessa mão divina, adonde  
 Seu poder a fortuna, e amor esconde?

## XLVI.

Aqui, pescando as trutas mais sab'rosas,  
 Verdes naças no rio esconderemos,  
 Eu n'um barco ligeiro as vagarosas  
 Ondas cortando irei com duros remos:  
 Ora os curvos enzoes das mentirosas  
 Iscas ao doce engano cobriremos,  
 Offerecendo aos peixes na comida  
 Entre a sab'rosa dôr morte escondida.

## XLVII.

Acis he hum pastor effeminado,  
 E dono vil de huma manada pobre,  
 Não póde ser comigo comparado,  
 Cujos rebauhos tantos montes cobre:  
 De Neptunio, que regé o mar salgado,  
 Sou filho, quem mais rico, e quem mais nobre?  
 Ficarás deste mar sendo senhora,  
 Do filho esposa, e de Neptunio mora.

## XLVIII.

Quando, Ninfa cruel, para matar-me te resolvei  
 A este grande amor não correspondás,  
 Não entendas que podes escápar-me,  
 Por mais que no profundo mar te escondas:  
 Que espero por gozar-te, e por vingar-me  
 Tirar-te nestes braços dessas ondas,  
 E se já o não tenho executado,  
 He porque não quera amor forçado.

## XLIX.

Assim cantava o monstro, e quando ouvia  
 O som da roucha frauta, que tocara,  
 Tudo notando fuy, tudo escrevia  
 Por cousa grande, e maravilha rara:  
 No verde papel das plantas lia  
 Queixas, e versos, que elle alli cortara,  
 E rouxe comigo a namorada historia,  
 A causa de a ter presente na memoria.

## LII

Vendo o coche do Sol, que declinava, e se ia  
 E que a porta do Occaso penetrando,  
 Se escondia no mar, se levantava,  
 Só c'os silvos os montes abalando:  
 Quando, os que me seguiaõ lhe mostrava,  
 A quem o monstro a voz encaminhando,  
 Com vista carregada, e importuna  
 Me diz: Quem és, vil parto da fortuna?

## LIIIX

Deves de ser sem falta algum pirata,  
 Que indo buscando mais remota terra,  
 Por te satisfazer da sorté ingrata  
 Querés roubar os gados desta serra:  
 Se Neptuno te vence, e desbarata,  
 Aqui c'um filho seu terás mór guerra:  
 Eu lhe respondo: O' Semideos Gigante,  
 Do mundo alta columna, novo Atlante;

## LIII

Nunca pirata fuy, nèm com desenho  
 De roubar naveguei; mas affligido,  
 Do mar, que ha muito exp'riméntado tenho,  
 Nestas prayas sahi roto, e perdido:  
 Do que pode escapar do fraco lenho  
 Este vaso offereço, e se atrevido  
 Te pareço em dar pouco, considera  
 A vontade, que he grande, e tudo dera.

## LIII.

Elle me respondeo: Quando a pobreza  
 De hum pastor te agradar, podes comigo  
 Ficar, em quanto Phebe em luz aceza  
 Descobre o rosto no silencio amigo:  
 Castanhas molles, puro leite a meza  
 Te honrarão. Do Gigante as plantas sigo,  
 A' porta chego, donde ao ar subia  
 Hum monte, que nas nuvens se escondia.

## LIV.

Vay o gado diante caminhando,  
 Até entrar nas entranhas d'umá serra,  
 E das grossas cadeas desatando  
 Hum disforme penedo, as portas serra:  
 Já o fogo se acende, que ondeando,  
 As sombras vence graves, e desterra,  
 Em pelles de animaes, em molle estrado  
 O monstro informe, e horrendo está prostrado.

## LV.

Já a cea se prepará, e das pezadas  
 Tetas de puro nectar enche hum tarro,  
 Desce os queijos frescaes das penduradas  
 Taboas, que rodas são de hum grande carro:  
 Estaõ as crueis mezas occupadas  
 De varios leites, n'um, e n'outro jarro.  
 Tu logo agradecido do que via  
 O fero monstro humilde assim dizia:

## LVI.

Dar amparo, e favor ao naufragante  
 Galardoça com premio peregrino  
 Jupiter. . . E sem ir mais adiante  
 Me replicou: Que grande desatino!  
 Eu não conheço a Jupiter Tonante;  
 Que sou mais forte que elle, e taõ divino.  
 Falas, ó nescio hospede, e importuno,  
 Com Polifemo filho de Neptuno.

## LVII.

Isto dizendo, estende o braço, e logo  
 Entre as mãos toma Lycio, e Amaranto,  
 Nellas os despedaça, sem que o rogo  
 Humilde lhe valesse, ou triste pranto:  
 Come huma parte, e outra sobre o fogo  
 Inda tremendo lança; e o grande espanto  
 Aos Gregos, que o cercavaõ, tem mudado  
 Do rosto a côr, o sangue congelado.

## LVIII.

De Diomedes já póde a graõ crueza  
 Parecer menos fera, e deshumana;  
 Quando affrontando a mesma natureza,  
 Pasto aos cavalloõs dá de carne humana;  
 Já não he cruel Lynco, que se preza  
 De degollar aos hospedes, que engana;  
 Que a torpe crueldade em mór extremo  
 Exercitava o bruto Polifemo.

## LIX. I

Já pelo escuro Ceo da fatigada  
 Noite os cavallo vão confusamente,  
 Fugindo á tocha Eoa, que a dourada  
 Carroga leva ao lucido Oriente:  
 Quando eu proprio na cea dilatada  
 Ministrava ao Cyclope o vinho ardente,  
 Que vay sentindo do licor suave  
 Turbada a voz, a vista grossa, e grave.

## LX. I

Serás, me disse, ó hospede famoso,  
 O ultimo, que mande ao triste inferno  
 Por te pagar este licor sabroso,  
 Que o nectar he de Jupiter eterno:  
 O mitimno suave, e o cheiroso  
 Faler... , e sem poder dizer, falerno;  
 Que as paláxras turbada lhe impedia  
 A lingua grossa, e ao sono se rendia.

## LXI. I

Profundamente o hirsuto monstro dorme  
 Sobre os despojos de animaes prostrado,  
 Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,  
 Semimorto, em lethafgo sepultado:  
 Toma alento dormindo em som disforme,  
 Que no escuro aposento dilatado  
 Mil écos fórma, e nelles representa  
 Trovaõ fero no ar, no mar, tormenta.

## LXII.

Eu, como se subira hum grande monte,  
 Sobre os peitos lhe estampo a dura planta,  
 E c'uma fera estaca sobre a fronte  
 Rompo a medonha luz, que o mundo espanta:  
 Elle, banhado da purpurea fonte,  
 O carregado corpo mal levanta;  
 Cae a esta parte, e aquella em furia acezo,  
 Sem poder sustentar seu grave pezo.

## LXIII.

Com graõ furor, co'as mãos pezadas toca  
 As feridas cruéis, e com intensa  
 Colera bebe o sangue a negra boca,  
 Que banha o largo peito, e barba densa:  
 Ferido, e cego, a furia se provoca,  
 Mal acordado cae co'a dôr immensa,  
 Representando o alto Pêlio, ou Ossa,  
 Brama com tom de voz horrenda, e grossa.

## LXIV.

Qual o touro encerrado, que ferido  
 Sacode a crespa, e temerosa fronte,  
 Em roda se vigia embravecido,  
 Acometendo quanto vê deffrente:  
 E c'um, e outro asperrimo mugido,  
 Por se tornar ao conhecido monte,  
 Co'as lanças, e reparos bravo enresta,  
 Bramindo, e inclinando a dura testa.

## LXV.

Tal na caverna o horrído Gigante  
 Co'as mãos a cova apalpa, em ira ardendo, A  
 Toma o bastão, e quanto têm diante,  
 Vay com furia, e bráveza desfazendo:  
 Dava hum, e outro brado penetrante,  
 Tomar ás mãos os Gregos não podendo,  
 Levanta a porta por tentar a face  
 Da duvidosa luz, que ao mundo nasce.

## LXVI.

De seus gritos, e vozes, espantados  
 Os animaes, nas covas se escendêrao,  
 Rompe o Abyssó á força de seus brados,  
 Onde ás furias a pena suspendêrao,  
 Com que Thifeo, e Encelado abrazados,  
 De Jupiter de novo estremecêrao,  
 E Charonte, que ouvió a Polifemo,  
 Largou das mãos o carregado remo.

## LXVII.

Se de seus polos firmes, e seguros  
 As esferas, que estão nelles cravadas,  
 Co'as cristallinas Zonas, e Coluros  
 Cahiraõ pelo ar despedaçadas,  
 Não fizeraõ o estrondo, que seus duros  
 Brados, e vozes fazem mal formadas,  
 Quando apagado o Cyclope presume  
 Ter na viuva testa o grande lume.

## LXVIII.

Dos maiores carneiros lhe tomamos  
 As frescas pelles, com que nos cobrimos,  
 Entre as rezes a vida aventuramos,  
 E a sahida da cova repetimos:  
 Nas mãos da sorte, e suas entregamos,  
 A vida, e por ventura sem fim sahimos,  
 Só Licaonte achou na boca escura,  
 E largo ventre morte, e sepultura.

## LXIX.

Em suas mãos sem partes se rasgavaõ,  
 Seus membros, e entre os dentes se sentiaõ  
 Ranger os duros ossos, que estalavaõ,  
 Comendo as nnuas carnes, que tremiaõ:  
 Co'as estacas, que a testa penetraõ,  
 Onde caminhõ á fria morte abriaõ,  
 Vertendo negro humor, fóra sahia,  
 Nesta horrenda apparencia nos seguiaõ.

## LXX.

Espera, diz, ó hospede insolente,  
 Espera, acabarás o que intentaste,  
 Que a hum filho do que rege o grão Tridente,  
 Em noite eterna vivo sepultaste:  
 Sendo taõ animoso, e taõ valente  
 Naõ fujas; pois da vista me privaste,  
 Me acaba de matar, que naõ espero  
 Outro favor de ti, nem outro quero.

## LXXI.

Monstro fero, lhe digo, não te espante,  
 Se neste braço a pena merecida  
 Achaste, que a fereza d'um Gigante  
 Dos Deoses muitas vezes foy vencida:  
 Assim castigar sabe o graõ Tonante  
 Essa alma tua ingrata, e fementida;  
 Que o sangue humano, em que fartaste a sede,  
 Este castigo, esta vingança pede.

## LXXII.

Pódes de tua morte gloriar-te,  
 Se nella ha cousa, que não seja fea,  
 Que teu hospede foy, para matar-te,  
 O filho de Laerte, e de Anticlea:  
 Sabe que Ulysses sou, e quiz pagar-te  
 Desta maneira aquella ultima cea,  
 Quando para matar a sede insana  
 Te vi fartar de sangue, e carne humana.

## LXXIII.

Ah traidor, me torna elle, que Telemo  
 Me tinha este graõ mal pronosticado,  
 Dizia-me: Não dês, ó Polifemo,  
 A Grego algum amparo, ou gazalhado:  
 Mas como não te estimo, nem te temo,  
 Vendo-te em tal miseria, e tal estado,  
 Te agasalhei, infame peregrino,  
 Que a tudo acha caminhos o destino.

## LXXIV.

Ao bosque logo os bracos convertia ,  
 E ás enzinhas robustas, que cravadas  
 Até o centro estaõ , faz ver o dia ,  
 Mostrando-lhe as raizes arrancadas :  
 Aliviado o monte se sentia  
 Do pezo de suas plantas carregadas ,  
 A que o duro Cyclope com violento  
 Furor cortar fazia o bravo vento.

## LXXV.

Apartaõ-se os navios , naõ soffrendo  
 Os golpes , que do alto o mar feriaõ ,  
 Que em cada tiro , que cahia horrendo ,  
 Huma voragem té o centro abriaõ ,  
 Com que as ondas em circulos fervendo  
 Remuinhos altissimos faziaõ ,  
 E por fugir ao duro Polifemo  
 As crespas ondas fere o grave remo.

## LXXVI.

Qual Garça que no rio passeando ,  
 Sentindo o caçador , que está escondido ,  
 Porque do arco a setta atravessando ,  
 Leve primeiro a morte , que o ruido ,  
 Acautelada em roda vigiando  
 Co'a prompta vista está , c'o colo erguido ,  
 E antes que o caçador astuto aponte ,  
 Voando excede ao mais altivo monte :

## LXXVII.

Tal huma, e outra não, volátil ave,  
 Abrindo as azas vay, porque a serena  
 Aura, que respirava mais suave,  
 Enchesse os seys de tecida pena:  
 Das ancoras se leva o pezo grave,  
 Ao alto se levanta a negra antena,  
 Por salvar do perigo a vida cara  
 Deixo as terras crueis, e costa avara.

## LXXVIII.

Elle da viva rocha (que pendia  
 Sobre o espelho do mar, onde toucava  
 A descomposta, e tosca penedia,  
 Que em natural desordem concertava)  
 Huma graõ parte toma, o mar feria  
 Com pezados penedos, que arrancava,  
 E sobre as náos, que sente estar defronte,  
 Hum monte faz voar traz d'outro monte.

## LXXIX.

Hiaõ-se as náos ligeiras apartando,  
 Fugindo aos duros golpes, que desciaõ,  
 Co'as velas, e co'a proa o ar cortando,  
 E o campo azul do mar c'o remo abriaõ:  
 Quando de longe se hiaõ divisando,  
 Outros feros Gigantes, que se viaõ  
 Andar com Polifemo pelas prayas,  
 Vivos cyprestes, e animadas fayas.

## LXXX.

Já cada qual das náos desapparece :  
 Polifemo , que senté como ás velas :  
 O porto deixaõ , grita , e se embravece  
 Desejando vingár-se , e desfaze-las :  
 Com grandes golpes sobre ás ondas dece  
 C'o bastaõ duro , e no mais alto dellas  
 Entra , e onde mais fundo o pego estava ,  
 As espaldas apenas lhe molhava .

## LXXXI.

Té alli nos foy seguindo , e naõ podendo  
 Hir adiante , pára , e naõ atina  
 Para que parte as velas vaõ correndo ,  
 E o que devê seguir mal determina :  
 Atroa o mar c'um tom de voz horrendo ,  
 Neptuno fóra da agua cristallina  
 Bota a cabeça , e arder se via logo  
 O Rey dos mares n'outro mar de fogo .

## LXXXII.

Entaõ diz o Gigante : O' soberano  
 Rey das ceruleas ondas , que o profundo  
 Habitas , e c'os bragos do Oceano  
 Cinges a grande machina do mundo :  
 Aqui teu filho tens de furia insano ,  
 Que em tuas aguas lava o sangue imundo ,  
 De que banhado estou , e quasi exangue  
 Botando n'um mar d'agua hum mar de sangue .

## LXXXIII.

Desprezando o poder do teu Tridente,  
As altas ondas deste fundo pégo  
Com insolentes armas insolente  
Ousado corta hum victorioso Grego:  
Por morte mais cruel; e mais vehemente  
Me deixou vivo, se ficando cego  
Vivo fiquei, que em dor taõ excessiva  
Naõ me tenho por vivo, ainda que viva:

## LXXXIV.

Ouvio-o o graõ Neptuno, commovido  
Do amor de pay, e para as náos olhava,  
E o odio que tem n'alma concebido,  
Já nos fogosos olhos scintillava:  
E co'a magoa do filho ver ferido  
A longa barba pela maõ passava;  
E falando entre dentes enojado,  
No fundo se escondeo do mar salgado.

## LXXXV.

Era de noite, e o séu immundo armento  
Protheo nas fundas grutas escondera,  
Repousando os delfins, dormia o vento,  
Cansada a natureza a luz espera:  
Rompendo as náos o humido elemento  
Cynthia argentava a superior esfera,  
E o mar, que as brandas ondas encrespava,  
Da Lua a imagem trémula imitava.

## LXXXVI.

No levantado Polo que apparece  
 Com vista prompta vou na noite escura,  
 Donde Hé'ice formosa resplandece  
 De Ursa immortal na celestial figura:  
 Vendo o tardo Boote como dece  
 Rodeando em seu plaustro a Cynosura,  
 Temendo que Neptuno com mór furia  
 Vingue de Polifemo a nova injuria.

## LXXXVII.

Naõ tardou muito espaço, quando vemos  
 Em altos valles todo o mar cavado,  
 As velas rompe, o goroupés, e os remos  
 O vento de braveza, e furia armado:  
 Já co'a humana força naõ podemos  
 Vencer, e no trabalho acostumado  
 Os marinheiros erraõ voz, e intentos,  
 Entre as vozes, que daõ na enxarcia os ventos.

## LXXXVIII.

Huma nuvem de horror no ar se estende,  
 Que o Ceo cobria, e todo o mar se altera,  
 A não abrindo, c'os balanços pende,  
 Da jornada, e da vida o fim se espera:  
 Dos fogos, com que em roda o ar se acende.  
 Tremia o fogo em sua mesma esfera,  
 Aqui enxergamos d'um cabello azida  
 A esperanza sem fim, e o fim da vida.

## LXXXIX.

Logo Cyllenio os ares vem cortando,  
 E dos mares abranda o movimento,  
 A Armada impelle, as ondas apartando,  
 E em popa nos ajuda alegre o vento:  
 Quando a luz duvidosa vem mostrando  
 O Sol minino ainda somnolento,  
 Este famoso porto apparecia,  
 Onde o vento forçados nos metia.

## XC.

Estas fortunas asperas passamos,  
 Trabalhos nunca de outrem padecidos,  
 Por entre os largos mares, que cortamos,  
 Entre as ceruleas ondas submergidos:  
 Cé chegar a este porto, onde esperamos  
 Ver por vós, bella Cyrce, socorridos,  
 Certo amparo, e firmissima coluna  
 Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

## XCI.

Aqui deo fim Ulysses valeroso  
 A navegaçãõ grande, que fizera,  
 Em repouso os sentidos mais sab'roso,  
 O que resta da noite, suspendera:  
 Contraõ no paço illustre, e sumptuoso,  
 Sua riqueza em Chypre, e em Cythera  
 Nunca para seus gostos teve junta  
 Rainha de Papho, e de Amatunta.

## XCII.

Em toda a casa as tochas cento a cento  
 Ardendo estaõ, que o ar alumiaavaõ,  
 A noite desterrando do aposento  
 Nas luzes, com que as sombras illustravaõ:  
 Os panos, das paredes ornamento,  
 De ouro, e de varias sedas, igualavaõ  
 Os de agulha prolixa debuxados,  
 Em lavor Babylonico lavrados.

## XCIII.

Aqui ardia em fogo mais suave  
 A odorifera lenha, que destina  
 A' sua pyra de Arabia a immortal ave,  
 Quando nascer no fogo determina:  
 Enchem de nobre fumo a sombra grave  
 As lagrimas, que chora a peregrina  
 Cinara, e no aposento mais secreto  
 Ardiaõ de Hybla as plantas, e de Hymeto.

## XCIV.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiva,  
 O Indo adusto, o Arabe ditoso,  
 Que em suas penhas tem Attica altiva,  
 Hesperia guarda em seu jardim famoso:  
 Quanto Pindo produz, quanto a lasciva  
 Chypre cria mais puro, e mais cheiroso,  
 O rico estrada cobre, co'as melhores,  
 Vindas de estranhos Ceos, barbaras flores.

## XCV.

Huma formosa alcova alli se via,  
Que ornaõ tapeçarias do Oriente,  
Fadiga peregrina, aonde ardia  
Com lavor Persio a Tiria cõr ardente:  
Huma cama entre todas excedia  
Tudo o que ha mais custoso, e excellente,  
Com agulha da China debuxada  
Dos labores de Aracnes delicada.

## XCVI.

Tres vezes pela ecliptica o dourado  
Apollo as duas metas da alta esfera  
Visitara, e outras tantas abrazado  
No Caõ celeste o Sirio fogo ardera:  
Quando a Ulysses com Cyrce descuidado  
A bella filha de Thaumante espera,  
E da rosada nuvem, que vestia,  
Com boca, e rosto alegre lhe dizia:

## XCVII.

Que alto descuido, ó Capitaõ famoso,  
Te detem de Penélope esquecido,  
Entre tantos cuidados ocioso,  
Entre enganosos bens taõ mal perdido?  
Naõ vives de Telemaco saudoso?  
Qual n'um deserto em ti proprio escondido,  
Occultando-te ao Fado, que te chama,  
Perdes por gosto breve eterna fama.

## XCVIII.

Rompe a tardança , é laço diamantino ,  
 Que o Ceo to manda , e na futura idade  
 Mostra por entre sombras do destino  
 Grandes cousas de ti na eternidade :  
 Onde ao mar entra o claro Lybistino ,  
 Fundarás hum emporio , huma Cidade ,  
 A cujo Sceptro sua riqueza propria  
 Renderá Persia , Arabia , e Ethiopia .

## XCIX.

Deixa amores de Cyrce , deixa enganos ,  
 Que Juno seus favores te offerece ,  
 E Venus entre os Deoses soberanos  
 Tuas illustres obras engrandece :  
 Que arrependida dos passados danos  
 Te procura ajudar , porque cõhece  
 Que ainda ha de esquecer por Lusitania  
 Os abrazados muros de Dardania .

## C.

Disse , e com iguaes azas vai cortando  
 Os diafanos ares , e o valente  
 Grego seu graõ descuido está accusando ,  
 E seu cuidado accusa juntamente ,  
 Como se partiria imaginando ,  
 Onde enleado na alta dôr , que sente ,  
 Cyrce o achou , e a alma lhe penetra  
 A embaixada , que a filha deo de Eletra .

## CI.

Bem sei que Juno , diz , minha inimiga ,  
Tua partida , e a morte me deseja ,  
Naõ basta que a fortuna me persiga ,  
Sem tambem perseguir-me a sua inveja :  
Já que a falar sua paixãõ me obriga ,  
Naõ he razaõ que taõ divina seja ,  
Que naõ foy falsa a nuvem , e sombra leve ,  
Quando o Rey de Thessalia em braços teve.

## CII.

He costume no mundo inveterado ,  
Que o defeito de hum grande nos parece  
Digno de ser cuberto , e ser louvado ,  
E só no humilde o crime se conhece :  
Cada qual com seus vicios abraçado  
Põe-lhe outro nome , e nelles envelhece ,  
Parece o que está em alto mais perfeito ,  
Que encobre co'a distancia o mór defeito.

## CIII.

Vai , grande Ulysses , aonde o Ceo te chama ,  
Que eu chorarei a minha infausta sorte ,  
Historia ao mundo dá , materia á fama ,  
Refira-se em tuas glorias minha morte . . .  
Assim chorava , qual a verde rama ,  
Que chora , e arde em fogo intenso , e forte ,  
Entre arder , e esperar lagrimas perde ;  
Que amor he fogo , e a esperanza he verde.

## CIV.

Mal te posso esconder , Cyrce formosa ,  
Ulysses diz , esta fatal partida ,  
Nem desta alma a ferida saudosa ,  
Sendo as lagrimas sangue da ferida :  
Tu sabes qual he a causa , e quaõ forçosa ,  
Que naõ ignora cousa taõ sabida  
Quem do Sol os trabalhos mede , e sabe ,  
E o que da Ursa ao polo opposto cabe.

## CV.

Póde o Fado apartar-me injusto , e forte ,  
Mas naõ fará , que quem seus males sente ,  
Naõ torne á doce vida , e doce morte ,  
Na prizaõ , aonde estava taõ contente :  
Naõ se muda o amor , muda-se a sorte ,  
Dorme a memoria do que vive ausente ,  
Se ama naõ dorme , que este sentimento  
Naõ consente repouzo ao pensamento.

## CVI.

Entende o Grego em reparar a Armada ,  
Com elle toda a Grega companhia  
Se dispõe a partir-se alvorçada ,  
Só Cyrce n'alma esconde o que sentia :  
Sendo a primeira magoa já passada ,  
Da partida contente se fingia ,  
E tendo a culpa de seu mal taõ viva ,  
Trata só de entreter sua dôr esquiva.

## CVII.

Para hum retrete o leva, onde detinha  
A vista nas pinturas exquisitas  
De historias, que o pincel insigne tinha.  
Em viva, e muda poesia escritas:  
Alli, Phebo, correndo a aurea linha  
Das doze casas, que com a luz visitas,  
Vias cahir o que teu carro infama,  
Dando co'a morté ao Pado eterna fama.

## CVIII.

Mostra-lhe logo ña primeira idea  
O mundo n'um confuso chaos, e escuro,  
E que daquella massa informe, e fea  
He o Sol alma immortal formoso, e puro?  
Alli se vêm Melissa, e Amalthea  
Criar ao grande Jupiter, e o duro  
Saturno, que com sua eterna fome  
Os filhos, que gerara, irado come.

## CIX.

Descobre-lhe outro quadro, onde a pintura  
Hum edificio de obra sumptuosa  
Mostra, que abriu té o centro a terra dura  
Por se esconder na esfera luminosa:  
Sustenta os capiteis de prata pura,  
De diamante a parede alta, e lustrosa,  
Donde hum clarim perpetuamente chama  
Aos que aspiraõ gozar de eterna fama.

## CX.

Esta parte, lhe diz, sublime, adonde,  
 Affrontando do Ceo as luzes bellas,  
 A altiva testa o grande Olympo esconde  
 Coroada dos rayos das estrellas,  
 O alcaçar he da Fama, que responde  
 Ao sitio nas grandezas, que de vê-las  
 Co'a nobre architectura do aposento  
 Suspende a vista, enleva o pensamento.

## CXI.

As janellas abertas, e patentes,  
 E as aureas portas nunca estaõ cerradas,  
 Que de varias nações, e varias gèntes  
 Dia, e noite se vêm sempre occupadas:  
 De correys, e espias differentes  
 De regiões das nossas apartadas  
 O inconstante rumor, que dentro habita,  
 As entradas dispensa, e facilita.

## CXII.

Sobre huma nuvem lucida, e dourada  
 Tem a Fama seu alto, e nobre assento,  
 Onde a luz de Pyropos abrazada  
 Vence as luzes do ethereo firmamento:  
 Daqui sae com carreira acelerada,  
 Abrindo as azas ao ligeiro vento,  
 Que a toda a hora nas regiões serenas  
 Do ar voando estende as aureas pennas.

## CXIII:

Duas trompas sustenta nos nervosos  
Braços, a que dá alento peregrino,  
E dobrando-se os ecos portentosos  
No mundo todo soa o metal fino:  
Com mil linguas os casos duvidosos  
Publica, e logo com buril divino,  
Porque os futuros seculos espante,  
Os lavra em taboas de ouro, e de diamante.

## CXIV:

Junto a seus pés está assentada a historia,  
Rodeada de livros, onde escreve  
Feitos, que dignos são de eterna gloria,  
A que offender a idade não se atreve:  
Seus archivos, e annaes guarda a memoria,  
Tem ante si prostrado o Tempo leve  
A inimiga Fortuna, a Morte escura,  
A que com a planta opprime a cerviz dura.

## CXV:

Outras muitas estancias occupadas  
Se vêm de altos varões, que as merecidas  
Coroas tem por obras estremadas,  
Dando caducas por eternas vidas:  
E os que em segura paz com leys sagradas,  
Como com muros, deixaõ guarnecidas  
As terras, ou co'a penna o Ceo tocando  
No aposento da Fama entraõ voando.

## CXVI.

Varios retratos nas paredes pendem  
De matronas insignes, que a pintura  
Taõ vivas mostra, que co'a vista acendem  
Desejos de imitar sua formosura:  
Com eloquencia muda alli reprimem  
As da idade presente, e da futura,  
Que sem buscar da Fama o claro assento,  
Na sombra estaõ do bruto esquecimento.

## CXVII.

Este castello em roda está cercado  
De arduos caminhos, onde vaõ subindo  
Os que com justo passo acelerado  
A' eterna fama vaõ caminho abrindo:  
Aqui tambem lugar terás guardado,  
Onde essa altiva fronte irá cingindo  
A coroa, que as folhas naõ perdeo,  
Da gloriosa planta de Peneo.

## CXVIII.

Descobre logo hum mapa, onde abraçada  
Tem consigo Neptuno a redondeza,  
De plantas, feras, e aves variada,  
Que o variar faz bella a natureza:  
Aqui lhe mostra a terra dilatada,  
A quem do eterno lume a tocha aceza  
Do Sol illustra, e nella as descubertas  
Partes, e as que inda temos por incertas.

## CXIX.

Vês como com seus braços, lhe dizia,  
 A terra cinge o tumido Oceano,  
 Aqui Africa está, que as feras cria,  
 Dos fins de Grecia ao freto Guaditano:  
 Aqui he Asia, donde nasce o dia,  
 Cujo alto imperio o Nilo do Africano  
 Divide, e a verde Europa mais ávante  
 De Tanais até o largo mar de Atlante.

## CXX.

Aqui se vê na Europa alta, e famosa  
 Grecia rica das aguas de Castalia,  
 O Illirico, e Panonia poderosa,  
 Entre o mar de Adria, e Thusco mar, Italia:  
 Aqui a Thracia em rios caudalosa,  
 Aqui os lyrios da abundante Gallia,  
 Entre o Rheno, e Danubio a graõ Germania,  
 Aqui a Hesperia, e logo a Lusitania.

## CXXI.

Languando a voz do peito alto, e facundo  
 Cyree prosegue: O não mudavel Fado  
 Nesta parte, que he ultima do mundo,  
 Onde no mar se banha o Sol dourado,  
 Onde começa o Oceano profundo,  
 Entrando nelle o Tejo taõ inchado  
 Com curso taõ soberbo, e absoluto,  
 Que mostra dar-lhe leys, e não tributo;

## CXXII.

Aqui te manda o Ceo buscar a terra  
 Por este profundissimo rodeyo,  
 Onde tanto perigo, e morte encerra  
 O graõ Neptuno no ceruleo seyo:  
 Por duros casos, e sanguinea guerra  
 Conquistarás a terra, e Reyno alheyo,  
 Descanso tinhas cá, sem ser buscado,  
 Sem c'o sangue das veyas ser comprado.

## CXXIII.

Foges de mim ao som d'um doce engano  
 Para buscar repouso taõ custoso,  
 Vida entregando, e velas ao Oceano,  
 A Ceo estranho, e mar tempestuoso,  
 Por largos erros de caminho insano,  
 Tendo aqui vida, e estado poderoso,  
 Trocando com voutade pouco experta,  
 Por incerta fortuna esta mais certa.

## CXXIV.

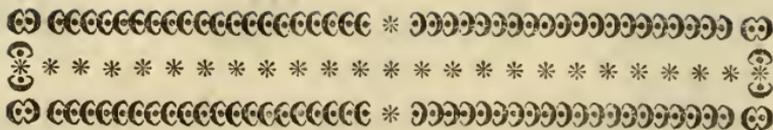
Scylla ouvirás, e o canto doce, e brando  
 Das Sereas, dos nautas taõ temido,  
 Chegarás aonde as portas vay cerrando  
 Ao trato humano Alcides atrevido:  
 Depois de andar no largo mar errando,  
 Verás o Tejo, tendo dividido  
 As ondas do Oceano, a quem refrea  
 Jupiter com grilhões de branca area.

## CXXV.

Aqui neste lugar os nobres muros  
Levantará com gloria, a que tremendo  
Todo o Oriente em seculos futuros  
Inclinará a cerviz obedecendo :  
Quando ao mundo nascerem aquelles puros  
Espiritos, que o Elysio está detendo,  
Até que o tempo vagaroso, e lento  
Traga o dia a seu claro nascimento.

## CXXVI.

Daraõ á graõ Lisboa descendentes,  
Que dilatem co'a vida o novo imperio  
Até as casas do Sol, e nas ardentes  
Areas de Asia escrevaõ o nome Hesperio :  
Affrontaráõ com animos valentes  
O frio, e ardentissimo hemisferio,  
Ficando o mundo todo campo estreito  
A hum Reyno só de mil Imperios feito.



# U L Y S S É A.

## C A N T O Q U A R T O.



### A R G U M E N T O.

*Desce Ulysses ao centro acompanhado  
De Cyrce, que lhe mostra o escuro Averno,  
Vê as ideas no Elysio, a quem o Fado  
De Lisboa guardou o alto governo:  
Vio Anticlea, e porque o Sol dourado  
Sahir queria, deixa o triste inferno,  
E da sombra, que occupa a gente morta,  
Ao mundo torna pela eburnea porta.*

I.

**E**m fogo honroso Ulysses se abrazava,  
Ouvindo os Reys, que Cyrce referia,  
Quer aos campos descer, que a Estige lava,  
Onde ver Anticlea poderia:  
Difficultades Cyrce excogitava,  
E em vaõ de seu intento o divertia  
Com razões, com que entrar lhe naõ permite  
No escuro Reyno do severo Dite.

## II.

Ella as occultas causas lhe declara.  
Insta Ulysses com animo seguro,  
Concede-me o que peço, ó Deosa cara,  
Filha do mesmo Sol, formoso, e puro:  
Nisso, diz ella, ó Capitaõ, repara  
Que poder penetrar o Reyno escuro  
He cousa grande, a poucos concedida,  
Os que gozamos a aura desta vida.

## III.

Naõ basta peito, e coraçãõ constante;  
Que o peito, e coraçãõ mais animoso  
Naõ tem para soffrer força bastante  
Do Cerbero o latido temeroso:  
Tentar do Inferno os muros de diamante,  
De ondas de fogo hum mar tempestuoso,  
Hydras, furias, ministros de tormento,  
Èxcede todo o humano atrevimento.

## IV.

Amo-te, Ulysses, muito, e naõ quizera  
(Posto que andas tratando da partida)  
Que algum mal, ou perigo succedera  
A huma prenda desta alma taõ querida:  
Nada, diz elle, o coraçãõ me altera  
O perigo, que póde ter a vida;  
Antes será mostrar animo forte  
Hir buscar a sua casa a mesma morte.

## V.

Cyrce por dar-lhe gosto se prepara,  
 E já intumece c'ò furor do esp'rito,  
 Toma hum livro nas mãos, logo huma vara,  
 Com que as aguas enfrea de Cocyto:  
 Depois que variamente o livro olhara  
 De caracteres barbaros escrito,  
 Detem a aguda vista na pintura,  
 E olhando ao Ceo com rouca voz murmura.

## VI.

Logo sobe n'um carro, que levado  
 De dous grifos se vai da terra erguendo,  
 Que abrem batendo as azas o ar delgado  
 C'ò altivo collo ás nuvens excedendo:  
 A redea Cyrce leva, o acelerado  
 Carro já a terra inclina, e vai descendo,  
 E pela pura, e cristallina via  
 Cortando as rodas férvidas rompia.

## VII.

Toca de hum monte a testa levantada,  
 Que faz coluna ao Ceo co'as penhas graves,  
 A que co'a leve penna exercitada  
 Pódem mal arribar ligeiras aves:  
 Abaixo toa o Ceo da congelada  
 Espalda; acima os ares tem suaves,  
 Que da frente as gadelhas ornamento  
 Nem Iris molha, nem perturba o vento.

## VIII.

De escondidas cavernas sae brotando  
 Hum furibundo rio de agua escura,  
 Por voragens, e grutas exhalando  
 Ares horrendos de Mephite impura:  
 Alli o lago Averno está formando,  
 A que rodea a terra aspera, e dura,  
 As hervas mata, e em sua margem fria  
 Só venenosas serpes gera, e cria.

## IX.

Por entre duras penhas levantadas  
 Troncos hirsutos pelo ar se erguiaõ,  
 Das arvores dos rayos fulminadas  
 Secas, que verdes folhas naõ vestiaõ:  
 De Acroceraunia, e Phlegra as inflamadas  
 Rochas as deste monte pareciaõ,  
 Saõ as vozes, que se ouvem, de inclementes  
 Bufos, e mortaes silvos de serpentes.

## X.

Em pedagos pendentes os rochedos  
 Estaõ ruina eterna ameaçando,  
 E para naõ cahir altos penedos  
 As mãos, por sustentar-se, se estaõ dando:  
 Negros ares, e escuros arvoredos  
 Nunca vento suave respirando  
 Moveo, que a morte quiz, que alli de fóra  
 Lhe guarde o espanto as portas, onde mora.

## XI.

Este he o Cymerio monte coroado  
De hum sulfureo vapor, mortal, e eterno,  
Que o ar em roda deixa inficionado,  
E a negra boca faz do escuro Inferno:  
Onde o bosque medonho, e carregado  
De horrenda sombra cobre o lago Averno,  
Cujas exalações tristes, e graves  
Mataõ voando as fugitivas aves.

## XII.

Aqui chegado tinha a bella Eea,  
Solto o cabelo para traz ao vento,  
Na maõ a vara, com que da Febea  
Lampada faz parar o movimento,  
Com que de Phlegetonte o curso enfiea,  
Do abutre a fome, de Ixion o tormento,  
Faz que Ticio descanse, e a sede esquiva  
Tantalo apague na agua fugitiva.

## XIII.

As roupas apertando passeava  
Por entre as tristes sombras animosa,  
Hum negro touro a Hecate immolava,  
No Ceo, e grande Herebo poderosa;  
Os vasos de Lieo lhe derramava  
Na crespa fronte, e nella artificiosa  
Certas sedas escolhe, e dellas logo  
Faz sacrificio no faminto fogo.

## XIV.

Tartareo Jove (diz) do fogo eterno,  
 Que, porque o igneo mundo em vêr-te trema,  
 Te honraõ a testa, e rosto sempiterno,  
 Serpes feras por lucido diadema:  
 Tendo entre as sombras do temido Averno  
 Imperio, e dignidade taõ suprema,  
 Que o fogo que descer nunca pudéral,  
 Desce por ti de sua propria esfera:

## XV.

Proserpina triforme, triste esposa  
 Do graõ Plutaõ, em cuja monarchia  
 Coube a parte do mundo tenebrosa,  
 Que com seus rayos naõ visita o dia:  
 Eterna nõite aos homens temerõsa,  
 Filha de Chaos, em cuja sombra fria  
 Nocturnas aves as regiões serenas  
 Cortando vaõ com carregadas pennas:

## XVI.

Triste Cocyto, Phlegetonte escuro,  
 Que de Dite cercais a graõ cidade,  
 Cujõ alcaçar soberbo está seguro  
 Contra o poder da longa eternidade:  
 Enfermas casas, abrazado muro,  
 Moradas da fatal necessidade,  
 Inimigo do Sol Reyno do espanto,  
 Portas abri a meu forçoso encanto.

## XVII.

Vós, Radamanto, e Minos poderoso,  
 Deixai da urna leve o movimento,  
 Dai favor ao que peço, e o cavernoso  
 Inferno abri, e ignifero aposento,  
 Para que possa Ulysses valeroso  
 Entrar no escuro Reyno do tormento,  
 Eumenides horrendas, que tomastes  
 Vivo, intonso cabello de Cerastes.

## XVIII.

E tu, que as tristes almas vas passando,  
 Cujó pezado remo as ondas corta  
 Do Cocyto abrazado, navegando  
 Para o Reyno da morte a gente morta:  
 Tu, Cerbero indignado, que ladrando  
 Guardas o lumiar da ferrea porta,  
 Para que nessa regia taõ temida  
 Nada entrar possa, sem deixar a vida.

## XIX.

Se alguma cousa tenho merecido,  
 Sacros Numens, havendo convocado  
 Vossa deidade, e victima off'recido  
 No altar a vossos nomes dedicado:  
 Se de algum tenro infante desparzido  
 Vistes o puro sangue, que arrancado  
 Das tetas foy da mãy, ou propria ama,  
 Segui quem vos invoca, e quem vos chama.

## XX.

Vendo que tarda, hum circulo, e figura  
Em roda pinta, e nelle recolhida  
C'o pé descalço fere a terra dura,  
Contempla a luz de Phebe amortecida,  
Move a vara, que já da sombra escura  
Almas trouxe a informar com nova vida  
Seu primeiro cadaver, e levanta  
A voz, batendo a terra a dura planta.

## XXI.

Sentio Phebe o encanto, e de affrontada  
Encolhe os rayos, com que a noite arrea,  
De negras nuvens mostra rebugada  
A face, que imitava a luz Febea:  
Ficou a natureza perturbada,  
O Ceo torna-se escuro, a noite fea,  
Tudo se vê alterado de improviso,  
O Ceo, a bella Cynthia, o negro Abyssos.

## XXII.

Eis que o bosque se move, e o negro vento  
Ferve entre os ramos com mortal ruído,  
Treme a terra em seu proprio fundamento,  
Nos baixos valles, e no monte erguido:  
De passaros nocturnos o violento  
Gemido se ouve, e aspero latido  
Dos cães por entre a sombra, que mostrava,  
Que a seus rogos a Deosa se inclinava.

## XXIII.

Olhando para Ulysses lhe dizia :  
 Agora he occasiaõ , Grego famoso ,  
 D'outro esforço mayor , nova ousadia ,  
 Que hoje te importa mais ser valeroso :  
 Segue-me , e logo entrava , elle a seguia  
 Turbado o coraçãõ , mas naõ medroso ,  
 No punho a espada , e pela cova dentro  
 As sombras piza do temido centro.

## XXIV.

Agora , Clio , Euterpe , e Melpomene ,  
 Vosso favor espero , que me acuda ,  
 Que nas facundas aguas de Hypocrene  
 Deis voz sonora a minha lingua ruda :  
 Porque as penas sem orde' alguma , ordene  
 Da eterna noite , e desta sombra muda  
 Diga os segredos , que no seyo encerra  
 Prenhe de chammas a abrazada terra.

## XXV.

Já venciaõ com passo errante os medos  
 Da escura entrada , donde os carregados  
 Ramos de seus confusos arvoredos  
 Do ar ( por mór terror ) saõ meneados :  
 Quando chegaõ ao pé d'altos rochedos ,  
 Onde do lago Estigio os abrazados  
 Fogos , que da outra parte ao ar subiaõ ,  
 Sua corrente a espaços descobriaõ.

## XXVI.

Com esta escura luz se devisava  
 Hum batel, que atravessa lentamente,  
 Que o cansado Charonte navegava,  
 Oppondo o braço á rapida corrente:  
 Chega á praya, quem eraõ, perguntava,  
 Contra os dous move o passo diligente,  
 E conhecendo a Cyrce, lhe declara,  
 Como Hecate, que os passe, lhe mandara.

## XXVII.

Era Charonte velho, a que cobria  
 A vista a sobrançelha carregada,  
 E sobre o pardo peito lhe cahia  
 A espessa barba nunca penteada:  
 Os membros nús, que a partes descobria  
 A roupa de longo uso maltratada;  
 Velho, porém robusto por extremo,  
 Com forças aptas ao pezado remo.

## XXVIII.

Logo as miseras almas, que esperando  
 Passar, as largas prayas habitavaõ,  
 Vendo a Ulysses armado, o vaõ cercando,  
 Que de tal novidade se admiravaõ:  
 Por entre as sombras outras vaõ voando,  
 Em quanto o escuro rio não passavaõ,  
 Como as aves, que vendo ao Sol distante,  
 Passaõ do hesperio Calpe ao mouro Atlante.

## XXIX.

Queria atravessar o rio escuro ,  
Charonte no pezado remo pega ,  
Onde , para subir Ulysses duro ,  
Firma o pé , mete o remo , o batel chega :  
Geme c'ò pezo o barco mal seguro ,  
Elle as almas aparta , entra , e navega ,  
A rota vela o ar desencolhendo ,  
Os remos igualmente vai batendo.

## XXX.

Saem na deserta praya , e vaõ subindo  
Por hum estrada , ao parecer formosa ,  
Viaõ graves visões , naõ lhe impedindo  
Do Inferno a livre entrada , e temerosa :  
Gritos soaõ , que os montes repetindo ,  
A jornada faziaõ duvidosa ,  
E a pouco espaço a porta vêm do Inferno ,  
Que hum medo infunde , e hum pavor interno.

## XXXI.

Vêm as soberbas torres de aço puro ,  
Que naõ temem de Jove o forte braço ,  
E os negros lanços do abrazado muro ,  
Que guarda , e cinge o temeroso paço :  
O lume , que arde dentro , inda que escuro ,  
As sombras vence por hum grande espaço ,  
Que pelas bocas , que no muro abria ,  
Linguas de immortal fogo despedia.

## XXXII.

Das torres pelos ares levantadas  
Se vê co'a luz do fogo a architectura,  
Naquelle parte em pé, nesta gastadas  
Por entre a confusão da noite escura:  
De fumo nuvens densas, e dobradas  
Sobem do ar impuro á mór altura,  
Bramaõ graves trovões continuamente,  
Donde se precipita o rayo ardente.

## XXXIII.

Phlegetonte, das casas onde habita  
A eterna noite, os muros vai lambendo,  
Espadanás de fogo, com que imita  
Os rios, pelas margens brota ardendo:  
Nas ondas, que do centro ao ar vomita,  
O espumoso rio está fervendo,  
Vendo-se as almas, que arrojava o centro,  
Sahir ao alto, e recolher-se dentro.

## XXXIV.

Alli hum graõ portal se vê cortado  
Em penha viva, aonde a vista alcança  
N'um bronze, em letras igneas entalhado,  
Quem entra, deixa aqui toda a esperanza;  
Alli se via Cerbero indignado,  
A quem de massa soporada lança  
Cyrce graõ parte, e logo resupina  
A triforme cabeça a fera inclina.

## XXXV.

Cahe a fera disforme amortecida  
 Em grave somno, e sem vigor prostrada,  
 Logo a Esphinge se vê dura, e temida  
 Dos filhos de Philyra acompanhada:  
 Da Chymera, e da Hydra embravecida  
 A sahida da porta está guardada,  
 E co'a fouce fatal de agudo corte  
 Preside a todos a invencivel Morte.

## XXXVI.

Alli a Soberba está, que por empreza  
 Toma atrever-se a Jupiter celeste,  
 Está a seu lado a Inveja em fogo aceza,  
 Que os membros nús mordendo apenas veste:  
 O triste, e frio Medo, a vil Pobreza,  
 A pallida Avareza, a mortal Peste,  
 Outros monstros se vêm, a quem fazia  
 O Somno irmão da Morte companhia.

## XXXVII.

Na temerosa porta se detinha  
 Ulysses, que ao entrar está patente,  
 Plutaõ triste, e pezado o rosto tinha,  
 E a vista nelle põe fera, e ardente:  
 Sobre o robusto corpo ao ar caminha  
 A testa em grandes cornos eminente,  
 Irado aos monstros grita, que tremendo  
 Se apartaõ c'o terror do brado horrendo.

## XXXVIII.

Todos fizeraõ praça , e rodeáraõ ,  
Com presteza cercandó a Ulysses forte ,  
Estranhos vultos , e horridos mostráraõ ,  
E na vista hum terror da mesma morte :  
A terra alguns de formas estampáraõ  
Ferinas de estupenda , e varia sorte ;  
Diante estavaõ Furias inclementes ,  
Toucadas de cabellos de serpentes.

## XXXIX.

Alli se vêem Harpias , indomados  
Centauros , vêem-se Gorgonas temidas ,  
Soberbos Geriões , que levantados  
Tres almas mostraõ ter n'um corpó unidas :  
Sybilaõ Hydras , e Pithões irados ,  
Briareos , Ephialtes homicidas ;  
Sem se poder julgar nesta incerteza  
Se he mór a fealdade , se a fereza.

## XL.

Cyrce lhe diz : O' Rey do fogo puro ,  
Do graõ Saturno , e de Ope peregrina  
Filho , e irmaõ do soberano Anxuro ,  
Caro esposo da bella Proserpina :  
Tu , que este Reyno do tormento escuro  
Governas , e com traça alta , e divina  
Em desconcerto , e triste horror ordenas  
Conforme ás culpas as temidas penas ;

## LXI.

Permitte a Ulysses, que do lago Averno,  
 Que teu imperio, e teu aceno adora,  
 Penetre os seios, e do escuro Inferno  
 Antes que ao mundo saya a roxa Aurora:  
 Manda que pare este tormento eterno,  
 E aos espiritos nús a vingadora.  
 Alecto deixe em paz, sem offendê-los  
 C'o venenoso agoute dos cabellos.

## XLII.

Concede-lho Plutaõ, e logo acena  
 Aos severos ministros, e cessavaõ  
 Os gritos, suspendendo a dura pena,  
 Com que as almas té entaõ se atormentavaõ:  
 E porque saibaõ todos o que ordena,  
 Megera co'as irmãs, que a acompanhavaõ,  
 Filhas da noite, huma trombeta toca,  
 A que dá immundo alento a negra boca.

## XLIII.

Soa o metal ferido horrendamente  
 C'um tom rouco, terrivel, e espantoso,  
 Dobraõ-sc os ecos, como quando o ardente  
 Trovaõ passa com brado temeroso:  
 Torna atraz de Cocyto a graõ corrente,  
 E entre as ondas do fogo poderoso  
 As almas se erguem, e cada huma espera  
 O que manda a sevissima Megera.

## XLIV.

Vencendo as negras sombras vaõ entrando  
Ulysses valeroso, e a sábia guia,  
Ambos com prompta vista hiaõ notando  
As varias penas, que no Inferno havia:  
Vêm as intensas chammas, que ondeando  
De fogo huma seara parecia,  
Que sem materia alguma se sustenta,  
E impassiveis esp'ritos atormenta.

## XLV.

Alli vêm dentro quanto o mundo abarca,  
A'quella breve estancia reduzido,  
O miseravel pobre, e o Monarca,  
Hum desprezado cá, outro temido:  
Todos iguala a inexoravel Parca,  
Que a miseria, e grandeza he hum vestido,  
Que se despe ao morrer, e só o esp'rito  
He o nobre, he o immortal, he o infinito.

## XLVI.

Qual sem considerar seu nascimento  
Fraco, e mortal, se julga por divino,  
Fundando torres sobre o leve vento,  
Sendo tudo vaidade, e desatino:  
Só tem a fama eterno fundamento,  
Porque o valor mais raro, e peregrino.  
He filho d'alma, e o tempo naõ se atreve  
Quebrar as taboas, onde a fama escreve.

## XLVII.

Vós os que os doces ares da privança  
 Bebeis, andando nella transportados,  
 Sabei, que a sorte humana não descansa,  
 O rayo busca os montes levantados:  
 A gente que vos segue, e que vos cança  
 Quando passais temidos, e adorados,  
 Se se ajoelha, adora, e se importuna,  
 Não se dá a honra a vós, dá-se á fortuna.

## XLVIII.

Por entre as roxas flammas, que ondeavaõ,  
 Já o grande Grego, e Cyrce se metiaõ,  
 E as almas, que de vê-los se admiravaõ,  
 Pela vista o tormento suspendiaõ:  
 Já ao grave, e duro tribunal chegavaõ,  
 Onde crueis sentenças proferiaõ  
 (Quaes se não viraõ mais com rigor tanto)  
 Minos, Eaco, e o fero Radamantho.

## XLIX.

Aqui Cyrce lhe diz, saõ accusados  
 De ferreas almas duros homicidas,  
 Que dissimulaõ animos danados  
 Tendo os rostos por mascaras fingidas:  
 Vês Procustes arder, que aos convidados  
 Matava, onde por prego destas vidas  
 A sua deo, fazendo, quando a perde,  
 Purpurea de Cephiso a margem verde.

## L.

Este, que vês estar mais adiante  
 Com a abrazada purpura vestida,  
 Que tem na mão o Sceptro rutilante,  
 Insignia taõ amada, e taõ temida,  
 He Polimnestor, que o formoso infante  
 Polidoro privou da doce vida,  
 Sem lhe guardar a fé, que promettera  
 A Hecuba, que o filho em guarda dera.

## L I.

Vês Mamertes Corinthio, que atrevido  
 As leys da natureza em pouco teve:  
 Porém que coração não tens vencido,  
 Da pezada Coroa ambição leve?  
 Na espada de Sysapo cae rendido,  
 Paga c'o sangue, o que a seu sangue deve,  
 E agora passa áquelle carro atado  
 Dos velozes cavallos arrastado.

## L II.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega  
 O pobre Amphiarao á dura Argia;  
 Que a tanto a vil cubiça humana chega,  
 Que em odio paga o que em amor devia:  
 Vês Perseo, e Scyla com vontade cega  
 De ambição, e de amor, que se atrevia  
 Elle matar o Rey famoso Acriso,  
 Cortar ella o cabello ao velho Niso.

## LIII.

Vês as netas bellissimãs de Bello,  
 Que o iniquo mandado executáraõ  
 Do pay, e por melhor obedecê-lo  
 Os miseros esposos degolláraõ:  
 Que junto ao triste rio, por vencê-lo,  
 Em vaõ nas negras ondas trabalháraõ;  
 Vês como a dura pena merecida  
 Paga Orestes, e Agyrtes fraticida.

## LIV.

Nest'outro tribunal com recta vara  
 Se punem insolentes tyrannias,  
 Este he Phineu co'as mezas que prepara  
 Povoadas de exquisitas iguarias;  
 Porque os filhos privou da vista cara  
 Lhas levaõ imanissimas Harpias;  
 Sempre faminto está, sempre inquieto  
 Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

## LV.

O que entre o rio, e ramos mal seguros  
 A mór sede, a mór fome se provoca  
 Sem os pomos poder lograr maduros,  
 E sem a agua tocar a ardente boca,  
 He Tantalo, que impuro aos Deoses puros  
 Deo o filho em manjar, a quem só toca  
 Ceres, e aquella parte, que comera,  
 Lhe deo eburnea na melhor esfera.

## LVI.

Aquelle , que alli vês arder entre estes ,  
He filho da formosa Hypodamia ,  
Que por poder vingar-se de Thiestes  
O filho offereceo por iguaria :  
O Sol seus rayos escondeo celestes  
De taõ infame meza aquelle dia ;  
Vês o cruel Diomedes , e Tiphonte ,  
Syron , Orcamo , Agiro , e Licaonte.

## LVII.

De ver os Reys no inferno está admirado  
Ulysses , tendo a Jove taõ propicio ,  
Que no mundo lhe deo tamanho estado ,  
Que he de favor divino grande indicio :  
Aqui , diz Cyrce , tem aparelhado  
O seu castigo os máos por beneficio  
Dos bons , e poucos Reys o inferno encerra ,  
Porque entre poucos se divide a terra.

## LVIII.

Aqui verás Fallacia estar ouvindo  
Os amantes , que insanamente ardêraõ ;  
Vê Ticio , a que o abutre está ferindo  
As fibras , que feridas renascêraõ ;  
Porque de amar Latona presumindo  
Seus lascivos desejos a offendêraõ ,  
Tendo morte immortal , por ser pequena  
Para taõ grande mal taõ grande pena.

## LIX.

Vês logo junto a filha de Cynara ,  
 Que de seu torpe amor não teve pejo ,  
 Dando por elle a fama , e vida cara ,  
 Que custa a vida , e fama hum vil desejo :  
 Enriqueceo Arabia , donde pára ,  
 Que nisto pára sempre amor sobejo ;  
 Vê Menefron como o castigo teve  
 Entre o rigor da congelada neve.

## LX.

Alli vê os que amáraõ insanamente ,  
 Vê Machareo a que abrazou Canace ,  
 Vê o pay de Cyane juntamente ,  
 E com Cassandra o valeroso Ajace ,  
 De Neusimene os filhos , a excellente  
 Biblis com triste , e vergonhosa face ,  
 E tu , que em chamma intensa te abrazaste  
 C'o filho de Antenor , bella Lycaste.

## LXI.

Preside aqui Laverna aos que vivêraõ  
 De latrocinios grandes , e infestáraõ  
 A terra , lhe diz Cyrce , e não temêraõ  
 A Jove , cujos rayos provocáraõ :  
 Marchilas , a que os povos se rendêraõ ,  
 Que a sylva Dodonea povoáraõ ,  
 Tytigias taõ temido em dura guerra ,  
 E o soberbo Egeon filho da terra.

## LXII.

Isto dizendo , chegaõ onde ouviaõ  
De arrastadas cadeas graõ ruido ,  
Que as abobadas negras repetiaõ  
Com terrivel , e asperrimo bramido ,  
Amargas vozes , que soando criaõ  
N'alma pavor , e magoa no sentido ,  
Aqui se vê , diz Cyrce , o fogo eterno  
Do Tartaro cruel , do baixo Inferno.

## LXIII.

Aqui os casos se punem mais pezados  
Dos que já contra os Deoses se atrevêraõ ,  
Aqui tem os Gigantes debellados  
As penas , que suas obras merecêraõ :  
De cuja força os polos enfiados ,  
Vendo-se acometer , estremecêraõ ,  
Quando no Phlegreo campo o soberano  
Jove os ferio c'os rayos de Vulcano.

## LXIV.

Vês alli dos Aloides gigantes  
Ephialtes , e Otho a quem encerra  
Jupiter , atrevendo-se arrogantes ,  
Para o deitar do Ceo , subir da terra :  
De Diana , e de Apollo as penetrantes  
Settas prováraõ na sanguinea guerra ,  
E Phlegias Rey dos Lápitás famoso ,  
Que o templo a Apollo abraza sumptuoso.

## LXV.

Vês seu filho Ixion, que á roda atado  
 Do baixo ao alto della vay subindo,  
 Para ao centro descer arrebatado,  
 Correndo vay traz si, de si fugindo:  
 Porque daquelle gosto imaginado  
 As glorias vãs ao mundo descobrindo,  
 Se gabou que na nuvem, que abraçara,  
 Da consorte de Jupiter gozara.

## LXVI.

Vês Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante,  
 Que contra os Deoses peleijar se atreve,  
 E Pentheo, de quem Bacho petulante  
 Taõ offendido, e desprezado esteve:  
 Vês as filhas de Prêto, que á prestante  
 Venus negaõ a gloria, que se deve  
 A seu rosto excellente, e peregrino,  
 Prepondo o ser humano ao ser divino.

## LXVII.

Vês acolá Salmonio ir arrastando,  
 Porque igualar-se a Jupiter queria,  
 Quando com veloz carro atravessando  
 Sobre huma ponte de metal corria;  
 De Jupiter o estrepito imitando  
 Dos trovões, que imitar-se mal podia,  
 Medindo o que ha do centro á altiva ponte,  
 Emulo do abrazado Phaetonte.

## LXVIII.

Lá no mais fundo centro estaõ metidos  
Em mayor fogo , e com mayor affronta  
Os que com rostos falsos , e fingidos  
Querem que o mundo os tenha em melhor conta :  
Que montaõ apparencias , e vestidos ,  
E a falsa opiniaõ tambem que monta ?  
He o hypocrita falso nova Esfinge ;  
Porque he pessimo o máo , se bom se finge.

## LXIX.

Se contar por extenso te quizera ,  
Quanto nesta regiaõ de luz avara  
Se esconde, em fogo, e sombra, mal pudéra ;  
Que tanta confusaõ mal se declara :  
Se mil bocas , e linguas mil tivera ,  
E com todas a hum tempo te falara ,  
Querer comprehender tudo era grande erro ,  
Tendo entranhas de bronze , e voz de ferro.

## LXX.

Do que Ulysses ouvira , e do que via  
C'os olhos cheos de agua , e sentimento :  
O' triste humana condiçaõ , dizia ,  
O' eterna affliçaõ do pensamento ,  
N'um ponto acaba esforço , e galhardia ,  
Seguem-se eternos annos de tormento ;  
Mas com que fundamento culparemos  
A propria condiçaõ , com que nascemos ?

## LXXI.

Hiaõ vendo ao passar do graõ Letheo  
 O triste , e negro pego , onde se viaõ  
 Os que por seu viver infame , e feo  
 Eterno esquecimento mereciaõ :  
 E os que tratando o espirito como alheo  
 Lhes servio a alma só , com que viviaõ ,  
 De sal , com que nos annos que duráraõ  
 Os corpos incorruptos conserváraõ.

## LXXII.

Chegaõ de Erebo aos muros levantados ,  
 E Cyree diz : Aqui Plutaõ encerra  
 Os varões , cujos feitos sublimados  
 Merecem fama , e nome sobre a terra ;  
 E os que em virtudes altas estremados  
 Na branda paz , e sanguinosa guerra  
 Com grandes obras , dignas de alta historia ,  
 Compraõ com breve vida eterna gloria.

## LXXIII.

Aqui no grande Erebo vaõ passando  
 Os largos annos , que Plutaõ lhe ordena ,  
 O alto , e nobre espirito apurando  
 Só na esperanza de sahir da pena :  
 Daqui ao campo Elysio caminhando ,  
 Regiaõ mais alegre , e mais serena ,  
 Por onde as almas já purificadas  
 Sobem ás estelliferas moradas.

## LXXIV.

Entráraõ ambos dentro, onde encontravaõ  
Muitos Gregos, que em Troya fenecêraõ  
Co'as proprias armas, com que pelejavaõ,  
Co'as feridas que nella recebêraõ :  
No meyo as almas Gregas o tomavaõ,  
E grande espaço alli se detiveraõ ;  
Entre os claros espiritos cercado  
O grande Ulysses resplandece armado.

## LXXV.

A vê-lo corre Agamenon, que vinha  
Ferido, a quem Ulysses abraçava,  
Do ferro o peito atravessado tinha,  
De que o sangue ainda fresco lhe manava :  
Alli lhe diz, em quanto se detinha,  
Co'a voz que dentro n'alma se formava,  
Ao caso inopinado, e nunca visto  
Deo Clytemnestra a causa, o ferro Egisto.

## LXXVI.

Pallido encontra Achilles, e turbado,  
A quem Patroclo segue mal ferido,  
Para abraça-lo corre acelerado  
O Capitaõ, dizendo: que atrevido  
Ferro pôde tocar-te? Elle admirado  
De o ver responde, quando fui metido  
Na Estige, as plantas na agua não tocáraõ,  
Por onde os fados seu caminho acháraõ.

## LXXVII.

Chegando-se nos braços o apertava,  
E tê-lo Ulysses nelles presumindo,  
Aquella mesma sombra que abraçava,  
Delles se desatava, e hia fugindo:  
O grande Heytor de o ver se perturbava  
Como que a gente Grega o vem seguindo,  
E os Troyanos heroes, que alli se achavaõ,  
Alterados de vê-lo se apartavaõ.

## LXXVIII.

Alli as almas se vêm na sombra escura,  
Dos que o fio cortou a Parca impia,  
Levando-os a encerrar na sepultura  
Das entranhas da mãy, sem ver o dia:  
E os que tendo gozado da luz pura,  
Arrebatou com maõ pezada, e fria  
Dos peitos, de quem Rumia tem tomado,  
Como adoptiva mãy, novo cuidado.

## LXXIX.

Passando vaõ aos campos venturosos,  
Onde os esp'ritos tem doces moradas,  
E da morte, e seus males victoriosos  
Tem o gosto, que as penas daõ passadas:  
Por entre bosques altos, e frondosos  
Ao longo de ribeiras socegadas  
Em danças, em choreas, e alegrias  
Passaõ n'um dia eterno eternos dias.

## LXXX.

No Elysio campo hum valle está sombrio ,  
Por mór veneração de bosque escuro ,  
A que huma nuvem cobre , e hum fresco rio  
Com mansa vea corta alegre , e puro :  
Alli do tempo o ordenado fio  
Guarda esp'ritos gentís , que no futuro  
Huns haõ de ser na paz , outros na guerra  
Dynastas , Semideoses sobre a terra .

## LXXXI.

Aqui , lhe diz , do Imperio Lusitano  
Para onde o Fado , e claro Ceo te chama ;  
Os Reys verás , que iraõ pelo Oceano  
Té ver do Sol dourado a ignea cama :  
Por elles ao famoso Tejo ufano ,  
(Escurecendo toda a antiga fama)  
Ajoelhados de longe , o mar abrindo ,  
A maõ viraõ beijar o Gange , e o Indo .

## LXXXII.

Diz-lhe Ulysses entaõ : O' poderosa  
Deosa , que com altivo pensamento  
Na sombra escura , e esfera luminosa  
Pódes o centro abrir , e o firmamento ,  
Mostra-me essa prosapia gloriosa ,  
E deixa-me adorar o fundamento  
Da illustre Lusitana Monarquia .  
A quem a sábia Cyrce respondia :

## LXXXIII.

Aqui verás na idade derradeira  
 Da generosa estirpe Lusitana  
 Os varões, que procedem da primeira  
 Raiz do velho Henrique soberana:  
 Verás, que inda que a fama lisonjeira  
 No que nos conta ás vezes nos engana,  
 Aqui diz menos, que a immortal memoria  
 Delles honrará viva, e morta historia.

## LXXXIV.

Aquelle varaõ forte, que diante  
 Vês de todos, taõ bravo, e taõ guerreiro,  
 Nos membros robustissimo gigante,  
 He o grande Henrique, illustre Cavalleiro,  
 Lusitano Mavorte, que arrogante  
 A forte lança empunha elle primeiro  
 Com força, que as humanas muito excede,  
 Matando no inimigo sangue a sede.

## LXXXV.

Este em dourado jugo de Himeneo  
 Ligado co'a bellissima Tareja,  
 Pondo ao Mouro atrevido honroso freo,  
 Encherá Hespanha de gloriosa inveja:  
 Té as partes, onde foi vencido Antheo,  
 Lhe foge o Agareno, que deseja  
 Esconder-se da lança ensanguentada,  
 Mostrando a núia espalda em vez da espada.

## LXXXVI.

Junto delle está Affonso de alto aspeito,  
Que tem no punho a espada vencedora,  
A quem ficará sendo imperio estreito  
O que ha do frio Occaso á roxa Aurora:  
Este com firme, e invencivel peito  
Da gente, que nos Caspios montes mora,  
Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa  
Das cinco huma dignissima Coroa.

## LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoso,  
Digno deste triumpho illustre, e claro,  
Pizando os estandartes victorioso,  
Que contra ti tremola o Mouro avaro:  
Da Maura insania açoute milagroso,  
Por quem milita o Ceo com favor raro,  
Vendo a teus pés mil vezes arrazado  
O vivo muro do inimigo armado.

## LXXXVIII.

Mandarà vir o Ceo para ajudar-te  
Guilherme illustre da inclita Alemanha,  
Childe Rolim de Flandres, novo Marte,  
Que no cerco te segue, e te acompanha:  
O perigo entre todos se reparte,  
De sangue alheyo, e seu cada hum se banha;  
Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros  
Como vassallos naõ, mas companheiros.

## LXXXIX.

O que está junto d'elle he o excellente  
 Sancho, do mundo assombro, e maravilha,  
 Por quem verá Albayaque ir a corrente  
 De Alquibir sanguinosa á graõ Sevilha,  
 A quem depois Miramolim potente  
 A cerviz com mais treze ao jugo humilha,  
 Que faz c'o ferro abrindo negras veas,  
 Purpurear as pallidas areas.

## XC.

Vês o segundo Affonso, que manchada,  
 Por ser de tantos Mouros homicida,  
 Mostra do sangue a cortadora espada  
 No temeroso Alcaçar taõ temida:  
 Junto d'elle está Sancho, que a prezada  
 Coroa engeitará, buscando a vida  
 Mais segura, a quem segue o valeroso  
 Terceiro Affonso de Matilde esposo.

## XCI.

O que vês co'a viseira reluzente  
 He Diniz, que na acesa vista ardendo,  
 De seu braço, e espada refulgente  
 Em Castella Fernando está tremendo,  
 A quem depois co'a valerosa gente  
 Portugueza, do Mouro defendendo,  
 Estenderá sua fama pela dura  
 Guerra do Sagitario á Cynosura.

## XCII.

Este terá a illustre, e cara esposa  
Do sangue de Aragaõ bella Isabella,  
Que só procura n'alma ser formosa,  
Sendo sobre a mayor belleza bella:  
Da terra ao Ceo na morte milagrosa  
A' mór esfera sobe a ser estrella,  
A terra enriquecendo de memoria,  
De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de gloria.

## XCIII.

Aquelle do bastaõ será o temido  
Quarto Affonso, nas armas Marte irado,  
Pelo invencivel braço conhecido  
Na sanguenta batalha do Salado,  
Adonde Alboacem sendo vencido,  
Quieto o Hispano Affonso, e socegado,  
Elle, que gloria só procura, e ama,  
Nada quer da victoria além da fama.

## XCIV.

Este, que vês robusto, e bem disposto,  
Côr parda, nariz alto, olhos fogueiros,  
He Pedro, que desmente em fero rosto  
Os brandos pensamentos amorosos,  
Que amará a bella Ignez, e aquelle gosto  
Lhe roubarão os fados invejosos,  
Quando matando a dous huma só ferida,  
Cahirá do mesmo golpe o amor, e a vida.

## XCV.

Quem he aquelle de aspecto venerando?  
 Pergunta o Grego, a quem responde logo  
 Cyrce, que nas delicias he Fernando,  
 Mais conhecido, que no Marcio jogo:  
 Que em sua terra o Castelhana bando  
 Soffrerá, vendo arder o Hispano fogo,  
 Voar Lisboa do lugar que teve.  
 Aos espaços do ar em fumo leve.

## XCVI.

O da insignia verde, e grave aspecto,  
 Que em corpo giganteo, alto, e membrudo  
 Veste de arnez luzente o forte peito  
 Apertando no punho o estoque agudo,  
 He Joaõ, que a seus pés tem o perfeito  
 Dom Nuno Alv'res Pereira, vivo escudo  
 Do Reyno, e Rey, que o jugo Castelhana  
 Sacode do pescogo Lusitano.

## XCVII.

Por este a patria afflicta, libertada,  
 Estendida, opulenta, ennobrecida,  
 A rica idade gozará dourada,  
 Que só será de ferro em ser temida:  
 Qual cometa fatal, a sua espada  
 Depois de dar ao Orco tanta vida,  
 Ornada de diamantes, e de estrellas  
 Será no Olympto collocada entre ellas.

## XCVIII.

Este Rey, sem vencê-lo a adversidade,  
 Porá no Ceo as Lusitanas quinas,  
 E do solto inimigo a liberdade  
 Enfreará vestindo as armas finas:  
 Dará premio, e castigo em igualdade,  
 Nutrindo, e fecundando artes divinas,  
 Da patria pay, para que o mundo veja,  
 Que alli não acha que emendar a inveja.

## XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando,  
 Das estrellas, e Ceo o arduo caminho,  
 Do mar as ermas ondas povoando  
 Irá com tanta vela, e tanto pinho  
 Do Sol co'a vista os rayos aturando,  
 Que he aguia taõ real, como he, seu ninho,  
 Vencendo o seu belligero estandarte  
 Dous mores inimigos Morte, e Marte.

## c.

Aquell'outro, que o Sol imita armado  
 No resplendor, he o grande Affonso quinto,  
 A quem se devem para seu traslado  
 Marmores Parios, bronzes de Corintho;  
 De quem a terra, e mar mais apartado  
 Fremerá deste Polo ao mais distinto,  
 Dando mór fama para engrandecê-la  
 A' graõ Lisboa, que Alexandre a Pela.

## CI.

Logo Joaõ segundo bellicoso  
 Fará escura toda a fama alhea,  
 Vendo levar seu nome glorioso  
 Té onde o ardente Sol ferve na area,  
 Descobrando o graõ Cabo, que o famoso  
 Nilo em cothurnos de cristal passea,  
 Rey exemplo de Reys, digno governo,  
 Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

## CII.

He o do largo manto o preeminente  
 Primeiro Emanuel, que a vencedora  
 Serpe levará aos mares do Oriente,  
 E aos bordados de luz Reynos da Aurora:  
 A este Neptuno humilha a graõ corrente,  
 E a gente, que de Antheo nos campos mora,  
 Vem pedir leys, e o barbaro gentio  
 Da terra, onde o Sol faz perpetuo estio.

## CIII.

Chegará onde nunca o éco, ou fama  
 Chegou, toda a Asia tremerá de ouvi-lo  
 Da parte, onde o Sol tem dourada cama,  
 Té onde acaba sem mudar o estilo:  
 De medo já com sete bocas brama,  
 Por se esconder dentro em seu mar, o Nilo,  
 Dando-lhe estatuas o que bebe Hydaspes  
 De ouro, e Atlante de Africanos jaspes.

## CIV.

Quanto d'elle Joaõ está terceiro,  
 A quem seu mar, seu Oriente humilha  
 O inventor raro do animal guerreiro,  
 E da terra, e do Sol a bella filha,  
 Será depois de tantos o primeiro  
 Terror dos mares de Asia, e maravilha,  
 Em cujos hombros descangar pudera  
 O grave pezo da mayor esfera.

## CV.

Vês logo Sebastiaõ forte, e temido,  
 Novo filho do Sol, que entra arrogante,  
 E em suas grandes forças atrevido,  
 Quer pizar a cerviz do velho Atlante:  
 Intenta ver a hum tempo destruido  
 De Marrocos o muro, e Tarudante;  
 Mas ah que vejo ao Reyno sua ruina  
 E hum Rey, que he moço, e só se determina.

## CVI.

Ê bem o grave, e carregado aspeito,  
 Com que hum mudo pavor nas almas cria,  
 Nota que em seu rosto, e forte peito  
 Grandes cousas se vêm co'a fantasia:  
 Que dá esperanças o famoso objecto  
 E naõ imaginada monarchia,  
 Mil sombras de inimigos debellados  
 E cercaõ, mil de Reynos conquistados.

## CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera ,  
A que a Ninfa de Amphriso a gloriosa  
Rama prepara , que cingir espera  
A sua altiva fronte victoriosa :  
Fatal assombro de huma , e d'outra esfera ,  
Se a tantas esperanças invejosa  
A fortuna , que o vê , não no atalhara ,  
Larga nos males , só nos bens avara.

## CVIII.

Que saudoso pranto , e magoas vejo  
Dizer sem fructo á Lusitana gente ,  
Quando chorar com dôr , e amor sobejo  
Sua morte , e sua ruina juntamente :  
Que exequias lhe farás saudoso Tejo ,  
Vendo crescer 'c'o pranto a tua corrente ,  
Quando os funebres tumulos , e altares  
Com tuas ondas turbadas visitares.

## CIX.

Venhaõ cheirosos lirios , venhaõ rosas ,  
Venhaõ flores deitadas a maõ chea ,  
E a estas saudades amorosas  
Dos olhos acompanhe a larga vea :  
O que em purpureas vestes gloriosas  
Com tanta magestade o corpo arrea ,  
O santo Henrique he , para que fique  
Do nome do primeiro ultimo Henrique.

## CX.

O que vestido o arnez tem rutilante  
 He o graõ Filippe, cuja forte armada  
 Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante  
 A cerviz dura inclinará domada :  
 A quem hum mundo não será bastante,  
 Cujos leões co'a garra levantada  
 Olhando a terra, e todo o mar profundo  
 Fará tremer o antigo, e novo mundo.

## CXI.

Logo Filippe, que gozando unida  
 Em paz a dilatada Monarchia,  
 Verá o fio cortado á doce vida,  
 Que em fuzo de ouro Láchesis lhe fia :  
 De Cometas infaustos opprimida  
 De verá a noite arder pallida, e fria,  
 Por mostrar que de Rey taõ excellente  
 A morte, e perda até no Ceo se sente.

## CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,  
 E terceiro Filippe esclarecido,  
 A quem em tear de ouro a justa Parca  
 Destame tece a seu valor devido :  
 A quem beijará o pé tudo o que abarca  
 Da pura Thetis o humido marido,  
 Para emular seu simulacro raro  
 Da de desentranhar seus montes Paro.

## CXIII.

A este graõ Monarca descobrindo  
 O Sol novas nações no mar profundo,  
 Não contente que mande o Chile, e o Indo,  
 Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:  
 Ao quinto Carlos em valor seguindo,  
 A Filippe primeiro sem segundo  
 No saber, que no alto peito encerra,  
 Será Filippe em paz, Carlos na guerra.

## CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado  
 De fayas tremerá nos dous extremos,  
 Hum de bosques de velas subjugado,  
 Outro ferido de pezados remos:  
 Ver-se-ha o Inglez, e Belga fulminado;  
 Que dos leões Hispanos bem podemos  
 Presumir, que suas forças singulares  
 Nas unhas levaráõ terras, e mares.

## CXV.

Verá o Imperio seu taõ estendido,  
 Que elle mesmo se impida o crescimento,  
 De perolas, e neve guarnecido  
 Verá o Norte, e o Sul seu grande augmento:  
 Com diamantinos cravos impedido  
 Da roda da fortuna o movimento  
 Ha de estar firme, inda que o tempo corra,  
 Ha de viver, inda que o tempo morra.

## CXVI.

Nisto Anticléa para Ulysses vinha ,  
Que em seus braços suspenso hum pouco esteve ,  
E quando neste engano se detinha ,  
Vê que delles lhe foge a sombra leve :  
O' doce mãy , lhe diz , ó gloria minha ,  
Assim me roubas este gosto breve ,  
Quando só por te ver ao Inferno venho  
Buscando a gloria, que em teus braços tenho.

## CXVII.

Naõ quiz o Ceo que em Ithaca me achasse ,  
Quando della fizeste despedida ,  
Porque os olhos morrendo te cerrasse ,  
Honrando com meu pranto tua partida ,  
Porque esta dôr , e magoa me ficasse  
Para me atormentar em toda a vida ;  
Que para naõ sentir pena taõ grave ,  
Já a triste morte me será suave.

## CXVIII.

Vive , diz ella , Ulysses , e permita  
O Ceo que contes annos descansados ,  
Neptuno tua morte solicita ,  
Ventos movendo , e mares empolados :  
A paciencia os casos facilita ,  
Soffrendo has de vencer fortuna , e fados ,  
Sempre o animo ergue a cousas altas ,  
Se elles faltarem , vejaõ que naõ faltas.

## CXIX.

Pergunta-lhe Laerte se vivia ;  
Vive , ella lhe responde , e tua esposa ,  
E Telemaco d'ambos alegria ,  
Com que enganaõ a vida saudosa :  
Torna a alegrar aquella companhia ,  
Penelope taõ casta , e taõ formosa  
Naõ era para ausente , inda que casta ,  
He formosa Penelope , e isto basta.

## CXX.

Largo espaço estiveraõ praticando ,  
Até que Cyrce tendo especulado  
Da socegada noite o curso brando ,  
E o muito tempo já que tem gastado ,  
Que se partaõ lhe diz , elle abraçando  
A cara mãy em lagrimas banhado ,  
Os paços deixa , aonde a noite mora ;  
Que já as chaves no Ceo se ouvem da Aurora.



# U L Y S S É A.

## C A N T O Q U I N T O.



### A R G U M E N T O.

*Deixa Ulysses a Cyrce o mar abrindo ,  
Quando alterado sente o salso argento ,  
A's Ninfas Thetis sae favor pedindo  
Para abrandar a furia ao mar , e ao vento :  
Via no Estreito Alcides resistindo  
Ao seu mayor que humano atrevimento ,  
Do Tejo as ondas corta , onde sentia  
Já de Protheo cumprida a profecia.*

I.

**D**a quarta esfera o claro Libystino ,  
Monarca das estrellas refulgente ,  
Da Ecliptica incansavel peregrino ,  
Olho do Ceo , e tocha do Oriente ,  
Da luz mostra o thesouro matutino ,  
Abrindo o novo dia á nova gente ,  
Quando já o Grego , obedecendo ao Fado ,  
Quer a vida entregar ao mar salgado.

## II.

Em Telegonio tinha a propria vida,  
Que já de Cyrce os braços carregava,  
E por de ambos temer a despedida  
Faze-la occultamente procurava:  
Quando de seus intentos advertida  
Cyrce, co'a grande pena, que levava,  
Furiosa chega a Ulysses, e os furores  
Converte em doces lagrimas, e amores.

## III.

Como, diz, inimigo, te atreveras  
Deixar-me assim offendida, e saudosa,  
Senaõ quando matar-me pretenderas  
Primeiro que esta ausencia vagarosa:  
Se assim matar-me mais depressa esperas,  
Sendo a pena cruel, fora piedosa,  
Se a triste Cyrce, e Telegonio amavas,  
Tanto a partida em vê-los dilatavas.

## IV.

Rendido a esta amorosa competencia,  
Promette Ulysses a jornada breve  
Com lagrimas, que saõ muda eloquencia,  
Com que contando sua magoa esteve:  
Em fé que hei de vencer taõ dura ausencia,  
Tomando o filho, que entre braços teve,  
Lhe diz: Este penhor, Cyrce, offereço,  
Que tanto preço tem, que naõ tem preço.

## V.

Vai-te, diz ella, vai-te, que não quero,  
Pois para te partir estás disposto,  
Fazer que esperes mais, que não espero,  
Que nisso queiras dar-me hum breve gosto:  
Tres vezes de ago tens o peito fero,  
No coração és hum, outro no rosto;  
Triste quem ama, que na dor presente  
Sente o que diz ser menos do que sente.

## VI.

Isto dizendo, o fogo, em que se acende,  
De lagrimas os olhos lhe arrazava,  
E o brando coração co'a dor se rende,  
Mudo orador das penas, que passava:  
Para abraçar o filho o braço estende,  
Que fugindo-lhe aos peitos se apertava  
Da mãe, que lastimada, e triste via,  
Com que novas saudades lhe acendia.

## VII.

Não te quero, lhe diz, pois és retrato  
De hum ingrato mayor, que o mundo teve,  
Porque não no pareças sendo ingrato,  
E quem me leva a vida o gosto leve:  
Mas não te dou eu filho tão barato,  
Bem desta vida bre . . . , sem dizer breve,  
Que as lagrimas lhe afogaõ n'um momento  
Entre as fauces da voz o ultimo accento.

## VIII.

Toma Ulysses a Cyrce entã nos braços,  
 E Telegonio, e diz: Tanto temia  
 Romper por estes soberanos laços,  
 De que gozava em quanto Deos queria,  
 Que destes suavissimos abraços  
 (De que minha fortuna me desvia)  
 Fugia, por temer que se chegasse  
 A vos deixar, que a vida alli deixasse.

## IX.

Naõ se sabe apartar quem ama, e pena,  
 E quem nisto he mais fraco, este he mais forte,  
 A dor da mesma morte he mais pequena,  
 Que quem morre, melhora muito a sorte:  
 Quem morre, acaba o mal, que toda a pena  
 Dura co'a vida, sem passar da morte;  
 Mayor pena padece o que está ausente,  
 Pois morre de saudade, e morto sente.

## X.

Em quanto os dous amantes assi estavaõ  
 Enganando as saudades da partida,  
 Tambem aos seus as Damas escutavaõ  
 Magoas da rigorosa despedida:  
 Egiale, e Leostenes se abraçavaõ,  
 Androgeo, e Ercia, a quem a vida  
 Tinha entregue, o mesmo Penopéa  
 Faz a Philemo, e a Palemo Alphéa.

## XI.

Só Dimantes, que tem por gentileza  
Ser diamante, a Polibio não consente  
Lagrimas, e saudades; que se preza  
De que nenhuma pena, ou magoa sente:  
A variedade honra a natureza,  
Lhe diz, e não te cansé amigo ausente  
Deixar-me, que de mim terás notado,  
Que me não dá cuidado algum cuidado.

## XII.

Ficava Cyrce, Ulysses se partia,  
Que c'ò pranto acendia seus furores;  
Vai-te, inimigo amado, lhe dizia,  
Minhas peñas dobrando, e meus temores:  
E como quando ao mar inclina o dia,  
As sombras sobre a terra faz mayores,  
Assim n'alma de Cyrce, que ficava,  
A sombra da tristeza se dobrava.

## XIII.

O anno novo, bello, e florecente  
Junto á idade juvenil andava,  
Quando Astrea co'as noites juntamente  
Na aurea balança os dias igualava:  
A inimiga do dia diligente  
A terra em roda, e ares occupava,  
E a seu pezar o Sol, que em torno gira,  
Vinha abrazando os campos de çafira.

## XIV.

Já da Saturnia Hesperia vão sahindo  
 As náos ligeiras com alegre vento,  
 Co'as levantadas proas dividindo  
 A crespa prata do humido elemento:  
 Quando fóra das aguas sacudindo  
 A cabeça Neptuno: Oh fraudulento  
 Ulysses, diz, permite o Ceo sereno,  
 Que ares a meu pezar o mar Tyrrheno!

## XV.

Espera: e não diz mais de impaciente,  
 E sobre as molles ondas, que pizava,  
 Esgrime furibundo o graõ Tridente,  
 E o mar vendo-o enojado se encrespava:  
 Colhendo a Armada o vento brandamente  
 A' vista de Parthenope passava,  
 Vê logo o Tybre entrar no mar profundo,  
 A cujo imperio ha de ajoelhar-se o mundo.

## XVI.

Com prospera bonança vão passando,  
 Quando o Piloto vê sobre a cabeça  
 As carregadas nuvens, que voando  
 Vão no mais alto do ar com grande pressa:  
 Hiaõ-se os horizontes abafando,  
 Cruza-se o mar, nas ondas se atravessa  
 A grandé Capitania, que recebe  
 Co'a proa o grosso mar, que arfando bebe.

## XVII.

Disse o Piloto: A maina a grande vela,  
Que logo os marinheiros vão colhendo,  
Quando do alto desce a graõ procella,  
Todo em montanhas de agua o mar erguendo:  
Os ventos conjurados a vence-la  
Sopraõ, as velas concavas rompendo,  
E batendo por hum, por outyo lado,  
Quer dentro introduzir-se o mar salgado.

## XVIII.

Mais aspera fortuna exp'rimientava  
Cada huma das náos da companhia,  
Que posto hum monte n'outro o Ceo tocava,  
E ao centro profundissimo descia,  
De negra sombra o ar se coroava  
Por maõ da noite, que do Ceo cahia,  
E o vento alma das nuvens nova guerra  
Movia, dando assalto ao mar, e á terra.

## XIX.

Nas entranhas do mar em graõ planura  
Se vê hum edificio levantado  
De rara, e excellente architectura,  
Pela famosa Thetis fabricado:  
Os altos coruchéos de prata pura  
Carregaõ sobre jaspe bem lavrado,  
Do portal a soberba fronte admira  
Cortado de finissima çafira.

## XX.

Na quadra mais alegre , e mais ornada ,  
 Que está na melhor parte do aposento ,  
 Das bellas Ninfas Thetis rodeada ,  
 Seu nobre estrado tem , seu rico assento :  
 Nereas alli estaõ , que por estrada  
 Incognita , e occulto movimento  
 O puro humor á terra communicãõ ,  
 Com que os campos florecem , e frutificaõ.

## XXI.

Das mais Ninfas , que assistem , hũa se via  
 Dançar pulsando as cordas docemente ,  
 Outra , que a prata , e ouro em roca fia ,  
 E em conchas colhe a perola excellente ,  
 Qual do fundo o coral mostrava ao dia ,  
 Que logo endurecer ao Sol se sente ,  
 E qual da area aparta o peregrino  
 Graõ estimado do metal mais fino.

## XXII.

Saõ nos rostos formosos parecidas  
 Como irmãs , mas diversas no cabello ,  
 Que hum he louro , outro verde , se esparzidas  
 Suas bellas tranças vaõ no corpo bello :  
 D'um delgado cendal andaõ vestidas ,  
 Que acende mais a desejar de vê-lo ,  
 Thetis as chama , e ellas , que a ouviaõ ,  
 Todas a obedece-la concorriaõ.

## XXIII.

Das alteradas ondas alterada  
 Thetis temia, vendo offerecida  
 A' braveza do vento a Grega Armada,  
 Que seja por Neptuno destruida:  
 Lembra-lhe o seu Achilles, e a passada  
 Historia de Peleo, e enternecida  
 De ver taõ grande dano, e tanta mágoa,  
 Fala ás Ninfas c'um mar nos olhos de agoa.

## XXIV.

Vedes, doces amigas, como o fero  
 Boreas, e Euro se mostraõ alterados,  
 E os meus Gregos perecem, que hoje espero,  
 Que por vós haõ de ser remediados:  
 Que o furor lhe amanseis, amigas, quero,  
 Pois sei que de vós andaõ namorados,  
 E nas mostras da vossa gentileza  
 Logo lhe ha de esquecer toda a braveza.

## XXV.

á sobre as ondas Thetis vai subindo  
 Com Doris, Symodoce, e com Thalia,  
 Descobria Anfítoe o gesto lindo,  
 E o azul de seus olhos Lemnoria:  
 Na belleza, e na graça competindo  
 Calatéa, Panope, e Oritia,  
 larga o cabello ao vento Dinamene,  
 que pela eburnea maõ toma a Climene.

## XXVI.

Sobre a prata das ondas deixa Doto  
 Nadar do crespo ouro as tranças bellas,  
 E os olhos verdes descobria Proto,  
 Que são do mar azul verdes estrellas:  
 Boreas, e Euro, e o valente Noto  
 Mansos ficáraõ todos só com vê-las,  
 E á bella Doris, a quem Noto amava,  
 Mais que nunca rendido assim falava:

## XXVII.

Póde, Doris, a pura claridade  
 De teus olhos azues n'um só momento  
 Lançar duros grilhões á tempestade,  
 E o furor aplacar do bravo vento:  
 Para nunca sahir-te da vontade,  
 A minha atada tens, e o pensamento,  
 Para não querer mais, que só querer-te,  
 Nem ver mais gloria, que a que tenho em ver-te.

## XXVIII.

Se queres, Ihe diz ella, que te crea,  
 Que me serves com fé limpa, e segura,  
 Deixa o furor; que amor sempre se arrea  
 De suaves effeitos de brandura.  
 Noto Ihe torna: Se achas cousa fea  
 Esta dureza, tu porque és taõ dura?  
 Que vejo, que és, ó Niufa fugitiva,  
 Pedra insensivel não, mas pedra viva.

## XXIX.

O molle campo azul do mar salgado  
 O azul dos olhos teus tranquillo veja,  
 As ondas cessem, durma o vento irado,  
 Diante de teus pés prostrado esteja;  
 Que eu folgarei que tudo estê calado,  
 Porque de ti melhor ouvido seja,  
 Que suave me ouças, e respondas,  
 Sem desculpar-te c'ô rumor das ondas.

## XXX.

Quando, Doris cruel, terás lembrança  
 Do amor não, ao menos do meu dano,  
 Dis traz desta amorosa confiança  
 Tu enganando após hum anno outro-anno:  
 Mas como vence aos males a esperança,  
 Como que a esta fé venga o desengano,  
 Pescando, assi enganado do que espero,  
 O mal, que não queria, o bem, que quero.

## XXXI.

Tira-me essa bella mão, Ninfa prestante,  
 Que por escravo, e por esposo pego,  
 Aprende-me nesse ouro rutilante,  
 E aos cabellos do Sol roubaõ seu prego:  
 Não pego muito, pois sou muito amante;  
 E nunca em grande amor ha grande excesso;  
 E isto he excesso, amor excesso he todo,  
 E he modo amor, que nunca teve modo.

## XXXII.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo,  
 Me farias, se as Gregas náos tomasses,  
 E salvando-as do mar, e do perigo,  
 A porto alegre, e prospero as levasses.  
 Teu gosto, lhe replica, ó Doris, sigo,  
 Basta que assi o quizesse, e mandasses,  
 E só me cansa agora obedecer-te,  
 Porque me obrigas a deixar de ver-te.

## XXXIII.

A soccorrer as náos Noto caminha,  
 Em quanto Euro aos pés se debruçava  
 Da bella Galatea, que o detinha,  
 Que só com vê-la as furias amansava:  
 Solto o cabello pelos hombros tinha,  
 Onde o vento subtil se embarçava,  
 Podendo competir qual he mais bello  
 Prata, e ouro, do corpo, e do cabello.

## XXXIV.

Euro lhe diz: O' minha branda amiga,  
 Em cuja vista, e viva claridade  
 O ar se adorna da pureza antiga,  
 E foge a rigorosa tempestade:  
 Consente, ó bella Ninfa, que te diga  
 O que trago ha mil dias na vontade,  
 Que quero nesta dor para soffrê-la  
 Contar o que padeço á causa della.

## XXXV.

Nesse ouro cresso ao vento desparzido  
A minha solta liberdade se ata,  
O Ceo vejo em teus olhos recolhido,  
De que ausente me trouxe a sorte ingrata;  
Nelles o vivo fogo anda escondido,  
Onde a vista dos meus se acende, e mata;  
E assim venho a estimar no mal, que sigo,  
Por premio a morte, a vida por castigo.

## XXXVI.

Amor em teu amor me purifica,  
Porque mereça o bem de meu tormento,  
Novo altar em minha alma te edifica,  
Onde se adora o teu merecimento:  
Meus desejos leaes te sacrifica  
A fé, por maõ do altivo pensamento;  
Ou me dá vida, Galatea ingrata,  
Com teu favor, ou por favor me mata.

## XXXVII.

Galatea, que isto ouve, respondia:  
Naõ me tenhas por dura, e te prometo  
De ouvir-te até que esconda o claro dia  
Entre estas ondas o pastor de Admeto:  
Recolhe as náos da Grega companhia  
Por me dar gosto agora, e este inquieto  
Mar se socegue; e o mesmo a Boreas pede  
Lemnoría formosa, elle o concede.

## XXXVIII.

Logo os ventos deixando a costumada  
 Braveza , sobre as ondas se estendiaõ ,  
 Juntaõ as divididas náos da Armada ,  
 Que entre a furia dos mares perciaõ :  
 A' Capitania rota , e quebrantada  
 As delicadas Ninfas acudiaõ ,  
 Todas concorrem para o mesmo effeito  
 Pondo no duro pinho o brando peito.

## XXXIX.

Logrando esta bonança , refazia  
 A enxarcia destrocada , as rotas velas  
 O forte Grego , e quando o novo dia  
 Dava no prado vida ás flores bellas ,  
 E a clara luz cegando a noite fria ,  
 Lhe faz cerrar os olhos das estrellas ,  
 As náos , colhendo os ventos que sopravaõ ,  
 No mar as grandes azas despregavaõ.

## XL.

Ouve de Scylla o rouco brado horrendo ,  
 Que atroando os maritimos lugares ,  
 Nas voragens , e fauces recebendo ,  
 O mar bramindo torna aos negros ares ;  
 E as ondas amarissimas bebendo  
 Charyblis com tal furia os grossos mares  
 Arroja , que das gotas espalhadas ,  
 Se vem o Cco , e estrellas róiadas.

## XLI.

A' vista de Peloro Siciliano  
Junto da costa a Armada atravessava,  
Na arvore se pegava o solto pano,  
E o mar c'o vento apenas se encrespava:  
Quando soava hum canto soberano,  
Que os socegados ares regalava,  
E a graõ suavidade, e melodia  
Pelos ouvidos a alma suspendia.

## XLII.

Fóra das ondas as cabeças tinhaõ  
As formosas Sereas, e largando  
As vozes suavissimas detinhaõ  
O vento fero, por ouvi-las brando:  
As náos, como animadas, naõ caminhaõ,  
Esta sonora musica escutando;  
Que rémora naõ ha, que possa tanto,  
Que iguale a força de hum suave canto.

## XLIII.

Manda arribar Ulysses, e varrendo  
O negro pinho os mares socegados,  
As Ilhas Estoechades vencendo,  
Vê de Niséa os montes levantados:  
Já as correntes do Rhodano bebendo  
Massilia passa, vendo os congelados  
Montes, onde enterrada está Pyrenne,  
Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

## XLIV.

Vaõ pelo alto , e socegado argento  
 Lavrando o mar as fayas encurvadas,  
 Rompen lo as proas com furor violento  
 De Thetis pura as liquidas moradas :  
 Dos monstros de Protheo o inmundo armento  
 Se esconde nas cavernas mais guardadas,  
 Das velas , e das arvores a sombra  
 Do ceruleo Neptuno o reyno assombra.

## LXV.

Passava o grande Ibero , e Gaditano  
 Estreito , aon le achou o fim famoso  
 De seus trabalhos Hercules Thebano ,  
 E Atlante o Ceo sustenta luminoso ,  
 Adonde Abila , e o Calpe do Africano  
 Imperio Europa apartaõ , pelo undoso  
 Seyo pondo altas portas , e limite  
 A's terras com suas ondas Amphitrite.

## XLVI.

Tinha a noite com seu confuso manto ,  
 De estrellas , e planetas guarnecido ,  
 Cuberta a esfera luminosa , em quanto  
 Passava a Armada o Estreito taõ temido ,  
 Quando o Piloto com terror , e espanto ,  
 O' Jupiter , dizia , esclarecido ,  
 Que sombra he a que vejo taõ pezada ,  
 Fatal ruina desta grande Armada ?

## XLVII.

Logo hum robusto corpo apparecendo  
No ar, co'a alta cabeça o Ceo tocava,  
De victoriosa rama a fronte erguendo  
Coroada, arrogante, altiva, e brava:  
Vestida a pelle de hum leaõ horrendo,  
Na maõ direita huma pezada clava,  
Negras sombras, e escuras o cercavaõ,  
Que o ar de horror, e medo carregavaõ.

## XLVIII.

O enredado cabello, e retrocido  
Em anneis sobre o hombro lhe descança,  
E o resplandor do rosto esclarecido  
Abre a sombra co'a luz, que aos ares lança:  
C'um tom da voz horrendo, e desabrido,  
Que atemoriza a tudo quanto alcança,  
Começou a falar, e n'hum momento  
Se abre o Ceo, cala o mar, e cessa o vento.

## XLIX.

Quem és, ó atrevido, que com tantas  
Nãos estes mares nunca navegados  
De fayas, medes com ligeiras plantas,  
Com chaves immortaes d'antes fechados?  
As colunas fortissimas quebrantas,  
Termos, que puz aos mares levantados,  
Que Neptuno venera, e quando passa,  
Lhe beija os pés, e com respeito abraça?

## L.

Deixa o caminho , navegante insano ,  
Que além desta , e da opposta alta coluna  
Naõ se vê mais que o Ceo , e o Oceano ,  
Theatro das tragedias da fortuna :  
Muda de intento , colhe o solto pano ,  
Deixa a fadiga barbara , e importuna ,  
Se naõ buscas no mar tempestuoso  
Sepulchro eterno de cristal undoso.

## LI.

O Grego o ouve , a quem com voz tremante  
Dizia : O' grande Cidadão celeste ,  
Tu és o que com animo constante  
As fraudes de Euristeo vencer pudéste ;  
Tu ao dragão Hesperio vigilante ,  
Centaurus , e leão Nemeo venceste ,  
E tu as mezas de Fineu honraste ,  
Donde as Harpias sordidas lançaste.

## LII.

O Cerbero prendeste , e por comida  
Diomedes déste ás féras , que guardava ,  
Despojaste Acheloo vendo rendida  
A Hydra , que as cabeças renovava :  
Em teus braços deixou Antheo a vida ,  
E Caco , que os incendios vomitava ;  
Mataste o javali , e o rutilante  
Globo tomaste descansando Atlante.

## LIII.

Ulysses sou do illustre sangue Grego ,  
Que lavrando taõ largos mares venho ,  
E ás grandes portas do Oceano chego ,  
Sobre taõ fraco , e taõ caduco lenho :  
No monstruoso Polifemo cego ,  
O graõ Neptuno , que offendido tenho ,  
Naõ quer , que em suas ondas quasi absorto  
Busque paz , ache vida , alcance porto.

## LIV.

Tu , grande excelso Nume , e sempiterno ,  
Que isto vês , me soccorre , e o mar serena ,  
Acabe a vida , ou o trabalho eterno ,  
Que em mim tem resistencia taõ pequena :  
Trague-me o bravo mar , abraze o Inferno ,  
Acabe em tanta pena minha pena ,  
Que já passado tem meu sentimento  
Todo o termo , que tinha o soffrimento.

## LV.

Vi Cycones , Lotóphagos , e undosos  
Mares , graves tormentas repentinas ,  
Duras mortes , e casos prodigiosos ,  
Desusadas viagens peregrinas :  
Vi rayos , vi incendios temerosos ,  
Nas ondas de Neptuno altas ruinas ,  
Que só contra mim ha no mar , e estrellas  
Ruinas , rayos , mortes , e procellas.

## LVI.

Manda-me o Ceo buscar aquella parte,  
Que o Sol com sua immensa claridade  
Ultima vê, quando de nós se parte,  
Para erguer com eterna magestade  
A Cidade belligera, que a Marte,  
Inimigos, e a longa eternidade  
Ha de vencer, pelo humido caminho,  
Dando a eternos heroes eterno ninho.

## LVII.

Nestes annos de minha vida breves  
O fim deste discurso ver tomara,  
Tu amparar-me, grande Alcides, deves,  
Que aquelle he grande, que o affligido ampara.  
Alcides se enternece, e torna leves  
Os graves Ceos, e faz alegre, e clara.  
Nos campos do ar a noite, e do que ouvia  
Hum pouco magoado, lhe dizia:

## LVIII.

Agora alcanço, ó Grego venturoso,  
Que tu és o que em annos florecentes  
Cingirás o cabello victorioso  
Das invejadas ramas eminentes:  
A Lisboa erguerás muro famoso,  
A quem beijando os pés com suas correntes  
Lhe off'recerá o Tejo cristaes puros  
Para famoso espelho de seus muros.

## LIX.

Estes trabalhos teus Protheo contava  
Nos seculos passados, e dizia,  
Que hum Grego nestes mares se esperava,  
De que o grande Neptuno tremeria:  
Que donde o Tejo ameno os campos lava,  
Com gente de estremada valentia  
De Atlante humilharia a altiva frente,  
Bebendo o Nilo em sua propria fonte.

## LX.

Em quanto aos hombros o alto Ceo sustenta  
Está vendo-te Atlante perturbado,  
Que ruina fatal lhe representa  
A tua vista do Africano estado:  
Tem sabido que em Africa, que aqueenta  
O Sol com rayos, e calor dobrado,  
Levantará com força mais que humana  
Altos trofeos á gente Lusitana.

## LXI.

Vê que o grande João c'o estoque agudo,  
Onde da gloria a nobre inveja o chama,  
Passa dos seus diante como escudo  
Rendendo a forte Ceita só co'a fama,  
Onde fará correr do Mouro rudo  
Rios ao mar de sangue, que derrama,  
Quando tanta cabeça vir cortada  
Do invicto braço seu, da invicta espada.

## LXII.

Teme que ainda Ceita o cclebrado  
 Ninho ha de ser dos claros descendentes  
 De Noronha , de langas fabricado  
 Por lenhas odoriferas , e ardentes ,  
 Aonde hum Fenix , e outro renovado  
 Com obras peregrinas , e excellentes  
 Daraõ , enriquecendo sua memoria ,  
 Alta materia a soberana historia.

## LXIII.

Teme que hũ grande Henrique, e que hũ Fernan-  
 Entraraõ pela terra Tingitana , ( do  
 Feitos illustres co'a espada obrando ,  
 Desmentindo o poder , e a força humana :  
 Teme que lá em Arzila devastando  
 Mulei Barraxe o campo , o desengana  
 Dom Joaõ , que se oppõe com pouca gente ,  
 E os Mouros rompe , que he leaõ rompente.

## LXIV.

Teme que o mesmo Dom Joaõ querendo  
 Entrar c'õ de Tarouca taõ temido ,  
 De Fez o Rey lhe fugirá tremendo ,  
 De dous Martes honrado , e perseguido :  
 O porto de Larache abrindo , e vendo ,  
 O graõ Ferrobo abrazará atrevido ,  
 E de Azamor com animo seguro  
 Arrazará co'a vista o forte muro.

## LXV.

Teme que hum Ataide illustre, e forte  
Verá Tednest rendido, e profligado  
De Marrocos o exercito, que a morte  
Evita no fugir acelerado:  
Teme do graõ Duarte a illustre sorte,  
Que a Tangere do Mouro já abrazado  
Sustentará, e que Azamor cahido,  
Será do grande Jaime defendido.

## LXVI.

Vê de Alcoutim o Conde, a quem o peito  
Honroso fogo de alta gloria inflamma,  
Vê de hum Cesar o feito nunca feito,  
Que vencerá dos Cesares a fama,  
Obrado neste Estreito, a quem he estreito  
Todo o espaço, onde o Sol sua luz derrama,  
E hum Mascarenhas, e outro soberano  
Novo Heitor, novo Achilles Lusitano.

## LXVII.

Com razaõ teme Atlante que se veja  
A costa debellada Tingitana,  
Que naõ entres no Oceano deseja,  
E naõ toques a praya Lusitana:  
Quando naõ produz odio, ou vil inveja,  
He esteril a virtude soberana,  
Que o valor, e virtude preeminente  
Presente desagrada, ama-se ausente.

## LXVIII.

Naõ disse mais, e a sombra, que se via  
 Levantada no ar, qual grande torre,  
 Representando que no mar cahia,  
 Desce do alto, e pelas ondas corre:  
 Ulysses que huma dor grave sentia,  
 C o pavor, que até os ossos lhe discorre,  
 Pegada a voz ás fauces, levantava  
 A vista ao Ceo, e a Jupiter falava.

## LXIX.

Circulos immortaes que arrebatados  
 Desse primeiro, e eterno movimento,  
 Em discordia suave concertados  
 A's leys obedeceis do firmamento:  
 Esp'ritos, que dos orbes estrellados  
 Sois almas, que infundis divino alento,  
 Falai co'as linguas do silencio mudo,  
 Tudo fale por mim ao Autor de tudo.

## LXX.

Oh grande Amon, que a eterna monarchia  
 Tens n'um, e n'outro Ceo, onde a formosa  
 Tocha do bello Sol author do dia  
 Alumia esta machina lustrosa:  
 Tu que as sombras da noite escura, e fria  
 Honras com pregadura taõ custosa  
 De estrellas, e planetas rutilantes,  
 Que tanto excedem lucidos diamantes:

## LXXI.

Naõ permittas, que as ondas temerosas,  
Com que vimos té o centro o mar aberto,  
E dos ventos as bocas espumosas,  
Nos impidaõ gozar do porto incerto:  
De Hyperia sobre as prayas arenosas,  
Perdidos nos salvamos por acerto,  
Ajudados de força soberana;  
Que sem o Ceo naõ val industria humana.

## LXXII.

Já da triste visãõ nada apparece,  
Da qual todos ficáraõ perturbados,  
E atravessando o Estreito lhes parece,  
Que a mayores perigos saõ chegados:  
A noite foge, o Sol formoso crece  
Sobre os mares lançando os abrazados  
Rayos, que o grande tanque soberano  
Illustraõ do vastissimo Oceano.

## LXXIII.

Vestio-se o ar de graõ serenidade,  
Que d'antes negro, e carregado estava,  
Co'as nuvens fuge a solta tempestade,  
E os chuveiros, que Noto ameaçava:  
Razas as ondas vaõ, que a suavidade  
Do vento a agua apenas encrespava,  
E com graça mayor; do que costuma,  
Encanecia o mar de branca escuma.

## LXXIV.

Dizia entã Creonte : Aqui se encerra  
 O que disse Protheo da sorte avara ,  
 Pois sem descanso achar , e amiga terra ,  
 A roda destes males nunca pára :  
 Quaõ mais ditoso fora quem na guerra  
 Comsigo seus trabalhos encerrára  
 Dentro na antecipada sepultura !  
 Que he morte a vida se entre os males dura.

## LXXV.

Aquelle que atrevido o pinho leve  
 Poz nas ondas dos ventos agitadas ,  
 O coraçã tres vezes de aço teve ,  
 E de bronze as entranhas fabricadas :  
 Que de Boreas , e de Africo se atreve  
 Provar a luta , e forças indomadas ,  
 Quando da espessa nuve' o seyo abrindo ,  
 Rebentaõ no ar graves trovões bramindo.

## LXXVI.

Os mares acomete o atrevido  
 Nauta , que a fronte escura vê cuberta  
 Do monte Acroceraunio , e no bramido  
 De Cauro a tempestade tem por certa :  
 Aos perigos da terra os do temido  
 Mar ajuntou a gente pouco experta ,  
 Com alma da ambiçã leve enganada.  
 Oh gente humana , em teu perigo ousada !

## LXXVII.

O claro Betis, o Ana caudaloso,  
 E o Sacro Promontorio já dobravaõ,  
 E com Favonio alegre o seyo rundoso  
 Da Lusitana costa navegavaõ:  
 Para onde o Tejo paga seu famoso  
 Tributo, as leves proas se inclinavaõ,  
 Levando ao mar riquissimo thesouro  
 De prata as aguas, e as areas de ouro.

## LXXVIII.

Huma garça do Tejo ao ar se erguia,  
 Que o vento na presteza atraz deixava,  
 E como que a queixar-se ao Ceo subia,  
 Ao fogo as leves pennas arriscava:  
 A que huma aguia real detraz seguia,  
 Que em voltas por chegar-lhe se apressava,  
 Levando sempre a vista firme, e prompta  
 Na garça, que entre as nuvens já remonta.

## LXXIX.

Depois de em largos giros ter cortado  
 Os diafanos ares vem descendo,  
 Como hum rayo de Jupiter alado,  
 A garça as brancas azas encolhendo:  
 A que a aguia por hum, por outro lado  
 D'os cerrados encontros o ar rompendo,  
 Instando opprime, e com furor afferra,  
 Onde era o fim da vida o fim da guerra.

## LXXXI.

Vendo Ulysses o caso aos seus gritava :  
 Aqui , amigos , se acaba o graõ caminho ,  
 Com que d'hum Fado n'outro nos levava  
 Boreas , varrendo o mar e'o negro pinho :  
 Para este porto o Fado nos guiava ,  
 Aqui alcançamos desejado ninho ,  
 Que estes sinaes , que vejo mo declaraõ.  
 A que todos com vozes acclamáraõ.

## LXXXI.

Cada qual do trabalho satisfeito ,  
 Que tem passado , está ledõ , e contente ,  
 O Tejo ás náos cansadas punha o peito ,  
 Que atraz da popa murmurar se sente :  
 Chegáraõ aonde em dilatado leito  
 Emula ao mar se estende a graõ corrente ,  
 E cada huma das náos qual mais ligeira  
 A proa pega na humida ribeira.

## LXXXII.

Descansaõ nas amarras , e procura  
 Sahir a gente em terra alvorçada ,  
 A area beija , e bebe a fonte pura  
 Nas mãos por álvas pedras derivada :  
 Assentaõ-se contentes na verdura ,  
 Onde o prado lhe faz verde almofada  
 Junto das fontes , onde seus licõres  
 Bebem ávidamenteervas , e flores.

## LXXXIII.

Como verdes doces, ós levantados  
 Bosques davaõ repouso ás brandas aves, e  
 Que espalhando queixumes namorados,  
 Leves fazem da calma as horas graves.  
 Chovem das folhas sonos sóssegados,  
 Que perturbavaõ Zefiros suaves,  
 Entre as ervas parecem serpes vivas  
 De cristal puro as lypfas fugitivas.

## LXXXIV.

Aqui hum pastor de venerando aspecto,  
 Que o gado neste monté apascentava,  
 Nos annos grave, a quem no largo peito  
 A copiosa barba descansaõ,  
 A's perguntas, que Ulysses tinha feito  
 Da terra, e por que Rey se governava,  
 Lhe diz: Aqui se estende o mar profundo,  
 Onde da água começa o mayor mundo.

## LXXXV.

Aqui de Lusitania he grão cabeça,  
 Donde passar não saberá o desejo,  
 Aqui a terra se acaba, e o mar começa,  
 Onde seu nome perde o doce Tejo:  
 Que para que com o Lethe se pareça  
 Nos ares, na frescura, no sobejo  
 Mimo de terra, quantos o bebêraõ  
 De tudo o mais do mundo se esquecerãõ.

## LXXXVI.

Por Gorgoris o Reyno he governado, y como  
 Que o ama, sem queixar-se de opprimido  
 De outro poder mayor, nem he vexado  
 Do tributo com traças admittido :  
 Com duas canas diante acompanhado  
 Dos seus amado sae, e sae temido :  
 Quem quer que o temaõ por injustos modos,  
 Quando todos o temem, teme a todos.

## LXXXVII.

De Jupiter he neto, porque estandoy  
 Na torre Danae donde a recolhio  
 Achrisio, n'um orvalho alegre, e brandoy  
 Convertido o graõ Jupiter descia :  
 Daqui Perseo nasceo ; Danae cortandoy  
 C'o filho o mar por desusada via,  
 A Italia veyo em braços de Neptuno,  
 Onde a quiz por esposa o graõ Pylumno.

## LXXXVIII.

Perseo cresceo, e co'a fatal espada  
 Talares de Cylenio, escudo forte  
 De Pallas, a cabeça vio cortada  
 De Gorgona, que entrega á eterna morte :  
 Do ar pizando a regiaõ dourada  
 A Estella vio por peregrina sorte,  
 A' terra desce em lucidos talares,  
 Abrindõ namorado os leves ares.

## LXXXIX.

Governava este Reino o grande Abante  
 Da bella Cynthia esposo, e pay de Estella,  
 Dotada de hum angelico semblante,  
 Sobre os extremos de belleza bella:  
 Perseo a vio, e amou, e nesse instante  
 Porque lha nega o pay, quiz pertende-la  
 Por armas, e d'o escudo, que trazia,  
 A singular batalha o desafia.

## xc.

No Cynthio monte armado Abante espera,  
 Confiado em suas forças, e o valente.  
 Perseo descobre logo a imagem fera  
 No escudo, que cingia a graõ serpente:  
 Abante alheyo do que de antes era,  
 Em pedra dura transformar-se sente,  
 E os que neste perigo o acompanháraõ,  
 Os membros em penhascos transformáraõ.

## xci.

Foi Estella por elle alli roubada:  
 Hymeneo, que lha dera por esposa,  
 Assiste sem cothurnos, e apagada  
 A tocha d'antes clara, e luminosa:  
 De Cynthia tomou Cintra celebrada  
 O nome, que em rochedos he famosa.  
 Gorgoris nasce, e como a idade chega,  
 Perseo se parte, e o Reyno ao filho entrega.

## XCII.

Por estes montes Gorgoris galhardo  
 Ao usso, e javali fero arremete,  
 Sacudindo ligeiro o mortal dardo  
 De cima do belligero ginete:  
 Ao veado cornigero, ao pardo,  
 O animal mais fercz bravo acomete,  
 He no rio, e nos montes fatigada  
 A veloz garça, e a perdiz pintada.

## XCIII.

Este alto Rey, que excede em valentia  
 Ao forte Alcides, vence juntamente  
 Ao seu valôr na branda cortezia,  
 Mais que na lingua em obras eloquente:  
 Sendo disto avisado elle viria  
 Regalar-vos, e a toda a Grega gente,  
 Que sempre as náos, que porto aqui tomáraõ,  
 Nelle fâvor, e acolhimento acháraõ.

## XCIV.

Cessou, e o monstro, que as estrellas toca,  
 Que com mil olhos vê, mil pennas voa,  
 Que acquire forças caminhando, e troca  
 Em varias fórmãs tudo o que apregoa:  
 Applicando ao metal sonoro a boca,  
 Que deste polo ao mais remoto soa,  
 Tinha já publicadô como a Armada  
 Estava sobre as ancoras fundeada.

## .XCV.

Já Gorgoris a gente preparava  
 Por ver as náos, que ao porto tem chegado,  
 E a pequena Cidade se alterava,  
 Donde sahia de armas rodeado,  
 Quando com Leostenes encontrava,  
 Que do Grego fortissimo enviado,  
 Os discursos, e es erros lhe declara  
 Dos mares, por que Ulysses navegara.

## .XCVI.

Elle, que as causas na memoria tinha  
 De amar a Ulysses, desce da alta serra,  
 E alvorogado pelo ver caminha  
 A offerecer-lhe o porto, e propria terra:  
 Encontra o Grego, que a busca-lo vinha,  
 Torna-se em paz a imaginada guerra,  
 Daõ-se os braços, e as mãos, e do que via  
 Ulysses obrigado lhe dizia:

## .XCVII.

Já dos trabalhos, que passado tenho,  
 Me esqueço para os dar por bem passados,  
 Pois por elles a vossas terras venho  
 Para favores receber dobrados:  
 Os mares, que sulquei no fraco lenho  
 Entre o rigor dos ventos indómados,  
 Me seriaõ suaves, se cuidara,  
 Que a fortuna a este porto me arrojava.

## xcviii.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,  
 Que vos venero só por nome, e fama,  
 Que ouvindo amor nos animos se cria,  
 Como por olhos por ouvidos se ama:  
 O que de Achilles, e de vós ouvia,  
 É de Troya já entregue á mortal flama,  
 Me acendia n'um fogo, e n'um desejo  
 De ir ver o Xanto, e de esquecer o Tejo.

## xcix.

Na regia sala n Ulysses esperava  
 Astrea com Calypso peregrina  
 No parecer, que os ares inflammava  
 Nos raios de sua luz clara, e divina:  
 O paço de tapizes se adornava,  
 De Persico brocado, e seda fina,  
 As lavradas cadeiras põem diante  
 De evano, e puras linhas de elefante.

## c.

A todos diz Ulysses: Justamente  
 Espero uehar em vós favor, e amparo,  
 Podendo-me animar ser descendente  
 Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:  
 Getou Achrisio Jove, elle o valente  
 Laerte de Anticlêa esposo caro;  
 Destes nasci, n quem o Fado chama  
 Por trabalhos sem fim a immortal fama.

xi.

Ma potestati in Danubio, per prima cosa:  
 Scelte materiam, e ad riva  
 Que en grado de non per dicit e cetera.  
 De Mithra, e una granitosa espressa  
 E di le usure de dicit, e le cetera  
 De iste illustre nome potestati.  
 De granitosa nome dicit prima dicit.  
 Potestati non non e sempre e cetera.

xii.

Presenta e, e Mithrae dicit dicit  
 E non, que de dicit e dicit dicit.  
 De iste de dicit dicit dicit dicit.  
 Que non non dicit dicit dicit.  
 De dicit e dicit dicit, e dicit dicit.  
 De dicit dicit dicit, que e dicit dicit.  
 E non de dicit dicit dicit.  
 De dicit dicit e dicit dicit.

xiii.

Presenta de dicit dicit, e dicit dicit.  
 De dicit dicit dicit e dicit dicit.  
 De dicit dicit dicit de dicit dicit.  
 De dicit dicit dicit, e dicit dicit.  
 De dicit dicit dicit e dicit dicit.

## CIV.

Entre as Reaes pessoas assentado  
 Ulysses se enlevava, n'ò que via  
 Da formosa Calypso, que a sêu lado  
 Mais formosa que o Sol lhe parecia;  
 Nos olhos se encontravaõ, e alterado  
 O coração na vista suspendia,  
 Descobrendo o que sente no que cala;  
 Que amor he mudo, e pelos olhos fala.

## CV.

Era gastada a vagarosa tarde,  
 E das estrellas lucidas cahindo  
 A noite escura vem lenta, e cobarda,  
 A sombra as portas do temor abrindo  
 Quando a formosa sala em fogos arde,  
 Hum novo, e claro dia repetindo;  
 Enchiaõ lautamente a regia meza  
 Os manjares com pòmpa, e com grandeza.

## CVI.

Vencida a ceia, ao Capitaõ famoso  
 Perguntavaõ da guerra, e da victoria,  
 As causas, porque o Ilyon poderoso  
 Perdêra a antiga, e peregrina gloria;  
 E do exercito Grego victorioso  
 As batalhas, que tinha na memoria:  
 Por lhe dar gosto o Grego referia  
 Com grave, e branda voz, e assim dizia:



# U L Y S S É A.

## C A N T O S E X T O.



### A R G U M E N T O.

*De Helena o rapto a Gorgoris contava  
O Grego, e grande Armada, que partia,  
Como com Paris em duello entrava  
O Atrida, a que Acidalia defendia;  
E como Rheso a socorrer chegava,  
E com Heytor Achilles combatia;  
A morte de Dolon, e como o duro  
Grego abrazou de Troja o forte muro.*

I.

**C**o'aquele raro monstro de belleza,  
No mundo por desgraças affamado,  
Que de Leda, e de Jupiter se preza,  
Meneláo, diz Ulysses, foi casado:  
De cuja vista a liberdade preza  
Páris contente vio amante, e amado;  
Que Venus quiz mostrar-se agradecida  
Da sentença, que deo por ellá em Ida.

## II.

Ella formosa , Meneláo ausente ,  
 Em huma náo , que tinha aparelhada ,  
 Páris a Helena leva occultamente ,  
 Huns dizem , que por gosto , outros forçada :  
 Já o filho de Atreu , que a injúria sente ,  
 Agamenon convoca , n'huma Armada ,  
 Que debaixo escondia o mar Egeo ,  
 Parte , e com elle o filho de Peleo.

## III.

Em mil armadas náos o acompanhavaõ  
 Os povos de Beocia , e Panopea ,  
 Os de Daulida , e Crisia , e os que gostavaõ  
 Do famoso Cefiso a fertil vea :  
 Os que a fonte Liléa povoavaõ ,  
 E os da famosa Euboya , e Eritrea ,  
 Que saõ os que ha de mais valente peito ,  
 Do ponto Euxino até o Herculeo estreito.

## IV.

De Thirintia , e de Herminia a forte gente ,  
 E c'os Argivos os de Esparta , e Pharo ,  
 E os que bebem de Amiclas a corrente ,  
 E de Trios ameno o cristal claro :  
 De Troise , e de Pidauro juntamente ,  
 Da forte Egina o lavrador avaro ,  
 E os de Helle , onde já foi navegante  
 Helle , que á esposa fuge de Atamante.

## V.

Vem os de Creta, e Rhodes valerosos  
Myrmidones, e os de Ihaca, que eu chamo,  
Que he terra, e gente minha, que os famosos  
Soldados seguem de Egilipe, e Sarno;  
Os Arcades, e Etolios generosos,  
A que orna a testa o victorioso ramo;  
Que he pouco todo o liquido elemento  
A tanta faya, a tanta vela o vento.

## VI.

Partio a grossa Armada, e hia cobrindo  
O mar, que hum grande bosque parecia,  
A azul espalda de Neptuno abrindo,  
Já a terra a pezada ancora mordia:  
A Gente sae na praya, o Sol ferindo  
Nas armas, representa o ar, que ardia,  
Campo de fogo, e a gente, que marchava,  
No estrepito hum trovaõ, que atravessava.

## VII.

Todos desembarcamos n'hum momento,  
Os cavallos aos carros ajuntamos,  
E pelo largo campo ao leve vento  
As alegres bandeiras despregamos:  
Cercaõ vallos o grande alojamento,  
Vestem tendas o campo, que occupamos,  
O Xanto geme, as terras emmudecem,  
E da alta Troya os muros estremecem.

## VIII.

Junto de Troya hum pouco se levanta  
 Hum eminente passo, donde tinha  
 Exploradores Priamo, que espanta  
 O esquadraõ, que talando as terras vinha:  
 Estes lhe dizem, como a gente he tanta,  
 Que inunda os largos campos, e caminha  
 Para seus muros; e do grave espanto  
 Attonito de a ver se pára o Xanto.

## IX.

Bem como o lavrador, que da semente  
 Os graves sulcos tinha enriquecido,  
 Vendo o rio inundar, e que a crescente  
 Tem já suas verdes margens excedido,  
 Contempla do alto a rápida corrente  
 Do rio pelos campos estendido,  
 E vê, que afogará qualquer tardança  
 Da verde terra a fértil esperança:

## X.

Tal dos seus está Priamo cercado,  
 Com que este grave aperto conferia;  
 Hum vota sem alento, e perturbado,  
 No rosto a outro o coração se via:  
 Não soffre dilações tempo apertado,  
 Antenor sabio, e velho lhe dizia,  
 Co'as armas recebamos o inimigo,  
 Entrando todos no commum perigo.

## XI.

Ao uso de Bellona offerecido  
 Já não abria a terra o ferro duro,  
 Em forte lança, e espada convertido,  
 Em elmo, e peito lucido, e seguro:  
 A fouce, e antigo rastro, que escondido  
 Estava na ferrugem, limpo, e puro  
 Sae para ver o Sol resplandecente  
 Com nova fôrma da fomalha ardente.

## XII.

Ordena-se, que o grande Heytor tomasse  
 A redea, e Capitães consigo eleja,  
 Que repartisse as hostes, e ordenasse  
 O campo, e dêsse o modo da peleja:  
 Que os de Dardania Eneas governasse,  
 E acompanhado neste officio seja  
 De Archiloco, e Achâmas, cavalleiros  
 Ambos de estranha força, ambos guerreiros.

## XIII.

Que a forte gente, que do fertil Idá  
 Sahio até a ribeira celebrada  
 De Asopo, pelas armas tão temida,  
 Seja do forte Adrasto governada:  
 A quem do pay Percosio a conhecida  
 Morte (que he sabio) foi prognosticada,  
 Sem o mover do intento; que forçado  
 Pelos cabellos o arrastava o Fado.

## XIV.

De Arisbe, Cesto, e Abido a dura gente  
 O valente Hyrtacides governava,  
 Que os cavallos, que cria a Seelente  
 Ribeira, ferocissimos domava,  
 Os Pelasgos Hypoto, que a excellente  
 Larissa deo, que Pilio acompanhava,  
 Ambos filhos de Letho, e naõ tem conto  
 Os que Achamas trouxera do Hellesponto.

## XV.

Como a guerra, e furor por pontos crece,  
 A gente popular, que o risco via,  
 Diz a Páris, que injusta acção parece  
 Negar a Menelao o que pedia:  
 Outro diz, que a contenda só merece,  
 Que os dous provem seu braço, e valentia;  
 Que elles só fação a aspera peleja,  
 E ao vencedor Helena o premio seja.

## XVI.

Este concerto Páris naõ recusa,  
 E a todos com valor se põe diante,  
 Por entre a multidão cega, e confusa  
 Fala com voz composta, e arrogante:  
 O ignaro povo sem razaõ me accusa;  
 Que com espada, e coração constante  
 Nada temo, que sabe o animo forte  
 Forçar estrellas, e vencer a sorte.

## XVII.

Já o duello os Gregos lhe pediaõ,  
 Páris se offerecia ousadamente  
 A' duvidosa sorte, e já vestiaõ  
 Sobre a tecida malha o arnez luzente:  
 Já Gregos, e Troyanos concorriaõ  
 No campo, que guarnece Marte ardente  
 De Capitães, e de armas, que o cercavaõ,  
 Que alegre vista, e horrida formavaõ.

## XVIII.

Depois de assim o duello concertado,  
 O lugar da batalha se assinala,  
 Já tinhaõ varias rezes degollado,  
 E o cheiro de Pancaya o fogo exhala:  
 Menelao ante Jupiter prostrado  
 Sua grave affronta com silencio fala,  
 Cada qual promettendo fé segura,  
 Por Phebo intonso, e Phlegetonte o jura.

## XIX.

Concertaõ, que o que delles for vencido,  
 Ou vencer, com Helena juntamente  
 As joyas goze, ou torne a seu marido,  
 Segundo a sorte for triste, ou contente:  
 Páris as fortes armas tem vestido,  
 E abraçado o escudo refulgente,  
 Com agulha a correa debuxada,  
 De que pendia a generosa espada.

## XX.

A celada compõe, onde se aperta  
 A famosa plumagem, que brotava  
 Da boca de huma serpe, que desperta  
 Nos olhos, como viva, scintilava:  
 Tem Menelao a colera encuberta,  
 Que n'alma a grave dor dissimulava,  
 Qual vendo o javali, irado treme  
 O libréo forte, e por soltar-se geme.

## XXI.

Deo a Páris lugar primeiro a sorte,  
 Para ferir co'a lança ao inimigo,  
 Naõ quer Priamo ver taõ duro, e forte  
 Combate, e ao caro filho em tal perigo:  
 Que Páris vença, ou tenha honrada morte,  
 ( Diz elle ) ou caso adverso, ou Fado amigo,  
 Naõ poderei ver transe taõ custoso,  
 Tudo em mãos deixo a Jove poderoso.

## XXII.

Do campo se sahio, e, levantando  
 O braço, Páris tira a grossa lança,  
 Menelao a recebe no dobrado  
 Escudo, onde ferindo ella descança:  
 A sua voa, e rompe o ar delgado,  
 E Páris affrontado da tardança,  
 Coberto do escudo, com mór pressa  
 Contra o ferro inimigo se arremessa.

## XXIII.

Já cada qual dos dous a espada ardente  
Mostra nos duros punhos apertada ,  
Sobre elmo , sobre escudo refulgente  
Os golpes soaõ de huma , e d'outra espada :  
Páris ajoelhou , a que o valente  
Menelao corre , e azindo da celada ,  
Arrastando o levava , onde acabara ,  
Se Venus , que isto via , o naõ guardara.

## XXIV.

Huma forte correa , que o trazia  
Já sem alento , Venus lhe desata ;  
Com elle n'uma nuvem sé escondia ,  
Que sobre o largo campo se dilata :  
Da vista foge , e Menelao , que via  
Voar a nuve' em circulos de prata ,  
Acidalia conhece , que ao Troyano  
A vida quiz salvar por este engano.

## XXV.

Nas mãos lhe fica o elmo , e descontente  
Com ira o rompe , e vinga a sorte escaça ;  
Qual o touro feroz , que ao lado sente  
O que a desafia-lo entrou na praça ;  
Se a capa lhe deixou , corre vehemente ,  
E co'a testa inclinada a despedaça :  
Tal Menelao nas mãos tendo a celada  
Lhe diz : Perjuros , que he da fé jurada ?

## XXVI.

Ferve o concurso , os campos se alteravaõ ,  
 Huns , e outros com armas acodiaõ ;  
 Huns o defendem , outros o accusavaõ ,  
 E o tumulto co'as vozes acendiaõ :  
 Os Gregos Capitães com força instavaõ ,  
 Que quebrar-se os concertos naõ podiaõ ,  
 E entre esta confusaõ está diante  
 Menelao victorioso , e arrôgante.

## XXVII.

Já o Rey de Missena em toda a parte  
 Manda as tubas tocar , para que o siga  
 O Grego bando , e qual irado Marte  
 De Troya os muros a tremer obriga :  
 Sobre o carro veloz furioso parte ,  
 Que destramente guia o velho auriga ,  
 Toma nas mãos a lança , e parecia  
 Hum cometa , que infausta luz vertia.

## XXVIII.

Qual no Ceo claro a autumnal estrella  
 Vence os densos vapores refulgente ,  
 Quando a medonha luz , que nasce della  
 Com males ameaça a mortal gente :  
 Assim o Grego nesta parte , e aquella  
 As esquadras visita diligente ,  
 Vendo , ordenando , e abrazando tudo  
 Co'a luz medonha do temido escudo.

## XXIX.

Marchavaõ já as esquadras ordenadas,  
Como as ondas, que o bravo mar levanta,  
Que humas succedem a outras apressadas,  
Té que na praya o rolo se quebranta:  
E encontrando nas rochas levantadas,  
Ferem com tal braveza, e furia tanta,  
Que erguendo o mar escumas arrogante,  
Mostra que as serras quer levar diante.

## XXX.

Os Gregos vaõ desta arte arremetendo,  
Mostrando animos fortes, e guerreiros,  
Honrosas mortes dando, e recebendo,  
Onde desejaõ todos ser primeiros:  
Aos que o lugar, e a vida vaõ perdendo,  
Succedem no perigo os derradeiros:  
Cae Archidamo alli, qual grande torre,  
Que he o primeiro, que entre as lanças morre.

## XXXI.

A este mata Anthiloco arrojando  
A lança, que os delgados ares parte,  
Que o bem dobrado escudo atravessando  
Lhe passa o peito de huma, e d'outra parte:  
No ar Creonte o braço levantando,  
Que de seus tiros treme o proprio Marte,  
Lançar a muitos faz de cada tiro  
A alma envolta no ultimo suspiro.

## XXXII.

Logo o filho de Priamo galhardo  
 Antifo, para dar-lhe escura morte,  
 Animoso vibrava o mortal dardo,  
 Que a Licaon levou a imiga sorte:  
 Eu, que o via cahir, para o bastardo  
 Antifo ardendo huma mortal, e forte  
 Lança arrojéi, que na soberba fronte  
 Caminho abriu do altivo Archigeronte.

## XXXIII.

O forte Diomedes neste dia  
 Como hum leão correndo desatado,  
 Pelas Troyanas lanças se metia,  
 Como se fora o campo desarmado:  
 A Heytor buscando, as hostes discorria,  
 Tendo o campo de corpos semeado,  
 Pandaro o via, e logo da encurvada  
 Lua soltava a dura setta ervada.

## XXXIV.

Junto do hombro o fere, onde a armadura  
 Lugar ao golpe dava, mal ferido  
 Diomedes se conhece, que da pura  
 Pallas foi levantado, e soccorrido:  
 Nectar lhe applica, e co'a divina cura  
 Mais forte ao campo torna, e mais temido,  
 Salta no carro, que Nisiros guia,  
 Que seu pezo, e governo conhecia.

## XXXV.

Ao atrevido Pandaro defende  
Eneas em seu carro, onde seguro  
Naõ está de Tydides, que pretende  
A vingança c'o ferro, e braço duro:  
A grave lança atira, os ares fende,  
Até parar tingindo o ferro puro  
No sangue de Phegeo, que morto, e exangue  
Vomita a vida no espumoso sangue.

## XXXVI.

Já co'a espada na mão do carro salta,  
A que Eneas se oppõe no campo aberto,  
Hum baixa a espada traz, outro a põe alta,  
Hum descoberto o corpo, outro coberto:  
Fere a Eneas na perna, onde se esmalta  
De sangue o verde campo, e tinha perto  
Da vida o triste fim, se Venus cara  
Deste grave perigo o naõ guardara.

## XXXVII.

Elle, que nos enganos a conhece,  
Contra Venus a espada ergue atrevida,  
Correndo vai, e Venus estremece,  
Que de hum golpe na mão se achou ferida:  
Deixando o campo já desaparece,  
E na sala dos Deoses offendida  
A Jupiter chorando o caso conta,  
E affrontada faz bella a propria affronta.

## XXXVIII.

Marte, ou fosse movido de alta inveja,  
 A Diomedes se oppoz bravo diante,  
 Oú movido de amor antigo seja,  
 Com elmo ardente, e hombros de diamante,  
 Chamando-o está com vozes á peleja,  
 A que elle sae com coração constante,  
 E a grossa lança cada hum despede  
 Com força desigual, com igual sede.

## XXXIX.

Pallas, que a Diomedes acompanha,  
 De Marte a forte lança lhe desvia,  
 E a de Tydides com huma furia estranha  
 Contra Mavorte pelos ares guia:  
 Toca de Marte o peito, e com tamanha  
 Força nas fortes armas o feria,  
 Que torna atraz, ao ar resurtem logo  
 Faiscas, que acendiaõ Marte em fogo.

## XL.

Os Troyanos cansados não podendo  
 Sustentar-se no campo, as costas davaõ,  
 Vaõ-se aos muros, e vallos recolhendo,  
 Donde dardos, e lanças arrojávaõ:  
 Heytor bravo na voz, na vista horrendo,  
 Corrido de que os seus se retiravaõ,  
 De colera abrazado, de ira cego  
 Correr mil rios faz de sangue Grego.

## XLI.

Assim rindo a fortuna ora aos Troyanos,  
Ora aos Gregos, as sortes variava,  
E sustentando a guerra tantos annos,  
A nenhuma das partes inclinava:  
Que entre os Deoses do Olympto soberanos  
Favor Venus a Troya, e a Grecia dava  
Pallas; e Heytor, que estas tardanças sente,  
Dos Gregos desafia o mais valente.

## XLII.

Antes que o caso em sortes se puzesse,  
Para ao campo sahir se offerencia  
O forte Agamenon, que resplandece,  
Como Marte, nas armas, que vestia:  
Hum nobre, e honroso fogo em todos crece  
De mostrar seu valor, e galhardia,  
Buscando em dura guerra honrada morte;  
Cae em Creonte a duvidosa sorte.

## XLIII.

Entraõ no campo os monstros de braveza,  
Em quem das armas o valor se encerra,  
Os escudos embraçaõ com destreza,  
E debaixo dos pés lhe treme a terra:  
Nas forças, e valor cada hum se preza  
De ser mayor que o mesmo Deos da guerra:  
Metendo-se na espada do inimigo  
Esquecidos da vida, e do perigo.

## XLIV.

Nos escudos fortissimos reparaõ  
 Os golpes, que naõ caem sem grande effeito,  
 Correndo hum para o outro se topáraõ,  
 Oppondo escudo a escudo, e peito a peito:  
 As ardentes espadas levantáraõ,  
 E já o escudo em muitas partes feito  
 Mal defendia os corpos, e as dobradas  
 Armas se vêm dos golpes aboladas.

## XLV.

Nem de Vulcano na horrida officina  
 Os pezados martellos tanto soaõ,  
 Quando a massa estendendo diamantina  
 Succede hum golpe ao outro, e tudo atroaõ:  
 Das fortes armas, e da malha fina  
 Já muitas peças pelos ares voaõ,  
 E do espumoso sangue, que corria,  
 Roxa a armadura toda parecia.

## XLVI.

Do Olympo o grande Jupiter olhava  
 A batalha taõ aspera, e temida,  
 De Creonte, que a Parca ameaçava,  
 Quiz o fio estender da breve vida:  
 Ao Sol, que ao Occidente caminhava,  
 Fez que tomasse mais veloz corrida,  
 E a noite o negro coche accelerasse,  
 Porque a batalha férvida atalhasse.

## XLVII.

Quando com justo passo a Aurora abria  
Nos Ceos a claridade matutina,  
Vendo o filho de Atreu, que vinha o dia,  
A morrer, ou vencer se determina:  
Já os muros, gritando, acometia:  
Quando a varia fortuna, que se inclina  
Em favor dos Troyanos, nos mostrava,  
Que ella mesmo por elles pelejava.

## XLVIII.

Nesta batalha os Deoses soberanos  
Ao grande Heitor favor, e ajuda deraõ,  
E com mortes crueis, e graves danos  
Os Gregos até as náos se recolhêraõ:  
Ficáraõ victoriosos os Troyanos,  
E por saber o que fazer esperaõ,  
Como cobertó o ar de sombra vimos,  
A explorar o inimigo nos partimos.

## XLIX.

Com Diomedes parti, quando occupava  
Da parda terra a noite a escura fronte,  
O Ceo com suas luzes scintilava,  
Que as trevas afugentaõ do horizonte:  
Quando perto Diomedes divizava  
Huma sombra, que desce do alto monte;  
Escondidos estamos esperando,  
Té ver, que a sombra a nós se vem chegando.

## L.

Era Dolon Troyano, que se atreve  
 Vir ao campo dos Gregos no segredo  
 Da noite escura, cuja sombra leve  
 Sepulta os valles, que occupou mais cedo;  
 Elle a estrada repete escura, e breve,  
 Ligeiras azas lhe emprestava o medo,  
 Fugio, foi perseguido, e foi tomado  
 Pegada a voz ás fauces de affrontado.

## LI.

Conta-nos como o grande Heitor deseja  
 Saber o que no exercito passava,  
 Que a elle o manda, por que note, e veja  
 Se a gente Grega espera, ou se embarcava:  
 Se os animos dispõe para a peleja,  
 E o que sobre isto entre elles se tratava:  
 A ver, dizia, estes segredos viuha,  
 E aqui me trouxe a má fortuna minha.

## LII.

Entaõ lhe foi Diomedes perguntando  
 O modo, em que os Troyanos se alojavão,  
 Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,  
 Os lugares, e postos, que occupavaõ:  
 E que em o Sol c'os raios apontando,  
 Para ir queimar ás náos se aparelhavaõ,  
 E como de soccorro o valeroso  
 Rheso veyo c'o Thrace bellicoso.

## LIII.

O qual hum carro traz, que bem podia  
 Competir c'ò do Sol em formosura,  
 Cujos cavallos cada qual vencia  
 Nos pés o vento, a neve na brancura:  
 E que entre as mais riquezas, que trazia,  
 He de ouro huma fortissima armadura.  
 Que prezo me tenhais, me diz, consinto  
 Até verdes c'os olhos que não minto.

## LIV.

Diomedes lhe tornou: Pois na temida  
 Noite te atreves com ligeira planta  
 Os Gregos explorar, paga co'a vida  
 'Taõ grande atrevimento, astucia tanta:  
 Dos hombros a cabeça dividida  
 Lhe cae, segando a espada a vil garganta,  
 Lança c'ò sangue a alma, e o triste esp'rito  
 Desce bramindo ás aguas de Cocito.

## LV.

Logo o caminho fomos proseguindo,  
 Até que no arrayal contrario entrando,  
 A muitos, que em descuido estaõ dormindo,  
 Do sono a eterno sono imos passando:  
 Dalli a grande tenda descobrindo,  
 Que Rheso occupa com repousõ brando,  
 Eu lhe corto a cabeça, e o corpo frio  
 Lança de sangue hum caudaloso rio.

## LVI.

E dando a mesma morte aos que o guardavaõ,  
 Os cavallos ao carro insigne atamos,  
 E as armas, que ao redor pendendo estavaõ,  
 Victoriosos, e alegres carregamos:  
 As redeas, com que brandos se domavaõ  
 Os ligeiros cavallos, concertamos,  
 Quantos o carro vêm, cuidaõ, que Rheso  
 He da quadriga o glorioso peso.

## LVII.

Sahimo-nos do campo, conhecendo,  
 Que o esquadraõ belligero se armava  
 Para em a nova luz amanhecendo  
 Ir sobre a Armada, que no porto estava:  
 Agamenon o carro, e preza vendo,  
 Honras nos promettia, os braços dava,  
 As armas, e os cavallos vê nevados,  
 Que parece que ao Sol foraõ furtados.

## LVIII.

Apenas cae sobre os mayores montes  
 A duvidosa luz do Sol ardente,  
 Subindo aos abrazados horizontes  
 Para espertar no mundo a cega gente:  
 Quando qual rio, que as antigas pontes  
 Ameaçando, corre impaciente,  
 Se diffundia o imigo, que se chega  
 A pôr a fogo, e ferro a Armada Grega.

## LIX.

O largo câmpo de armas inundava ,  
 E a Grega gente toda recolhida  
 Defender-se nos vallos procurava ,  
 Tratando huns da victoria , outros da vida ;  
 A Diomedes huma setta , que voava ,  
 De purpura banhou de huma ferida ,  
 Que peleja taõ dura , e porfiada  
 Nem esta idade a vio , nem a passada.

## LX.

A's náos levava Heitor ardentes flammaz ,  
 Fogo , gritava , ás náos , a quem seguiaõ  
 Alcathoe , e Agenor , e Polydamas ,  
 E outros que ao mesmo effeito concorriaõ :  
 Cingindo as fronte de eminentes ramas  
 Os filhos de Antenor alli se viaõ ,  
 Levar ás náos as flammaz crepitantes ,  
 Archiloco era hum , outro Athamantes.

## LXI.

Isto o famoso Achilles considera ,  
 E suas armas a Patroclo vestia ,  
 Que aos Troyanos vencer co'a fama espera ,  
 Tanto o braço de Achilles se temia !  
 E cuidando os que o vêem que Achilles era ,  
 Todo o arrayal voltava , e lhe fugia ,  
 A quem o medo a morte fez presente ;  
 Que tanto a opiniaõ póde entre a gente.

## LXII.

Como o lobo voraz , que na manada  
 Das ovelhas entrou , ellas sentindo  
 O inimigo , com furia arrebatada  
 Sem ordem derramadas vão fugindo :  
 Tal ao furor da generosa espada ,  
 Com que largo caminho vai abrindo ,  
 As hostes inimigas se apartavaõ ,  
 E as espaldas fugindo lhe mostravaõ.

## LXIII.

Declara-se a fortuna entã notoria  
 Por nossa parte , e Patroclo a seguia  
 Querendo entrar em Troya , que a victoria  
 Neste falso favor se promettia :  
 Acha-se o mór perigo na mór gloria ,  
 Quando co'a lança as portas já feria ,  
 Na maõ de Apollo o arco , e corda soa ,  
 E nas azas da setta a morte voa.

## LXIV.

No rosto o fere , e logo sobre a terra  
 Inclina , pondo a maõ por sustentar-se ,  
 Co'a eterna sombra os olhos abre , e cerra ,  
 Provando em vão tres vezes levantar-se :  
 Sobre elle corre Heitor , adonde a guerra  
 Mais aspera começa a declarar-se ,  
 Contra Patroclo hum corre a despoja-lo ,  
 Outro por defendê-lo , e por livra-lo.

## LXV.

Como, quando dobrando seus ardores  
 O Syrio fogo, as messes carregadas  
 Vão derrubando os duros segadores,  
 Que pelo campo atraz deixão cortadas:  
 Assim se vêm por mãos dos vencedores  
 Muitas gargantas pelo chaõ segadas,  
 Fazem truncados corpos sobre a terra,  
 Amargo fructo da sanguinea guerra.

## LXVI.

Alli o bravo Heitor, que não descansa,  
 Vendo que o elmo a Patroclo cahira,  
 Lhe arroja a grande, e temerosa lança,  
 Que as vias atalhou, com que respira:  
 A purpurea alma da ferida lança,  
 Que a Phlegetonte desce ardendo em ira,  
 Em lhe valerem armas, porque veja  
 Que contra o Fado, e Ceo ninguem peleja.

## LXVII.

Entre o rigor das armas retirado  
 Comsigo Achilles só considerava  
 As mortes, com que cobre Marte irado  
 As prayas, que c'o sangue o Xanto lava:  
 Ou porque de Briseida privado  
 Gamenon o tem, que mais amava,  
 Ou porque se entretém na doce pena,  
 Que a vista lho causou de Policena.

## LXVIII.

A morte sente do fiel amigo  
 Achilles, e de dôr, e de ira insano  
 Já deseja meter-se no perigo  
 Para de sangue se fartar Troyano:  
 Já desprezando estava o ocio antigo,  
 Vendo que causar pôde maior dano  
 Qualquer tardança; o peito, e a celada  
 Adapta, ao lado cinge a forte espada.

## LXIX.

Já de Thetis o filho valeroso  
 Junta ao carro os cavallos, que no raso  
 Campo levaõ com curso impetuoso  
 Balio, Capystro, e Xanto com Pedaso:  
 O Hespero imitando temeroso,  
 Quando encendido corre pelo Occaso,  
 Levando a invicta espada, e braço forte  
 C'o ultimo castigo o horror da morte.

## LXX.

Os Troyanos o vêm com grande espanto  
 De fortes membros, de virtude rara,  
 E qualquer, que ouza vê-lo, o teme tanto,  
 Que o campo, e proprias armas desampara:  
 Mudada leva a côr o claro Xanto  
 Do muito sangue, e impedido pára  
 Dos que a morte da espada não quizerão,  
 E nadando nas ondas a bebêraõ.

## LXXI.

Como a langosta sordida passando  
Hum lago, ou rio de voar cansada,  
Huma sobre outra morre, e vai formando  
Para a que detraz vem segura estrada:  
Assim os Troyanos, por fugir nadando  
De Achilles, que os seguia, á forte espada,  
Entravaõ no Escamandro, e na corrente  
Huns morrem, outros passaõ juntamente.

## LXXII.

Nas veas congelado o medo frio,  
As armas os Troyanos recusavaõ,  
Esquecido o valor, e antigo brio,  
Para salvar a vida as costas davaõ:  
Heitor Achilles chama a desafio,  
Hum contra o outro as lanças arrojavaõ,  
Achilles Marte Grego, e da outra parte  
O valeroso Heitor Troyano Marte.

## LXXIII.

Erguia Heitor o braço, donde a lança  
(Que era huma faya) despedida dece,  
Que ameaçando tudo quanto alcança,  
Rayo na mão de Jupiter parece:  
Cortando os ares vem té que descança  
No escudo, com que Achilles se offerece  
Ao golpe, a lança fere, e não podendo  
Passar, do que fizera está tremendo.

## LXXIV.

De Heitor o Grego o peito rutilante  
 Reconhece, que a Patroclo vestira,  
 Embravece co'a dôr de o ver diante,  
 E da vista arrojava rayos de ira:  
 A hum tigre ferido semelhante,  
 Que a varia pelle arriga, e fogo espira,  
 Quando do silvo, ou setta provocado  
 Nas lanças entra de fereza armado.

## LXXV.

Na maõ a grossa lança sopezando,  
 Todo em corage, e em furor se acende,  
 Que do escudo huma parte penetrando,  
 Já nelle preza inutilmente pende:  
 As espâdas nos punhos apertando,  
 Cada qual desce, a seu contrario attende,  
 Que topar-se vieraõ fronte a fronte,  
 Qual se hum monte topara n'outro monte.

## LXXVI.

Nem quando impera Jove soberano  
 Com tal furor os Cyclopes valentes,  
 Nas negras ferrarias de Vulcano  
 Lhe forjaõ rayos lucidos, e ardentes,  
 Como o Capitaõ Grego, e o Troyano  
 As espâdas levantaõ refulgentes,  
 Ferindo os elmos, onde tremolavaõ  
 As plumas, de que o campo semeavaõ.

## LXXVII.

Qual dous leões famintos sobre a preza  
 Do veado, que morto tem diante,  
 Chea a boca de sangue, e de braveza,  
 Cada qual mais cruel, mais arrogante:  
 A escura vista em puro fogo aceza,  
 Dando hum rugido, e outro penetrante,  
 Se abraçaõ, rasgaõ, té que o mais ferido  
 Sem descobrir fraqueza cae rendido.

## LXXVIII.

Assi os monstros da guerra arremetiaõ,  
 Do alto abaixo olhando se buscavaõ,  
 N'uma parte apontavaõ, outra feriaõ,  
 E as mais vezes o golpe executavaõ:  
 Agora as armas com engano abriaõ,  
 E nellas juntamente se cerravaõ,  
 Tentando-se por huma, e outra parte,  
 Oppondo a arte á força, e a força á arte.

## LXXIX.

Prova o valente Heitor toda a destreza,  
 Que em vaõ ferir Achilles pretendia,  
 Acha nelle, e nas armas a defeza,  
 Que a toda a espada, e forças resistia:  
 Bem como a ignea pedra ardendo aceza  
 Dos golpes do fuzil, já o ar se via  
 Das ardentes faiscas abrazado,  
 Que resurtem do escudo temperado.

LXXX.

Heitor a fria morte vê defronte ,  
 Que na espada inimiga anda escondida ,  
 Em negro sangue de huma , e d'outra fonte  
 Vai pouco a pouco destilando a vida :  
 A armadura mais forte , que fez Bronte ,  
 Por mil partes estava dividida ,  
 O aperto , a que a vida he já chegada ,  
 Com mil bocas o diz a propria espada.

LXXXI.

Conhece-se ferido , e que o fervente  
 Sangue já as fortes armas lhe banhava ,  
 Contra Achilles corria impaciente ,  
 Que a vida , e o perigo desprezava :  
 Girava a hum lado , e a outro a espada ardente ,  
 Co'a voz , que solta , os montes abalava ;  
 Que hum trovaõ parecia a voz pezada ,  
 Traz elle hum rayo o fulminar da espada.

LXXXII.

Sentia a coxa esquerda mal ferida ,  
 O escudo lança atraz , a espada aferra ,  
 Que sobre Achilles cae grave , e temida ,  
 Com que ambos os joelhos poz por terra :  
 Bravo se ergue da affronta recebida ,  
 Aperta os dentes , c'o inimigo cerra ,  
 Nos braços o levanta , e entre os braços  
 Se daõ ambos durissimos abraços.

## LXXXIII.

Nem da setta belligera feridos  
O usso fero, ou javali arrogante  
Fazem soar taõ grave a seus bramidos  
A gruta, ou a caverna mais distante,  
Com quanta força os Capitães temidos  
Para affrontar-se os peitos põem diante;  
A' seus braços os montes respondêraõ,  
E feridos da planta estremecêraõ.

## LXXXIV.

Como se Pélio, e Olympo se topassem,  
De duras rochas fronte, e peito armados,  
E na tosca aspereza se abraçassem  
C'os braços de seus troncos carregados,  
E em fontes de apertados rebentassem:  
Assi estes vivos montes abraçados  
Se apertaõ, onde Heitor qual vivo monte  
Brotava sangue de huma, e d'outra fonte.

## LXXXV.

Importa-lhe ajudar-se de destreza  
Na palestra, em que o corpo exercitava,  
Tenta co'a força Achilles na fraqueza  
Das pernas, que hum estende, outro encurvava,  
Fazendo vacillar a fortaleza  
Das colunas, que Alcides respeitava,  
E Achilles affrontado do perigo  
A destreza temia do inimigo.

## LXXXVI.

O braço cada qual irado estende,  
 E c'ò inimigo se ata em laço estreito,  
 Huma vez se soltava, outra se prende  
 Torcendo os braços, chegaõ peito a peito:  
 No ar o Grego o grande Heitor suspende,  
 Depois que varias provas teve feito,  
 Grande parte do campo assim discorre,  
 Crendo trazer nos braços huma torre.

## LXXXVII.

De naõ vencer corrido, e affrontado,  
 O corpo robustissimo cingia,  
 E o grave pezo n'um, e n'outro lado  
 Vacillando, mostrava que cahia:  
 Porém todo pendente, e reclinado  
 Com novo esforço, e nova valentia  
 Em pé ficava, quando á terra inclina  
 Depois de ameaçar fatal ruina.

## LXXXVIII.

Como Antheon o duro Heitor ficava  
 Depois de ter tocado a amiga terra,  
 De novas forças, e vigor se armava  
 Para seguir a começada guerra:  
 Maravilhado Achilles se mostrava,  
 Vendo o valor, que no alto peito encerra;  
 Que seu grande vigor o desengana,  
 Que naõ he seu esforço cousa humana.

## LXXXIX.

Vio começar o Sol este duello,  
E já entã inclinava a luz Febea,  
Sem sangue se acha Heitor, que de perdê-la  
Roxa tornada tinha a branca area:  
Achilles, que na maõ tinha o cabelo,  
De que a fortuna a escura fronte arrea,  
Bravo, e furioso instava com intento,  
Que não tomasse Heitor hum breve alento.

## XC.

Achilles, que se vê mais alentado,  
Estreitamente aperta Heitor comsigo,  
Metete o joelho esquerdo ao dextro lado,  
Carregando nos peitos do inimigo,  
Que sem poder suster-se, cae forçado,  
Sem descuidar-se em seu valor antigo,  
Que nos braços o aperta taõ vehemente,  
Que ambos a terra medem juntamente.

## XCI.

Heitor, a quem o peito a dura lima  
Da dôr grave em mil partes dividia,  
Tendo de Achilles o graõ pezo em cima,  
A quem já contrastar taõ mal podia,  
Mostrando que ainda assim menos o estima,  
D'um lado n'outro o corpo revolvia,  
Que sem temer contrario taõ temido,  
Vencido quer não parecer vencido.

## XCII.

Vê no ar levantado o braço forte,  
 E apertado hum punhal na dextra erguida,  
 Do alto ao rosto vê descer a morte,  
 Indo esconder-se o ferro na ferida:  
 Gozando Achilles mais ditosa sorte,  
 Os laços corta desta illustre vida,  
 Tendo outra vez no ar a adaga fera,  
 Como que a alma por feri-la espera.

## XCIII.

Triunfa a morte, e Marte do arrogante  
 Despojo, que no campo se estendia;  
 A espada jaz, e o escudo rutilante,  
 Que Grecia toda com razaõ temia:  
 O Ilion poderoso, e triunfante  
 Nelle a gloria contempla, que perdia,  
 Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,  
 Nesta viva coluna descansava.

## XCIV.

Achilles vencedor quasi vencido  
 O escudo abraça, que já mal sustenta,  
 Toma a espada das forças impedido,  
 E a planta move vagarosa, e lenta:  
 De cansado dos golpes, e opprimido  
 Estar com pouca força representa,  
 E com tremante passo a maõ pezada  
 Vai fazendo bordaõ da propria espada.

## XCV.

Recolhem-se em seus muros os Troyanos,  
As vidas segurando, e defendendo,  
E nelles contra os Fados tantos annos  
Sustentaõ o furor de Marte horrendo.  
Eu vendo os riscos, e perpetuos danos  
Que por pontos, e horas vaõ crescendo,  
Hum cavallo inventei, com que pudessem  
Entrar em Troya os Gregos, e a rendessem.

## XCVI.

No monstruoso corpo, que com tanta  
Soberba cresce, que a arte propria admira,  
Primeiro medo infunde do que espanta,  
Parecendo que he vivo, e que respira:  
Representando hum monte se levanta,  
O largo ventre cheyo de armas, e ira,  
Grave, e fatal prenhez, onde se encerra  
N'uma apparente paz occulta guerra.

## XCVII.

No cavallo ficamos encerrados  
Os que a sorte escolheo; e a Grega armada  
Fingidamente aos ventos socegados  
Na negra antena solta a vela inchada:  
Vendo que nos partimos, os cansados  
Troyanos saem ao campo, e a levantada  
Machina os admirava, a alguns parece  
Que fogo ao graõ cavallo se puzesse.

## XCVIII.

Deixámos entre os bosques escondido  
 Ao astuto Sinon, auctor de enganos,  
 Que se finge dos Gregos offendido,  
 Dando nas mãos dos miseros Troyanos:  
 Conta que delles tinha recebido  
 (Assistindo na guerra tantos annos)  
 Males, e affrontas, corre a ouvi-lo a gente,  
 Que enternecida o cria facilmente.

## XCIX.

A que viera perguntado, e donde,  
 Responde promptamente, e confiado,  
 Com lagrimas mistura o que responde,  
 Aos que por vê-lo, e ouvi-lo o tem cercado:  
 Sem a fraude luzir que n'almia esconde,  
 Lhe conta que o cavallo levantado  
 Os Gregos com trabalho edificárao,  
 Que á victoriosa Pallas consagrárao.

## c.

Persuadem-se todos os que ouviao  
 A Sinon, que o cavallo o muro entrasse,  
 Se bem ao rude povo outros diziao,  
 Que com suppostas chammas se abrazasse:  
 Varios votos se dao, os mais venciao,  
 Que para entrar o muro se rasgasse,  
 Sem ver quaõ grandes erros traz consigo  
 Crer a fé, e as offertas do inimigo.

## CI.

Entra o fatal cavallo , e na segura  
Praça o deixaõ ficar , soberbo , e quedo ,  
Desce a cobri-lo logo a noite escura ,  
Que no mar se banhára o Sol mais cedo :  
Naõ se via no Ceo estrella pura ,  
Tudo eraõ trevas , tudo horror , e medo ,  
E os que encerrados no cavallo estamos ,  
Pela sombra a sahida anticipamos.

## CII.

Qual da vibora os filhos , que a comprida  
Dilagaõ do nascer abreviando ,  
Rasgaõ da mãy o ventre , porque a vida  
Tem com sua morte , o moitto pay vingando :  
Tal das entranhas , onde está escondida  
A Grega gente , as horas apressando ,  
Armada nasce para a dura guerra ,  
Como os que semeou Cadmo na terra.

## CIII.

De noite as armas vaõ resplandecendo  
Entre as chammas do fogo levantadas ,  
Qual c'os rayos de Cynthia o ar ardendo ,  
Se vêem ondas do mar alumiadas :  
Huns vaõ fugindo , e outros recolhendo  
A dura maõ nas férvidas espadas ,  
A sombra o graõ tumulto , e furia augmenta ,  
Que os perigos esconde , e os accrescenta.

## CIV.

Cresce o tumulto , vozes , e armas crescem ,  
 Que faz a escuridade mais temidas ,  
 Varias mortes entre ellas se offerecem ,  
 Dando outra eterna noite a tantas vidas :  
 Arde a Neptunia Troya , onde perecem  
 Nos fios das espadas homicidas  
 Os seus , que Pyrrho com mortal estrago  
 De Phrigio sangue faz de Troya hum lago.

## CV.

A fabrica mayor , mais levantada ,  
 Da violencia dos Fados opprimida ,  
 Por maõ da dura guerra cae prostrada ,  
 E em sua grandeza mesma está escondida :  
 Do eterno pay dos seculos gastada ,  
 Que tira aos duros marmores a vida ,  
 Trofeos de ambas fortunas , que em pedaços  
 Faz na robusta força de seus braços.

## CVI.

A natureza , quando Troya ardia ,  
 Parece que no antigo chaos se encerra ,  
 O Ceo de negro luto se cobria ,  
 Quando em sepulchro ardente a Troya enterra ;  
 Tarda o Sol em trazer o novo dia ,  
 A escura sombra occupa o mar , e a terra ;  
 Que por naõ ver arder cousas taõ bellas  
 O Ceo cerrava os olhos das estrellas.

U L Y S S É A.

C A N T O S E T I M O.

ARGUMENTO.

*Or festejar Ulysses ordenava  
Orgoris real caga, e monteria:  
Ulysses, que a Calypso acompanhava,  
Per venturosa sorte se perdia:  
Ego erguia a Lisboa adonde achava  
Aouros de mais alta monarchia;  
Ela-lhe o Tejo, e canta docemente  
Egáa altas victorias do Oriente.*

1.

*Orgoris admirado do que ouvira  
Cantar a Ulysses com saber facundo,  
Em inveja de gloria arde, e suspira,  
Que na ultima parte está do mundo:  
Pém Calypso muito mais se admira  
Perturbada, e suspensa, no profundo  
Pesamento amoroso combatida,  
E si propria comsigo está rendida.*

P

## II.

Calypso pensativa bem mostrava  
 Estar ferida de amorosa seta,  
 Com varios pensamentos pelejava  
 Na melhor parte da alma, e mais secreta:  
 Na cama em campo de batalha estava,  
 E perturbada a alma, e inquieta;  
 Secretario do mal, que traz consigo,  
 Ao campo faz, e ao silencio amigo.

## III.

Para hum jardim sahia acompanhada  
 De hum criada, de quem mais se fia,  
 A esta só as historias da abrazada  
 Troya, que ao Grego ouvira, repetia:  
 Gaba-lhe a gentileza, e estremada  
 Eloquencia, em que a todos excedia;  
 Que não pôde haver rayo assim violento,  
 Como a continuacão de hum pensamento.

## IV.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, e frio  
 Do Rey da luz a bella embaixadora,  
 E mudando em aljofar o rocio,  
 Urnas de ouro derrama a roxa Aurora:  
 A branda testa as perolas em fio  
 Toucavaõ, com que mais ao Sol namora,  
 E com o véo das nuvens, que a cercava,  
 Do rosto as frias gotas enxugava.

## V.

festejando a Princeza do Oriente,  
 que sae as nuvens lucidas pizando,  
 os filhos do ar com pena diligente  
 enhaõ o Ceo, e a terra namorando:  
 que com farpada lingua docemente  
 enhaõ aprendida musica espalhando,  
 quando nas leves azas se levantaõ,  
 a alma suspendem, e o sentido encantaõ.

## VI.

a luz della os abrazados horizontes  
 com ardente pincel o Sol bordava,  
 na altiva testa dos soberbos montes  
 os rayos de ouro, e prata coroava:  
 as plantas, rios, flores, prados, fontes,  
 cada hum com lingua muda ao Sol falava,  
 como que agradecia a graõ belleza,  
 como que enfeitava o Sol a natureza.

## VII.

mostrava a terra verde as bellas flores  
 vestidas com tal graça, e alegria  
 de mais finas, e mais suaves cores,  
 como se estar-se rindo o prado parecia:  
 o vento c'os primeiros resplandores,  
 entre as folhas callado entaõ dormia,  
 as fontes, que passando murmuravaõ,  
 de suave repouso convidavaõ.

## VIII.

Sae Gorgoris dos seus acompanhado  
 Para onde o forte Ulysses o esperava,  
 Que corre a recebê-lo alvoroçado,  
 A quem no rosto o coração mostrava:  
 Porque o monte he de feras povoado,  
 Por alegrar a Ulysses ordenava  
 Huma caça real, e monteria,  
 Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

## IX.

Já de atavios ricos adornadas  
 As egoas remendadas se apercebem,  
 Que no Campo do Tejo são criadas,  
 Seus fenos pascem, suas correntes bebem:  
 Que de Boreas, e de Euro cubigadas  
 De seu fecundo espirito concebem,  
 Dando aos filhos por este nascimento  
 A ligeireza do paterno vento.

## X.

Gorgoris para a caça apercebido,  
 Das insignias do campo se guarnece,  
 Carrega ao hombro de ouro arco brunido,  
 E a aljava rica sobre o lado dece:  
 No cordão de ouro, e seda retorcido  
 A esmaltada buzina resplandece,  
 Curta lança na mão, que foi mais vezes  
 Terror mortal dos javalis montezes.

## XI.

Entre os mais hum libréo leva famoso ,  
Branco , de negras malhas todo cheyo ,  
De largos peitos , rosto portentoso ,  
Que tem a formosura em ser taõ feyo :  
Hia cuberto de aço luminoso ,  
Lustroso , forte , e engragado arreyo ,  
No pescoço hum collar , que com pungentes  
Pontas affronta as féras mais valentes.

## XII.

Mostra-se logo Astréa , e a formosa  
Calypso ao monte , que se alegra em vê-las ,  
Qual na noite serena , e luminosa  
Se acende o claro Ceo de luzes bellas :  
Ulysses , que na luz pura , e ditosa  
Das duas suavissimas estrellas  
Se vê abraçar , já de sua dôr contente  
Contava á causa della o mal , que sente.

## XIII.

Diz a Calypso entaõ : Vede , Senhora ,  
Como tudo se alegra em vós sahindo ,  
O Ceo , o mar , a terra vos namora ,  
E as boninas á roda se estaõ rindo :  
O Sol , porque vos vê na terra agora ,  
De envergonhado os rayos encobrimdo ,  
Das cores , que lhe saem sobre estes montes ,  
Abraza os prateados horizontes.

## XIV.

Qualquer ave, que ao ar livre se estende,  
 Vendo-vos taõ formosa, já parece  
 Que outra voz toma, e outro canto aprende  
 Com que do campo, por vos ver, se esquece  
 Pois se vos ama quem vos naõ comprehende,  
 Que fará quem vos ama, e vos conhece;  
 Se tudo em fim se rende á vossa vista,  
 Quem taõ livre será, que lhe resista?

## XV.

Mal (formosa Calypso) o incendio, que arde  
 Mal se esconde o amor, e se refrea,  
 Naõ soffre esta afeição, que mais aguarde,  
 E o fogo, que em minha alma amor atea:  
 Atrevido calei, falo cobarde,  
 Naõ tenho cousa, que naõ veja alhea;  
 Que em vos vendo, vos dei tudo o que tinha  
 Que até minha alma, por ser vossa, he minha

## XVI.

E se atégora o medo a voz me atava,  
 Naõ he muito ante vós te-la impedida,  
 Com lingua muda minha dôr falava,  
 E a pura alma nos olhos derretida:  
 Que os vossos me matáraõ, bem mostrava,  
 Sahindo o sangue á vista do homicida;  
 Morte, e vida me daõ, vendo-os taõ bellos,  
 Deseja-los a morte, a vida vê-los.

## XVII.

Calypso o ouve, e como se envergonha,  
 Não responde, e nas faces se cubria  
 De huma côr abrazada de vergonha,  
 Com que inda mais fôrmosa parecia:  
 Bebendo está suavissima peçonha  
 Nas amorosas queixas, que lhe ouvia:  
 Quando este gosto alegre lhe interrompem  
 Buzinas, que soando os ares rompem.

## XVIII.

As vozes dos monteiros o ar feriaõ,  
 Com que os écos nos montes se dobravaõ,  
 Prezos nas trellas os libréos gemiaõ,  
 Que a sahir, e a afferrar se aparelhavaõ:  
 Já de huma brenha altissima sahiaõ  
 Dous javalis, que o monte atravessavaõ,  
 De monstruosos corpos, que fugindo,  
 Co'as meyas luas vaõ o mato abrindo.

## XIX.

Hum delles corre o monte, não soffrendo  
 Dos monteiros as vozes, e o ruido,  
 Por hum valle cortava discorrendo,  
 Onde possa escapar sem ser sentido,  
 Calypso o topa, o palafrem temendo  
 A brava féra, pelo monte erguido  
 Corre espantado, e Ulysses não descança,  
 Té nas entranhas lhe esconder a lança.

## .XX.

Quando tornava alegre, e victorioso,  
 E Calypso buscava na espessura,  
 A huma, e outra parte temeroso  
 Discorria com vista mal segura,  
 Cahida em fim a encontra, e do formoso  
 Rosto eclipsada a viva formosura;  
 Pallido chega, que sem alma vinha,  
 Buscando o corpo, que por alma tinha.

## .XXI.

Com voz saudosã, e de suspiros chea  
 As mãos lhe beija, e docemente chora:  
 Quiz-se fazer formosa a morte fea  
 Com vossa formosura, alta senhora,  
 Lhe diz Ulysses, e da branda vea  
 De huma fonte a rocia, e como Aurora,  
 Que abre o Oriente, entãõ Calypso abria  
 O Sol da vista, donde nasce o dia.

## XXII.

Assim com ella entrava desmayada  
 Por huma pobre casa de pastores,  
 Onde por molle cama, e regalada  
 Tem brandas pelles, e puniceas flores:  
 Da tarde grande parte era passada  
 Em saudosas lagrimas, e amores,  
 Onde mais testemunhas naõ se achavaõ,  
 Que arroyos, que do caso murmuravaõ.

## XXIII.

Nos montes , e apertados arvoredos  
Muitos nocturnos passaros voáraõ ,  
E nas concavidades dos penedos  
Vozes de aves infaustas se escutáraõ :  
Sem cothurno , e sem faxa a estes segredos  
Assistio Hymeneo , e naõ faltáraõ  
Gemidos de animaes , que o ar abrindo ,  
Foraõ tristes agouros repetindo.

## XXIV.

Em seus braços Calypso as horas passa ,  
Que da prizaõ suave se contenta ,  
Hum amoroso laço ambos enlaça ,  
Ambos huma alma anima , ambos sustenta :  
Na bella vista , e peregrina graça ,  
Em quanto elle seus olhos apascenta ,  
Praticando co'a alma a alma estava ,  
E o coraçãõ c'o coraçãõ falava.

## XXV.

Está Chelos á vista altivo monte ,  
Fertil de muita caça , que com tanta  
Altivez sobre as nuvens ergue a fronte ,  
Que do Olympto , e do Pindo se adianta :  
De cuja espalda huma perpetua fonte ,  
Cae até lhe beijar a humilde planta ,  
Depois que pelo frio inverno teve  
Penteadas do vento as cãs de neve.

## XXVI.

Dos monteiros soava a vozeria ,  
 Das buzinas o estrondo juntamente ,  
 Ferve a montanha toda , onde tremia .  
 O tronco mais robusto , e eminente :  
 Das altas brenhas o éco respondia ,  
 Como que a voz humana represente ,  
 Saem as feras , deixando suas moradas ,  
 De ligeireza , e de fereza armadas .

## XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos  
 Saem em esquadras , cuja variedade  
 Espanta , alguns ás mãos se tomaõ vivos ,  
 Sem lhe valer sua grande agilidade :  
 Ligeiros gamos , corços , e os altivos  
 Veados saem , que na velocidade  
 Dos pés a vida trazem , e na corrida  
 Hiaõ fugindo dilatando a vida .

## XXVIII.

Alli hum dobra o arco , a terra esmalta  
 Do negro sangue da innocente fera ,  
 Este subido na arvore mais alta ,  
 O bravo porco , e o veado espera :  
 A rede outro estendia adonde falta ,  
 Outro do cordaõ larga , onde prendera ,  
 O libréo forte , e manda que arremeta ,  
 Sahindo qual de hum arco a aguda seta .

## XXIX.

Apoz sylvestres cabras, que espalhadas  
 Pascendo os largos valles vaõ cobrindo,  
 Gorgoris vai com voltas dilatadas,  
 A humas dando morte, outras seguindo:  
 Ellas trepaõ nas penhas levantadas,  
 E de huma pedra n'outra vaõ subindo,  
 Gorgoris se avantajaja na destreza  
 A todos, no ar do corpo, e gentileza.

## XXX.

Crendo que entrára Ulysses na espessura,  
 Pelo alcançar os montes fatigava,  
 Quando hum sabujo, e outro pela escura  
 Mata rompendo o valle atravessava:  
 Hum veado arrebenta, que a armadura  
 Da frente em varias pontas rematava,  
 Bate os fendidos pés, e indo voando  
 Por ver quem o seguia pára olhando.

## XXXI.

Nas egoas os monteiros apressados,  
 Que parece que o vento nascéo dellas,  
 Seguros vaõ batendo ámbos os lados  
 C'os rayos de agudissimas estrellas:  
 Nos valles, e nos montes impinados  
 Mil voltas davaõ nas seguras sellas;  
 Monte, filhos, e cova conhecida  
 As feras deixaõ por fugir co'a vida.

## XXXII.

Cansada a egoa Gorgoris levava,  
 E n'um ginete Hispano se subia,  
 Este o chaõ taõ veloz atropellava,  
 Que mostra que voava, e naõ corria:  
 Co'as mãos ferradas, que no ar dobrava,  
 Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,  
 Que desafia os ventos, e parece  
 Que c'o pezo que leva ensoberbece.

## XXXIII.

Foi-se cerrando o ar, foi-se cobrindo  
 De nevoa grossa, o cervo amedrentado  
 Por hum valle, e outro valle sacodindo  
 Os pés, apenas piza o verde prado:  
 Chega a hum precipicio, alli cahindo  
 C'o furor da carreira arrebatado,  
 N'uma perna do alto juntamente  
 Cae afferrado de hum libréo valente.

## XXXIV.

Este o veyo seguindo, que animoso,  
 Vendo-o cansado, fortemente afferra,  
 O caminho descendo alto, e fragoso,  
 Detendo-o vai, cozendo-se co'a terra:  
 E quando cae do monte cavernoso,  
 Vendo-se despenhar naõ desafferra,  
 Para que a ambos seja desta sorte,  
 O perigo commum, commua a morte.

## XXXV.

Gorgoris por feri-lo a lança erguendo ,  
Chegado a ponto de cahir esteve  
C'os pés no precipicio , onde temendo  
O ginete suspenso se deteve ,  
E o perigo , e ruina conhecendo ,  
Volta em roda no ar , ligeiro , e leve ,  
Desfaz-se a nevoa , e vê no chaõ prostrado  
O libréo forte , e o timido veado.

## XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido ,  
Que o ginete com leves plantas mede ,  
Quando acha hum javali na agua metido ,  
Que em sangue mata , e naõ no rio a sede :  
Este alli apertado , alli temido ,  
Das lanças descompondo a forte rede ,  
As costas segurando , a testa vira  
D'um lado n'outro , volta ardendo em ira.

## XXXVII.

Tasca furiosa escuma , quando sente  
As lanças , esgrimindo o navalhado  
Cutélo de marfim do agudo dente  
Contra os imigos , que sentia ao lado :  
A vista irada aceza em fogo ardente ,  
A cola retorcida , o arrigado  
Cerro das negras sedas encrespadas ,  
Qual para a guerra lanças ordenadas.

## XXXVIII.

Instando com furor acometiaõ  
 Os libréos mais valentes , que afferravaõ ,  
 Os sabujos de fóra alto latiaõ ,  
 As horridas buzinas no ar soavaõ :  
 Os monteiros co'as lanças o feriaõ ,  
 Com que os cães afferra-lo se animavaõ ,  
 Chegaõ , e o que mais chega sae voando ,  
 Na ferida as entranhas palpitando .

## XXXIX.

Com elle alli investia o mais famoso  
 Libréo , que na pendente orelha afferra ,  
 A fera ronca , e do marfim lustroso  
 Bramindo as meyas luas abre , e cerra :  
 Té que de hum bote o caõ forte , e nervoso  
 Aberto cae , tingindo o sangue a terra ,  
 Onde lançava a espumosa vida  
 Envolta em negro sangue da ferida .

## XL.

Gorgoris , tendo a lança levantada ,  
 Duro arremeço faz , dizendo : Nesta  
 Verás a morte , e a fronte carregada  
 Rompe o ferro amolado , e dura testa :  
 Tremendo cae do golpe ensanguentada  
 Sobre seu grande corpo a fera besta ,  
 A quem com gosto o vencedor levanta ,  
 E os que espantara viva , morta espanta .

## XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,  
Morto o graõ javali, de Chelos dece,  
Monte alto, donde o nome derivado  
De Chellas hoje dura, e permanece:  
Nos valles Caballinos vê prostrado  
O que Ulysses matou, que inda parece  
Que o nome querem conservar consigo  
Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

## XLII.

Alli chegou Ulysses, e tornando  
Para a Cidade, goza dos favores  
Da graõ Calypso, em cujo peito brando  
Tanta impressaõ tem feito seus amores:  
Nestes doces cuidados enganando  
Os dias, que entaõ julga por melhores,  
Nota hum sitio eminente, e mais seguro  
Para erguer da Cidade o nobre muro.

## XLIII.

C'os seus o caso Ulysses conferia,  
Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,  
Outros, votando por diversa via,  
Fundar os novos muros reprovavaõ:  
Que se erga a graõ Cidade se vencia  
Contra os que pela patria suspiravaõ,  
Que he graõ doçura a com que a patria amiga  
A suave lembrança nos obriga.

## XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente  
 Ulysses fórma, ante elle se prostrava,  
 E coroado de arvore eminente  
 Com grande affeito o forte Grego orava:  
 Concorre a acompanha-lo alegre a gente,  
 E cada qual de Bacchõ coroava  
 A ardente taça, e por diversos modos,  
 Dando vozes ao Ceo, se alegraõ todos.

## XLV.

E da arvore do Sol cingindo as fronte,  
 A erguer os novos muros se animavaõ,  
 Ao Genio, que habitava aquelles montes,  
 E antiga terra, em versos celebravaõ:  
 Ao velho Jano, ás Nayades das fontes,  
 Ao graõ Neptuno, e a Folo libavaõ:  
 Toou Jove do alto, e pelo raro  
 Ar corre hum resplendor divino, e claro.

## XLVI.

Todos com vozes altas vaõ seguindo  
 O grande agouro, que no Ceo se via,  
 Com duro ferro a dura terra abrindo,  
 Que agradecer-lhe os golpes parecia:  
 Que nome lhe dariaõ conferindo  
 A' Cidade fatal, que entaõ nascia,  
 Hum lhe chama Ulyssipo, outro a nomea  
 Pelo famoso Ulysses Ulysséa.

## XLVII.

Que se chame Ulysséa concordáraõ ,  
 Viva Ulysséa , dizem , gloriosa ,  
 Quando nos fundamentos , que lançáraõ ,  
 Cousa descobre o Céu rara , e famosa :  
 Que no templo , que a Pallas levantáraõ ,  
 Huma cabeça humana portentosa  
 Viva nas côres viaõ , e huma espada  
 Dos poderes do tempo reservada.

## XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulysses chama ,  
 Que com estro divino lhe dizia :  
 Adonde esta cabeça teve a cama ,  
 Quer Jove erguer mais alta Monarchia :  
 Aqui grandes varões de eterna fama ,  
 Além dos termos , que prescreve ao dia ,  
 Faraõ que no Universo se conheça ,  
 Que he de Europa Ulysséa alta cabeça.

## XLIX.

Tanto que o cercõ repartido esteve  
 Da famosa Ulysséa , honra de Marte ,  
 E o muro , e templo assignalado teve ,  
 Ruas abrindo vai , praças reparte :  
 Ferver se via a obra em tempo breve ,  
 E o trabalho exceder modelos , e arte ,  
 Pelos montes se ouvia , donde mora ,  
 Os golpes repetir Echo sonora.

## L.

Quantos robustos braços se veriaõ  
 Suar na obra , tendo por suave  
 Trabalho o com que os marmores partiaõ ,  
 Arrastando no carro o pezo grave :  
 Outros o monte , e bosque alto feriaõ ,  
 Donde a pezada pedra , e grossa trave  
 Desce , que ao templo , e muro se accomoda.  
 Pelo artificio da voluvel roda.

## LI.

Este a grenha do monte ás costas passa  
 Ao fogo intenso , que arde , outro trabalha  
 Fazendo a dura terra em molle massa  
 Para a cozer na férvida fornalha :  
 Qual por que sirva na soberba traça ,  
 A pedra pule , e a coluna entalha ,  
 E outro sobre a porta levantada  
 A cornija accomoda carregada.

## LII.

Como se na obra Dedalo assistira ,  
 Com graõ cuidado , e graõ fervor se obrava ,  
 Cada hum succede no trabalho , e tira  
 O carro , que gemendo atravessava :  
 Quem vê o muro , com razaõ se admira  
 Como huma pedra , e outra assim quadrava ,  
 Que representa a obra illustre , e rara ,  
 Que a cithara Thebana edificara.

## LIII.

Já se viaõ crescendo erguer seguros  
 A testa altiva os muros levantados,  
 Rompendo co'a grandeza os ares puros,  
 Das correntes do Tejo rodeados:  
 Ameaçando do alto os fortes muros,  
 De lustrosas ameas coroados,  
 Sobre o tanque do Oceano profundo)  
 As coroas do velho, e novo mundo.

## LIV.

Sendo o carro do Sol na mór altura,  
 O suave trabalho se apartava  
 Ulysses, e onde a vea doce, e pura  
 Nas amenas prayas beija, e lava:  
 P'uma lapa, que abriu na rocha dura,  
 Que a repouso, e descanso convidava,  
 Entra para entregar-se ao sono lento,  
 Dar hum breve allivio ao pensamento.

## LV.

Neste rochedo grande porta abria  
 Rio, que ovas pardas pendurando,  
 Como de natural tapeçaria,  
 Sai a Neptuno alcobas adornando:  
 Que em lugar de prezada laçaria  
 A rocha pouco a pouco foi limando,  
 Que as pedras gasta da agua o mollé dente  
 C'o' a força não, mas c'o' ferir frequente.

## LVI.

Mostrava nesta rustica bruteza  
 Exceder os burís de arte melhores,  
 Onde, como zombando, a natureza  
 Entalhou pedras de subtís labores:  
 Hum arco se formava de grandeza  
 Estranha, onde a caverna dos ardores  
 Do Sol não offendida, a mais suaves  
 Sonos dava lugar nas horas graves.

## LVII.

D'entre as pedras em gotas distillada  
 A fonte, em puras lagrimas descendo,  
 Está fios de prata congelada,  
 Para enfiar as pérolas, vertendo:  
 No chaõ em partes a agua reprezada  
 Por labyrinthos de cristal correndo,  
 Meandros, fórma, e pela molle fralda  
 Com vidros cobre musgos d'esmeralda.

## LVIII.

No tempo era, que o Sol mais abrazado  
 Exhalava no ar flammias ardentes,  
 Quando sua pompa exangues pelo prado  
 Cahindo inclinaõ as flores excellentes:  
 E quando rumiando o manso gado  
 As sombras busca, e liquidas correntes,  
 Bordava a ardente luz de Apollo louro  
 Do Nemeo leaõ a pelle d'ouro.

## LIX.

Ouvindo o canto das lascivas aves,  
 Que o ar suave enchiaõ de harmonia,  
 E o murmurar da fonte, que nas graves  
 Pedras quebrando seu cristal rompia:  
 E c'o sopro das leves, e suaves  
 Auras, que as verdes folhas revolvia,  
 Entre as humidas azas de Morfeo  
 D'alma os graves cuidados suspendeo.

## LX.

No mais fundo do Tejo hum sumptuoso  
 Palacio o Rio habita, de luzentes  
 Zafiras, e cristal puro, e lustroso,  
 Que as paredes faziaõ transparentes:  
 Aqui foi avisado o Tejo undoso,  
 Que junto de suas liquidas correntes  
 Ulysses n'uma lapa repousava,  
 E logo o centro pelo ver deixava.

## LXI.

Manda hum Tritaõ, que do humido aposento  
 De escamas d'ouro lucidas vestido  
 Sahindo fora, dê sonoro alento  
 Co'a negra boca a hum buzio retorcido:  
 Voa nas azas do ligeiro vento  
 O som por varias partes repetido,  
 Deixaõ as naturaes concavidades  
 Para acodir as humidas Deidades.

## LXII.

De vestes roçagantes, e luzidas  
 De hum cristal molle, e molles esmeraldas  
 Hum sae vestido, e outro guarnecidas  
 De escamas d'ouro as nitidas espaldas:  
 Outros camisas brancas tem vestidas  
 De congelada escuma, e nas grinaldas.  
 As Ninfas vaõ aljofar enlaçando  
 No coral fino, em suas ondas brando.

## LXIII.

Chegaõ aonde o Tejo os esperava;  
 N'um solio altivo, claro, e preeminente  
 Na sala, cujo tecto carregava  
 Em colunas de massa transparente:  
 Alli sobre urnas de ouro se encostava,  
 Sahindo de cada huma huma corrente,  
 Por falar-lhe a cabeça sacudia,  
 E o chaõ de aljofre, e pérolas cobria.

## LXIV.

Conta-lhe como Ulysses he chegado,  
 E á Lusitania hum seculo famoso,  
 Em que ha de ser do Tejo subjugado  
 De ambas as Thetis o temido esposo:  
 Que quer ir visita-lo acompanhado  
 Das Deidades do rio caudaloso,  
 Todos o approvaõ, e elle nesse instante  
 Os passos move, os Deoses vaõ diante.

## LXV.

Pizando sae as humidas areas  
O velho Rio, n'uma verde cana  
Arrimadô, entre o côro das Nereas,  
Coroado de junco, e de espadana:  
As Nayades famosas, e as Napeas,  
Descem das fontes, donde o Tejo mana,  
Vaõ com elle as Oréades, e as Drias,  
E a verde alma das plantas Amadrias.

## LXVI.

Mil vezes salve, ó Ulysses venturoso,  
Ao sabio Grego diz o antigo Rio,  
Que este porto será por ti famoso,  
Da plaga Austral além do Norte frio,  
Quando os peixes de prata, e mar furioso  
Reconheçaõ meu largo senhorio,  
Quando vencedor pize o Tejo ufano  
A cerviz dura ao tumido Oceano.

## LXVII.

Ergue a nobre Cidade, e naõ te espante  
O graõ furor de Gorgoris valente,  
Por minhas ondas passarás ávante,  
Onde armas acharás, e ousada gente:  
Eu por guia te irei sempre diante,  
Humilhando esta tumida corrente,  
Que quando este ditoso pezo a opprima,  
Correráõ minhas ondas para cima.

## LXVIII.

Mandou entã o Rio venerando  
 A Legea , que toque a doce lira ,  
 E o suave instrumento acompanhando  
 Co'a branda voz , que o Ceo , e a terra admira :  
 Reconte a profecia , que cantando  
 Os segredos do Fado , a Prótheo ouvira ,  
 Como abriria á Lusitana gente  
 O mar té as roxas portas do Oriente.

## LXIX.

Ella obedece , e c'uma graça estranha  
 Põe a animada neve no instrumento ,  
 A que co'a voz angelica acompanha ;  
 Cessou nas folhas escondido o vento :  
 Naõ podendo caber cousa tamanha ,  
 Se naõ for n'um divino pensamento ,  
 E o que a Prothêo ouvira , referia  
 Cantando a bella Ninfa , e assim dizia :

## LXX.

Entre os segredos da futura idade  
 Grande gloria te espera , ó Tejo ufano ,  
 Quando os muros erguer da graõ Cidade  
 Em tuas margens hum Grego soberano :  
 Em cujo imperio , e eterna magestade  
 Depois do mar de Atlante , e do Oceano  
 Se ha de ver o mar Roxo navegado ,  
 Perdendo a côr vermelha de enfiado.

## LXXI.

Tomando o quinto Affonso bellicoso.  
Na Regia mão do Reyno a redea leve,  
E achando aquelle coraçã famoso  
O Lusitano Imperio estreito, e breve:  
As velas dando ao mar tempestuoso,  
Já c'os mares Atlanticos se atreve,  
Verá a ultima terra, aonde viviaõ  
Tres irmãs, que de hum olho se serviaõ.

## LXXII.

Depois do Infante Henrique com valente  
Coraçã vencer de Africa os ardores,  
Arguim, e as ilhas Garças juntamente,  
E os da serra Leoa habitadores,  
Vencendo de Guiné o Sol ardente,  
Descobre as grandes ilhas dos Açores,  
Porque sejaõ do Imperio Lusitano  
Limite o Ceo, e as ondas do Oceano.

## LXXIII.

Virá o graõ Manoel esclarecido,  
Que com grossas armadas solicita  
Hum, e outro Neptuno; onde atrevido  
O quinto Affonso, e grande Henrique imita:  
Este, que por valor será temido,  
Em quanto hum, e outro Sol co'a luz visita,  
Fará que os Portuguezes vaõ subindo  
Até as fontes beber do Gange, e Indo.

## LXXIV.

Deixando subjugada a Barbaria,  
Onde se vê o Ethiope abrazado,  
Porque o carro do Sol o filho guia  
Por caminho do Ceo menos trilhado:  
E os que do lago bebem a agua fria,  
Donde o Azanaga corre ao mar salgado,  
E os que de Zairo vem mudar o estilo,  
Rico das aguas, que lhe empresta o Nilo.

## LXXV.

Como quem gloria só procura, e ama,  
Naõ temerá mandar a forte gente,  
Com que os mares cortando o forte Gama,  
Abre as fechadas portas do Oriente:  
O Cabo tormentorio de alta fama,  
Que esta naval affronta naõ consente,  
Humilhará suas ondas, e braveza  
A's forças, e á fortuna Portugueza.

## LXXVI.

Victorioso o Gama illustre passa,  
Vencendo os elementos, e vencendo  
As perfidias, e enganos que em Mombaça  
O Rey astutamente irá tecendo:  
Debaixo a Equinocial, que o mundo abraça,  
Verá Melinde na Ethiopia ardendo,  
Fazendo-se temer da negra gente  
Abrazada do fogo do eixo ardente.

## LXXVII.

Já neste tempo as metas, que o Thebano  
Alcides pôz aos mares arrogantes,  
Seraõ fabula vil, que do Occano  
Descobrem mais os Lusos navegantes:  
Quando com furor alto, e mais que humano  
Seus lenhos terras nunca vistas d'antes  
Descobrirão do Austro á Noruega,  
Donde o Sol arde, e donde nunca chega.

## LXXVIII.

Levarás tu primeiro, ó forte Gama,  
As Lusitanas Quinas, e as antenas  
Taõ longe, que da vista as perde a fama,  
Que tantos olhos tem, e tantas pennas:  
Donde hum perpetuo Estio o mundo inflamma,  
E Cynthia faz as noites mais pequenas,  
Té os hyperboreos frios, pouco estimas  
Passar, emulo ao Sol, por varios climas.

## LXXIX.

Irá logo o Cabral varaõ famoso,  
Ver do Brasil a costa prolongada,  
Onde hum trofeo levanta glorioso,  
Em que deixa sua fama eternizada:  
O mar irá cortando victorioso,  
Té ver de Moçambique a desejada  
Costa, vencendo o largo mar, que abraça  
A viçosa Quiloa com Mombaça.

## LXXX.

Vencido o mar Vermelho, vence o duro  
 Inimigo, que finge ser amigo,  
 Mancha em seu bruto sangue o ferro puro  
 De sua graõ perfidia igual castigo:  
 Podendo ver no derrubado muro,  
 Que era melhor amigo que inimigo;  
 Fará em Cochim em paz a nobre escala,  
 Abrindo o ignoto porto de Çofala.

## LXXXI.

A este o grande Noova irá seguindo,  
 Que os seyos Persio, e Arabico passando  
 De Calecut as náos, que estaõ cobrindo  
 A costa Malabar, vai destroçando:  
 Com quatro sós a cento resistindo,  
 Parte mete no fundo, e outras tomando  
 Té lhe fugir o imigo de affrontado  
 Do Portuguez já de vencer cansado.

## LXXXII.

Quanto convém que sejaõ preferidos  
 Para os cargos da guerra os esforçados,  
 Que ao valor os lugares saõ devidos  
 Para os que em obras querem ser honrados:  
 Os que vem do alto tronco, se esquecidos  
 Do herdado exemplo estaõ de seus passados,  
 Que a virtude abraçáraõ preeminente,  
 Roubaõ lugar alheyo injustamente.

## LXXXIII.

Que montão os leões, as aguias puras,  
Com que a soberba espera eternizar-se?  
Que montão atrios, carros, e pinturas,  
Se quer a ignavia nellas gloriar-se?  
Que as fumosas imagens, as figuras,  
De que a vangloria sabe namorar-se,  
Affrontão os que imbelles encostados  
No tronco antigo estão de seus passados.

## LXXXIV.

Tornará o forte Gama, já Almirante,  
A ver da Persia os procellosos mares,  
Levando o Rey de Calecut diante,  
Vencido entre o furor dos Malabares:  
Onde c'ò de Cochim a paz constante  
Assentará em seus postos, e lugares,  
Trazendo o graõ tributo, que a Lisboa  
A El-Rey seu Senhor manda o de Quiloa.

## LXXXV.

Do primeiro Albuquerque a forte espada,  
Em favor de Cochim, na dura guerra,  
Temerá o Caymal, que debellada  
Virá igualar a Repelim co'a terra:  
Vendo n'um mesmo tempo derrubada  
Quanta no Çamorim força se encerra,  
Que entre os dous Albuquerque naõ duvida  
Perder além do estado a propria vida.

## LXXXVI.

Honraraõ seu sepulchro os levantados  
 Trofeos , insignias de invejada gloria ,  
 As bandeiras pendentes , os gravados  
 Arnezes , onde vive alta memoria :  
 As taboas dos navios abrazados ,  
 Portas , chaves , tambores de victoria ,  
 Espadas inimigas penduradas ,  
 A' mesma Eternidade consagradas.

## LXXXVII.

Irá fazer aguada o graõ Saldanha  
 No tormentorio Cabo , e costa ardente ,  
 Dando seu mesmo nome á terra estranha ,  
 Que nella ha de durar eternamente :  
 A quem co'as fortes armas acompanha  
 Contra os da India , e Çamorim potente  
 O graõ Pacheco , que co'a espada núa  
 A fama de seu Rey estende , e a sua.

## LXXXVIII.

De fortes paraós com dura guerra  
 Mambeja cubrirá de naval muro  
 O estreito passo , e de esquadrões a terra  
 C'os Reys de Cucuraõ , e de Bipuro ,  
 Descendo o Rey de Catagem da serra  
 De Coriga , e Tenor com braço duro ,  
 Todos confederados , e de modo ,  
 Que os pudéra temer o mundo todo.

## LXXXIX.

Nada teme o Pacheco, nada o espanta,  
Podendo toda a India só teme-lo,  
Com pouca gente se arremessa a quanta  
Virá na terra, e mar a comete-lo:  
Sabindo hum trovaõ negro da garganta  
Bramindo pela boca de hum camello,  
Os paraós destroça, onde o espumoso  
Neptuno ardendo entrava furioso.

## XC.

Dos castellos, e popas torreadas  
As duras settas despedidas voaõ,  
De tambores, e trompas as dobradas  
Vozes nos ares repetidas soaõ:  
Voaõ dardos, e chuças amoladas,  
Soberbos golpes todo o mar atoaõ,  
Hum cae atravessado, e outro exangue  
Nas ondas nada de seu proprio sangue.

## XCI.

Qual morto cae as ondas penetrando,  
Crescendo o mar c'o sangue da ferida,  
E qual nellas absorto anda nadando  
Por á morte escapar, que tem bebida:  
Qual no remo se pega, e vai trepando,  
E esforçando-se está para a subida,  
E cae ferido do pelouro ardente,  
Deixando a vida, e remo juntamente.

## XCII.

Eis que do bronze concavo encendido  
 Rebenta o pó sulfureo abrazado,  
 Que dando no ar asperrimo bramido,  
 Na abobada do Ceo responde o brado:  
 Voa o pelouro em flammæ escondido,  
 Qual o rayo de Jupiter irado,  
 Que de Tyfeo a grande furia imita,  
 Quando as pedras ardendo ao ar vomita.

## XCIII.

Virá segunda vez este inimigo,  
 Cometer com mais velas, e mais gente  
 O mesmo vão, não tendo mais comsigo,  
 Que só a si mesmo, o Capitão valente:  
 Entra com dous bateis neste perigo,  
 Pasma em vê-lo o inimigo, e já se sente,  
 Que tem posta a esperança na fugida  
 Por não deixar antes do passo a vida.

## XCIV.

O' Alcides Lusitano, honra de Hespanha,  
 Digno de eterna, e soberana historia,  
 A que o trabalho proprio, e terra estranha  
 O fructo rendem de invejada gloria:  
 A' patria, a quem tu dás honra tamanha,  
 E ao mundo, onde espalhaste tua memoria,  
 Exemplo, e espelho deixas, onde veja,  
 Que alta virtude dá por fructo inveja.

## XCV.

nasce, dizia, hum resplendor divino  
 o Almeida, e seu brago soberano,  
 quando dos Reys castiga o desatino  
 de Mombaça, e de Onor com mortal dano:  
 que o de Cochim no solio peregrino  
 com brago, e peito assenta mais que humano:  
 primeiro Visorrey, por elle vejo  
 chorar perlas o Gange, e o patrio Tejo.

## XCVI.

Com elle irá Lourenço valeroso,  
 que do valor do pay segue as pizadas,  
 que deixará em Cochim o alto, e famoso  
 adraão co'as Quinas de ouro levantadas:  
 onde hum sepulchro, e outro portentoso  
 descobrirá, que as fabulas sonhadas  
 insinaõ com rumor, e fama escura  
 ser dos primeiros pays a sepultura.

## XCVII.

Mas em Chaul a imiga, e dura sorte,  
 que durar hum bem grande não consente,  
 lhe dá entre as lanças a formosa morte,  
 que invejada será perpetuamente:  
 rompe-lhe a forte bala o peito forte,  
 levando-lhe huma perna hum rayo ardente  
 do corpo, aonde a alma se detinha,  
 que só ao coração por armas tinha.

## XCVIII.

Porém o velho pay, a quem não cança  
 O exercicio do sanguineo Marte,  
 De Dabul tomará cruel vingança,  
 Onde levanta o bellico Estandarte:  
 Queima, por terra põe, e não descança,  
 Té que o fogo se atea em toda a parte,  
 Tudo effeitos crueis de forte rayo,  
 De que encolhido treme o graõ Sabayo.

## XCIX.

Mirocém, que nas forças atrevido  
 De armas, galés, e bellico aparelho  
 Se atreve a resistir, foge vencido,  
 E o mar d'antes azul fará vermelho:  
 Onde as bandeiras do Sultaõ temido  
 Piza co'as plantas o valente velho,  
 A quem guarda depois a terra dura  
 Do-Cabo a estranha, e iniqua sepultura.

## C.

Logo o famoso Affonso, o mar cubrindo  
 De náos, os Malabares afugenta,  
 Do graõ Neptuno as ondas opprimindo,  
 Que de seu grave pezo já rebenta,  
 Levando o Marichal, que á fama abrindo  
 Novos caminhos, pela espada augmenta  
 A vida, que c'o sangue, que derrama,  
 Vencido vence, e vive pela fama.

## CI.

Seguindo estes varões o graõ Soares,  
 Temido se fará naquella parte,  
 Que Arabia volve os procellosos mares;  
 Logo o Siqueira, Lusitano Marte:  
 Tremem de Ormuz os muros, e lugares  
 Do valor do magnanimo Duarte,  
 Que c'o vento das azas, que abre, e cerra  
 Sua fama, os fortes muros põe por terra.

## CII.

Quando o terceiro Joaõ, Rey excellente,  
 Subir ao Real solio, desejando  
 Proseguir as victorias do Oriente,  
 Do Olympo só os caminhos affectando,  
 Mandará o forte Gama taõ valente,  
 Que dos annos o pezo desprezando  
 Comete o mar, sem descubrir fraqueza;  
 Que o coração desmente a natureza.

## CIII.

Tremerá toda a India só de vê-lo,  
 Seu esforço, seu braço, sua fortuna,  
 Tremem Neptuno, e mostra em fim teme-lo,  
 A tempestade indomita, e importuna:  
 Porém só o Fado poderá vence-lo,  
 Quebrando esta firmissima coluna  
 Do novo mundo, aonde descangava  
 O pezo, que em seus hombros carregava.

## CIV.

Succeder-lhe-ha morrendo o grande Henrique,  
 Porque tambem no esforço o represente,  
 Que deste Fenix quer o Ceo, que fique  
 Outro nas mortas cinzas do Oriente,  
 Que em Baticala tantas náos a pique  
 Ao centro manda, e rende juntamente,  
 Para que o Çamorim se desengane  
 Pelejando em Coulete, e em Panane.

## CV.

No Malabar a grande fortaleza  
 Elle defenderá no estreito passo  
 Com Heitor da Silveira, que se preza  
 De Lusitano Heitor no forte braço:  
 Quando a todos mostrar não ter defeza,  
 Os peitos nús, como se foraõ de ago,  
 A's mortes exporáõ, e aos móres riscos  
 Sem a vista temer dos basiliscos.

## CVI.

Da India os mares lavrará o temido  
 Sampayo, que com poucos Portuguezes  
 Verá desbaratado, e destruido  
 O poder do inimigo tantas vezes:  
 Senti-lo-ha Bacanor, e o atrevido  
 Geral de Bisnagá, que a seus revezes  
 Não acha malha, ou elmo, que resista,  
 Confessando, que o vence só co'a vista.

## CVII.

Aqui a Ninfa hum pouco levantando  
 A voz sonora, diz: Pelo Oceano  
 Virá o Cunha illustre navegando,  
 Que a Mombaça fará taõ grande dano:  
 Vence Cambaya, e a Batel queimando,  
 Fará temido o nome Lusitano,  
 Que pelos inimigos, que tem morto,  
 Dos mortos dará nome ao mesmo porto.

## CVIII.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo,  
 Que o Sultaõ Mahamud com grande inveja  
 Quer igualar co'a terra, naõ podendo  
 Chegar c'o forte braço onde deseja:  
 Suas Turquescas chama, que vertendo  
 sangue no mar se põem, e na peleja:  
 Teraõ nas roxas ondas seus turbantes  
 Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

## CIX.

rá logo o Noronha, e o novo Gama  
 Tomar o leme do famoso Estado,  
 Que o irmão rega c'o sangue, que derrama,  
 Que a terra, e Ceo tem ambos conquistado:  
 O grande Martim Affonso, cuja fama  
 Fará ao esquecimento ser lembrado  
 De sua gloria, que taõ mal se encerra  
 Nos espaços do ar, e nos da terra.

## CX.

Aqui, dizia a Nífa, hê necessario  
 Outro peito, outra voz, outra sciencia,  
 E que me empreste o plectro o mesmo Clario,  
 Pondo em meus beigos favos de eloquencia,  
 Para que cante a quem de marmor Pario  
 Estatuas deve a humana providencia,  
 Antes estatuas de ouro, e de alabastro  
 O illustre, o pio, o invencivel Castro.

## CXI.

Succederás, ó Castro venturoso,  
 Em quem de Alcides o valor se encerra,  
 Quando ó Rey de Cambaya poderoso  
 A Dio sitiará por mar, e terra:  
 Onde teu mesmo filho valeroso,  
 Envolto no furor da dura guerra,  
 Piza as bandeiras, onde no ar tremola  
 Com as meyas luas a sóberba côla.

## CXII.

Aqui mudando o canto em lastimado  
 Accento triste, a Nífa prosegua:  
 Aqui, mancebo illustre, rodeado  
 Dos teus, que haõ de imitar-te na ousadia,  
 Vendo dar fogo sobre a mina armado  
 Renasces, como Fenix, neste dia  
 Nas roxas flammás, onde abriste logo  
 Para voar mais alto azas de fogo.

## CXIII.

Imbraçado o escudo rutilante ,  
 em o famoso Castro com presteza  
 soccorrer os seus , elle diante  
 louco estimando a perigosa empreza ,  
 armado sae de hum animo constante  
 espezador da vida , e só se preza  
 a alta virtude , que a seu braço unida ,  
 India toda o teme , e a faz temida.

## CXIV.

al preço de sua barba , e tal valia  
 eraõ só dous cabellos , que o thesouro  
 mayor do Sol (que com seus rayos cria  
 as grandes veas , cujo sangue he ouro )  
 lenos estima tem , que a quanto a fria  
 oite esconde , e descobre Apollo louro ,  
 tocando o mais remoto paralelo ,  
 xcede desta barba hum só cabello.

## CXV.

á o grande Cabral tomar o pezo  
 do novo mundo aberto no Oriente ,  
 que a Chambe voa em puro fogo acezo ,  
 a terra abraza como rayo ardente :  
 ardela o sente , onde cercado , e prezo  
 rde o Rey , e com elle a Maura gente ,  
 na marinha , e miseras aldeas  
 urpureas torna as pallidas areas.

## CXVI.

Logo irá o Noronha , que correndo  
 De Ormuz o mar co'a poderosa armada ,  
 A' fortaleza chega , que tremendo  
 Cae de seus fortes rayos abrazada :  
 Eufrates de suas náos c'o pezo horrendo ,  
 Opprimido dará por força entrada ;  
 Que ás Portuguezas armas , e aos intentos  
 Obedecem té os proprios elementos.

## CXVII.

Quando tremer Malaca da ousadia  
 Dos Reys vizinhos , vence a furiosa  
 Gente c'o duro braço Dom Garcia ,  
 Tornando imbelle a esquadra bellicosa ,  
 N'um barco , aonde em pó Vulcano ardia ,  
 Sae pelo ar com força portentosa  
 Voando a morte , e leva juntamente  
 Ao General , e ao filho a bala ardente.

## CXVIII.

Ferve o mar , e já em ondas se levanta  
 Todo de branca escuma coroado  
 Co'armada imiga , que só vê-la espanta  
 C'um lenho , e outro lenho torreado :  
 Quando o metal , que os animos quebranta ,  
 O rayo lança com sonoro brado ,  
 O inimigo a ousadia em medo troca  
 Ouvindo o estrondo da sulfurea boca.

## CXIX.

Huma armada com outra a hum tempo afferra  
Prenhe de occulto fogo, que sahindo  
Em negros gyros cobre o mar, e a terra,  
Incendios exhalando, e repetindo:  
A bala voa, que o metal encerra,  
Que nos ares caminho largo abrindo,  
De Jupiter o ardente rayo imita,  
Que huns despedaça, a outros precipita.

## CXX.

Voa Vulcano ardente, e com violento  
Estrondo, alto bramido, e voz funesta  
Os cornos quebra no ar ao negro vento,  
Quando entre as nuvens ergue a dura testa:  
Treme Neptuno, e sobre o salso argento  
Chama os marinhos Deoses, e se apresta,  
Vendo do grande estrondo, e das pezadas  
Balas as crespas ondas infestadas.

## CXXI.

Já se afferraõ as popas diligentes,  
Abrindo o ferro alli sanguinea porta,  
De mil vidas o fio nos ardentes  
Fios de seu cutelo Atropos corta:  
E sobre as rapidissimas correntes  
Nadará tanto sangue, e gente morta,  
Que a quem as vir de roxo sangue cheas  
Parceráõ as ondas Eritreas.

## CXXII.

Depois o largo mar irá cortando  
 O forte Mascarenhas, não vencido,  
 Por Rey de Visapor alevantando  
 O irmaõ á vista do Hidalcaõ temido:  
 O graõ Barreto a India governando  
 Verá a seu braço o Çamorim rendido,  
 Que de alto esforço, e de valor deseja  
 Encher o mundo, e de gloriosa inveja.

## CXXIII.

Tremendo está a fortissima Cidade  
 De Mangalor, té as pedras abrazada,  
 Onde o Rey com a vida a liberdade  
 Deixa nos fios da inimiga espada:  
 E o de Cambaya em marcia tempestade  
 Verá Manora, e Aserim queimada,  
 E o Hidalcaõ fugindo, que a Salsete  
 Com vingativas armas acomete.

## CXXIV.

Logo irá o famoso Constantino,  
 Do Real tronco ramo florecente,  
 A cujo alto valor, e peregrino  
 Será estreito Imperio o do Oriente:  
 Dámaõ provando o aço puro, e fino,  
 A seu braço se rende, e o potente  
 Rey de Janapataõ por maravilha  
 A seus pés a coroa, e o sceptro humilha.

## CXXV.

Logo o grande Coutinho, e o esforçado  
Mendoça, e o graõ Noronha com presteza  
Ergue de seus soldados ajudado  
De Mangalor a nobre fortaleza:  
Aqui o rouco plectro, e já cansado  
A Ninfa despertava com destreza,  
Dando á sonora voz mayor alento,  
Afina as doces cordas do instrumento.

## CXXVI.

Virá (diz ella) á India a governa-la  
O grande Dom Luiz, rayo da guerra,  
Com cuja vista o mar tremendo cala,  
E em vê-lo treme, e emmudece a terra:  
Este, que a grande fama aos Ceos iguala,  
Lá no monte Parnel queimada a serra  
Fará o Mogor fugir, pizando a praya  
Da ardentissima costa de Cambaya.

## CXXVII.

A Onor debella, que co'a hervada setta  
Em nuvens tolda o ar, com que tirava,  
Dando-lhe occasiaõ, que entaõ cometa,  
Porque á sombra das settas pelejava:  
Quando o Rey dos Achens mais inquieta  
Os muros de Malaca, alli se achava  
Dom Leoniz, ou leaõ melhor dissera,  
Que rosto a rosto o inimigo espéra.

## CXXVIII.

Este famoso Atlante aos hombros tendo  
 Da India o pezo, vencerá a porfia  
 Do Hidalcaõ, que a Goa acometendo,  
 Tremerá de sua estranha valentia:  
 De cabeças hum grande monte erguendo,  
 Estas em carros ao inimigo envia,  
 Desterrando a soberba Mauritana  
 De Goa até a remota Tapobrana.

## CXXIX.

O' patria insigne, ó terra venturosa,  
 Ditoso Rey de taõ altiva gente,  
 Que em toda a parte a esfera luminosa,  
 Onde he mais fria, e onde mais ardente,  
 Vê a Lusitana espada victoriosa,  
 Que hum Portuguez fugido, e descontente  
 Bastará a revolver o mar profundo,  
 E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

## CXXX.

Que terra taõ remota, e taõ estranha,  
 E qual no mar vermelho procelloso  
 Inculta Ilha, em Scithia alta montanha,  
 Na Ethiopia deserto perigoso,  
 Qual regiaõ Boreal, que a neve banha,  
 Onde da fama, e seu clarim famoso  
 (Além do berço, em que se embala o dia)  
 Naõ chega o som de tanta valentia.

## CXXXI.

O Alfeo, o Pó, o Garona, o graõ Sylauro,  
Que as arvores em duras pedras troca,  
O Eufrates, o Danubio, Arno, e Metauro,  
E o Ganges, que do Sol as plantas toca,  
Caystró, Ermo, Pactolo, Amphriso, e Dauro,  
E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca,  
E os mais, que calo, ajoelhados vejo  
Esperar santas leys do antigo Tejo.

## CXXXII.

Ouve o Tejo a Legéa o doce canto,  
E antes de se ir ás ondas, onde mora,  
De grande gloria cheyo, e grande espanto  
Do que ouvira cantar, pérolas chora:  
Inclina ao Grego a branda vista, em quanto  
Com lingua de agua fórma voz sonora,  
E estas palavras mysteriosas fala:  
O' eu ditoso, ó tu ditoso; e cala.

## CXXXIII.

A Ulysses deixa o venerando, e velho  
Rio, de altas riquezas abundante,  
Ao lado os rios vaõ de seu conselho,  
Os mais pequenos rios vaõ diante:  
Nas ondas claras, qual em claro espelho,  
Via Febo seu carro rutilante,  
As Nayades, e Oreas para as fontes  
Se tornaõ, as Amadrias a seus montes.

## CXXXIV.

Desperta Ulysses , indo levantando  
 Os olhos quasi absorto , e sem sentido  
 Ergue-se , a gruta observa , a côr mudando  
 C'o sangue a seu principio recolhido :  
 Como aquelle , que incauto passeando ,  
 Vio cahir junto a si rayo encendido ,  
 Assim Ulysses fica , assim se admira  
 Do grave canto , que a Legea ouvira.

## CXXXV.

Levanta as sobranceiras admirado ,  
 Repetindo o que a Ninfa lhe dissera ,  
 E o que inda em sombras lhe escondia o Fado,  
 Com profundo cuidado considera :  
 Chega ás primeiras ondas do dourado  
 Tejo , e ajoelhado alli o venera ,  
 Toca a agua com as mãos , a voz levanta ,  
 Hymnos ao Tejo , e seus louvores canta.



# U L Y S S É A.

## C A N T O O I T A V O.



### A R G U M E N T O.

*A Gorgoris Megera o peito inflamma ,  
Guerra com tuba horrisona apregoa ,  
Adrasto a Ulysses , que elle amou por fama ,  
Soccorro dá por defender Lisboa :  
Apaga o Tejo a voadora chamma ,  
Que ás náos se pega , e do alto chove , e toa ;  
Gorgoris se recolhe , e a Aurora abrindo  
O Ceo , de armas o campo vem cobrindo.*

I.

Quando o muro de ameas coroado  
Da Famosa Ulysea ao ar se erguia ,  
Correo hum resplendor ao dextro lado ,  
Que clara luz nos àres diffundia :  
Gorgoris do que vê maravilhado ,  
Sabios convoca , o caso conferia ,  
Até que de cansado em sono lento  
Faz treguas c'ò cuidado , e pensamento.

## II.

Em tanto Cyree, que na mente altiva  
 Os successos de Ulysses observava,  
 Vendo, que de Calypso a chamma viva  
 Amor pelas medullas lhe ateava,  
 Com excessivo amor, dor excessiva  
 Os sepultados fogos despertava,  
 A Tisifone invoca, da vingança  
 Concebendo certissima esperanza.

## III.

Vós, espiritos, diz, que no escondido  
 Tartaro repartís a pena dura,  
 Ouví-me, e o curso rápido, e temido  
 Pare da Estige envolta em sombra escura:  
 O favor me darás taõ merecido,  
 Tisifone, pois vi do Sol a pura  
 Face em teus bracos, cuja mão divina  
 Exercitou o officio de Lucina.

## IV.

Se bem tu, Deosa amiga, me ensinaste  
 Os trabalhos do Sol, e o movimento,  
 De Febe os incrementos me mostraste,  
 E o que mais em si esconde o Firmamento:  
 Pois como mãy, ó Deosa, me creaste,  
 Vê de Ulysses o ingrato pensamento,  
 Dá-lhe o duro castigo, que merece,  
 Acode ao mal, que co'a tardança crece.

## V.

Quando Cynthia nos campos de çafira  
 Os seus diamantes lucidos semea ,  
 A Gorgoris dormindo n'alma inspira  
 De Ulysses , e Calypso a culpa fea :  
 A furia , que de Cyrce a queixa ouvira ,  
 A rapida corrente , a inculta area  
 ( Obrigada do encanto , que a chamava )  
 Das margens deixa , que o Cocyto lava .

## VI.

Ella junto da praya desgrenhada  
 A's cobras da cabeça permittia  
 Lamber as tristes ondas da abrazada  
 Ribeira , que de enxofre as revolvía :  
 Naõ sae da mão de Jove a setta irada  
 Co'a pressa , que Tisifone sahia ,  
 Que co'a pompa das cobras o horizonte  
 Vinha assombrando da cerulea fronte .

## VII.

Sae da Tenaria porta , onde chegáraõ  
 Os cavallos do Sol , e estremecêraõ ,  
 De fumo o ar enchendo perturbáraõ  
 Os ares , o caminho , e luz perdêraõ :  
 Os cabellos de Atlante se arriçáraõ ,  
 E nos robustos hombros lhe tremêraõ  
 Os estrellados eixos , que os assombra  
 Do feyo rosto a denegrída sombra .

## VIII.

De espantado largava o graõ Gigante  
 O alto pezo da esfera cristallina,  
 E arriscando o estellifero Tonante,  
 Ameaçava o Ceo grave ruina:  
 E o velho Proteo c'o rebanho errante  
 No mais fundo do pego determina  
 Ir esconder-se nas cavernas, onde  
 Os segredos do mar Neptuno esconde.

## IX.

Tornando o Tejo atraz, os levantados  
 Muros batendo vai da alta Lisboa,  
 A serra Mariana os congelados  
 Cornos sacode, e delles chove, e toa:  
 Ao Mondego em rodeios dilatados  
 Cae da cabeça a liquida coroa,  
 E ao Douro o medo frio os braços ata  
 Nos puros laços da lasciva prata.

## X.

Sentio nos grossos ares o ruido  
 O Pachino, o Peloro, o Cassio monte,  
 De ambos os mares o Istmo combatido  
 Se quiz abrir ao mar, que tem defronte:  
 Temeo Pirenne, e o Rifeo temido,  
 Rodope altivo, e a Parnasia fonte,  
 E as mãys, onde os gemidos penetráraõ,  
 Ao peito os tenros filhos apertáraõ.

## XI.

terra toda, o mar, por onde passa,  
 officionados deixa, e já se sente  
 pallida doença, a fome escassa,  
 até nas mesmas fontes sede ardente:  
 qual a morte a todos, tudo abraça,  
 ar pezado, negro, e pestilente  
 seu torpe alento faz, que tudo offende,  
 dando huma mão n'outra fogo accende.

## XII.

Ára no monte Almata, onde semea  
 discordia fatal, que arder se via  
 os duros defensores de Ulysséa,  
 em quem seus novos muros offendia:  
 é os boys, que o lavrador na propria aldeia,  
 sendo a manhã sahir, no jugo unia,  
 renovando o trabalho começado,  
 o jugo rompem sem soffrer o arado.

## XIII.

In tanto a furia hum corpo do ar tomando,  
 o silencio da noite escura entrava  
 P'um aposento, adonde repousando  
 In alto sono a Gorgoris achava:  
 Huma grave, e severa voz formando,  
 Com barba, que no peito descansava,  
 Hum bordão arrimada, que trazia,  
 meneando a cabeça lhe dizia:

## XIV.

Dormes, valenté Rey, taõ pouco sentes  
 Que te occupe o inimigo a propria terra  
 Sendo opprimido de estrangeiras gentes!  
 Quem dorme ao proprio dano os olhos cerra  
 Naõ dormem, nem descansaõ Reys prudentes  
 Desterre ao ocio vil a honrosa guerra;  
 Melhor parecerias abraçado  
 O escudo, scintillando o arnez gravado.

## XV.

Cinge, graõ Rey, a generosa espada,  
 Que em ocio tens, podendo ser temida,  
 Abre a porta, que Jano tem cerrada,  
 Do Olympo segue a estrada esclarecida:  
 Por Calypso tua fama está manchada;  
 Depois de fama, e honra estar perdida  
 Naõ fica que perder, que esta jactura  
 Ao tempo vence, e eternamente dura.

## XVI.

Eu sou Polibio, que no tempo antigo  
 De Capitaõ servia a teus mayores,  
 Para outra vez poder morrer contigo  
 Corpo melhor tomei, forças melhores:  
 E para te ajudar neste perigo,  
 Da sepultura teus predecessores  
 Verás sahir com animos altivos,  
 Que os mortos se erguem, quando faltaõ vivos

## XVII.

Gorgoris já desperto, e do que ouvira  
 O coração feroso, e vista ardendo,  
 Imaginando estava, se he mentira,  
 Tu illusão do sonho o que está vendo:  
 Naquelle parte, onde a Polibio vira,  
 Os olhos, e alma prompta suspendendo,  
 Arguia o pavelhaõ, e observa attento  
 As paredes, e sombras do aposento.

## XVIII.

Com ardente pincel de resplandores  
 Apenas a alva as sombras animava  
 As nuvens, que pintara em varias cores,  
 Na parte mais rara o Sol passava:  
 Luz ao Ceo, cõr ao prado, vida ás flores  
 Chovendo, ardendo, e rociando dava,  
 Quando Gorgoris deixa a branda cama,  
 E os mais prudentes a conselho chama.

## XIX.

Que huma visãõ, dizia, prodigiosa  
 Naquelle noite toda o perseguira,  
 E que com voz pezada, e temerosa  
 Teu descuido, e tardança lhe arguira:  
 Botando pela vista portentosa,  
 E pela negra boca fogo, e ira,  
 Que a alma lhe deixou taõ perturbada,  
 Que a affronta inda naõ cuida, que he passada.

## XX.

Propondô o caso a todos, referia  
 Como o sagaz Ulyssês o enganara  
 Por levantar com manha, e ousadia  
 O muro, onde se acolhe, e se repara:  
 Cada hum tira do peito o que sentia,  
 Pela patria offerece a vida cara,  
 Varios conselhos daõ por varios modos,  
 Que a Cidade se arraze assentaõ todos.

## XXI.

Porém, que antes de tudo se mandasse  
 Alcino, Cidadão prudente, e velho,  
 Que os motivos da guerra declarasse,  
 E o que tinha assentado em seu conselho:  
 Que Gorgoris em tanto preparasse  
 Armas com todo o bellico aparelho.  
 Partio Alcino, que de Ulysses teve  
 Reposta ao que propoz, astuta, e breve.

## XXII.

Depois de o ter ouvido, carregando  
 A frente, proseguia gravemente:  
 Que alli fizera assento desejando  
 Fazer vassallos seus a Grega gente:  
 Que os perigos dos mares receando,  
 Para o poder servir perpetuamente  
 Quizera ter morada, em que vivesse,  
 Onde de sua patria se esquecesse.

## XXIII.

Que as leys o permittiaõ da amizade ,  
E obrigavaõ as leys da natureza  
Dar hospicio , e favor , dar liberdade ;  
Que de hum Rey he mais propria esta grandeza :  
Se com tudo offendia huma Cidade  
Breve , estreita , sem força , e sem defeza ,  
Que facil abraza-la lhe seria ,  
Se o Fado esta ruina permittia.

## XXIV.

Que visse como a caso naõ tomara  
Porto , mas por impulso mais que humano  
A fereza dos ventos contrastara  
No bravo Egeo , e tumido Oceano :  
E lhe lembrasse a luz divina , e clara ,  
Que o ar abrio , por Jove soberano  
Querer mostrar , que no ethereo assento  
De Lisboa approvava o nascimento.

## XXV.

Gorgoris , que a reposta considera ,  
Co'a gente ao campo sae , que armada tinha ;  
Porém a Ulysses o animo lhe altera ,  
Porque em buscar soccorro se detinha :  
Vê sua pouca gente , e naõ espera ,  
Para a antiga Tubuci em fim caminha ,  
Aonde o Rey Adrasto senhorea  
A famosa Colipo , e grande Amea.

## XXVI.

Com poucos companheiros se partia  
 Em huma embarcaçãõ leve, e pequena,  
 Que mais pequena, e leve parecia  
 Ao doce Tejo, e sua corrente amena,  
 Que tanto estima o pezo, que corria  
 Com veyta taõ suave, e taõ serena,  
 Que a prompta vista mal determinava  
 Para que parte o Tejo caminhava.

## XXVII.

Chega a Tubuci a tempo, que occupado  
 A drasto em sacrificio sumptuoso,  
 Entre hum bosque de hum valle consagrado  
 Altares ergue a Alcides valeroso:  
 E vendo tudo de armas povoado,  
 Manda a seu filho, que do porto undoso  
 A area toque, a se informar da gente  
 Da sua em trajo, e armas differente.

## XXVIII.

Vendo Filarco a Ulysses, e sabendo  
 Quem era, dá-lhe os braços, e comsigo  
 O leva ao pay, que alegre recebendo  
 O grande hospede, o hourava, como amigo,  
 A quem pessoa, e terra offerecendo:  
 Estou, lhe diz, n'um sacrificio antigo,  
 Que naõ posso deixar; e ambos tomavaõ  
 Copas, que a Jove, e a Hercules libavaõ.

## XXIX.

Conta-lhe que esta festa celebráraõ  
 Os povos, que alli juntos concorriaõ,  
 Que de Alcides a fama, e gloria honráraõ  
 Co'as grandes aras, que a seu nome erguiaõ;  
 Porque entre as cousas, que por fama acháraõ,  
 Era a de huma victoria, que diziaõ,  
 Que Alcides alcançára de hum tyrano,  
 Que devastara o Reyno Lusitano.

## XXX.

Chamava-se (diz elle) Pithodemo,  
 De grandes forças lutador famoso,  
 Que em membros excedia a Polifemo,  
 Temerario igualmente, e temeroso:  
 Este junto do mar no duro extremo  
 D'um monte, que sustenta o luminoso  
 Olympo, n'uma gruta se escondera,  
 Que capaz aposento aos roubos era.

## XXXI.

Fez hum jardim famoso, que igualava  
 O que já n'outro tempo Hesperia tinha,  
 Onde os pomos hum rio, que passava  
 Com brandas aguas sustentando vinha:  
 Alcides, que maçãs no rio achava,  
 Por sua margem fresca alto caminha,  
 A ver aquelles pomos, que cahiaõ,  
 Em que terreno, em que jardim nasciaõ.

## XXXII.

Foi pelo rio das Maças correndo,  
 Que este nome conserva hoje consigo,  
 Chegã a hum monte, que as nuvens excedendo,  
 Era de aves, e feras fero abrigo:  
 Do alto cume ao baixô discorrendo,  
 A porta vê, que de hum penedo antigo  
 Está sellada, e nella vê cravados  
 Os despojos dos tímidos veados.

## XXXIII.

Do leaõ, e do usso alli se via  
 A enrugada testa estar pendente,  
 E a negra, e fera boca, onde luzia  
 De cada lado o navalhado dente:  
 O rebanho escondido alto mugia,  
 Do monte nas entranhas eminente,  
 A porta tenta, quando vê diante  
 O monstruoso corpo de hum gigante.

## XXXIV.

Caminhante, lhe diz, ousado, espera,  
 Que tua vinda estimo em grande extremo,  
 Porque essa fera massa, e testa fera  
 As portas honrarão de Pithodemo:  
 Ergue o bastaõ, que hum tronco inteiro era,  
 A que Alcides responde: Naõ te temo,  
 Monstro, só em palavras arrogante,  
 Sabe, que ao grande Alcides tens diante.

## XXXV.

Só com ouvi-lo a voz, e côr perdendo,  
 Vencido está da fama, e do que ouvira,  
 E resistir a Alcides mal podendo,  
 Ao intratavel monte se retira:  
 Sobre as azas do vento vai correndo,  
 Traz delle Alcides sobe ardendo em ira,  
 Que á porta outra vez desce, e mudo, e quedo  
 Os duros hombros prova no penedo.

## XXXVI.

Naõ podendo vence-lo, ao duro monte  
 Sobe irado, tomando novo alento,  
 Onde de pedras orna a crespa fronte,  
 Que sempre açouta a tempestade, e o vento,  
 Onde nem ramo soa, ou ferve fonte,  
 De aves nocturnas horrido aposento,  
 Enorme, e feyo, povoado apenas  
 De secos juncos, e de quentes pennas.

## XXXVII.

No mais altõ huma penha ao ar erguida  
 Se mostrava, que Alcides enojado  
 Abraça duramente, que impellida  
 Nuta levada n'um, e n'outro lado,  
 Cae do monte graõ parte desasida,  
 Vê-se de Pithodemo o gazalhado,  
 Que pallido, e medroso naõ atina,  
 Que causa tem taõ subita ruina.

## XXXVIII.

Não rompem com estrondo semelhante  
 Os largos seyos de agua carregados  
 As nuvens , que toando o Ceo diante ;  
 Soltaõ chuueiros negros , e pezados :  
 Nem com tal furia vibra o graõ Tonante  
 Os rayos por Vulcano fabricados ,  
 Quando as costas do mar feridas gemem ,  
 E as esferas do Ceo nos polos tremem .

## XXXIX.

Pithodemo confuso está , e medroso  
 Vendo taõ perto o ultimo perigo ,  
 Pedras arroja a Alcides valeroso ,  
 Que ao centro vai buscar seu inimigo ;  
 Pela abertura salta , onde animoso  
 Lhe levava nos braços o castigo ,  
 Que fugir-lhe , e esconder-se em vaõ procura ,  
 Illustrada do Sol a cova escura .

## XL.

Como se a parda terra se rasgasse  
 Té as entranhas , mostrando o escuro Averno ,  
 Onde da morte pallida ficasse  
 A escura regia aberta ao Ceo superno :  
 Se a pura luz do Sol ousada entrasse ,  
 Na horrenda confusaõ do triste inferno ,  
 Seria entre os tormentos , e crueldade  
 Temida , e odiada a claridade .

## XLI.

Tal Pithodemo as sombras vai buscando,  
Onde se esconda, e Alcides diligente  
O seguia, a caverna penetrando,  
E nos braços o aperta estreitamente:  
Nelles os duros ossos estalando,  
A alma sahe do corpo, impaciente  
Deixa os membros, mostrando amortecida  
A côr do rosto, a boca denegrida.

## XLII.

Já das grossas cadeas desatava  
Alcides o penedo, que servia  
De porta á escura casa, que guardava  
Os furtos, que o vil dono alli escondia:  
Deixava Alcides a pezada clava,  
E o penedo c'os braços revolvia,  
E o arrugado rosto, e barba esqualida  
Da côr descobre verdinegra, e pallida.

## XLIII.

Abre a porta, ao claro Ceo mostrando  
Dos furtos o segredo manifesto,  
Alcides, pelos pés tira arrastando  
O inutil pezo, ao Ceo, e á terra infesto,  
Que com seu bruto sangue está afeando  
Os olhos tristes, o medonho gesto  
De Pithodemo morto, horrido, e feo,  
Qual novo Caco, ou Africano Antheo.

## XLIV.

Tanto que a fama, que com tantas pennas,  
 E tantas linguas, e olhos que não cerra,  
 O mundo corre, e as cousas mais pequenas  
 Sempre acrescenta, quando menos erra,  
 Naquellas regiões frescas, e amenas,  
 No baixo valle, e mais remota serra  
 Diyulgou esta morte, ninguem fica  
 Sem ver de Pithodemo a casa iniqua.

## XLV.

Despovoã-se os campos, e os lugares  
 Por ver deste tyranno o corpo infando,  
 Que levãõ com fortissimos collares  
 Hora no ar suspenso, hora arrastando:  
 A Alcides erguem, e a Megara altares  
 Em honra deste dia memorando,  
 E o tempo gastador, que tudo come,  
 De Collares conserva o proprio nome.

## XLVI.

Isto Adrasto lhe disse, e levantado  
 Do sacrificio, alegre se partia,  
 E a Ulysses, que levava ao dextro lado,  
 Favor liberalmente promettia:  
 Da guerra as causas tinha relatado,  
 E como as ouve Adrasto, respondia:  
 Peza-me ver-me carregado, e velho,  
 Que só posso ajudar-vos c'õ conselho.

## XLVII.

Lá no vigor da verde mocidade  
 Eu partia hum leão, eu só prostrava  
 Hum touro, onde ninguem na agilidade,  
 Na força, e na carreira me igualava:  
 Tudo leva comsigo a longa idade,  
 Té o animo, que os membros governava,  
 Na pezada vélhice a triste vida  
 He de seu proprio dono aborrecida.

## XLVIII.

De Gorgoris Adrasto era inimigo,  
 Porque infestado já da guerra dura  
 De el-Rey Licinio fora em tempo antigo,  
 Que hum mortal odio eternamente dura:  
 Promette-lhe ajuda-lo como amigo,  
 E sobre esta palavra, e fé segura  
 Thésouro, armas, e gente lhe offerece,  
 Que Ulysses cortezmente lhe agradece.

## XLIX.

Filarco está presente, a que o facundo  
 Ulysses persuade a dura guerra,  
 Que elle com gosto aceita, e do profundo  
 Odio instigado, que no peito encerra:  
 Não temais, lhe dizia, a todo o mundo,  
 Que ainda que se ajunte o Ceo, e a terra,  
 Só esta basta, e hum pouco a côr mudada,  
 Leva até o meyo a generosa espada.

L.

Em aneis de ouro todo lhe enredava,  
 Collo, e hombros, o lucido cabello,  
 Do rosto a magestade acompanhava,  
 Que entre suas ondas era inda mais bello:  
 De Minio a côr as faces lhe adornava,  
 Não podendo a inveja reprehendê-lo;  
 Que parecia a côr assi abrazada  
 Huma rosa nas faces desfolhada.

LI.

Qual o cãtulo novo, que se via  
 Da teta da leoa descontente,  
 Da gruta escura sae, aonde se cria,  
 Que de animoso deixa impaciente:  
 As unhas prova, que na pedra afia,  
 Armada a boca já de fero dente,  
 Sobre ao monte co'a vista em fogo aceza,  
 Solicitando a fugitiva preza:

LII.

Assim Filarco a Ulysses se offerece,  
 De fortes armas vindo ao campo armado,  
 Gorgoris entre tanto resplandece  
 Dos esquadrões guerreiros rodeado:  
 Sobre hum carro voando, que parece  
 Deixar na area apenas estampado  
 Sinal da roda, vai com grave assombro  
 Huma lança brandindo sobre o hombro.

## LIII.

Já o rouco clangor da horrenda, e brava  
 Tuba nos leves ares se estendia,  
 Que topando nós montes se quebrava,  
 Onde a guerra em mil bocas repetia:  
 Guerra nos montes, guerra no ar soava,  
 Em seus quicios gemendo Jano abria  
 A ferrea porta, donde a paz encerra  
 O estupendo furor da dura guerra.

## LIV.

Entre a nuvem do pó, que levantada  
 No ar Leostenes vio, que o faz escuro,  
 Se via scintillar a gente armada  
 Nas lanças, e nos peitos de aço puro:  
 Armas, armas, gritava, hum leva a espada,  
 Outro á porta descia, e sobe ao muro,  
 Todos a hum tempo se armaõ, e desenrolaõ  
 As bandeiras marciaes, que no ar tremolaõ.

## LV.

De fóra ao muro escadas applicavaõ,  
 Que os de dentro com furia rebatiaõ,  
 Lanças no ar voando se topavaõ,  
 Huns dardos do alto descem, outros subiaõ:  
 As portas já com maquinas tentavaõ,  
 Que os cercados com outras defendiaõ:  
 Fulgurando nas armas vem diante  
 Lanoso, que era em membros hum gigante.

## LVI.

De armas luzentes vem vestido, e dellas  
 Os rayos scintillavaõ, o ar enchendo  
 Das laminas, que verdes, e amarellas  
 Humas vaõ sobre as outras succedendo,  
 E nas armas ferindo, as escarcellas  
 Ruido excitaõ, quando as vai movendo,  
 E o grave pezo seu naõ no embaraça  
 Para esgrimir a carregada maça.

## LVII.

Traz Gorgoris comsigo a Valinferno,  
 Graõ Capitaõ de muita gente armada,  
 Que tem o famosissimo governo  
 Da Cidade por Hercules fundada:  
 Onde o Mondego com licor eterno  
 Os fortes muros beija, e a dourada  
 Margem regando com saudosa vea,  
 Cerca de cristal puro ilhas de area.

## LVIII.

E de aço na fortissima corrente  
 Traz duas feras, com que pelejava,  
 Hum Lybico leaõ, huma serpente,  
 Bravo, e fero o leaõ, a serpe brava:  
 Entre as valentes feras mais valente,  
 Que quem da garra, e boca lhe escapava,  
 Se na massa (que he hum pinho inteiro) toca,  
 Tem mór perigo, que na garra, e boca.

## LIX.

lanoso alli se achava, a voz erguia  
 Contra os do muro: O' Gregos atrevidos,  
 Lhe diz, onde guardais essa ousadia,  
 Como imbellie rebanho recolhidos:  
 Mas antes que no mar se esconda o dia  
 Entrados vos vereis, e destruidos,  
 Em que a Jupiter peze, e com voz alta  
 Arriba, diz, e o forte muro ássalta.

## LX.

Duve-se o grito universal, que davaõ  
 As esquadras, que ao muro levantado  
 Chegando-se, as escadas applicavaõ,  
 Que tem por varias partes oppugnado:  
 De frente, a quem as armas não pezavaõ,  
 O perigo mayor mais alentado,  
 O muro, e baluartes visitava,  
 Tudo em ordem dispõe, tudo animava.

## LXI.

Entre as ameas altas embebiaõ  
 O braço duro as luas encurvadas,  
 Com que tapando o Sol o ar cobriaõ  
 Juvens de settas de veneno armadas:  
 Muitos, que estaõ longe, o peito abriaõ,  
 Travessando as pennas apressadas  
 Ar subtil, e o corpo mais armado  
 Deixaõ de ardente purpura banhado.

## LXII.

Quer Lanoso valente entrar o muro ,  
 E na escada , que arrima , está subido ,  
 Graves golpes soffrendo , o braço duro  
 Ao muro estende de armas guarnecido :  
 Qual costuma descer do seyo escuro  
 O granizo da nuvem sacudido ,  
 Tal a chuva das pedras , que cahiaõ ,  
 Nas armas , e no escudo o rebatiaõ .

## LXIII.

Elle c'o escudo o corpo vai cobrindo ,  
 Que cravado de settas embragava ,  
 De huns os golpes recebe , outros ferindo ,  
 Qual torre as mesmas torres igualava :  
 Subindo Alcino , e Alastor subindo ,  
 A ambos a inveja a vida lhe custava ,  
 Que a brava espada alli Creonte esgrime ,  
 Com que do muro a hũ deita , ao outro opprime

## LXIV.

Hum cae ferido logo , o outro morre ,  
 Porém o valentissimo Lanoso  
 Entre as ameas da soberba torre .  
 Bravo acomete o passo perigoso :  
 A defender-lhe a entrada Sergio corre ,  
 Vendo imigo taõ forte , e poderoso ,  
 Que já parece , de ferido e exangue ,  
 Huma penha de ferro em mar de sangue .

## LXV.

Depois que sobre o muro foi rompendo  
 Pelas armas, e tiros atrevido,  
 Muitas feridas dando, e recebendo,  
 De espadas, e de lanças opprimido,  
 Grande espaço resiste, e não podendo  
 Durar já de acossado, e de ferido,  
 Da parte, donde o muro he menos alto,  
 Fêz o fosso mede em perigoso salto.

## LXVI.

Grande rumor as armas excitáraõ  
 Com o grave golpe do feroz Lanoso,  
 E sobre a terra as veas derramáraõ  
 Do negro sangue hum rio caudaloso:  
 Até que os seus nos braços o tiráraõ  
 Do conflito da guerra perigoso,  
 Quando desamparado quasi teve  
 Ao carregado tronco a vida leve.

## LXVII.

Depois de na batalha sanguinosa  
 Com mil combates asperos, e duros  
 Ser Gorgoris passado a trabalhosa  
 Tarde, batendo os levantados muros,  
 Sendo gastado o Sol, e que a formosa  
 Luz molhava no mar seus rayos puros,  
 Para ir queimar ás náos se aparelhava,  
 Que á terra a tenaz ancora ligava.

## LXVIII.

Com sua sombra a noite carregada  
 A toda a pressa traz da luz corria,  
 E sobre os horizontes dilatada  
 Encobre os rayos do formoso dia:  
 Já de luzentes féras rodeada  
 A Caçadora lucida seguia  
 C'ò Syrio caõ, na clara noite estiva,  
 A ursa torpe, a lebre fugitiva.

## LXIX.

Passando atravessava n'um formoso  
 Ruço, que negro o cabo, e crines tinha,  
 Que os fortes braços levantando airoso  
 Té os largos peitos pelos ares vinha:  
 Chea de prata a boca do espumoso  
 Freyo, taõ agil, taõ veloz caminha,  
 Que apenas sinal deixa, donde punha  
 As meyas luas da ferrada unha.

## LXX.

Por entre a sombra as teas levantando  
 Ao mar Gorgoris corre ousadamente,  
 Que á vista dos cercados caminhando  
 Do Tejo busca a rápida corrente:  
 De Bacho as negras furias imitando,  
 Vencia a noite escura a facha ardente;  
 Ficaõ da luz dos pinhos abrazados  
 De densa nuve' os ares coroados.

## LXXI.

Dormindo sobre as ancoras estavaõ  
 As náos, quando do fogo a tea ardendo,  
 De fóra as mãos imigas applicavaõ,  
 As enxarcias, as proas, o ar lambendo:  
 Creonte, a quem os olhos se arrazavaõ,  
 A Jupiter Tonante a voz erguendo:  
 Move, dizia, ó soberano Jove  
 Tuas fortes armas, se esta voz te move.

## LXXII.

Defende, graõ Senhor, a Grega Armada,  
 Que foi por ti mil vezes defendida,  
 Que a Scilla, e a Carybdes indomada  
 Venceo, e de Euro a furia embravecida:  
 De rayos mostra a maõ divina armada,  
 Que he no inferno, na terra, e Ceo temida,  
 Com pressa acode, pois a causa he tua,  
 Antes que a Armada Gorgoris destrua.

## LXXIII.

Ao grande estrondo logo o Tejo undoso  
 Fóra das ondas a cabeça lança,  
 Vê Gorgoris com flammias victorioso,  
 Que por queimar a Armada não descança:  
 Derrama da urna de ouro o seu copioso  
 Cristal, com que a corrente pura, e mansa  
 Altera grandemente, e com mór brio  
 Já suas margens excedia o rio.

## LXXIV.

Vai as furiosas ondas levantando ,  
 Entumecendo serras de agua erguia ,  
 Hum monte n'outro monte encapellando ,  
 As fauces do ceruleo abysso abria :  
 Contra o bravo inimigo pelejando ,  
 As espadanas , de que se cingia ,  
 Como espadas oppunha ousadamente ,  
 Fiel amigo a seu amigo ausente.

## LXXV.

Convoca os grossos ares , n'um momento  
 Se vêm os horizontes abafados  
 Das nuvens , que trazia o fero vento ,  
 Dos Hyperborios frios congelados :  
 Corre a huma parte, e a outra o Ceo violento  
 Com mil chuveiros negros , e pezados ,  
 Tudo era grave horror , e representa  
 Ir-se armando no ar grande tormenta.

## LXXVI.

A agua o ar açouta congelada ,  
 Que no rosto os feria gravemente ,  
 Causando a tempestade inopinada  
 Medo fatal na Lusitana gente :  
 Fugia a multidaõ desenfreada ,  
 Huns a outros matando insanamente ,  
 Rios de agua , e de sangue misturavaõ  
 Os que a todo o correr as costas davaõ.

## LXXVII.

Cahindo rayos, o ar, e o Tejo ardendo,  
O Tejo o Ceo nos rayos imitava,  
A mesma natureza parecendo,  
Que armando os elementos pelejava,  
Tempestade de fogo, e de agua erguendo,  
E quem fugia d'hum, n'outro topava,  
Subindo ao Ceo as ondas, e sobre ellas  
Caem diluvios de rayos das estrellas.

## LXXVIII.

Vêm-se de seus amigos offendidos,  
Crendo, que os inimigos tem ao lado,  
A agua o sangue iguala dos feridos,  
Que a propria côr ás ondas tem mudado:  
Quem foge ao ferro, cae nos encendidos  
Fogos; quem delles foge, no enrolado  
Pégo se abraza, onde perece logo;  
Que hum arde em agua, outro se afoga em fogo.

## LXXIX.

Alli huns sobre os outros perecêraõ,  
Abrindo-se caminho co'as espadas,  
Outros nas ondas tumidas vertêraõ  
Doces vidas, bebendo aguas salgadas:  
Das bandeiras, e insignias, que perdêraõ,  
Se vêm do Tejo as ondas semeadas,  
Trofeos de seu furor, que com graõ festa  
Ergue nos cornos da çerulea testa.

## LXXX.

Gorgoris affrontado , e já rendido ,  
 Porque o rio o persegue , o Ceo , e o vento ,  
 Oppõe ao Ceo as armas atrevido :  
 Insana dor , insano atrevimento !  
 Mil vezes afogado , e mil perdido  
 Com viva alteraçãõ do pensamento ,  
 Esperava do Sol os rayos puros  
 Para tentar de novo os novos muros.

## LXXXI.

Quando outra vez a Aurora o seu thesouro  
 Descobre em luz banhado no Oriente ,  
 E imitando ao seu cabello louro ,  
 O mar se empola em ondas juntamente :  
 Pizando estrellas com cothurnos de ouro ,  
 As flores põe na testa preeminente ,  
 Lançando aljofar das mimosas fraldas ,  
 Sobre os campos de verdes esmeraldas.

## LXXXII.

Sae Gorgoris mais bravo , os seus anima ,  
 Sobre o carro a lança no ar brandindo ,  
 Aos do muro arremeça , onde os de cima  
 Vaõ chuveiros de settas despedindo :  
 Graves escadas para o muro arrima ,  
 E por ellas a hum tempo está subindo ,  
 Sobre a cabeça o escudo , e afferrada  
 Na alta escada huma maõ , outra na espada.

## LXXXIII.

Com elle Arga, e Gerés, varões temidos,  
Entre as ameaas põem duras escadas,  
Das armas inimigas opprimidos,  
E as que vestem dos golpes aboladas:  
De disformes encontros saem feridos,  
Apertadas nos punhos as espadas,  
Onde cahindo cada qual media  
O espaço, que do alto ao fosso havia.

## LXXXIV.

Naõ montava a Agenor dobrado peito,  
Nem elmo forte a Menesteo valente,  
Nem o escudo de sete dobras feito  
A Licon, que na espalda a morte sente,  
A hum Gorgoris co'a ponta abria o peito,  
Na testa d'outro tinge o ferro ardente:  
Naõ se acha quem a oppôr-se se lhe atreva,  
A Pico a perna, a Sylvio o braço leva.

## LXXXV.

Mogo era Sylvio, o gesto descobrindo,  
Era no braço forte, em rosto bello,  
Invejáraõ-lhe a côr cisnes do Pindo,  
E o mesmo Apollo o ouro do cabello:  
Que igual outro naõ vio de Atlante ao Indo  
O abrazado senhor da antiga Delo,  
E da cerulea até a vermelha Thetis,  
Do Tejo ao Tanais, e do Gange ao Betis.

## LXXXVI.

Aos seus, dizia Gorgoris, ousados  
 Capitães, não soffrais, que nesses muros  
 Fiquem Gregos logrando os desejados  
 Campos do ameno Tejo em paz seguros:  
 Todo o caminho he facil a esforçados,  
 Brandos acha o valor os passos duros,  
 Segui-me; e por segui-lo os seus correndo  
 Hum tecto no ar de escudos vaõ tecendo.

## LXXXVII.

Cubertos chegaõ dos escudos fortes,  
 Sobre elles desce a tempestade fera  
 Das pedras, donde voaõ tantas mortes,  
 Qual se cahiraõ da maior esfera:  
 Pezos disformes caem de varias sortes,  
 Que hum monte cada qual fundir pudéra,  
 Arrojaõ grandes lanças, seguem logo  
 Graves teas de pez ardendo em fogo.

## LXXXVIII.

Trazem os Lusitanos levantada  
 Huma disforme trave de grossura  
 Excessiva, que a testa tem cravada  
 Do ariete mortal, pezada, e dura:  
 Nas rodas velocissimas tirada  
 Na ferrea porta bate mal segura,  
 E a seus soberbos golpes vacillando  
 A porta geme, o muro está nutando.

## LXXXIX.

Naõ basta o marmor solido, e constante  
A resistir a força, que trazia;  
Que os quicios de metal firme, e possante  
Rebentaõ, com que a porta se rompia:  
Nenhum grande reparo era bastante,  
Quando a testa cruel nelle feria;  
Acomete o inimigo a aberta entrada,  
E acha de gente a viva porta armada.

## XC.

Alli a espada forte revolvendo  
Leostenes, o inimigo ousado offende,  
Duras malhas abrindo, e desfazendo,  
Braços, escudos, e cabeças fende:  
De mortos sobre a porta hum monte erguendo,  
Já com elle dos vivos se defende,  
E tal estrago faz, que entrar a porta  
A' gente viva impede a gente morta.

## XCI.

Instaõ os inimigos, este atira  
O forte dardo, aquelle da encurvada  
Lua a corda sacode, porque o fira,  
Outro no ar levanta a larga espada:  
Elle a todos responde em fogo, e ira,  
Naõ recebe ferida mal vingada,  
Nobres saõ todas, e das suas feridas  
Sahiraõ pelas costas muitas vidas.

## XCII.

Aqui o soberbo Fulvió, que presente  
 Se acha, o escudo embraga, e do luzido  
 Ferro, qual d'hum espelho transparente,  
 Cercado move os passos atrevido:  
 Contra todos aperta a espada ardente,  
 E no famoso escudo recolhido,  
 Bramindo se arremessa, que pudera  
 Temer delle Mavorte, e a quinta esfera.

## XCIII.

Naõ freme assim do caçador Rifeo  
 Barbara tigre, que da setta dura  
 Leva as pennas no lado, quando veo  
 Beber na calma ardente á fonte pura:  
 Nem com tanto furor o mar Egeo  
 Co'as forças de Austro em tempestade escura  
 Ergue as tumidas ondas, com que aspira  
 Bater do Olympo os muros de çafira.

## XCIV.

Tem negra côr, cabello retorcido,  
 Fundidos olhos, testa abbreviada,  
 E do beigo o bigode sae comprido,  
 No largo queixo a barba tosquiada,  
 Grosso, e rombo o nariz, e denegrido,  
 De sulcos profundissimos lavrada  
 A triste face, e de verrugas chea,  
 Que a menor fealdade era ser fea.

## XCV.

Já deita sangue mais que de huma fonte ,  
Já a maõ não rege a espada , e sempre esteve  
Sem perder a braveza , que defronte  
Com quantos se lhe oppõem bravo se atreve :  
Contra todos levanta a altiva frente ,  
Faz tudo quanto o valeroso deve ,  
E quando vê de todo que desmaya ,  
Escolhe hum , a que mate , e com que caya.

## XCVI.

Cae sem alento , e tendo vomitado  
A alma , e sangue , nelle o corpo vira ,  
Dando o peito ferido hum apressado  
Anhelar congoxoso , com que espira :  
Ainda o escudo assim tinha abraçado ,  
E a espada no pulso , e quem o vira ,  
Cuidára , que era vivo , e está de modo  
Que era huma só ferida o corpo todo.

## XCVII.

Em quanto nestas provas vão passando ,  
E a porfia da guerra se dilata ,  
O Sol seu carro ás ondas inclinando ,  
Torna as aguas do Tejo em pura prata :  
Sua corrente Ulysses vem cortando ,  
Que mais veloz , e alegre se desata ,  
Com soccorro , que traz , e o pezo grave  
A's espaldas do Tejo era suave.

## XCVIII.

Os cercados dão vozes de alegria,  
 Tocaõ-se as roucas tubas, que soavaõ,  
 De mil gritos hum grito o Ceo feria,  
 Volteandõ as bandeiras tremolavaõ:  
 Ulysses, que do Tejo os muros via,  
 Que as armas inimigas assombravaõ,  
 A proa á terra inclina, que deseja  
 Meter-se na Cidade, e na peleja.

## XCIX.

Porém Gorgoris n'alma a pena sente  
 De ver taõ graõ soccorro, e as vivas côres  
 Das flamulas, que cobrem a corrente,  
 E acendem no ar altivos resplandores:  
 Deixa o combate, e corre diligente  
 A' praya, onde esperava os vencedores  
 Ferros tingir, se ao Tejo entãõ fizesse  
 Quê em lugar de cristal sangue corresse.

## c.

Alli ligeiro voa, alli corriaõ  
 Os que seguindo o vaõ, e sobre as mansas  
 Ondas do Tejo a terra huns pretendiaõ,  
 Que outros defendem com soberbas lanças:  
 Botes soaõ, espadas retiniaõ,  
 E da Cidade as novas esperanças,  
 Huns procuraõ cortar, outros por ella  
 Perdem a vida, e querem defende-la.

## CI.

Sobre hum dourado bargantim Phylarco  
 O socegado rio vem cortando,  
 Mil vezes dobra, e mil soltava o arco,  
 Donde as aladas settas saem voando:  
 Na terra pega a proa o leve barco,  
 Donde n'um salto desce, e alli embragando  
 O forte escudo, a grave espada afferra,  
 Arde em furor, c'os inimigos cerra.

## CII.

Em roda a espada vibra generosa,  
 Que iguala a de Orion, quando subindo  
 No ar por entre a noite tenebrosa,  
 As nuvens prenhes de agua vai ferindo,  
 Quando com luz infausta, e temerosa,  
 Com rayos sae a escuridade abrindo,  
 E ajudado das turbidas procellas  
 A ferro põe exercitos de estrellas.

## CIII.

Do bargatim por hum, por outro lado  
 Todos co'as mãos nas armas se arrojavaõ,  
 Huns graõ parte do Tejo tem gostado,  
 E os corpos nos escudos sustentavaõ:  
 Este, que toma fundo, passa armado,  
 E outros, que ainda fundo naõ achavaõ,  
 Nadaõ até que a planta a praya toca,  
 Outro á terra co'a espada sae na boca.

## CIV.

Gorgoris pela praya discorria,  
 E os seus com grandes vozes animava,  
 Vendo, que ao Occidente inclina o dia,  
 E a gente a seu pezar desembarcava:  
 A Sergio, que do barco á praya via  
 Sahir, c'o ferro nú se arremessava,  
 Moço galhardo, a quem a guerra engana,  
 Grande senhór da serra Mariana.

## CV.

A primeira lanuge' ao moço louro  
 A face apenas veste, e tremolando  
 Em suaves anneis o subtil ouro  
 Decoramente o rosto vai cercando:  
 Em sete partes o dobrado couro  
 Do escudo abria o ferro penetrando;  
 Na espalda mostra a ponta ensanguentada,  
 E nos peitos c'o punho bate a espada.

## CVI.

Os que a seu Rey no barco acompanhavaõ,  
 Todos a soccorre-lo concorrêraõ,  
 E como a hum lado todos carregavaõ,  
 Grande parte do Tejo recolhêraõ:  
 Huns debaixo dos outros se afogavaõ,  
 Outros lançando as ondas, que bebêraõ,  
 A' terra saem, e quando á praya chegaõ,  
 A vida na inimiga espada entregaõ.

## CVII.

Ulysses entre tanto tem vestido  
 As fortes armas, e do barco dece,  
 Resplandecendo armado, e taõ temido,  
 Que o inimigo de vê-lo só estremece:  
 A Telefo até o pomo vê escondido  
 O estoque, e com seu sangue o Tejo crece,  
 Que sobre as ondas cae morto, e exaугue,  
 E as aguas, que bebera, paga em sangue.

## CVIII.

Ouve Creonte o estrondo, e do que ouvia  
 Mayor aquella affronta imaginava,  
 E nos cerrados muros naõ cabia,  
 Porque alli pelejando naõ se achava:  
 Sae da Cidade, o imigo acometia  
 Por hum lado, a quem tanto perturbava,  
 Que está assombrado, mas constante, e quedo,  
 Como quem nunca vira o rosto ao medo.

## CIX.

Co'a pressa, e grave horror, que a noite augmen-  
 Hum foge indo ferido, o outro geme, (ta,  
 A huns segue o inimigo, que afugenta,  
 Outro sem o seguirem foge, e teme:  
 Qual sobre a rocha, onde o mar rebenta,  
 Aos duros golpes o penhasco treme,  
 Gorgoris atalhado, e impedido,  
 Se vê d'hum lado, e d'outro combatido.

## CX.

Creonte o arco forte sacudindo ,  
 Co'a sétta alada os leves ares fende ,  
 Ao bruto , e fero Capaneo ferindo ,  
 Que os grandes membros sobre a terra estende :  
 Caminho a morte na ferida abrindo ,  
 Onde a dourada fibula se prende ,  
 Estava c'ò tremor da morte horrendo  
 O corpo em negro sangue revolvendo.

## CXI.

Homem tímido , e vil de nascimento ,  
 Nobre só pela mãy , que tinha feito  
 Provas de graõ traidor , e fraudulento ,  
 Sendo no resto hum , outro no peito :  
 Cruel , e de alterado pensamento ,  
 Cabeça ao alto aguda , corpo estreito ,  
 Affeminada a voz , menos suave ,  
 Que branda soa , e logo grossa , e grave.

## CXII.

A tudo a morte , e grande horror cobriaõ ,  
 Vê-se de corpos todo o campo cheyo ,  
 Debaixo estaõ feridos , que gemiaõ  
 Afogados de sangue seu , e alheyo :  
 Confusamente alli se revolviaõ  
 Mortos , e vivos neste horrendo , e feyo  
 Espectaculo , e quanto alli se achava  
 Em desiguaes fortunas se igualava.

## CXIII.

Aperta o ferro Ulysses, e seguia  
O inimigo, que foge amedrentado,  
Gorgoris por deter os seus porfia,  
Delles temido mal, mal escutado:  
Por entre ferro, e ferro estrada abria,  
Que sempre o medo foi desenfreado,  
Este mais que o inimigo os afugenta,  
Que tudo faz mayor, tudo accrescenta.

## CXIV.

Huns sem ordem fugindo, outros instando,  
Donde hum pé se levanta, outro se imprime,  
Vaõ os mortos aos vivos atalhando,  
E o que morto cahio ao vivo opprime:  
A espada, e braço todo Ulysses dando  
A Peneo (que com graõ destreza esgrime),  
O fez cahir entre mortaes assombros,  
Inclinando a cabeça sobre os hombros.

## CXV.

Era formoso ainda ensanguentado,  
Na triste, e maltratada formosura,  
E no pallido rosto, e desmayado  
Mostrava da alma a nobre sepultura:  
Qual branco lirio, que cortou o arado,  
Inclinava a cerviz na terra dura,  
Que a côr, e graça (posto que sem vida)  
Naõ era de seu rosto despedida.

## CXVI.

Aos seus Gorgoris diz : Fieis amigos ,  
 Vós , que os furores sustentar pudestes  
 De outros mais fortes , e asperos imigos ,  
 Este brio , e valor onde o perdestes ?  
 Vós , que as mortes tragando , e os perigos  
 Em marmores eternos escrevestes  
 O nome Lusitano , que hoje dura ,  
 Quereis fazer taõ clara fama escura ?

## CXVII.

Vai a morte seguindo o que he medroso ,  
 Sempre o ousado goza alegre sorte ,  
 A gloria está no caso perigoso ,  
 Nada acha muito o coração , que he forte :  
 Entre o furor da guerra temeroso  
 Me deixais só , sabeis , que honrada morte  
 Eternamente dura , e permanece ,  
 Que quem a morte teme , esse a merece.

## CXVIII.

Nãõ pára a multidãõ desenfreada ,  
 E Gorgoris ousado está diante ,  
 No coração , nos membros , e na espada  
 Temeroso , nas forças arrogante :  
 Trazendo-a dos que fogem ensanguentada ,  
 A que c'o ferro , e rigido semblante  
 Ameaça , detem , increpa , e chama ,  
 Sem o freyo os deter da honrosa fama.

## CXIX.

Cerra-se a noite, e ás cousas vai roubando  
A côr, com que a victoria se atalhava,  
E entré a sombra da noite escura errando,  
Cegas mortes o ferro incerto dava:  
Por ultimo este dia imaginando  
Da guerra, o grande Ulysses pelejava,  
E sem falta aqui fora o fim da guerra,  
Se a sombra não cobrira o ar, e a terra.

## CXX.

Foi o fim da batalha o fim do dia,  
E descontente Gorgoris se parte,  
Os successos na mente revolvia  
Do Fado iniquo, e do contrario Marte:  
Dos instrumentos bellicos se ouvia  
O som guerreiro n'uma, e n'outra parte,  
Triunfaõ os vencedores, huns curavaõ  
Feridos, e outros mortos sepultavaõ.

## CXXI.

Estaõ os verdes campos povoados  
De troncos de homens mortos, e feridos,  
Sobre seu proprio sangue reclinados,  
Pelas roxas areas estendidos:  
Mezas funestas, onde os esfaimados  
Lobos com tristes vozes, e bramidos  
Descem de noite da fragosa serra  
As reliquias gastar da dura guerra.

## CXXII.

Davaõ novas do Sol, que já nascera,  
 Estendidas as sedas matutinas  
 Nas janellas do Ceo, e a quarta esfera  
 Corrida tinha as lucidas cortinas:  
 A destoucada noite naõ espera  
 O resplendor das luzes peregrinas,  
 De altos montes cahindo arrebatada,  
 Mede os ares com planta congelada.

## CXXIII.

O Grego com Phylarco estava vendo  
 Como já ao campo Gorgoris sahia,  
 Sobre a cabeça a todos excedendo  
 Da Lusitana gente, que o seguia:  
 Das tubas se ouve o som de Marte horrendo  
 Nos montes, onde o éco o repetia,  
 Fere os peitos luzidos, e galhardos  
 O Sol metido entre nublados pardos.

## CXXIV.

Vinhaõ-se pondo em ordem de peleja,  
 E Ulysses a Phylarco perguntava  
 Quem saõ os Capitães, porque deseja  
 Saber que gente Gorgoris levava:  
 E porque melhor tudo note, e veja,  
 D'um lugar emínente os contemplava,  
 Elle, que os conhecia, e partes donde  
 Saõ naturaes, ao Grego assim responde:

## CXXV.

O que diante está grave, e severo,  
Que d'ouro, e verde traz custoso arreo  
Batendo as cilhas do ginete Ibero,  
Que pratea de escuma o aureo freo,  
He Gorgoris, nas armas Marte fero,  
Que ao lado esquerdo leva o grande Antheo  
De Gerabria senhor, cuja armadura  
He de hum dragaõ a pelle forte, e dura.

## CXXVI.

Esta herdou de Tyfeo, que de materno  
Sangue tem por avô, quando os gigantes  
Pretendendo escalar o Ceo superno,  
Põem sobre montes montes arrogantes:  
Onde a Lua, e o Sol, que desse eterno  
Globo saõ puras almas rutilantes,  
Do medo de seus braços perturbados  
Perdêraõ curso, e luz, como infiados.

## CXXVII.

De espessa barba, hirsuta, negra, e feya  
Tem o rosto té os olhos povoado,  
A testa estreita, de cabellos cheya,  
E dos olhos o lume atravessado,  
De monstruoso corpo, a quem afeya  
O ventre prodigioso, e carregado,  
A todos no valor vencer deseja,  
Que em fogos arde de gloriosa inveja.

## CXXVIII.

O outro, que atraz delle vai brandindo  
A grossa lança, he Mincio valeroso,  
Senhor do grande Arcio, que encobrando  
Nas armas vai o coração fogoso:  
Este no monte hum javali bramindo  
Tomou nos duros braços, e o formoso  
Sol fez olhar á desmedida fera,  
Que nunca a ver o Sol a testa erguera.

## CXXIX.

De huma panthera a pelle traz famosa,  
Da qual os peitos arma, e traz luzida  
Celada, de que a boca portentosa  
Campea de alvos dentes guarnecida:  
E huma, e outra orelha prodigiosa  
Como pluma no ar se vê subida,  
Hum arco de elefante traz brunido,  
Esforçado nas armas, e temido.

## CXXX.

Aquell'outro, que vês bravo, e seguro  
Atravessar no carro refulgente,  
Açoutando co'a pluma azul o puro  
Ar, que a vai meneando brandamente,  
He Celio, a que obedece o forte muro  
De Nabancia, nas forças excellente,  
Galhardo, e aprazível, que por arte  
Adonis he na paz, na guerra Marte.

## CXXXI.

O da casaca azul he o poderoso  
Polimio, que traz gente acostumada  
A' dura guerra lá do Minio undoso,  
De grossas lanças fortemente armada:  
O do bastaõ he Alcino, do nervoso  
Arco tirando a dura setta hervada,  
De Pineto senhor, que traz a gente,  
Que ao Limia bebe a liquida corrente.

## CXXXII.

Este na affronta ardendo em fogo, e ira  
He prodigio fatal da natureza,  
Quando a espada pezada em roda gira,  
No corpo monstruoso, e na fereza:  
Saõ fogo os olhos, fumo o que respira,  
Parece a espada, em puro fogo aceza,  
Hum açoute do Ceo, na agilidade  
Rio inundante, ou fera tempestade.

## CXXXIII.

O que vês de armas verdes, he Leutaro  
Capitaõ mui valente, dos amenos  
Campos do Rio Nebis fresco, e claro  
Conduz os Numitanos, e Lubenos,  
E o morador do promontario avaro,  
Que junto ao fresco Avó os verdes fenos  
C'o gado pasce na viçosa terra,  
Gente robusta para a dura guerra.

## CXXXIV.

He velho, e coração tem bellicoso,  
 Que trabalho jámais pôde vence-lo,  
 He delgado nos membros, mas nervoso,  
 E mal lhe veste a face o raro pello:  
 A calva de ornamento mentiroso  
 Cobre adoptiva rede de cabello,  
 Fingindo idade verde na madura  
 Por beneficio da arte, e da pintura.

## CXXXV.

O que o neto da escuma debuxado  
 Traz no escudo fatal, com que se arrea,  
 He dos soldados Glaucos acompanhado,  
 Que o Dorio velocissimo rodea:  
 O que das feras vês estar cercado  
 He Valinferno, a quem a pura vea  
 Do Mondego obedece, e o jugo sente  
 De Rusticana, e Araduca a gente.

## CXXXVI.

Este, e Bolaõ por armas conquistáraõ  
 As largas prayas do Mondego frio,  
 E da Herculea Cidade, que ganháraõ,  
 Valinferno escolheo o senhorio:  
 A Bolaõ só os campos lhe ficáraõ,  
 Que inunda o fresco, e caudaloso rio,  
 Temidos qual no Olympo consagrado  
 Temem as estrellas a Orion armado.

## CXXXVII.

O que na famosissima quadriga  
Traz de ouro o elmo erguido na vizeira ,  
Cujos cavallos fez o destro auriga  
Romper o campo com veloz carreira ,  
He Clyto , de alta fama , e casa antiga ,  
Que nos montes da Lua a derradeira  
Terra do mundo occupa , este nos braços  
Toma hum leaõ , que rasga em mil pedaços.

## CXXXVIII.

He forte , e corpulento , grande , e grosso  
De membros , e estatura gigantea ,  
Huma torre animada , hum graõ colosso ,  
Que tudo o que tem perto senhorea :  
No fresco Abril dos verdes annos moço ,  
E na testa estupenda lhe campea  
A coroa da planta illustre , e verde ,  
Que nem os rayos teme , ou folhas perde.

## CXXXIX.

Vês aquelle , que a massa irado esgrime ,  
He Geres , junto delle os passos Arga  
Move , a que a dura massa pouco opprime ,  
Que a taõ robusto braço he leve carga :  
He sua fama , e seu valor sublime ,  
Que junto de Aqua Flavia a grande , e larga  
Montanha occupa , dondê bem pudera  
Teme-lo por mais fero qualquer fera.

## CXL.

De pastores á funda acostumados  
Traz grande copia , com lustroso alardo  
Guiando os robustissimos soldados ,  
Hum , e outro sahio bravo , e galhardo :  
Os peitos dos despojos só guardados  
De hum leaõ , e nas mãos hum forte dardo ,  
A coxa , e hombro a nobre espada aggrava ,  
E de pelle de tigre a forte aljava.

## CXL I.

Geres de idade , e de vigor robusto ,  
Nas armas , e trabalho calejado ,  
Estatura commum , de rosto augusto ,  
De coraçãõ audaz , nunca domado ,  
Da côr do rosto juvenil , adusto ,  
Quadrado corpo , peito relevado ,  
Que naõ se pôde achar homem mais duro  
Da plaga Austral ao congelado Arcturo.

## CXL II.

O que solta no ar a pluma leve ,  
He o bravo Alcides , cuja forga espanta  
Quando a espada , que cinge ao lado breve ,  
Os duros elmos abre , a malha , ou anta :  
Huma serpe feroz no berço teve  
Preza co'a lactea mãõ pela garganta ,  
E pela semelhança destas lides  
Com razaõ lhe ficou nome de Alcides.

## CXLIII.

De Araudes he senhor, e juntamente  
De Capiana as armas traz comsigo,  
E do Barbario promontorio a gente,  
Dura para soffrer qualquer perigo,  
Os que habitaõ de Scalybs a corrente,  
Os de Evandria, e Ebura, que ao imigo,  
Qual forte Partho, tiraõ da dobrada  
Frecha fugindo a setta acelerada.

## CXLIV.

Traz grande cabelleira, e de ambar chea,  
De áureos anneis todo o cabelo feito,  
De fuzis grossos barbara cadea,  
Que do hombro lhe atravessa o largo peito:  
As orelhas de perolas arrea,  
Move a terror no carregado aspeito,  
Veste luzentes armas, que se preza  
De se armar como de armas de fereza.

## CXLV.

Traz gente á dura guerra acostumada,  
Que o Sol naõ vio melhor desde o Oriente,  
Em quantos cingem generosa espada,  
Até o Tauro Scytico eminente:  
Nenhum risco, ou fadiga prolongada  
Recusou nunca a bellicosa gente,  
Todo o duro trabalho estima leve,  
Suores beber sabe, e pizar neve.

## CXLVI.

Quem he aquelle , o Grego perguntava ,  
 Que o dragaõ pinta no soberbo escudo ?  
 Acrisio he , Phylarco lhe tornava ,  
 De corpo giganteo , alto , e membrudo :  
 De Lacobriga traz os que na aljava  
 Escondem a dura setta , e o dardo agudo  
 Vibraõ , traz delle vai Alcimedonte  
 Co'a gente , que creou o Herminio monte.

## CXLVII.

He , inda que pequeno , na postura  
 Arrogante , e nos feitos valeroso ,  
 Que desmente co'as obras a estatura ,  
 No animo valente , e generoso ,  
 De ossos dobrado , e feya catadura ,  
 De grandes forças , bravo , e temeroso ,  
 Nos annos moço , e na ferocidade  
 Vence com forte coraçãõ a idade.

## CXLVIII.

Estes , que o seguem , todos de dobrados  
 Corpos , a quem temer Marte pudera ,  
 Usaõ na guerra duros páos tostados ,  
 E as pelles de hum leaõ , ou de panthera :  
 Rompem do usso c'os bastões pezados  
 No corpo os ossos , e na testa fera ,  
 Se a caso salteou com força iniqua  
 Das abelhas no monte a casa riqua.

## CXLIX.

Movido de alta inveja o valeroso  
 Ulysses sae, e em vê-lo o campo treme,  
 Da Cidade abre a porta, onde o lustroso  
 Metal soa c'ò grave pezo, e geme:  
 Elle n'um carro férvido, e famoso  
 Co'a lança ao hombro, que o inimigo teme,  
 Phylarco o acompanha, e juntamente  
 A Grega toda, e Lusitana gente.

## CL.

N'um mellado, que de ouro a côr vencia,  
 E c'ò peito as cadeiras igualava,  
 Que airosamente ao passear partia,  
 E té as cilhas os braços levantava,  
 A que huma sylva a testa dividia,  
 E com mais graça a altiva fronte ornava,  
 Negros a colla, crines, e topete,  
 Trovaõ nos pés, e rayo se arremete.

## CLI.

A cabeça Phylarco illustre arrea  
 De elmo, que opprime o seu cabello louro,  
 Traz no escudo huma serpe horrida, e fea,  
 Que nas unhas aperta huma aguia d'ouro:  
 Co'a gente de Tubuci, e nobre Amea,  
 E os de Colipo, que de hum grande touro  
 Cingem a pelle, em cujas fundas soaõ  
 Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

## CLII.

Traz no elmo outra serpe portentosa,  
 Que as negras azas pelo ar desprega,  
 Que a colla fera enrosca, a venenosa  
 Vista, quando sibila, os olhos cega:  
 Juntas move tres linguas taõ furiosa,  
 Que espanto causa a quem a vê-la chega,  
 No fero aspeito, e movimento vago  
 Mostra ser obra de hum insigne Mago.

## CLIII.

Sae Lisio, que de Jupiter se preza  
 Ser claro, e conhecido descendente,  
 Da Ninfa Doto, cuja graõ belleza  
 Desceo do Olympto a Jupiter potente:  
 Entre a gente que o segue Portugueza  
 Conduz os que de Cuda a graõ corrente  
 Habitaõ, e a provincia Transcudana,  
 E os que descem da serra Mariana.

## CLIV.

Robustos membros tem, no corpulento  
 Tronco grande cabeça, a plama breve,  
 Da vista hum rayo sae duro, e violento,  
 Qual a sua ira, e seu furor se deve:  
 Representa no fero movimento  
 A'quilo, quando levantar se atreve  
 As ondas, com que pratear costuma  
 De Atlante os pés com Africana escuma.

## CLV.

Sae Tereo com bandeira, que partida  
 De ouro leva hum leaõ de vista fera,  
 Que movida do vento, com subida  
 Garra acomete o Sol na propria esfera:  
 Elle empunha huma lança desmedida,  
 Que hum tronco de huma faya inteiro era,  
 O ar na luz das armas se inflammava,  
 Onde o Sol, quando as fere, scintillava.

## CLVI.

De Merobriga a forte gente guia,  
 Que lanças usaõ largas, e possantès,  
 E do grande Maronio, a quem seguia  
 Lamaca com suas aguas abundantes:  
 Tão escudo hum grande monte põe, que ardia,  
 Botando fóra as chammas crepitantes,  
 E que hum rayo feria, os passos move,  
 Marte no resplendor, nos rayos Jove.

## CLVII.

De armas negras vestido o graõ Broteo  
 Dos montes traz consigo a dura gente,  
 De grande corpo, monstruoso, e feo,  
 De carregada celha, e vista ardente,  
 De disformes sinaes o rosto cheo,  
 Sinaes certos no rosto de hum valente,  
 Emeroso na voz, hirsuto pello,  
 Negras, e largas sedas por cabello.

## CLVIII.

Ferrea tem a alma, a natural fereza  
 Traz de aço puro, e forte guarneçada,  
 Com gente, de que fica na aspereza  
 Igualada a dos montes, e vencida:  
 Estes, como salvagens na bruteza,  
 Cada qual huma pelle traz vestida,  
 Bastões bastantes a fazer pedaços  
 Hum monte, o pé descalço, e nós os braços

## CLIX.

No campo Ulysses valeroso entrava,  
 Formando o esquadrão bravo, e lustroso,  
 A Phylarco fortissimo entregava  
 Da vanguarda o governo perigoso,  
 Dous mil homens de guerra alli plantava  
 Escolhidos, Phylarco taõ bríoso  
 Está, que o mundo acometer pudera  
 Co'a fronte do esquadrão soberba, e fera.

## CLX.

Logo tres mil o seguem bem armados  
 De duras lanças, que Tarco galhardo  
 Conduz com mil, que feros páos tostados  
 Usão por lança, e por agudo dardo,  
 Mil com fundas, que aos ventos apressados  
 Pódem fazer o movimento tardo,  
 E no meyo as bandeiras vaõ guardadas  
 De mil escudos, e outras mil espadas.

## CLXI.

Com quatro mil Broteo valente armado  
Por de fóra o esquadraõ todo cingia,  
Pondo de armas dous mil a cada lado,  
Com que todo se armava, e guarnecia:  
A maõ dextra a Creonte, ao estremado  
Leostenes a opposta obedecia;  
E Ulysses sobre o carro rutilante  
A tudo assiste, a todos vai diante.

## CLXII.

Já neste tempo o Sol, que ao mar guiava  
O seu carro de fogo, aos horizontes  
De varios arrebois de luz bordava,  
E a noite desce dos ceruleos montes:  
Já o silencio as armas occupava,  
E já do sono as opprimidas frontes  
Na dura terra inclinaõ, onde os soldádos  
Passaõ em vinho, e sono sepultados.



# U L Y S S É A.

## C A N T O N O N O.



### A R G U M E N T O.

*Ao campo sae armado o bellicoso  
Gorgoris , a quem segue a Lusa gente ,  
Rios de sangue férvido , e espumoso  
De frios peitos tira a espada ardente :  
Vendo Ulysses o imigo victorioso ,  
Nos muros se recolhe , e juntamente  
Gorgoris quer entrar , a gente crece ,  
Com que a guerra nas portas se embravece.*

I.

*Já dos Eoos fins a luz suave ,  
Encuberta , seguindo seu costume ,  
Misturando-se vai co'a sombra grave ,  
Naõ vence o lume a sombra , ou sombra o lume :  
Naõ tem inda voltado a Aurora a chave ,  
Mas por detraz do mais remoto cume  
Com a manhã dourada a noite fria  
As ultimas reliquias confundia.*

## II.

Logo os cavallos lucidos bufando  
Saem das portas do Ceo, e o puro alento  
Em suave rocio transformando,  
Ferem co'a luz o ar, co'a planta o vento:  
Ao graõ senhor de Delo vem tirando  
No seu carro veloz com passo lento,  
Mostrando sobre as nuvens prateadas  
Do fogo ardente as crines arrigadas.

## III.

Já se hia descobrindo o naõ maduro  
Parto do novo Sol, que vem nascendo,  
Os campos já rompia arado duro,  
Os sulcos com trabalho enriquecendo:  
Dourado estava o horizonte escuro  
Quando o geral silencio interrompendo  
Com rouco brado as trompas, que soavaõ,  
Os animos, e as armas despertavaõ.

## IV.

Nuvens de negro pó se levantáraõ,  
Em cujo grave horror o ar se cerra,  
Os tambores horrisonos soáraõ,  
Com que mostra fundir-se a mesma terra:  
Os écos pelos montes se dobráraõ,  
Tudo alterava o som da dura guerra,  
Torna seu curso atraz o Tejo inchado,  
Do estrepito das armas perturbado.

## V.

Logo a este primeiro desafio ,  
E ao som , que as tubas pelos ares deraõ ,  
As Gregas trompas com dobrado brio ,  
Aceitando a batalha , respondêraõ :  
Aos rostos rouba a côr o medo frio  
Dos que co'as mãos nas armas o vencêraõ ,  
E n'um , e n'outro campo horrenda , e brava ,  
Tisifone discordias semeava.

## VI.

Ulysses sahe , e resplandece armado ,  
Sobe do monte ao levantado cume ,  
De huma luz que o cercava rodeado ,  
Grande , e augusto fóra do costume :  
Sobre a rosada face dilatado  
Hum natural ardor , e vivo lume  
No grave olhar , a authoridade crece ,  
Com que elle mortal cousa não parece.

## VII.

Bem como prodigiosa estrella aguda ,  
Que vem de longe fogo scintillando ,  
Com que as coroas , e os imperios muda ,  
Pallida luz nos ares espalhando :  
A que com vista do alto attenta , e muda ,  
O nauta , e o pastor está observando ,  
Que no papel do ar c'um rayo escreve  
De ruinas fataes historia breve.

## VIII.

Assim o Grego sae, e os estandartes  
Imigos, e o som, que tudo atroa,  
A difundir-se por diversas partes  
Os que vem debellar a alta Lisboa:  
De armas guarnece os novos baluartes,  
Onde a guerra mortifera apregoa,  
E por buscar o imigo de mais perto,  
Prepara-se a sahir ao campo aberto.

## IX.

Sobre o carro belligero partia,  
Tudo em ordem dispunha, e visitava,  
De honrosa ira os fogos, em que ardia,  
Com natural brandura temperava:  
Animo, e esforço ao timido infundia,  
Que ao valeroso em vê-lo se dobrava,  
A todos com palavras animando,  
Mercês, e honras fazendo, abraços dando.

## X.

Tomando hum alto solta a voz famosa,  
Que as bellicosas hostes escutáraõ,  
A huns suave, a outros temerosa,  
Com palavras, que n'alma se formáraõ:  
Naõ trouxeraõ carreira taõ forçosa  
As aguas, que c'o Sol se desatáraõ,  
Cahindo do alto monte, donde as teve  
Prezas o inverno nos grilhões de neve.

## XI.

Companheiros, e amigos, bem se engana  
Quem de vós esperasse outra vangloria,  
Que ser vencido, como da Troyana  
Soberba já alcançastes fama, e gloria:  
Se aqui está toda a força Lusitana,  
Quer Jupiter, que n'uma só victoria  
Com esta pouca valerosa gente  
Ganhemos mil victorias juntamente.

## XII.

Naõ vos espante ver como se estende  
Pelas cabeças d'uma, e d'outra serra  
A inculta multidaõ, que mal entende  
O exercicio da sanguinea guerra:  
He gente mal avinda, que depende  
De abrir c'õ arado curvo a dura terra,  
Naõ ha de resistir, porque a defeza  
Nas plantas lhe deixou a natureza.

## XIII.

A pouca gente bellicosa experta  
A muita vence mal disciplinada;  
Que esta a ruina tem propinqua, e certa,  
De sua mesma ignavia debellada:  
Varie as sortes a fortuna incerta,  
Que eu com esta a vencer acostumada,  
A seu pezar espero ver mui cedo,  
Que primeiro que o ferro os vence o medo.

## XIV.

O inimigo, que as hostes ordenando,  
Está já posto em acto de peleja,  
Vós o vereis rogar humilde, e brando,  
Quando este ferro nú diante veja,  
Quando vossas espadas vaõ cortando,  
O elmo, ou de aço, ou de diamante seja,  
Quando o soldado, que seus campos ara,  
Vir que suas insignias desampara.

## XV.

Os soldados, que aqui trago comigo,  
Comigo iguaes nos riscos, e na gloria,  
A todos sei a patria, e sangue antigo,  
E n'alma os trago, mais que na memoria:  
Qual setta voa, ou fere ao infimigo  
Espada, sem me ser a mim notoria?  
Que conheço voando, e na ferida  
O arco, que atirou, e o homicida.

## XVI.

Comvosco em occasiaõ mais importante  
Cheguei, e vi, e em fim venci chegando;  
As forças, e as bandeiras do arrogante  
Marte fui abatendo, e arrastando:  
Como alli fui diante, irei diante,  
Preparando a victoria, e vós pizando  
Os troncos desses fracos lavradores,  
Honrados de vos ter por vencedores.

## XVII.

Da viva voz de Ulysses animados  
 Facil lhes parecia a dura empreza,  
 Terçando as grossas lanças os soldados,  
 A encontrar-se partiaõ com presteza:  
 Agudas sétas de arcos encurvados  
 Graõ tempestade excitaõ, vê-se áceza  
 A peleja nos campos inimigos,  
 Correndo para as mortes, e perigos.

## XVIII.

Bem como as ondas, que no mar furioso  
 Se vaõ cõm igual pressa succedendo,  
 E a azul espalda de Neptuno undoso  
 Em altos montes de agua vaõ erguendo,  
 Té sahir com ruído impetuoso  
 Na praya, que ferida está gemendo,  
 E sobre a molle area, ou na mais alta  
 Rocha, quebrando o mar, aos ares salta.

## XIX.

Assim corria á selva das pezadas  
 Lanças, no campo de armas occupado,  
 No ar se topaõ settas arrojadas,  
 Dardos abrem voando o ar delgado,  
 Os cavallos ligeiros das ferradas  
 Unhas a estampa apenas tem deixado  
 No verde campo, que com voltas giraõ,  
 E fumo, ardendo em colera, respiraõ.

## XX.

Já d'uma , e d'outra parte nas guerreiras  
Hostes se ouve o rumor , com que discorrem ,  
Largaõ-se freyos , descem-se vizeiras ,  
Huns contra os outros duramente correm :  
Os cavallos se encontraõ , das primeiras  
Lanças huns caem feridos , e outros morrem ,  
Desapparece o largo campo aberto ,  
De nuvens de armas , e de pó cuberto.

## XXI.

Tal golpe ha , que o escudo despedaça ,  
Tal que a malha fortissima rompia ,  
Alli o cavallo já sem dono passa ,  
Outro com elle sem vigor cahia :  
Elmo , e cabeça hum mesmo golpe amassa ,  
Todo o campo da morte o horror cobria ,  
Acende-se a peleja , e dura tanto ,  
Que excede a que mudou a côr ao Xanto ,

## XXII.

Logo Antiloco a dura lança enresta  
Contra o forte Trazilo que acomete ,  
Falsa-lhe o escudo , e pela dura testa  
Do agudo ferro grande parte mete :  
Quando huma sombra pallida , e funesta ,  
Que das aguas sahio do escuro Lethe ,  
Lhe occupa a vista , e com temor interno  
Cae semivivo o corpo em sono eterno.

## XXIII.

A este Helefanor, hum forte Grego,  
 Leva arrastando para despoja-lo,  
 E na vã preza de avarento, e cego  
 Naõ vê que Alcino vinha por vingá-lo:  
 Atravessado cae no undoso pego  
 De sangue, e procurando levanta-lo,  
 Torna a cahir de novo, e assim morrendo,  
 A alma irada lança, o chaõ mordendo.

## XXIV.

Sobre estes corpos a contenda crece,  
 Que huns levavaõ, e outros defendiaõ,  
 Creonte chega a tempo, que embravece  
 A peleja, que as vozes acendiaõ:  
 Contra Leuco, que em vê-lo já estremece,  
 Com forças, que as humanas excediaõ,  
 A lança com furor bravo arremessa,  
 Com que do peito ás costas o atravessa.

## XXV.

Cahe o moço gentil com graõ ruido,  
 Qual costuma cahir no fresco prado  
 Alamo verde, ou plátano ferido  
 Do duro vento, ou rustico machado:  
 Pelo vingar Hipolaco atrevido  
 Hum mortal dardo atira, que levado  
 A Dareto chegou, que na alta fronte  
 De roxo sangue abriu purpurea fonte.

## XXVI.

E Gorgoris, que o campo descobria,  
Socorre a tudo, a todos animando,  
A Creonte, e Leostenes juntos via  
Por terra tantas vidas derramando:  
Mal soffre ver que o campo se cobria  
De horror, de sangue, e corpos inundando,  
Bramando geme, e nesta grave affronta  
D'um grande freixo ajunta ao conto a ponta.

## XXVII.

Por entre as duras messes das espadas  
Ouzado corre, e c'o inimigo cerra;  
Com tal furor as aguas reprezadas  
Nã se despenhã da impinada serra:  
O mar, que bate as rochas levantadas,  
Rayo, que as torres igualou co'a terra,  
Trovaõ, que no ar bramindo, o mundo assombra,  
Fazem de seu furor pequena sombra.

## XXVIII.

Tres vezes sopezou a lança grave,  
Com que a Edipo atira, que voando,  
Representa huma antena, ou grossa trave,  
O escudo forte, e peito atravessando:  
A sombra negra occupa a luz suave,  
Cae na ferida os membros palpitando,  
Corre de sangue hum espumoso rio,  
Pallida mostra a cõr, o alento frio.

## XXIX.

Logo outras lanças toma, que arrojava,  
 Dando em todas hũa morte diferente,  
 E abraçando o escudo se lançava  
 Do grande carro com furor vehemente:  
 Encontra Manlio, a quem o rosto ornava  
 A lunagem da idade florecente,  
 Deo-lhe c'ò braço a espada, que atrevida  
 A tea corta a taõ formosa vida.

## XXX.

Na nuca, e lado abriu hũa larga estrada  
 A Toante, que alli trouxera a sorte,  
 Na vista, e peito sae a forte espada,  
 Dous caminhos abrindo á mesma morte:  
 A vida, de seu tronco já cortada,  
 Ao mesmo tempo sae do peito forte,  
 Sobre seu sangue cae, onde espirava,  
 E hum ferreo sono a vista lhe occupava.

## XXXI.

Correndo o campo todo victorioso,  
 A Tirio, que tratava da fugida,  
 Pelas costas a espada o temeroso  
 Braço fartou de sangue na ferida:  
 Está a seu lado o Capitaõ Lanoso,  
 Que a massa dura esgrime, e faz temida,  
 E a terra tantos corpos occupáraõ,  
 Que os vivos pelos mortos caminharáõ.

## XXXII.

Qual lenhador, que a Pirenne, ou Pindo  
Alivia dos troncos, que em pedaços  
Na terra estende, o bosque alto ferindo  
Co'a dura força dos nervosos braços,  
Onde do morto tronco dividindo  
A robusta alma, atada em verdes laços,  
Ferida soa do alto golpe a terra,  
A que responde a mais remota serra :

## XXXIII.

Assim Gorgoris vai com furia tanta,  
Aceza a vista, a fronte alta, e sublime,  
Taõ prestes corre, que a ligeira planta  
Na terra apenas seu sinal imprime:  
Soltando a dura voz, que a tudo espanta,  
Como que em nada o Grego campo estime,  
Abre as hostes, dizendo em voz pezada:  
A toda a Grecia basta a minha espada.

## XXXIV.

Nezo, que o ouve, fero lhe responde,  
E advertindo as palavras, que dizia,  
Elle as partia de hum revez, adonde  
Nas fauces as formava a lingua fria:  
A Scilo a espada dentro n'alma esconde,  
A quem o rosto pallido cubria  
Grave horror, onde Gorgoris valente  
Lhe tira a espada, e alma juntamente.

## XXXV.

A Japeto c'um talho a testa fende  
 Té os olhos , que do ar ao chaõ cahindo ,  
 Seu irmão Lauso chega , que o defende ,  
 Sustenta-lo nos braços presumindo :  
 Já Gorgoris contra elle o braço estende ,  
 E do piedoso Lauso o peito abrindo ,  
 Ambos á terra vem , que a mesma sorte  
 Irmãos na vida os fez , e iguaes na morte.

## XXXVI.

O pay Licon , que os filhos vê feridos ,  
 Que de hum parto lhe deo a bella Agave ,  
 Tanto no corpo , e rosto parecidos ,  
 Que causavaõ aos pays erro suave ,  
 Vendo o poder dos Fados naõ vencidos ,  
 Co'a dôr , que sente n'alma , dura , e grave ,  
 Ferido geme , e com furor suspira ,  
 E está suspenso entre o amor , e a ira.

## XXXVII.

Traz Gorgoris corria insanamente :  
 Espera hum fraco velho , imigo forte ,  
 Espera hum vivo morto , impaciente  
 Dizia , que te pede a propria morte :  
 Se melhor sorte a minha naõ consente ,  
 Quero vencer morrendo minha sorte ,  
 Que a terei por ditosa , e avantajada ,  
 Tendo-a nos fios dessa mesma espada.

## XXXVIII.

A Gorgoris chegou , co'a espada erguida  
 Desce c'um mortal golpe ; elle o recebe  
 No forte escudo , e onde a cara vida  
 De Licon tem morada , a espada embebe :  
 Lança o sangue da boca , e da ferida ,  
 Que a fria terra por seus poros bebe ,  
 Cahe o cadaver sobre a molle area ,  
 Aberta a boca denegrida , e fea.

## XXXIX.

Valinferno tambem soberbo esgrime  
 Contra o fero Creonte a ferrea massa ,  
 Que ora as pedras acende , ora sublime  
 Se faz temida na soberba praça :  
 O que espera , o que foge , a hum tempo opprime ,  
 Pizando corpos victorioso passa ,  
 E qual faminto lobo lhe mostrava ,  
 Que quanto sangue bebe , o não fartava.

## XL.

De conchas Valinferno armado vinha ,  
 A quem do corpo o ar nas armas crece ,  
 Que de huma jazerina o peito tinha  
 Guardado , e nelle a espaços resplandece :  
 De huma pelle de tigre se detinha  
 Prezo o talim , que de ouro se guarnece ,  
 Donde pende o alfange , e levantada  
 Na mão trazia a massa carregada.

## XLI.

A serpente, e leaõ, que lhe assistiaõ,  
 Correndo o campo vaõ com lentos passos,  
 Os que as armas lhe oppõem, ou resistiaõ,  
 Com boca, e garra fazem mil pedaços:  
 Sobre elle os fortes Gregos concorriaõ,  
 Mas o graõ Briareu, que com cem braços,  
 E cem espadas juntas pelejara,  
 Seu grande esforço apenas igualara.

## XLII.

Elle só põe o rosto, elle resiste,  
 Da guerra o duro pezo elle sustenta,  
 Aos que intentaõ fugir gritando assiste,  
 Com que os anima, e forças lhe acrecenta:  
 De huns se defende a hum tempo, outros envista  
 Tem os que fogem, outros afugenta;  
 Mas tantas armas crescem, tanta gente,  
 Que o leva a seu pezar a graõ corrente.

## XLIII.

Para-se Valinferno forte, e quedo,  
 E o diluvio detem desenfreado,  
 Alguns mandou ao Tartaro mais cedo,  
 C'os graves golpes do bastaõ pezado:  
 A todos entra hum congelado medo,  
 Vendo-o destes dous monstros rodeado,  
 Bravo, acezo na vista, e não respira  
 Por boca, e olhos, senaõ fogo, e ira.

## XLIV.

Vinha em seu grande carro percorrendo  
Ulysses pelo campo, o estrago via,  
Que o bravo Valinferno vem fazendo,  
A quem ninguem se oppunha, ou resistia:  
A Gorgoris de longe estava vendo,  
Que de mortos hum grande monte erguia,  
Turbado fica, dentro n'alma geme,  
Como ouzado acomete o que mais teme.

## XLV.

Bem como a aguia, que do alto esteve  
Vendo a preza entre os matos escondida,  
E nas azas librando o corpo leve,  
Se arremessa veloz sobre a ferida:  
Tal Ulysses que olhando se deteve,  
Onde ferve a batalha mais temida,  
Do alto voa, e com a crua espada  
Se faz por entre as armas larga estrada.

## XLVI.

Vai contra Valinferno duro imigo,  
De Creonte animoso acompanhado,  
Leostenes o seguia, que o castigo  
Lhe levava na espada, e braço armado:  
Todos se chegaõ, e no comum perigo  
Acometem por hum, por outro lado;  
Elle para mostrar que os não temia,  
Sorrindo-se ergue a massa, e lhe dizia:

## XLVII.

Nesta agora verás, Grego insolente,  
 Abrazador dos muros de Dardania,  
 Se cria o brando Tejo forte gente,  
 Quando castigue a tua grande insania:  
 Nas entranhas terás desta serpente  
 Sepulchro na guerreira Lusitania,  
 Que a teus atrevimentos excessivos  
 Estas feras seraõ sepulchros vivos.

## XLVIII.

Cuidavas, fraudulento autor de enganos,  
 Quando seguro porto aqui tomaste,  
 Que achavas Cyrce, ou miseros Troyanos,  
 Que por amor, e armas debellaste:  
 Tendo durado a guerra tantos annos,  
 Seus muros com enganos arrazaste,  
 Sabe que aqui terás mores perigos,  
 Que Lusitania he tumba de inimigos.

## XLIX.

Ulysses lhe tornou: Saõ escusadas  
 Insolentes palavras, baste agora  
 Que sejaõ lingua as folhas das espadas,  
 E da veloz quadriga salta fóra:  
 Leostenes, e Creonté ás indomadas  
 Feras (como se a empreza facil fora)  
 O escudo, e peito armado offereciaõ,  
 A quem todos a hum tempo acometiaõ.

## L.

A mortal lança Ulysses levantando,  
 A Valinferno sacudida parte,  
 Onde a pallida morte vai voando,  
 A que não pode oppôr-se, ou força, ou arte:  
 Mas o golpe, e o ferro desviando,  
 No ar o torce o valeroso Marte,  
 Que a Valinferno ampara, e com este erro  
 Huma braça no chaõ se esconde o ferro.

## LI.

Tira Ulysses a espada, que parece  
 Hum rayo ardendo, c'o inimigo cerra,  
 Elle com hum golpe, e outro irado dece,  
 Todos graves, mortaes, e todos terra:  
 E para que ferir melhor pudesse  
 Se chega, e cae ferindo a dura terra,  
 Aonde tal cova abria a massa dura,  
 Que juntos dava morte, e sepultura.

## LII.

D'um giro n'outro Ulysses o rodea,  
 Golpes acena, e cautamente finge,  
 Vence co'a propria arte a força alhea,  
 Marcial Edipo desta brava Esfinge:  
 Da dura malha o campo se semente,  
 C'o suor cresce o sangue, as armas tinge,  
 Valinferno se aparta, e com braveza  
 Torce cheio de raiva a vista aceza.

## LIII.

Ulysses bravo corre, e vai dobrando  
 Os golpes, com que assombra o forte imigo,  
 Que o campo já perdia vacillando,  
 Que por ultimo estima este perigo:  
 Vai-se de ira, e furor nobre abrazando,  
 Entra, e nos braços o apertou comsigo,  
 Fazendo ambos temer-se nos ardentes  
 Olhos de fogo, e no ranger dos dentes.

## LIV.

Naõ corre com tal furia, e com tal ira  
 O valente Austro, e Aquilo valente,  
 Quando o mar, quando o Ceo bramindo espira  
 Ondas, nuvens, e fogos juntamente,  
 Quando nenhum se rende, ou se retira,  
 Antes sopraõ com furia mais vehemente,  
 Como os dous, que abraçar-se caminháraõ,  
 Nas forças, e nas armas se topáraõ.

## LV.

Neste tempo Creonte do arrogante  
 Leaõ, que por feri-lo a garra erguia,  
 Mais que a fera, elle fero está diante,  
 Sem poder enxergar-se que a temia:  
 Com duro braço desce, e nesse instante  
 Ao leaõ como Alcides remettia,  
 O escudo, e espada deita, e em fortes laços  
 Comsigo o aperta nos nervosos braços.

## LVI.

A fera brama irada presumindo  
Sahir dos braços , onde está apertada ,  
Os cabellos arriça , a boca abrindo  
Co'a voragem das fauces dilatada :  
A colla pelos ares esgrimindo ,  
E a garra de ira , e de furor armada  
Sem vigor mostra , e com mortal ruina  
Os duros membros , desmayando inclina.

## LVII.

Já os ossos lhe tinha quebrantado ,  
E entre os laços , onde estava prezo ,  
Cae c'o lume dos olhos apagado ,  
Terror do monte em quanto esteve acezo :  
Solta Creonte ao já desanimado  
Tronco co'a lingua fóra , inutil pezo ,  
Por juntar-se a Leostenes , que se sente  
Ferido , e maltratado da serpente.

## LVIII.

Brandia de ouro escalido , e de prata  
A cabeça , no ar o collo erguendo ,  
Já se prende , se enrosca , e se desata ,  
Fel , e escuma na boca revolvendo :  
O pescoço ora encolhe , ora dilata ,  
De silvos , e ira todo o campo enchendo ,  
E o torpe alento , quando respirava ,  
De seu veneno o ar inficionava.

## LIX.

Com Leostenes a serpe estava unida,  
 Que sibilando vibra a lingua aguda,  
 Que tres linguas parece sacudida,  
 Co'a graõ presteza, que a menea, e muda:  
 Na cabeça co'a espada a tem ferida,  
 E desmayando a serpe torpe, e ruda,  
 As roscas vai abrindo, e sem alento  
 Privada está de todo o movimento.

## LX.

Vendo o remedio Valinferno incerto,  
 De Ulysses desatar-se pertendia  
 Dos braços, onde o traz em tanto aperto,  
 Que já o alento, e animo perdia:  
 E vendo que inimigos tem taõ perto,  
 Sobre as azas do medo lhe fugia,  
 Segue-o o Grego, e em quanto hia correndo,  
 Estas palavras altas vai dizendo:

## LXI.

Como foges de Ulysses fraudulento,  
 Que os muros de Dardania pôz por terra,  
 Que ordenou o cavallo com intento  
 De dar com paz fingida occulta guerra?  
 Não me davas sepulchro, e fim violento  
 N'uma serpente, sem tocar-me a terra,  
 Pois como não me aguardas, se te sigo,  
 Como temes taõ debil inimigo?

## LXII.

Qual lobo foge do redil guardado ,  
Seus guardadores férvidos temendo ,  
Que quando corre , sente ao proprio lado ,  
Com furia , e com latidos o ar rompendo ,  
Até que a lingua deita de acossado ,  
Com que o sangue dos beiços vai lambendo ;  
Tal Valinferno foge , e o rosto vira  
A Ulysses , que o seguia ardendo em ira.

## LXIII.

C'o pezó da armadura se detinha ,  
Quer assentar-se por tomar alento ,  
Quando vê que atrás delle o Grego vinha ,  
Que na presteza iguala ao mesmo vento ,  
Como quem só nos pés a vida tinha ,  
Que mais ligeiros faz o medo lento ,  
Torna a correr , sentindo o espaço breve ,  
Que por tomar alento se deteve .

## LXIV.

Qual cerva , que acossada vai fugindo ,  
E vendo sombra , ou fonte de agua viva ,  
Tendo escapado aos cães , que a vão seguindo ,  
Goza da fonte fresca , ou sombra estiva ,  
Quando outra vez o caçador sentindo ,  
Deixa o descanso , e corre fugitiva ,  
Sem estimar á vista do perigo  
A calma grave , e o trabalho antigo :

## LXV.

Tal Valinferno voa, onde encontrando  
 A Gorgoris, lhe diz: Aos teus soccorre,  
 Que Ulysses tuas hostes devastando,  
 Por todo o campo sem temer discorre:  
 A côr ao verde monte vai mudando  
 Com sangue, que em diversas partes corre,  
 E Pallas, que a seu lado anda presente,  
 Põe em fugida a Lusitana gente.

## LXVI.

Gorgoris, a que a nova o peito altera,  
 Guiava o carro a hum alto, donde via  
 O campo todo, e nelle considera  
 Como de sangue, e mortos se cobria:  
 De longe o escudo vê, e imagem fera,  
 Que da guerreira Pallas parecia;  
 A'quella parte corre, onde os que o viaõ  
 Co'as vozes, e co'as armas o seguiaõ.

## LXVII.

Qual costuma o belligero ginete,  
 Que das prizões, que teve, desatado,  
 Ao campo livre férvido arremete,  
 Correndo alegre n'um, e n'outro lado,  
 Ao ar arriga as crines, e o topete,  
 Sobre si mesmo o collo levantado;  
 Tal Gorgoris valente, desprezando  
 O esquadraõ, pelas armas vai entrando.

## LXVIII.

O campo atravessava em furia ardendo,  
 A segui-lo se movem os mais guerreiros,  
 Por duras armas, e esquadrões rompendo,  
 Os ultimos queriaõ ser primeiros,  
 Huns derrubando, a outros socorrendo,  
 Lhes diz: O' esforçados Cavalleiros,  
 Estes, que tem de vós victoria, e palma,  
 Tem mais que duas mãos, tem mais que huma

LXIX. alma?)

Pára o forte esquadraõ, sem ir ávante,  
 Por elle socorrido, e animado,  
 Ulysses valeroso está diante  
 Entre o furor das armas abrazado:  
 E Gorgoris c'os seus mais arrogante  
 Para o ferir no meyo o tem tomado,  
 De hastas hum bosque, e espadas o cercava,  
 E hum chuveiro de settas, que voava.

## LXX.

Qual o soberbo touro, que ferido  
 Do fogo do ciume impaciente  
 Terrivelmente brama, e com bramido  
 Chama animoso seu rival ausente,  
 Prova n'um tronco os cornos offendido,  
 E o vento desafia ousadamente,  
 Provoca o imigo erguendo ao ar a terra,  
 Por dar principio á porfiada guerra:

## LXXI.

Tal affrontado Ulysses , que deseja  
 A Gorgoris mostrar o que podia ,  
 Se preparava em acto de peleja ,  
 E co'as armas nas mãos o cometia :  
 Gorgoris deixa o carro , e porque veja ,  
 Que desigual batalha não queria ,  
 Da mão soltava a hum tempo o grave loro  
 A Lampom , Lamo , Cicere , e Peloro.

## LXXII.

Armados traz os membros da pezada  
 Loriga , em cima o peito refulgente ,  
 A testa opprime o elmo , a coxa a espada  
 De antigo mestre , e tempera excellente :  
 Qual de luz a alta fronte coroada  
 Ameaçando no ar cometa ardente ,  
 Com cabellos de rayos nos declara  
 Ruina do mór Sceptro , ou mór Thiara :

## LXXIII.

Tal Gorgoris nas armas scintillava ;  
 Que airoso vai movendo bravo , e forte ,  
 Na vista , e espada férvida levava  
 Medo aos que fogem , aos que esperaõ morte :  
 Com Bolaõ Valinferno o acompanhava ,  
 E o valente Lanoso , e o graõ Mavorte ,  
 Que a seu grande furor não he bastante  
 A resistir hum peito de diamante.

## LXXIV.

Montanha inaccessible, e temida,  
 De antiga selva, e monstruosas feras,  
 Rio, que cahe da rocha mais erguida,  
 Chuveiros negros, tempestades feras,  
 Neve nos frios Alpes derretida,  
 E fogo, que do Ceo lambe as esferas,  
 Naõ pudéra impedir seu forte braço,  
 Nem fizera a seus pés torcer hum passo.

## LXXV.

Ulysses dos mais fortes rodeado  
 Aos imigos se oppõe quando envistiaõ,  
 Escudo a escudo, lança a lança, armado  
 Peito a peito n'um tempo acometiaõ:  
 Já de pedaços de armas semeado  
 O chaõ se vê, que os golpes dividiaõ,  
 E sobre os elmos, que as espadas fendem,  
 Soava o ar, que scintillando aeendem.

## LXXVI.

Na batalha ardentissima, e travada  
 Cresce o ardor co'a furia da peleja,  
 Já de seu sangue a terra está manchada,  
 Huns a vingança move, outros a inveja:  
 Já esquecidos de ferir co'a espada,  
 C'os punhos, e c'os pomos se peleja,  
 Já se topaõ c'os elmos, e membrudos  
 Corpos sobre os fortissimos escudos.

## LXXVII.

Gorgoris , que hum graõ monte representa ,  
 De membros , e estatura bem composto ,  
 Mete hum , e outro pé , e a espada tenta ,  
 Que Ulysses livra , e sae co'a ponta ao rosto :  
 Ferir sobre a cabeça o imigo intenta ,  
 E logo o forte escudo em alto posto ,  
 Por baixo d'elle o grande corpo estende ,  
 Com que na perna a Gorgoris offende.

## LXXVIII.

Elle se vê ferido , e quando sente  
 O dano , por vingar-se em vaõ se cança ,  
 E com vergonha honrosa , e descontente  
 Quer co'a pressa emendar qualquer tardança :  
 Com ferro , e voz responde juntamente :  
 Espera , ó fraudulento , e se abalança ,  
 E sobre o elmo o fere , onde cortava  
 A pluma , que ferida ao ar voava.

## LXXIX.

Ulysses , que do golpe recebido  
 Em honrosa coragem se acendia ,  
 Desprezando os reparos atrevido  
 Nas inimigas armas se metia :  
 E por vingar-se leva o braço erguido ,  
 Co'a forte espada , que do ar descia ,  
 Tal resposta lhe dava , e com tal furia ,  
 Que bem lhe paga a recebida injuria.

## LXXX.

Dobrando os golpes vai com graõ destreza ,  
D'um lado n'outro Gorgoris discorre ,  
Acha no escudo já fraca defeza ,  
Da ferida em graõ copia o sangue corre :  
Marte, que vê o p'riço, com presteza  
A Gorgoris já exanime soccorre ,  
E Ulysses, que o conhece, em fogos de ira  
Ardendo perturbado se retira.

## LXXXI.

Logo huma nuvem desce, onde encuberto  
Gorgoris sae do campo, e naõ se rende,  
Que da morte cruel, que tinha perto,  
Marte oppondo-se a Ulysses o defende :  
Elle, que via o engano descuberto,  
Sem o temer, co'a espada a Marte attende,  
Co'as armas o acomete, a que a guerreira  
Pallas reprende, e diz desta maneira :

## LXXXII.

Quando, Ulysses, a Marte te atrevesses,  
Naõ seria valor, mas furia insana,  
Se ao Ceo com braço humano te oppuzesses,  
Naõ se iguala á divina a força humana :  
Naõ te basta que a Gorgoris vencesse ?  
Naõ provoques a furia soberana  
De hũ Deos, que he immortal, taõ bravo, e forte,  
Que o mesmo Olympo treme de Mavorte.

## LXXXIII.

Qual o lobo voraz , que pelo escuro  
 Da tormenta ao rebanho vai guardado ,  
 E nas tetas da mãy balar seguro  
 Ouve o manso cordeiro agazalhado ;  
 Quer entrar os reparos forte , e duro ,  
 Tendo o redil mil vezes rodeado ,  
 E nesta trabalhosa , e vã porfia  
 Passá raivando a noite larga , e fria.

## LXXXIV.

Tal Ulysses rodea aquella parte ,  
 Donde com Marte Gorgoris fugira ,  
 Torna huma , e outra vez , ao proprio Marte  
 A vozes desafia acezo em ira :  
 Vociferando , e rebentando parte ,  
 Chegando a Valinferno , vê , que atira  
 C'um graõ penedo , que nas mãos tomava ,  
 De que Broteo ferido se prostrava.

## LXXXV.

Entaõ lhe diz : O' barbaro atrevido . . .  
 E sem que o elmo temperado monte ,  
 Da generosa espada cae ferido ,  
 Abrindo grande parte da alta fronte :  
 Naõ cae da nuve' o rayo despedido ,  
 Quando das mãos forjado sae de Bronte ,  
 Com tal furor , ficando a forte espada  
 Do negro sangue , e cerebro manchada.

## LXXXVI.

Entre os olhos lhe voa a sombra escura ,  
Por soccorre-lo alli Bolaõ se chega ,  
Contra Ulysses erguendo a massa dura ,  
Que de hum golpe o bastaõ , e as mãos lhe sega :  
De huma ponta a finissima armadura ,  
E peito lhe abre , e da ferida rega  
O espumoso sangue a terra estranha ,  
E o irmaõ , que vivo amou , morto acompanha.

## LXXXVII.

Qual álamo abraçado á antiga vide ,  
Se o duro ferro hum tronco , e outro corta ,  
Obedecendo ao Fado , que os divide ,  
Cae c'o verde marido a hum tempo morta :  
Assim Bolaõ , que vio a ultima lide  
De Valinferno , e aberta a fria porta  
Ao negro sangue , que das veas corre  
Das feridas do irmaõ , primeiro morré.

## LXXXVIII.

Porque quando a turbada vista erguia ,  
Entre as vařcas da morte a Valinferno  
Sobre suas armas sanguinosas via  
Cuberto de huma sombra , e sono eterno ,  
Mais que o seu Fado o do irmaõ sentia ,  
Donde a alma indignada ao triste Averno  
Irada desce , tendó o irmaõ defronte ,  
Carga pezada ao braço de Charonte.

## LXXXIX.

Em quanto hum campo, e outro pelejava  
 Co'as fortes armas, de ambos taõ temidas,  
 E a fortuna, e esperança igual estava,  
 Perdendo tanto sangue, e tantas vidas:  
 Eis que huma grande nuvem se chegava,  
 Prenhe de rayos, e armas homicidas,  
 Grande soccorro, com que Alfeo chegára,  
 Que além do Tejo os largos campos ara.

## XC.

Estes com novo ardor acometendo  
 Aos que de pelejar estaõ cansados,  
 Nos Gregos graõ destroço hiaõ fazendo,  
 Que o campo deixaõ já desordenados:  
 E de mortos hum alto monte erguendo,  
 De sangue correm rios derivados,  
 Quem foge, a vida tem mais arriscada  
 Nos pés do amigo, e na inimiga espada.

## XCI.

Da batalha suspensa está a balança,  
 Que huns favorece Pallas, e outros Marte,  
 Hum mesmo temor frio, huma esperança  
 Em todos igualmente se reparte:  
 O escudo, o elmo, a malha, o peito, a lança  
 Jazem por terra de huma, e d'outra parte,  
 Que o perigo he commum, e igual o dano  
 No campo Grego, e campo Lusitano.

## XCII.

As armas, que já foraõ taõ prezadas,  
 Pelo chaõ, como inuteis, e abatidas,  
 Perdida a luz, e o lustre, ensanguentadas,  
 Ao forte vencedor se vêm rendidas:  
 As que já foraõ ricas, e douradas,  
 Em pedaços se viaõ divididas,  
 Tudo o pó cobre, e o sangue, que onde alcança,  
 A nada deixa a antiga semelhança.

## XCIII.

Bem como quando o Caõ celeste ardendo,  
 Pondo-se a caso fogo na montanha,  
 E o vento, que sibila, arde correndo  
 Vulcano abrazador, com fúria estranha,  
 Fé os asperos penedos derretendo,  
 Bem se poder vencer força tamanha,  
 Com grave estrondo soa o monte erguido,  
 Em leve fumo, e cinza convertido:

## XCIV.

Assim Leutaró vai, a quem seguiaõ  
 Jeres, Arga, e Lanoso, contrastando  
 Os novos muros, onde concorriaõ,  
 Tudo o que achaõ diante atropellando:  
 De victoriosas vozes o ar enchiaõ,  
 Vaõ o campo das armas inundando,  
 Viraõ os Gregos as costas, naõ podendo  
 Soffrer na vista a luz de Marte horrendo.

## XCV.

Assim correndo do empinado monte  
Suas margens apenas cobre o rio,  
E onde mais longe vai da antiga fonte,  
Vai cobrando mais forças, e mais brio;  
Erguendo os cornos da soberba fronte  
Acomete o ceruleo senhorio,  
Taõ inchado, e temido, e taõ ufano,  
Que elle parece o mar, rio o Oceano.

## XCVI.

Ulysses bravo vendo, que crescia  
A corrente das armas, duro, e forte  
Huns anima gritando, outros feria,  
Sem que a pezada voz, e braço importe:  
Larga estrada Lanoso fero abria,  
E com elle Gerês, que de Mavorte  
O valor imitava furibundo,  
A quem pudéra ajoelhar-se o mundo.

## XCVII.

Como resiste o monte á tempestade,  
Que açoutado do mar ergue por cima  
Das ondas a soberba immensidade,  
E as iras de Neptuno em pouco estima:  
Assim Leostenes entre a adversidade  
Das duras armas, sem que o pezo o opprima  
Abre por ellas porta, e ao ar espalha  
Elmo abolado, descosida malha.

## XCVIII.

Creonte ao fero Lauso , que atrevido  
 Para elle insanamente se arrojava ,  
 Tem a espada nos peitos escondido ,  
 Donde sahindo a vida , a morte entrava :  
 Na espalda sahe a ponta , que o brunido  
 Aço na ardente purpura banhava ,  
 Cae com ruido , e com mortal assombro ,  
 Inclinando a cerviz no debil hombro.

## XCIX.

A Salio , que a Leostenes se atrevia  
 Com descomposta lingua ousadamente ,  
 Elle co'a forte espada respondia ,  
 Que ir mais ávante as vozes não consente :  
 Quando para falar a boca abria ,  
 C'o ar entrando a ponta juntamente ,  
 Os caminhos da voz , e vida rompe ,  
 Onde a vida co'as vozes lhe interrompe.

## C.

Mataõ , destroçaõ , ferem , e não perdoã ,  
 Os laços desatando a tanta vida ,  
 Sobre elles lanças chovem , settas voaõ  
 Na batalha taõ aspera , e ferida :  
 Das feras massas feros golpes soaõ ,  
 Cede a virtude , vendo-se opprimida ,  
 E Ulysses , que as contrarias forças mede ,  
 A mayor força , e á fortuna cede.

## CI.

Via-se o Grego , e via maltratadas  
 As armas , que já apenas o cobriaõ ,  
 De sangue seu. , e alheyo rociadas ,  
 Que os golpes do inimigo mal soffriaõ :  
 Na Cidade recolhe as espalhadas  
 Esquadras , onde os seus melhor podiaõ  
 Sobre o reparo de seus muros altos  
 Resistir aos durissimos assaltos.

## CII.

Vendo Lanoso como a gente entrava  
 Na Cidade provando o braço duro ,  
 Aos seus , que entrem com elles incitava ,  
 Apertando no pulso o ferro puro :  
 Tereo bravo a porta lhe occupava ,  
 Fazendo de homens vivos vivo muro ,  
 E procurando entrar , acha diante  
 Leostenes , e Creonte , e o fero Atlante.

## CIII.

Sae Anteo de furor nobre abrazado ,  
 Huns matando co'a espada , outros ferindo ,  
 Mincio o acompanha , e Sergio , que a seu lado  
 O chaõ de inuteis troncos vaõ cobrindo :  
 A Phylarco acomete , que affrontado  
 Contra Mincio o estoque sacudindo ,  
 No lado esquerdo o mortal golpe emprega ,  
 Que armas , e campo de seu sangue rega .

## CIV.

Brama furioso, (e acha taõ leve a carga  
Das armas, que desmente a força humana)  
Qual soe, pizada, sibilar na larga  
Praya arenosa a vibora Africana,  
Ou leaõ que cravada vê na illhargã  
A aguda setta, donde a vida mana,  
Rugindo corre, e faz soar diante  
As brenhas do Rifeo, ou fero Atlante.

## CV.

Vai sobre Antheo, a que huma, e outra fonte  
No sangue abrio a cortadora espada  
Na perna, e logo na soberba fronte,  
Que está de ardente purpura banhada:  
Faz dous passos atraz, e onde o monte  
Abre huma cova, cae sobre a pezada  
Loriga, insta Phylarco por vingar-se,  
Antes que Antheo pudésse levantar-se.

## CVI.

Fartou a sede a espada no espumoso  
Sangue, e qual cahindo o grave pinho,  
Ruido excita o corpo portentoso,  
Desamparando a alma o proprio ninho:  
Sergio as costas virava temeroso,  
Vendo logo atalhado este caminho,  
Que pela espalda com mayor affronta,  
Vio nos peitos sahir c'o sangue a ponta.

## CVII.

Por outra parte Ulysses , defendendo  
 A entrada da Cidade , não descança ,  
 Co'a hasta a hum lado , e a outro acometendo ,  
 A todos faz temer seu braço , e lança :  
 Apartaõ-se os que o vêm , elle querendo  
 Emendar com graõ pressa esta tardança ,  
 A Leuco fere , e a Polimio forte  
 Mete dentro do peito a fria morte.

## CVIII.

Chega-se a Ulysses logo o forte Atlante ,  
 Leostenes , e Tereo , Lizio , e Creonte ,  
 E abraçando o escudo de diamante ,  
 Cada hum ao imigo vai , que tem defronte :  
 Alpino vibra a espada rutilante ,  
 Na testa a Lizio fere , que na fronte  
 Co'a maõ ao sangue acode , e diligente  
 Lhe prega a maõ na testa juntamente.

## CIX.

Aos pés de Ulysses cae qual grande torre ,  
 Nos braços elle o toma , e em fogos arde ,  
 Porque via , que nelles Lizio morre ,  
 Já cuida que a vingança chega tarde :  
 Irado contra Alpino Ulysses corre ,  
 Alto gritando : Espera-me , cobarde :  
 Com tal furor com elle encontra , e cerra ,  
 Que do encontro os joelhos põe por terra.

## CX.

Mal levantado Alpino da cahida ,  
Já do escudo fortissimo cuberto .  
Golpes dobrava por deter a vida ,  
Que do apressado fim tinha taõ perto :  
Corre Ulysses a espada , que escondida  
Dava em seu peito á morte passo aberto ,  
Sahindo delle a alma vacillante  
Em liquido coral , puro , espumante.

## CXI.

Cahe o soberbo corpo resupino ,  
Banha a vista de morte , indo morrendo ,  
O inutil tronco do valente Alpino  
Forbas arrasta , as armas recolhendo :  
Fenix , e Clito o escudo de aço fino  
Oppõem , o morto amigo defendendo ,  
Porém Ulysses , que em os vendo brada ,  
Faz das vozes trovaõ , rayos da espada.

## CXII.

Forbas , que ao morto Alpino despojava ,  
Em quanto neste officio attento esteve ,  
A morte n'uma setta , que voava ,  
Lhe espalha a leve vida ao vento leve :  
Vendo Ulysses o amigo , que espirava ,  
Com Clito , e Fenix pouco se deteve ,  
Que as cabeças de ferro guarnecidas  
Lhes faz cahir nos hombros divididas.

## CXIII.

Hum grande carro chega , onde o valente  
 Polimio grossas lanças atirando ,  
 A huma , e outra parte o diligente  
 Carro movia , o campo atropellando :  
 Espera , lhe dizia , e a espada ardente  
 Bebia ( a grande sede mitigando )  
 O sangue de Filon famoso auriga ,  
 Que da maõ perde as redeas da quadriga .

## CXIV.

Cae , e espanta os cavallos , que temendo  
 Tornaõ atraz c'o carro , que tiravaõ ,  
 Quebrando as prizões fortes , e correndo  
 Em saltos todo o campo atravessavaõ :  
 Pollux a Ulysses sae ao campo ardendo ,  
 Ambos para ferir se preparavaõ ,  
 Vindo-se hum para o outro se topáraõ  
 Nas armás , e as espadas levantáraõ .

## CXV.

E dando-lhe hum revez sobre o reparo  
 Lhe rompe o Grego o escudo , e logo a testa ,  
 No cerebro banhava o fino , e claro  
 Aço da espada fervida , e funesta :  
 Foge de o ver o timido Leutaro ,  
 Contra quem braço , e espada o Grego apresta ,  
 Larga o escudo , e parte acelerado ,  
 Mas ninguem por seus pés foge a seu fado .

## CXVI.

Hum golpe pelas costas com tamanhas  
Forças lhe deo , que abrindo a armadura ,  
Se viaõ palpitar dentro as entranhas  
Cahindo morto sobre a terra dura :  
C'um brado , que abalara altas montanhas ,  
Cuberta a vista de huma sombra escura ,  
A cabeça no peito , que anhelava ,  
Entre as vascas da morte reclinava.

## CXVII.

Acódem logo alli Gerês , e Arga  
Com Alcides , Acrisio , Alcimedonte ,  
A que parece breve a massa larga ,  
Que cada golpe seu partira hum monte :  
Sente das almas nova , e grande carga  
Em seu barco o tristissimo Charonte ,  
Que nos dous campos Marte á vencedora  
Morte de tantas vidas fez senhora.

## CXVIII.

Gorgoris entre tanto valeroso  
Duas lanças fortissimas brandindo ,  
Se faz temer , seguindo-o vai Lanoso  
De homens a terra exanimos cobrindo ;  
No ondado cabello , que ao formoso  
Lucilo té os hombros encobrindo  
Decoramente desce , a ensanguentada  
Maõ esquerda revolve , erguendo a espada.

## CXIX.

Do alto desce o golpe, que desata  
 A bella alma, ficando desunida  
 Da testa o ouro, do alvo collo a prata,  
 Na cabeça dos hombros dividida:  
 Era de Amintas filho, a quem a ingrata  
 Parca cortou do mesmo golpe a vida,  
 Estimado de todos geralmente,  
 Que era do rio Minio descendente.

## CXX.

Aqui com nova força, e novo brio  
 Correr se via n'uma, e n'outra fonte  
 A purpura, que junta fórma hum rio,  
 E erguer de mortos sobre a porta hum monte:  
 Maronio bravo ao novo desafio  
 De dentro sae, sobre a arrugada fronte  
 Mertilo fere, a que a pezada massa  
 Nas armas até os ossos despedaça.

## CXXI.

Aqui provas estranhas de seu braço  
 Faz o bravo Leostenes, que investindo  
 O inimigo se aparta hum largo espaço,  
 Por entre as armas graõ caminho abrindo:  
 Aqui Phylarco em vagaroso passo,  
 Indo-se retirando, e resistindo,  
 Os seus recolhe, que comsigo encerra,  
 E a pezar do inimigo as portas cerra.



# U L Y S S É A.

## C A N T O D E C I M O.



### A R G U M E N T O.

*Reprende Jove aos Deoses, e querendo  
Ver a batalha, desce ao monte Almata,  
As esquadras do monte estava vendo  
Que o Tejo cerca com lasciva prata:  
Gorgoris com Ulysses combatendo,  
O Grego vence, e de partir se trata.  
A Pallas tendo o templo edificado,  
Entrega a vela, e o pinho ao mar salgado.*

1.

**N**a parte mais subline, e levantada  
Do estellifero Olympo omnipatente,  
De assentos de cristal, e de ouro ornada,  
Fala c'os Deoses Jupiter potente:  
Com grande aspeito, e fronte carregada  
Enojado os reprende asperamente,  
Todos escutaõ, e elle o que sentia  
(Tremendo o Ceo de ouvi-lo) lhe dizia:

## II.

Naõ soffro, eternos Deoses, que se veja  
 No Ceo tal desconcerto, e indecencia,  
 Como entrardes com armas na peleja,  
 Fazendo vossa a humana competencia:  
 Deixai a emulaçaõ, e a baixa inveja,  
 Nos Ceos exercitai vossa potencia,  
 Ser forte hum Deos com homens he fraqueza,  
 Indigna acçaõ de altiva fortaleza.

## III.

Esta ordem no Olympo se publique,  
 E quando algum dos Deoses soberanos  
 A quebrar, do alto Ceo privado fique,  
 Com pena eterna por eternos annos:  
 Que porque aos Deoses mais naõ communique,  
 Do Baratro abrazado os graves danos  
 Farei que sinta, para ser neste erro  
 Exemplo o desterrado, e o desterro.

## IV.

Ouven-no os Deoses, e nenhum responde,  
 Levanta-se, e do Olympo consagrado  
 Na dourada carroça sae, por onde  
 Das rodas d'ouro estava o Ceo trilhado:  
 Botaõ fogo os cavallos, e se esconde  
 Entre as nuvens o carro arrebatado,  
 Até a fronte ferir do monte Almata,  
 Que do Tejo rodea a crespá prata.

## V.

Entre hum bosque no alto está encuberto ,  
E ambos os campos ante os olhos tinha ,  
Vê Ulysses discorrer de armas cuberto ,  
Que entre os seus animando-os se detinha :  
Vê Gorgoris , que armado em campo aberto  
Entre as esquadras Lusitanas vinha ,  
N'um campo , e n'outro os olhos apascenta ,  
Que alegre , e fera vista representa .

## VI.

Já a noite escura , que confusamente  
Nos bosques , e nos montes , que occupava ,  
A fera , e ave livre , e docemente  
Na cova , e brando ninho agazalhava ,  
Fugindo vem do Sol , que do Oriente  
Lanças de ardente luz arremessava ,  
E entre os bosquejos das suaves cores  
Vem nascendo os primeiros resplandores .

## VII.

Com mayor luz a Aurora o luminoso  
Oriente com justo passo abria ,  
E o Sol claro mais puro , e mais formoso  
Do que nunca nascera entãõ sahia ;  
Rasgando a noite o manto tenebroso ,  
Com nova luz os ares acendia ;  
Que por Jupiter ver esta peleja ,  
Novos rayos vestir o Sol deseja .

## VIII.

Os estendidos campos vaõ cubrindo  
Os esquadroes belligeros armados,  
Embraçaõ escudos, lanças vaõ brandindo,  
Scintillaõ puros ferros amolados:  
Huns hiaõ feras massas esgrimindo,  
Outros dos bravos arcos encurvados  
Settas despedem; c'o rumor da gente  
Se rompe o Ceo, e abysso juntamente.

## IX.

Anima a fera tuba o grave alento,  
Cujas vozes horrisonas soáraõ,  
E sobre as pennas do ligeiro vento  
Nas escuras cavernas se dobráraõ:  
Arma, arma, repetia o som violento,  
Arma, arma, logo os esquadroes gritáraõ;  
Discordia semeava em toda a parte  
A fera Previcacia irmã de Marte.

## X.

Já co'as infestas armas pelejando,  
A lança á lança oppõem, o peito ao peito,  
Sobre as forças os animos provando,  
Que aos olhos fazem bello, e duro objeito:  
A hum a lança voa atravessando,  
Outro c'o escudo em muitas partes feito  
Naõ muda hum passo, e para o imigo corre,  
Sobre seu sangte, e sobre as armas morre.

## XI.

Assim de ambas as partes igualmente,  
Sem o ardor declinar, se pelejava,  
Depois que a Aurora abrira o Oriente,  
E o claro Sol do seu zenit olhava:  
E Juno, que do Grego os males sente,  
Vendo que o chaõ de corpos inundava,  
Porque naõ passe o dano mais ávante,  
Determina falar ao graõ Tonante.

## XII.

Gorgoris vê de novo soccorrido,  
Via as mortes, que daõ Geres, e Arga,  
O chaõ de tantas armas opprimido,  
Chea de mortos a campanha larga:  
Desce do Ceo no carro esclarecido,  
Que aos seus pavões era ligeira carga,  
Para ir ver o marido, e por move-lo  
Compõe o bello rosto, e corpo bello.

## XIII.

E no retrete mais secreto entrando,  
Sobre o quicio gemia o pezo grave  
Das portas de ouro, e de marfim voltando  
A cristallina maõ com aurea chave,  
Onde a formosa Deosa entra, e cerrando  
O aposento, de hum oleo mais suave  
Tetyameno, odorifero, e divino,  
Unge o cabello, e o corpo peregrino.

## XIV.

Já pelas ondas de ouro do cabello  
Sulcava o barco de marfim brunido,  
Diante quem sem côr fica amarello  
O ouro de enfiado, e de coirido:  
Hum delgado sendal, que o corpo bello  
Por mais belleza esconde, traz vestido,  
Que de hum grande carbunculo pendia,  
De que o cothurno só fóra sahia.

## XV.

Das lagrimas da Aurora o congelado  
Orvalho a Juno dá graça infinita,  
E postas a descuido no toucado  
Outras pedras, que o Sol cada huma imita,  
De prata hum véo por cima pôz delgado  
De belleza taõ rara, e exquisita,  
Que no ar do passeio, e graça pura  
Faz de novo formosa a formosura.

## XVI.

De parte a Venus fala, e amorosa  
Lhe diz: Agora, ó Acidalia, espero,  
Que ainda que contra mim te vejo irosa,  
Has de fazer o que pedir-te quero:  
O' Hera, torna Venus, taõ formosa  
Mulher, e irmã de Jupiter severo,  
Todo o mandado teu sendo mais grave,  
Me será além do gosto ley suave.

## XVII.

Torna Juno com animo enganoso :  
Empresta-me , formosa , e doce amiga ,  
Aquelle ardor , que acendes , amoroso ,  
Que os proprios Deoses a querer-se obriga ,  
Que Thetis , e o Océano famoso  
Quero tornar á sua paz antiga ,  
Acabando o divorcio prolongado ,  
Que tanto tempo entre elles tem durado .

## XVIII.

Devo-lhe grande amor , porque expellido  
Das estrellas Saturno furibundo ,  
Da undosa Thetis o humido marido  
Nas ondas me creou do mar profundo :  
Se este divorcio duro , e taõ comprido  
Vir acabar por tua industria o mundo ,  
Restituindo os dous á graça antiga ,  
Obrigada te fico além de amiga .

## XIX.

Contra o respeito , e obrigação seria ,  
Lhe torna Venus , se isso te negára ,  
Que gozando de Ammon a companhia ,  
Dormes nos braços seus esposa cara :  
Desata entãõ a cinta , onde trazia  
Prezos , por obra peregrina , e rara ,  
Desejos , veneficios , e os ardores ,  
Lenocinios , blandicias , e os amores .

## XX.

Dá-lhe o Ceston, dizendo: Aqui escondido  
 Está o poder mayor, de que me arreyo,  
 As forças invenciveis de Cupido,  
 Que Juno guarda no divino seyo:  
 Desce logo do Olympo esclarecido,  
 Os ares fende, e sobre Almata veyo,  
 Monte, que igual ás nuvens se levanta,  
 Dandó a beijar ao Tejo a nobre planta.

## XXI.

Do monte vai tomando huma subida  
 Entre o bosque que impede o Sol ardente,  
 Fazendo d'agua espelho, que impellida  
 Alli humilhava a tumida corrente:  
 Como o marido a vê, huma escondida  
 Flamma atear pelas medulas sente,  
 A causa lhe pergunta, por que vinha  
 Do alto Olympo á terra, onde caminha.

## XXII.

A quem Juno responde com engano:  
 Desci por visitar a ultima terra,  
 Aonde mora Thetis, e o Oceano  
 Pay dos Deoses, que o grande Olympo encerra  
 Soube que estavas, Jove soberano,  
 Logrando os brandos ares desta serra,  
 Venho a pedir licença confiada,  
 Que permittas, que faga esta jornada.

## XXIII.

Como a darei, replica o graõ Tonante,  
 (E isto dizendo, a casta Juno abraça)  
 Se arder me sinto, como tenro amante,  
 No fogo, que me acende a tua graça?  
 Nunca a setta de amor taõ penetrante  
 Senti, qual esta o peito me traspassa,  
 Nem quando o mar sulquei mudado em touro,  
 Ou me fiz chuva, e brando orvalho de ouro.

## XXIV.

Nem de Agenor a filha soberana,  
 Que Minos me creou, e Radamanto,  
 Nem Alcmena, nem Sebeles Thebana,  
 Nem Leda, ou Ceres me abrazáraõ tanto,  
 Nem Antiopa bella, e mais que humana,  
 Nem Calisto, de sua idade espanto,  
 Nem de ti finalmente, que já outra hora  
 Gozei, me vi taõ prezo como agora.

## XXV.

Nos ares huma nuvem se dilata,  
 Que a vista ao claro Sol está impedindo,  
 Crescendo engrossa em circulos de prata,  
 Cheiro pelo ar suave despedindo:  
 Logo em puros chuveiros se desata,  
 Que em gotas suavissimas cahindo,  
 Deixa as hervas, e plantas levantadas,  
 De molle ambar, e ambrosia rociadas.

## XXVI.

E porque a bella Juno agora via  
 Lugar, e hora a tudo accommodada,  
 Para alcançar de Jove o que queria  
 Lhe fala mais mimosa, e confiada:  
 Por esta nossa alegre companhia,  
 Se de mim cousa alguma hoje te agrada,  
 Huma quero pedir-te, e tudo espero,  
 Se igualas o que podes c'ò que quero.

## XXVII.

Vejo Ulysses, Senhor, andar vagando  
 Por mares nunca de outrem navegados,  
 Do Egeo nas ondas, e Oceano errando,  
 Vencendo o vento, e mares empolados:  
 Agora pelo doce Tejo entrando,  
 Tem co'a Cidade os muros levantados,  
 Padecendo trabalhos infinitos,  
 Que em papel devem ser de bronze escritos.

## XXVIII.

Gorgoris com prolixa, e dura guerra  
 O tem cercado, e com mortal estrago,  
 O valle humilde, e levantada serra  
 Se vêem feitos de sangue hum negro lago:  
 Nega-lhe o Fado o mar, nega-lhe a terra,  
 E eu, que os meus Gregos nestes olhos trago,  
 Co'as lagrimas, que em vaõ delles derramo,  
 Mostro o pouco, que posso, o muito, que amo.

## XXIX.

Venceo os climas varios desta esfera ,  
 Os casos da fortuna , a natureza ,  
 Que de tanta importancia aos fados era  
 Fundar a altiva gente Portugueza :  
 E quando erguer a graõ Lisboa espera ,  
 Das Cidades de Europa alta Princeza ,  
 Por mar , que nunca de outrem foi cortado ,  
 D'um clima n'outro vai , d'um n'outro fado.

## XXX.

Pego-te agora , se comtigo valho ,  
 Que se acabe taõ aspera peleja ,  
 Tantas mortes crueis , tanto trabalho ,  
 A males taõ sem fim seu fim se veja :  
 He bem que dêa a tudo honesto atalho ,  
 E por ti defendido Ulysses seja :  
 Mova-te , grande Anxuro , ao que te peço ,  
 Que o merece a razaõ , se o naõ mereço.

## XXXI.

Isto dizendo com suave affronta  
 Co'a maõ cobria a vista magoada ,  
 Nadando em agua , que a sahir aponta  
 Para seu rogo achar facil entrada :  
 Quem naõ fará de taes extremos conta ?  
 Lhe diz , tendo-a nos braços apertada ,  
 Que huma lagrima tua a alma me rende ,  
 Que saõ faiscas , com que amor me acende.

## XXXII.

Para que possa ver-te hoje contente,  
 Cesse a contenda tão ferida, e brava,  
 Vejamos o que o Fado nos consente,  
 E o que por elle decretado estava:  
 Logo toma na mão omnipotente  
 Huma aurea balança, onde pezava  
 De ambos a vida, e fado, assim reparte  
 Igual o pezo n'uma, e n'outra parte.

## XXXIII.

Na mão se vê a balança levantada,  
 Onde os fados, e as mortes suspendia,  
 De Gorgoris a sorte mais pezada  
 (Subindo a outra ao alto) ao chão descia:  
 Vendo alli sua morte declarada,  
 Toa hum trovaõ no Ceo, donde sahia  
 Sobre o estendido campo hum grande rayo,  
 Que aos Lusitanos deo mortal desmayo.

## XXXIV.

Os cavallos, dos rayos offendidos,  
 Amedrontados para traz correraõ,  
 Arga, e Geres da grave luz feridos,  
 Já co'as armas os olhos suspenderaõ:  
 De pavor atalhados, e impedidos  
 Os soldados, co'a vista não puderaõ  
 Soffrer a luz medonha, que mostrava  
 O Ceo, que sobre os campos fuzilava.

## XXXV.

Tremem todos do caso inopinado,  
Arriça-se o cabelo ao mais valente,  
O coração tremendo bate o lado,  
E os extremos occupa o frio urgente:  
Foge do rosto a côr, e o congelado  
Sangue se faz de neve, sendo ardente,  
Todos perdem valor, todos o brio,  
A que segue hum suor mortal, e frio.

## XXXVI.

Juno alegre os joelhos põe por terra,  
Do marido o favor alto agradece,  
Hoje, diz elle, a prolongada guerra  
Em tuas bellas mãos, Deosa, fenece:  
Cresça a nova Lisboa, em quem se encerra  
A esperança do Ceo, que nella cresce:  
Deixaõ do monte o cume levantado,  
Que o nome antigo em pouco tem mudado.

## XXXVII.

No graõ carro de Jupiter subiaõ,  
Que do Senhor o grave pezo sente,  
Do Olympo se abre a porta, onde se viaõ  
As horas assistir perpetuamente:  
Na grande sala entrando, onde luziaõ  
Varios assentos, Jupiter potente  
No mais alto lugar do Ceo subia,  
Que com seu grande pezo estremecia.

## XXXVIII.

Estando os Lusitanos temerosos,  
 Na apertada Cidade recolhidos,  
 Alli os Gregos instavaõ victoriosos  
 Com rebates, com gritos, e alaridos:  
 Ulysses chega ao muro, e dos nervosos  
 Braços os fortes dardos despedidos,  
 Por cima voaõ dos guardados muros,  
 Aonde elles se tem por mal seguros.

## XXXIX.

A Gorgoris Ulysses desafia,  
 Que a singular batalha a campo saya,  
 Ou corpo a corpo, ou traga companhia,  
 Qual na eleição, ou qual na sorte caya:  
 Elle aceitava, e já se apercebia,  
 Por lança empunha o tronco de huma faya,  
 Lanoso de armas fortes se guarnece,  
 Com elle ao risco, e morte se offerece.

## XL.

Pallas, que assiste a Ulysses soberano,  
 Para que armas fortissimas levasse,  
 Ao centro desce, e alcança de Vulcano,  
 Que o elmo, peito, e escudo lhe forjasse,  
 Onde do novo Imperio Lusitano  
 O nascimento illustre declarasse,  
 Dando com muda, e eloquente historia  
 Breves sinaes da Portugueza gloria.

## XLI.

Obedecendo a seu divino rogo,  
Vulcano a obra ordena, e na abrazada  
Officina desperta as chammas logo,  
E aos valentes Cyclopes chama, e brada:  
A massa co'a tenaz volve no fogo  
A mão já do martello calejada,  
Ferruginea he a côr, rosto tostado,  
De sulcos profundissimos lavrado.

## XLII.

Já Brontes, e Pyracmon revolvião  
Huma grande bigorna, que diante  
Assentaõ, e sobre ella se estendiaõ  
As veas de ouro fino, e de diamante:  
As cavernas altissimas mugiaõ,  
Ao som de hum golpe, e d'outro penetrante,  
Elle os metaes no fogo intenso acende,  
Que na bigorna em laminas estende.

## XLIII.

Com graõ furor os braços levantados  
Na incudé sonora hiaõ batendo,  
Que em horrenda harmonia concertados  
Vaõ huns golpes a outros succedendo:  
Das faiscas os ares abrazados  
Em roda estavaõ, ao metal ardendo  
No cháos do fogo, onde se inflammava,  
Esp'ritos infundia, e fórmas dava.

## XLIV.

Pallas a vista estava apascentando  
Nas obras do alto tecto penduradas,  
Nos peitos, que Vulcano hia lavrando,  
Armas a heroes divinos fabricadas,  
Humas pulindo vai, outras forjando,  
N'outra parte com azas inflammadas  
Os rayos via, com que o soberano  
Jove abrazara os filhos de Titano.

## XLV.

Via da bella Cynthia o dardo agudo,  
Do bravo Alcides o bastaõ pezado,  
De Perseo o elmo, e rutilante escudo,  
De venenosas serpes coroadado,  
A fouce de Saturno aspero, e rudo,  
Da verde Ceres o fecundo arado,  
De Neptuno, e Plutaõ via pendente  
Junto ao Tridente azul ferreo bidente.

## XLVI.

De ouro, e de bronze as trompas eminentes,  
Com que em remotos mares, e Cidades  
A Fama sobre as azas diligentes  
Ora incertezas leva, ora verdades,  
Os grillhões, e fortissimas correntes,  
Onde Eolo prende as feras tempestades,  
E n'outra parte pendurada estava  
Do amor, e morte a ardente, e fria aljava.

## XLVII.

Forja Vulcano as armas, e com ellas  
O fortissimo escudo, onde se viaõ  
De ouro varias figuras, que de vê-las  
Cegava a clara luz, que despediaõ:  
O elmo, a gola, os braçaes, as escarcellas  
Entre si nos lavoires respondiaõ,  
E o que nellas de Lemno o fabro imprime,  
Com alma viva o metal mudo exprime.

## XLVIII.

No mais alto do escudo torreada  
Lisboa estava, aos seculos futuros  
Dando leys, sobre as margens assentada  
Do Tejo, que a rodea em cristaes puros,  
Onde na vea clara, e socegada  
Fórma immortal traslado de seus muros,  
E em cujos campos pasce o verde feno  
O cavallo do perfido Agareno.

## XLIX.

Logo estava em figuras relevadas  
O grande Affonso, em quem o Ceo encerra  
O valor grande, as forças estremadas,  
Com que prosigue a sanguinosa guerra,  
Que com fortes esquadras ordenadas  
Vem conquistar a Lusitana terra,  
Dando por prego o sangue, que derrama,  
Para estender a vida pela fama.

## L.

Vestido o arnez dourado, e rutilante,  
 Só o formoso rosto desarmado,  
 Aprazivel, e grave no semblante  
 As suas hostes animava armado:  
 Ao muro punha escadas, e diante  
 De todos com esforço não domado  
 Subia a ver o Mourø, que o recebe  
 C'o alfange nú, que tanto sangue bebe.

## LI.

N'outra parte c'o ariete tentavaõ  
 As fortes portás, n'outra victoriosos  
 Pelas torres bandeiras arvoravaõ  
 Por trofeos de victoria gloriosos,  
 N'outra do muro abaixo despenhavaõ  
 Os que tentaõ subir mais animosos,  
 E as figuras, que o escudo guarneciaõ,  
 Parece que falavaõ, e que sentiaõ.

## LII.

Via-se o grande Affonso, que cingia  
 De louro a testa, e entre seus soldados  
 Da batalha os despojos repartia,  
 Com seu sangue adquiridos, e comprados:  
 Justas leys dava aos povos, que regia,  
 Com temor não, mas com amor domados;  
 Que saõ as leys o mayor bem da terra,  
 Armando a branda paz, ornando a guerra.

## LIII.

Via-se n'outra parte debuxada  
Com singular affecto da escultura,  
Affrontando a Lisboa a grande armada,  
Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura,  
Aonde os muros seus com maõ armada  
A Castelhana gente entrar procura,  
E Dom Nuno Alvres só, forte, e constante  
Resiste a tudo, a tudo está diante.

## LIV.

Entre muitos vibrava a generosa  
Espada, onde cortava muitas vidas,  
Purpureando a praya sanguinosa  
De graõ copia do sangue das feridas:  
Turbado está porém na perigosa  
Peleja, e das espadas homicidas  
Descem os graves golpes, que as pezadas  
Armas tem por mil partes aboladas.

## LV.

N'outra parte a escultura representa  
Huma grande batalha, onde se via  
Que a gente Portugueza se apresenta  
Contra a que em grande número excedia:  
Com desigual partido se sustenta,  
Té que, trocando em medo a ousadia,  
O Castelhana foge profligado  
Do inimigo, a vence-lo acostumado.

## LVI.

Alli o Mestre de Aviz está abraçando  
Ao soldado, que a facha lhe tomava,  
E a affronta recebida compensando,  
A mesma affronta com seu sangue lava:  
E por vingar-se o campo atravessando,  
Té render o inimigo não parava,  
Entregando por mais honrosa preza  
A bandeira Hespanhola á Portugueza.

## LVII.

Pallas ao Grego as armas offerece,  
Que de Lemnos o insigne fabro obrara,  
Elle vendo-as se admira, e lhe parece  
Alta fadiga, e de labores rara:  
Veste-se, e armado nellas resplandece,  
Cercado de huma luz ardente, e clara,  
Fazendo assim temer-se, que não parte  
Da quinta esfera mais armado Marte.

## LVIII.

Ulysses, e Creonte ao campo vinhão  
Vestidos ambos de armas excellentes,  
Tremolaõ as bandeiras, com que tiuhaõ  
Cuberto o campo os Capitães valentes:  
Fazem os juramentos, que convinhaõ,  
Descobre o frio os animos ardentes;  
Gorgoris n'um altar, que a Jove erguia,  
Tres vezes beija a terra, e lhe dizia:

## LIX.

Eterno Ammon, que sendo acometido  
 Da humana insania o cristallino muro,  
 Vibraste os rayos, com que foi ferido  
 Briareo em seus braços mal seguro:  
 Deste fero inimigo perseguido  
 Defender-me offendido só procuro,  
 De ti aprendo a defender na guerra,  
 Qual tu o proprio Ceo, a propria terra.

## LX.

Ulysses neste tempo está prostrado  
 A Jupiter dizendo: O' soberano  
 Senhor, por quem nos mares arrojado  
 Venci soberbas ondas do Oceano,  
 Por ti tenho Lisboa levantado,  
 A obra he tua só; que braço humano  
 Não póde tanto: espero que se veja  
 Que tudo acaba quem por ti peleja.

## LXI.

Apercebidos ao combate duro,  
 A dividida praça ambos tomavaõ,  
 Do campo armado, e do soberbo muro  
 Com grande suspensaõ todos olhavaõ:  
 Calypso, e a cara mãy, que o mal seguro  
 Duello afflige, tristes lamentavaõ:  
 À promessas a Jupiter faziaõ,  
 Com que a vida, que amavaõ, lhe pediaõ.

## LXII.

Co'a mãy triste Calypso triste estava ,  
Que o que sente guardava só comsigo ,  
O perigo do pay a acobardava ,  
E igualmente temia o do inimigo :  
A razaõ de huma parte a obrigava ,  
O amor a obriga , e mete em mór perigo ,  
E entre as forças do amor , e do receyo  
Menos sente seu mal , que o mal alheyo.

## LXIII.

Que dura condiçaõ a em que me vejo ,  
Calypso diz , cansada , e affligida ,  
Pois amo a semrazaõ de meu desejo ,  
Porque em perder a vida tenho a vida :  
Que vença o grande Gorgoris desejo ,  
E das armas do Grego estou rendida.  
Aonde a vida posso ter segura ,  
Se eu contra mim dou armas á ventura ?

## LXIV.

Se vence Ulysses , vejo desta sorte  
Sem vida o pay , sem Rey a propria terra ;  
Se elle vencesse , vejo minha morte ;  
Acho esta guerra paz , esta paz guerra :  
Hum fraco coraçãõ em mal taõ forte  
Que poderá seguir , pois em tudo erra ,  
Em que incerta balança .a vida tenho ,  
Pois ondê a viver vou , a morrer venho.

## LXV.

Se a Gorgoris victoria a sorte dêsse,  
Este erro, ou este amor, que está encuberto,  
Se por alguma via se rompesse,  
Que me custasse a vida era mui certo:  
Remedio, amor; que a alma desfalece;  
Que não sei onde erro, ou onde acerto;  
Guiai, Fados, o caso, e vós prestantes  
Deidades, que ajudais tristes amantes.

## LXVI.

Vem neste tempo a praça atravessando  
O grande Ulysses, no hombro vai movendo  
A lança, que brandia scintillando;  
Da planta o chaõ batido está tremendo:  
C'o graõ rumor das armas excitando,  
Nos que de fóra o vêm, pavor horrendo:  
O escudo Leostenes lhe trazia,  
E em continente airoso elle o seguia.

## LXVII.

Gorgoris d'outra parte alto, e membrudo,  
Que na estatura iguala a hum graõ gigante,  
De laminas cuberto, a quem o escudo  
O soberbo Alcion leva diante,  
Por lança hum grande tronco, que o agudo  
Ferro largo guarnece rutilante;  
No elmo ardente sobe a pluma toda,  
Que açouta o ar co'a peregrina roda.

## LXVIII.

Lanoso com Creonte em igual passo  
 As lanças empunhavaõ como antenas,  
 Em cujas forças, e robusto braço  
 Ficaõ taõ leves, como leves pennas:  
 Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,  
 Entre as plumagens grandes, e pequenas  
 Scintilla o elmo, a espaços bem lavrado,  
 Cae-lhe do hombro o curvo alfange ao lado.

## LXIX.

As bandeiras no ar suave, e puro  
 Vaõ ondeando, as roucas tubas soaõ,  
 As almas suspendia hum bravo, e duro  
 Horror das armas, com que o campo atroaõ:  
 Já com braço, com animo seguro  
 Lanças arrojaõ, que apressadas voaõ;  
 A receber o ferro, que caminha,  
 Cada qual prompta a vista, e escudo tinha.

## LXX.

Já Gorgoris c'o braço levantado  
 A lança despedia, e naõ podendo  
 Ir ávante, do ferro atravessado  
 Se vê o escudo, e d'elle está pendendo:  
 Quando a lança de Ulysses o delgado  
 Ar com azas ligeiras sae rompendo,  
 O escudo morde, e resvalando toca  
 A plumagem, que a serpe tem na boca.

## LXXI.

Deraõ no campo os Gregos grande grita,  
E com applauso o golpe alto seguiraõ,  
As espadas nas mãos com infinita  
Colera hum contra o outro a hum tempo giraõ;  
Lanoso, e o graõ Creonte, a quem incita  
Grande furor, as lanças já se atiraõ;  
Erraõ o golpe as hastas carregadas,  
E as mãos punhaõ nas férvidas espadas.

## LXXII.

Aos feros combatentes a ferida  
Batalha tinha posto em grande aperto,  
Botadas as espadas, e a temida  
Fortuna de ambos n'um estado incerto:  
A armadura fortissima partida  
Por mil partes, o forte escudo aberto,  
Mostraõ o armado corpo desarmado,  
E o chaõ de plumas, e armas semeado.

## LXXIII.

Talhos, revezes tiraõ taõ pezados,  
Que acertando no corpo, ou alta fronte,  
Naõ bastaõ armas, e elmos temperados,  
Que fender cada qual pudéra hum monte:  
Vêm-se juntos agora, e já apartados,  
Sem que o esforço, ou a destreza monte  
Para naõ serem as armas esparzidas  
Do sangue alheyo, e proprio das feridas.

## LXXIV.

Não faz taõ grande estrondo o carregado  
 Ariete co'a testa alta batendo,  
 Nem o soberbo vento, quando irado  
 Os matos, e arvoredos vai rompendo,  
 Nem o mar, em seu leito levantado,  
 Contra o penhasco o collo azul erguendo,  
 Como a graõ tempestade, que cahia,  
 Que os escudos fortissimos batia.

## LXXV.

Gorgoris no alto a espada levantando,  
 Mete Ulysses o corpo, o braço estende,  
 A ao fero golpe o braço, e escudo dando,  
 O do inimigo pelo pulso prende:  
 Gorgoris por soltar-se trabalhando  
 Faz grande força, a tudo o Grego attende,  
 N'uma ilharga, que está menos armada,  
 Mete com todo o braço toda a espada.

## LXXVI.

Deixando as armas Gorgoris afferra  
 Nos braços a Ulysses duro, e forte,  
 Começaõ ambos outra nova guerra,  
 Onde procuraõ melhorar a sorte:  
 Quando Alcides o filho ergueo da terra  
 Nos braços, onde teve honrada morte,  
 Não fez tal força, porque nestas lides  
 Ambos desejaõ parecer Alcides.

## LXXVII.

Assi apertados nestes duros laços ,  
O negro sangue , e o suor vertendo ,  
C'os pés se fazem forças , e nos braços  
Hum do outro cahio com golpe horrendo :  
Qual do alto cae fazendo-se pedaços  
Antiga , e dura enzina , não podendo  
A' furia resistir , e movimento ,  
Com que lutando está c'o bravo vento.

## LXXVIII.

Gorgoris mal ferido está banhando  
Com espumoso sangue a terra fria ,  
Alli as forças ultimas provando ,  
Por melhorar-se o corpo revolvía :  
Astrea , que co'a morte o vê lutando ,  
Calypso , que esta dôr melhor soffria ,  
Sustentava nos braços desmayada ,  
Que aonde ha dôr póde escusar-se espada.

## LXXIX.

Prôva de novo a erguer-se , e não podendo ,  
Co'a graõ força , que faz , abre a ferida ,  
Sangue , e alento cada hora vai perdendo ,  
Tendo chegado ao ultimo da vida :  
Ulysses , que o vê tal , não lho soffrendo  
A alma de seu mal enternecida ,  
Lhe roga , que se renda , e se retira ,  
Ao que elle respondia ardendo em ira :

## LXXX.

O' inimigo , agora só inimigo ,  
 Pois pedes , que me renda a tua fortuna ,  
 Usa da sorte , que ella usou contigo ,  
 Que achaste favoravel , e opportuna ;  
 Que eu não te temo a ti , nem o perigo  
 Da vida , que me agrava , e me importuna :  
 E entaõ com novo ardor se ergue da terra ,  
 E com ambas as mãos a espada afferra.

## LXXXI.

Posto que fraco , e debil se animava ,  
 Sobre a cabeça a alta espada erguia ,  
 E dando o ultimo golpe se prostrava ,  
 E sobre as armas sem vigor cahia :  
 As feridas abertas dilatava ,  
 Donde o sangue com mór furor corria ,  
 Qual na véla se vê , que o debil fogo  
 Para viver esforça , e morre logo.

## LXXXII.

Cahio , e junto delle a propria espada ,  
 Debil , exangue , os olhos occupando  
 A eterna sombra , a vista carregada  
 Em agua , e morte , sem vigor nadando ,  
 Té que a alma ferida , e desatada ,  
 Os membros , que animou , desamparando ,  
 Foge , a par delle o Grego taõ ferido  
 Fica , que he vencedor quasi vencido.

## LXXXIII.

Assim do alto cae o rayo adusto  
No antigo roble, ou pinho, que provado  
Tem de Boreas, e de Euro o sopro injusto,  
E os cabellos mil vezes renovado;  
Cae o tronco no chaõ grave, e robusto,  
E morto fuma exanime prostrado,  
Tal Gorgoris se vê, que da cahida  
Deitando a alma está pela ferida.

## LXXXIV.

Creonte neste tempo, e o graõ Lanoso  
As pezadas espadas levantando,  
Hum estrondo excitavaõ temeroso,  
As fortes armas, e elmos abolando:  
Naõ póde achar-se peito taõ nervoso,  
Nem forte escudo, que naõ seja brando  
Aos fortissimos golpes das espadas  
Feitas nos fios serras de embotadas.

## LXXXV.

Quando Creonte, que ferido andava  
No rosto, e da ferida lhe corria  
Grande copia de sangue, ajoelhava,  
E sem poder soste-se, o chaõ media:  
Vai sobre elle Lanoso, a quem gritava  
Ulysses: Tem-te, ó barbaro, dizia;  
Porém por mais que a defende-lo corre,  
Quando os braços lhe dá, nelles lhe morre.

## LXXXVI.

Espera , lhe diz , barbaro insolente ,  
 Que nesta espada levo o teu castigo ,  
 Naõ te matou Creonte , porque sente ,  
 Que a seu lado me tinha aqui comsigo :  
 Tu , que me buscas taõ insanamente ,  
 Aqui tens , diz Lanoso , o mór perigo ,  
 Que nesta espada , perfido homicida ,  
 Me pagarás de Gorgoris a vida .

## LXXXVII.

Começaõ os dous mestres da batalha  
 Outra nova peleja inda mais dura ,  
 De ponta hum mete a espada , outro trabalha  
 Por desfazer a debil armadura :  
 Hum rompe o escudo , o outro abre a malha ,  
 Senhora está das vidas a ventura ,  
 A Ulysses causa affronta , e move a espanto  
 Como Lanoso em pé lhe dura tanto .

## LXXXVIII.

De honroso fogo , e de vergonha acezo  
 Lançando atraz o escudo , nas mãos toma  
 A forte espada , que c'õ grave pezo  
 O orgulhoso inimigo abate , e doma :  
 Elle , que a morte trata com desprezo ,  
 Vendo , que hum golpe cae , e que outro assoma ,  
 Pelos fios corria , que despreza  
 O inimigo , a vida , e a defeza .

## LXXXIX.

Porém o Grego astuto, vendo a pressa  
Com que Lanoso a elle se arrojava,  
Retirando-se vai, sem que pareça,  
Que provar-se em seus braços receava:  
E neste mesmo tempo lhe atravessa.  
Com mortal ponta a testa, que banhava  
De cerebros, e sangue, que fervente  
A boca occupa, e lingua balbuciente.

## XC.

Sobre as armas cahio, sobre elle o escudo,  
Que com o golpe altissimo soáraõ,  
E ao robusto tronco, alto, e membrudo  
Os vencedores Gregos despojáraõ:  
Os Lusitanos com silencio mudo  
O corpo de seu Rey morto cercáraõ,  
Alli choraõ com elle, e desta sorte  
Sentem sua curta vida, e triste morte.

## XCI.

Triste, porque o amigo morto via,  
Estava o Grego, e em tanto se tocavaõ  
As trompas, cuja voz se repetia  
Nos montes, que á victoria applauso davaõ:  
Entra a nova Lisboa, onde crescia  
A esperanza, que os fados levantavaõ;  
A quem Ulysses, por quem foi fundada,  
Primeiro de seu sangue vio regada.

## XCII.

Prodigio certo, que inda o Fado espera,  
Que nesta terra, e neste immortal ninho  
Nascerá gente bellicosa, e fera,  
Que rompa todo o mar co' alado pinho,  
E passando os limites da alta esfera,  
Além donde tem Febo seu caminho,  
Verá seu grande Imperio dilatado,  
C'o sangue de suas veas derramado.

## XCIII.

Os Lusitanos a seu Rey em tanto  
Hum triste andor, chorando, apercebiaõ,  
Elles detraz com saudoso pranto,  
Enchendo o ar de magoas, o seguiaõ:  
Logo de hum negro, e enlutado manto  
No andor funesto a Gorgoris cubriaõ,  
Para a triste Cidade o vaõ levando,  
Com lagrimas o morto corpo honrando.

## XCIV.

Levaõ-lhe diante o estoque agudo,  
E as proprias armas, com que andava armado,  
O elmo forte, e rutilante escudo,  
Ainda de fresco sangue rociado:  
Hum trofeo erguem, que era exemplo mudo  
De obras de suas mãos vivo traslado,  
A longa ordem dos lumes o comprido  
Caminho abraza, em partes dividido.

## XCV.

Astrea alli co'a vista mal segura,  
Em saudoso pranto desfalece,  
Cresce c'o pranto a dôr, e em dôr taõ dura  
Falta o sentido, e o sentimento crece:  
E quando vê eclipsada a fořmosura,  
Que com a eterna sombra se escurece,  
C'um suspirar, que d'alma lhe sahia,  
Cega de amor, e lagrimas dizia:

## XCVI.

Querido esposo, com razaõ querido,  
Primeiro amor desta alma, ultimo della,  
Pois n'alma por amor viveste unido,  
Morto agora terás sepulcro nella:  
A dôr de contemplar-te assim ferido  
Já me matou, entrando a padece-la,  
Pois vivo em vivo fogo, e pranto vivo,  
Que a dôr só vive em mim, que eu já naõ vivo.

## XCVII.

Cobre o Ceo de teu rosto sombra escura,  
E he tal sua belleza, que inda agora  
O ar daquella antiga formosura,  
Que morou em teu rosto, nelle mora:  
O' corpo triste, ó amavel sepultura,  
Cuja vista offendendo assim namora,  
Vivo autor desta vida, a quem a sorte  
Morto fez novo autor de minha morte.

## XCVIII.

Voas á paz segura , e nesta guerra  
 Me deixas , taõ amado , e doce amigo ,  
 Minhas saudades lá contigo encerra ,  
 E o meu primeiro amor guarda contigo :  
 Contigo me será mais leve a terra ,  
 Suave a morte , e gloria o mór perigo ,  
 E se vivo a pezar da Parca dura ,  
 Viva entrarei na mesma sepultura.

## XCIX.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso  
 Com seu filho nos braços se offerecia ,  
 Qual depois da tormenta o Sol formoso  
 Traz nos braços da Aurora o novo dia :  
 Nelles a espera Ulysses amoroso ,  
 E hum retrato da mãy no filho via ,  
 Menos graça que os dous alli tivera  
 C'o bello filho a Deosa de Cythera.

## c.

Da Cidade a muralha levantada  
 Vai-se aperfeiçãoando , e vai crescendo ,  
 A que o Tejo com vea socegada  
 Obedece , mais brando alli correndo :  
 Sobre huma , e outra porta torreada  
 Vaõ ameas ás nuvens excedendo ,  
 Quer Ulysses partir-se , e se recrea  
 Em trabalhar nos muros de Ulysea.

## CI.

Calypso, que o suspeita tristemente,  
De visões, e de sonhos perseguida,  
Em lagrimas distilla a dôr, que sente,  
Qual cae da serra a neve derretida:  
Huma criada sua tem presente,  
Que procurando vê-la divertida,  
Sendo-lhe em suas penas companheira,  
Lhe diz, pela abrandar, desta maneira:

## CII.

Naõ permittirá o Ceo, alta Princeza,  
Que seja verdadeiro o teu cuidado,  
Que os sonhos são effeitos da tristeza,  
Nuvens, de que o ceo d'alma anda toldado:  
Naõ offendas, Senhora, essa belleza,  
Affrontando teu rosto delicado,  
Que dessa vista he a luz taõ poderosa,  
Que até a mesma tristeza faz formosa.

## CIII.

Como do Sol os rayos transparentes,  
Quando entraõ no mar de luz espaços,  
Fórmaõ nas nuvens corpos differentes,  
Castellos, e gigantes de cem braços,  
Onde aquellas imagens apparentes  
O Sol c'os rayos atravessa a espaços,  
As formas muda, e com eterno lume  
Humas de si aparta, outras consume:

## CIV.

Assi o cuidado triste , a que te entregas ,  
 Esses castellos vãos ergue no vento ,  
 Crendo as leves visões , tristes , e cegas ,  
 Que são filhas do ar sem fundamento :  
 Se a saber a certeza agora chegas ,  
 Com socegado , e livre pensamento ,  
 Verás , que tudo quanto te entristece  
 Como huma sombra ao Sol desaparece.

## CV.

Vendo Ulysses , que o muro se acabava ,  
 E o tempo de partir se vem chegando ,  
 As saudades c'os olhos lhe contava ,  
 De sua grave dôr effeito brando :  
 Qual Vesuvio seu peito se abrazava ,  
 Com suspiros os ares inflammando ;  
 Fala a Calypso , e mal falar podia ,  
 Que as palavras co'as lagrimas rompia.

## CVI.

Quem poderá em taõ duro apartamento ,  
 Obedecendo ás forças do destino ,  
 Esconder dentro n'alma o sentimento ,  
 Que em furor se converte , e desatino :  
 Se me partir , cá fica o pensamento ,  
 Que eu estimo , e adoro por divino ;  
 Dura partida he esta , aonde a vida  
 Para acabar-me ha de acabar partida.

## CVII.

A fortuna cruel, que me desterra,  
 Em causar-me não faz nunca mudança;  
 No mar os ventos me fizeraõ guerra,  
 Sem nunca achar alivio, ou ter bonança:  
 Os perigos do mar achei na terra,  
 D'outra tormenta nova semelhança,  
 Aberta a alma ao pezo dos pezares,  
 Vento os suspiros, os meus olhos mares.

## CVIII.

Levarei na minha alma a tua idea,  
 Cuja vista suave a dôr me abranda,  
 Que me faz parecer a morte fea,  
 Sendo fea, e cruel, alegre, e branda:  
 Nestes affectos a saudosa vea  
 Brandos sinaes de amor aos olhos manda  
 Nas lagrimas de fogo, que derramo,  
 Onde sempre arderei, como sempre amo.

## CIX.

De ouvi-lo está Calypso amortecida,  
 Maltratando seu rosto, e sua belleza,  
 Chorando diz: Porque me deixa vida  
 Quem leva o gosto della, e me despreza?  
 Bem suspeitada foi, mal merecida  
 Esta pezada dôr, que tanto peza!  
 O' morte, donde estás? tu me soccorre,  
 Que quem ama, só acerta quando morre.

## CX.

Arrancava huma mão, outra feria  
 Os cabellos, e rosto, e a brandura  
 Do alvo peito aos golpes off'recia  
 A maltratada, e rara formosura:  
 Quer falar, mas a pena lho impedia,  
 Pegando-se nas fauces a voz pura;  
 Queixava-se, e do justo sentimento  
 Amor o pranto leva, a queixa o vento.

## CXI.

Chorando diz: O' ingrato, que nas trévas  
 Desta ausencia me deixas sepultada,  
 Deixa-me a melhor parte, que me levas,  
 Ou leva esta, que deixas apartada:  
 Não te obrigo c'o amor, porque mo devas,  
 Que de quem me deixou não fui amada,  
 Por mulher só, que te amo, e assim deixas,  
 Pódem ser admittidas minhas queixas.

## CXII.

Foges-me quando tanto amor te tive,  
 E destes filhos, que te iraõ seguindo,  
 Elles morraõ por ti, tu Ulysses vive,  
 Olha de que inimigos vás fugindo:  
 Quaõ enganada n'outro tempo estive,  
 Que me amavas (ah triste!) presumindo,  
 Tua partida agora me declara  
 O engano, em que vivi, que não passara.

## CXIII.

Aqui parou chorando amargamente,  
E mostrando na vista mil affeitos  
Dizia: Que! me deixas finalmente?  
Nisto saõ fortes os valentes peitos.  
Deixas-me, porque chore estando ausente,  
Noites viúvas, dias imperfeitos:  
Vieste, amigo Ulysses, a esta terra  
Fazer-me Troya de amorosa guerra.

## CXIV.

A's torres de minha alma assaltos deraõ  
Desejos invenciveis, a que o Fado  
Dobrou a força, com que me vencêraõ,  
E o Ilion desta alma vi abrazado:  
Novos incendios em meu peito ardêraõ,  
Quando da liberdade vi prostrado  
O nobre muro, e apoz a ardente chamma  
Vi a sacco metida a propria fama.

## CXV.

Com que honra has de deixar-me rodeada  
Destes filhos, que tu quizeste tanto,  
Triste mãy, que com elles abraçada  
Enxugará o seu pranto c'o seu pranto?  
Deixando-me entre os meus taõ desprezada,  
Que na esperanza do Hymineo santo  
Meus erros desculpava a rude gente,  
Quem me desculpará vendo-te ausente?

## CXVI.

Permitte, ingrato amigo, que te siga,  
Ir-te-hei servindo em toda a adversidade,  
Se como amiga não, como inimiga  
Triunfarás de minha liberdade:  
Quando vistas o peito, e a loriga  
Para a batalha com mayor vontade,  
Verás que de diante me não mudo,  
Levando-te o escudo, e sendo escudo.

## CXVII.

Toma-lhe então a mão para beija-la,  
Sem mais dizer, que sua doce magoa  
Lhe interrompe as palavras quando fala,  
Enchendo a alma de fogo, e os olhos d'agoa  
Diz muito mais Ulysses no que cala,  
Mais acendem suas lagrimas a fragoa  
De Amor; Calypso chora, e tem nos braços  
Os filhos seus, que d'alma são pedaços.

## CXVIII.

Então lhe torna: O' minha doce amiga,  
Que a dôr fazes mortal desta partida,  
Não me esquece a afeição suave antiga,  
Para folgar de ver-te assi offendida:  
Que tu não podes ser minha inimiga,  
Nem serva, merecendo ser servida  
Desta alma, aonde vives, e onde agora  
Comó em templo de amor a fé te adora.

## CXIX.

Tuas lembranças dentro n'alma levo,  
Se alma leva consigo quem se parte!  
Ir-me Jupiter manda, e não me atrevo  
Deter-me, que o meu gosto era agradar-te:  
Não me póde esquecer o que te devo,  
No mar, na terra, e no furor de Marte,  
Tua memoria doce, e namorada  
Em minha alma saudosa irá cravada.

## CXX.

Descendo á praya, o lenho fugitivo  
Calypso vendo, alli suspira, e chora,  
Segue a morta esperança hum pranto vivo,  
Que a mesma causa de seu mal adora:  
Mas os suspiros leva o vento esquivo,  
As lagrimas, que saem dos olhos fóra,  
O mar surdo bebia, em cujo extremo  
Se apresta a ingrata vela, e ingrato remo.

## CXXI.

Eclipsada da vista a formosura,  
Seu proprio rosto fere impaciente,  
Esparze o ouro da madeixa pura,  
E o peito bate com furor vehemente:  
A voz solta gritando, que procura,  
Que mova a quem amava, a dôr, que sente,  
E o mar, quando nas prayas se quebrava,  
Parece que do caso murmurava.

## CXXII.

Vai-te , dizia , Grego , e com mais pennas  
 Euro veloz o ar , e o mar abrindo ,  
 Dê favoravel curso a essas antenas ,  
 E prospero te vá sempre seguindo :  
 Eu entre a dôr , e males , que me ordenas ,  
 Teu nome , e minhas magoas repetindo ,  
 Queixando-me estarei , ao Ceo , e estrellas  
 Contando os males meus , que são mais que ellas .

## CXXIII.

Deixa-me , ingrato Grego , a crua espada  
 Do meu paternal sangue já tingida ,  
 Para que morra ao menos consolada ,  
 Se em seus fios cortar o desta vida :  
 Devias de entender , que era escusada ,  
 Pois bastava esta dôr para homicida ,  
 Procuraste matar-me desta sorte ,  
 Fazendo eterna , e immortal a morte .

## CXXIV.

O' mar , ó Ceo , que as glorias fugitivas  
 Vistes do meu primeiro pensamento ,  
 A vós co'a voz de lagrimas esquivas  
 Se queixa dando vozes meu tormento :  
 Vós , penedos , que testemunhas vivas  
 Sois das horas de meu contentamento ,  
 Montes , onde espalhei saudades tristes ,  
 Bosques , que meus segredos encubristes :

## CXXV.

A vós em vaõ me queixo, e o mar irado,  
E irado vento em vaõ mover procuro,  
Mar surdo, e surdo vento, que alterado  
Agouta este rochedo aspero, e duro:  
Aqui do debil laço desatado  
Meu esp'rito este mar, e este ar mais puro  
Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,  
E o éco, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

## CXXVI.

Huma montanha, e serra inhabitada  
Se erguia ao ar, em cuja corpulenta  
Espalda a cerviz dura de encurvada  
Mostra, que o cristallino Ceo sustenta:  
De pungentes espinhos coroadas  
A fereza das pedras se accrescenta,  
Que pendentes do alto estaõ mostrando,  
Que sobre o mar se vaõ precipitando.

## CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca  
Se ouvem disformes brados, e gemidos,  
Com que batendo a levantada roca,  
Vai gastando os penedos carcomidos:  
Grutas escuras abre, dondè troca  
Em noite o dia, e nellas escondidos  
Marinhos monstros, e nocturnas aves  
Saem meneando ó ar com azas graves.

## CXXVIII.

Por se arrojjar Calypso está subida  
 Onde a serra mais livre ao ar se estende,  
 Cobardemente ousada, e atrevida  
 Duvída, e já a si mesma se reprende:  
 Que temo, diz, pois he castigo a vida  
 A hum triste . . . e já no ar c'os filhos pende,  
 O Tejo a recebe-los vai sahindo,  
 Os puros braços de cristal abrindo.

## CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomáraõ,  
 Com dous cahio do precipicio horrendo,  
 Que no fundo do pego, onde paráraõ,  
 Se vaõ em duras pedras convertendo:  
 Já de penedos firmes levantáraõ  
 A negra frõnte, donde o mar batendo  
 Sobre o rolo das ondas, que quebranta,  
 Espumoso nos ares se levanta.

## CXXX.

Com largos braços seus de branca area  
 Calypso abraça os filhos transformados,  
 Que nas ondas do Tejo, que os rodea,  
 Mostraõ seus duros corpos levantados:  
 E misturando o sal com a doce vea  
 Do rio, os bravos mares empolados  
 Alteraõ com mór força, e mayor furia,  
 Como em lembrança da passada injúria.

## CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada  
A testa altiva, e fera, ameaçando  
As náos, que buscão porto, e doce entrada,  
De branca escuma as ondas coroadas:  
Alli o mar com roucas ondas brada,  
Nos penedos altissimos quebrando,  
Que ruinas maritimas preparaõ,  
E o nome de cachopos conserváraõ.

## CXXXII.

Já tem da Real purpura vestido  
Ulysses a seu filho, a que o dourado  
Cabello da coroa vê opprimido,  
E a lactea maõ do sceptro carregado:  
Quando desce do Olympto esclarecido  
A reprende-lo o mensageiro alado,  
Que na velocidade parecia  
Lucida estrella, que do Ceo cahia.

## CXXXIII.

Diz-lhe como partia, se deixava  
Por acabar a obra illustre, e rara  
Do graõ templo, que a Pallas fabricava,  
Que os muros de Lisboa sempre honrara:  
Que a vingativa Deosa se enojava,  
E que, em quanto a partir-se se prepara,  
Acabe o templo, disse, e n'um momento  
Nas leves azas se escondeo do vento.

## CXXXIV.

A' luz, que pelos ares resplandece,  
 Os joelhos por terra o Grego inclina,  
 O templo illustre por momentos crece,  
 Que acabado co'as nuvens se termina:  
 Já nelle sacrificios offerece,  
 Por melhor aplacar Pallas divina;  
 Alli pendura as armas, cuja liga  
 Foi de Vulcano altissima fadiga.

## CXXXV.

Do templo sae, e solta ao vento o panno  
 Da negra antena, deixa a alta Lisboa,  
 Onde nasce do Imperio Lusitano  
 De tantos Reynos a immortal Coroa:  
 Cortando os largos campos do Oceano  
 No leve pinho, pelas ondas voa,  
 Deixando edificada a graõ Cidade  
 Emula ao Tempo, e á mesma Eternidade.

## CXXXVI.

Aqui, Senhor, a quem o Cancro ardente  
 Té a Ursa Boreal, e o congelado  
 Polo obedece, e o lucido Oriente  
 Fórma hum docel de pérolas ornado:  
 A quem terras, e mares do Occidente  
 Fazem de seus cristaes soberbo estrado,  
 E ainda parece a quem vós considera,  
 Que he esta a taõ graõ Sol pequena esfera:

## CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Hespanha,  
Tendes hum mundo n'uma só Cidade,  
A quem de prata, e de ouro o Tejo banha  
Em sinal de sua eterna magestade:  
Para tamanho Rey cousa tamanha  
Em seus seys guardou a Eternidade,  
Que para se igualar vossa grandeza  
Novos mundos vos busca a natureza.

## CXXXVIII.

Prole das móres aves, as gravadas  
Armas vesti, e o vosso esclarecido  
Leaõ levem bandeiras despregadas,  
Onde espante toda Asia o seu bramido:  
Occupem todo o mar bosques de armadas,  
Té rebentar Neptuno de opprimido,  
Preparem para imagens de Filippo  
Lenços Apelles, marmores Lysippo.

## CXXXIX.

O fim de vosso Imperio he o Oceano,  
E o Ceo, nos termos, que prescreve ao dia,  
Da segunda coluna do Thebano,  
Atlante, pondo a vista em vós, se enfia:  
Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,  
E partindo comvosco a Monarquia,  
Lhe ficará no Olympo, onde se encerra,  
A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

F I M.

CITY OF BOSTON

FROM THE FIRST SETTLEMENT TO THE PRESENT TIME

BY SAMUEL JOHNSON, ESQ.

OF THE BARR, AT THE CORNER OF NASSAU AND NEXTON STREETS

IN LONDON, PRINTED BY R. CLAY AND COMPANY, ST. MARTIN'S LANE

IN THE YEAR 1790

AND SOLD BY ALL THE BOOKSELLERS IN GREAT BRITAIN

AND IRELAND

AND BY THE AUTHOR, AT THE CORNER OF NASSAU AND NEXTON STREETS

IN LONDON

PRINTED BY R. CLAY AND COMPANY, ST. MARTIN'S LANE

IN THE YEAR 1790

AND SOLD BY ALL THE BOOKSELLERS IN GREAT BRITAIN

AND IRELAND

AND BY THE AUTHOR, AT THE CORNER OF NASSAU AND NEXTON STREETS

IN LONDON

PRINTED BY R. CLAY AND COMPANY, ST. MARTIN'S LANE

IN THE YEAR 1790

AND SOLD BY ALL THE BOOKSELLERS IN GREAT BRITAIN

AND IRELAND

AND BY THE AUTHOR, AT THE CORNER OF NASSAU AND NEXTON STREETS

IN LONDON

PRINTED BY R. CLAY AND COMPANY, ST. MARTIN'S LANE

IN THE YEAR 1790

AND SOLD BY ALL THE BOOKSELLERS IN GREAT BRITAIN

AND IRELAND

AND BY THE AUTHOR, AT THE CORNER OF NASSAU AND NEXTON STREETS

IN LONDON

AL T E R A Ç Õ E S

*Que soffreo este Poema na segunda Ediçaõ de-  
dicada ao Principe D. Theodosio por Luiz  
Pereira de Castro, irmão do Author.*

CANTO PRIMEIRO.

Estancia III. vers. 1, 2, 5, e 6.

Principe Augusto, em quem tem igual parte  
Os dões da natureza, e da ventura,

Com quem o Ceo taõ liberal reparte  
Com tal severidade tal brandura,

IV.

Vós, Inclito Theodosio, que (segundo  
Se alcança em vosso soberano objecto)  
Achareis quanto abrange o mar profundo,  
E o Sol visita, a vosso imperio, estreito:  
Que alem dos termos ultimos do mundo  
Irá o valor de vosso invicto peito,  
A sustentar com hombros de diamante  
Novas esféras, que não soube Atlante:

V.

Vós que enchereis de medo, e de esperança  
O mundo quando entreis no campo armado,  
Quando empunheis a Lusitana lança  
Contra o inimigo em seu poder ousado,  
Quando fazeis que em nossa sêgurança  
Se veja o que de vós promette o Fado,  
Para que a Fama em suas azas tome  
Emprezas, com que vôe o vosso nome:

VI. vers. 1, 2, 5, e 6.

Vós que exemplo sereis do Lusitano  
Valor, que abreviado em vós se encerra,

~~~~~  
Antes tendo ao soberbo Castelhana
Quebrado o brio em sanguinosa guerra,

VIII. vers. 1, e 2.

Entre os cuidados do paterno Sceptro,
E nobres exercicios de Diana,

XI. vers. 1, e 4.

Co'a furia da tormenta embravecida,

~~~~~  
E já apenas os mares contrastava:

XII. vers. 1, 2, e 3.

O' grande Ammon, que a terra; e mar fundaste  
Com firme assento, e os climas mais distantes  
Desta lustrosa machina abraçaste

XIII. vers. 2, 3, e 4.

E abranda as iras do soberbo vento,  
Pois que dos ventos, e do mar inchado,  
Só podes socegar o movimento:

XXII. vers. 1, e 2.

O estrado de materia cristallina  
Excede a luz mais pura das estrellas;

XXV. vers. 3, e 4.

Por força, e arte mares empolados  
Dos furiosos ventos, contrastando:

XXXI. vers 3.

Ondas, o monte ás féras, o ar ás aves.

XXXIII. vers. 4.

E tenho a affronta, e o sinal presente:

XLIII. vers. 4.

Como admirado Jupiter divino:

XLVI. vers. 5.

Naõ fies de seu trato cauteloso,

CANTO QUARTO.

CX.

Logo por entre sombras apparece

Hum quadro por descuido alli trazido,

Pergunta o Grêgo Capitaõ : Pois esse

Como ficou dos outros dividido?

E a sabia Cyrce ainda que conhece

O segredo que está mais escondido

No seculo futuro a fantasia

Suspende por hum pouco, e assim dizia:

CXI.

Quando subir o Reino a mór altura,

Quando c'o peso do seu grande augmento

A machina nutante; e mal segura

Fizer em partes perigoso assento,

Quando tantos favores da ventura

Se virem acabados n'um momento,

Injustamente o Solio Lusitano

Será opprimido do poder Hispano.

CXII.

Da successaõ a illustre descendencia

Suspensa ficará, mas naõ quebrada,

Seraõ os tres Filippes na apparencia

Sómente Reis, que a linha derivada

Do grande Emanuel sem violencia

Será a seu justo Successor tornada,

Que para tudo no futuro incerto

Os Fados acharaõ caminho aberto.

CXIII.

Será pois este o inclyto Monarca

Quarto Joaõ no nome esclarecido ,  
A quem em tear de ouro a justa Parca  
O estame tece a seu valor devido ,  
A quem beijará o pé tudo o que abarca  
De ambas as Thetis o humido marido ,  
E off'recerá a seu simalacro raro  
Africa jaspes , e seus montes Paro.

CXIV.

A este Rei venturoso descobrindo  
Novos climas alem do mar profundo ,  
Naõ contente que mande o Gange , e o Indo  
Lhe quer o Sol abrir hum novo mundo.  
Ao grande Afonso no valor seguindo ,  
E a Emanuel primeiro sem segundo  
No saber , que no alto peito encerra ,  
Será Numa na paz , Cesar na guerra.

CXV. vers. 4.

Verá o Norte , e o Sul seu novo augmento :

CANTO QUINTO.

II. vers. 4.

Partir-se occultamente desejava :

*Este Canto Quinto , na segunda edição  
tem huma estancia de menos , sendo as estancias  
XXXV, XXXVI, e XXXVII da primeira  
edição suppridas pelas duas seguintes*

XXXV.

Nas claras luzes desse rosto bello  
Se abraza a vida , e a morte se naõ sente ,  
Preza nos laços de ouro do cabello  
Anda minha alma , da prisaõ contente :

Se alguma cousa val tanto desvelo,  
E se minha fortuna to consente,  
Ou me dá vida, Galatéa ingrata,  
Com teu favor, ou por favor me mata.

XXXVI.

Galatea que isto ouve, respondia,  
Não sou ingrata, não, eu te prometo  
De ouvir-te até que esconda o claro dia  
Entre estas ondas o pastor de Admeto,  
Recolhe as náos da Grega companhia  
Por me dar gosto agora, e este inquieto  
Mar se socegue, e o mesmo a Boreas pede  
Lemnoría formosa, elle o concede.

CANTO SEXTO.

XXXIV. vers. 3, e 4.

Diomedes se vê, mas da mão pura  
De Pallas foi curado, e socorrido,

CANTO SETIMO.

*No segundo verso da estancia XLVIII  
encontra-se em todas as edições astro, sem dú-  
vida por estro, que se lhe substituiu nesta edi-  
ção.*

CANTO DECIMO.

LVIII. vers. 6.

E socegando os animos ardentes,

LXXIII. vers. 5.

Vêm-se juntos agora, e já apertados,

CXXXVI. vers. 6, 7, e 3.

Novo Imperio daraõ taõ dilatado,

Que não pareça, a quem vos considera,  
Para tão grande Sol pequena esfera.

CXXXVII.

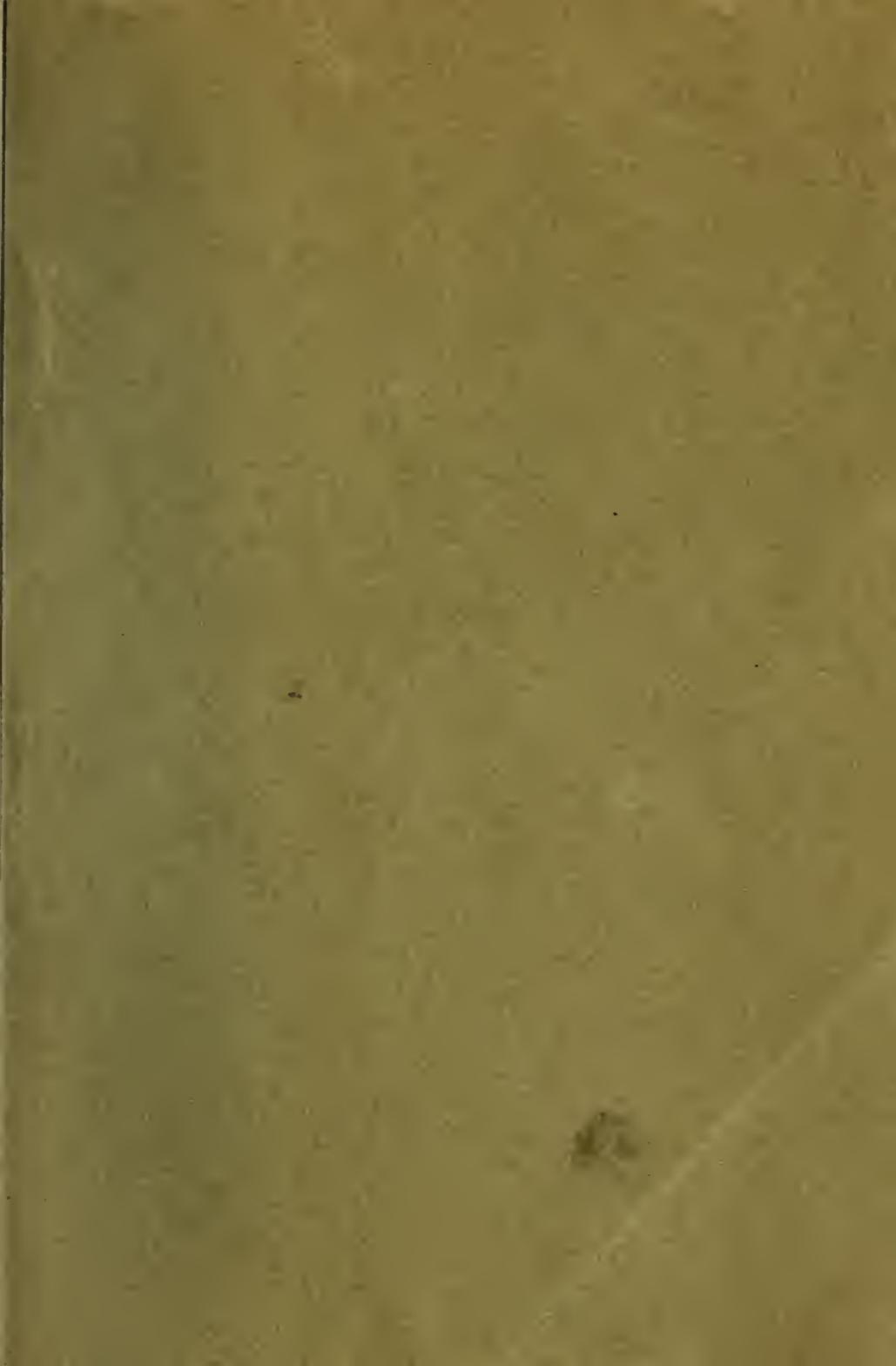
Aqui, famoso Alcides Lusitano,  
Vereis hum mundo n'uma só Cidade,  
A quem de prata; e d'ouro o Tejo ufano  
Banha em sinal de eterna magestade:  
A quem hum largo imperio soberano  
Promete o Fado na futura idade,  
Que para se igualar vossa grandeza  
Novos mundos vos busca a natureza.

CXXXVIII.

Aqui, Prole daquelle graõ Monarca  
Quarto Joaõ, vertis de hum alto espirito  
(Cujo fio cortou a injusta Parca  
Antes do tempo) este Poema escrito,  
Tambem de vós em quanto o Sol abarca  
Fizera dar á Fama eterno grito  
Seu culto verso, se a Fortuna avara  
Co'a vida os pensamentos não cortara.

CXXXIX.

Porém quando vestirdes as gravadas  
Armas, e vosso nome esclarecido  
Tremolando em bandeiras despregadas,  
De hum Polo a outro Polo for temido;  
Quando, rompendo o mar bosques de armadas,  
Trema ante vós Neptuno de opprimido,  
Outra Musa haverá, que de vós cante  
Altas empresas; com que o mundo espante.









PQ  
9231  
P45U5  
1826

Pereira de Castro, Gabriel  
Ulysséa 4. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 08 05 07 003 7